Rachel Abbott

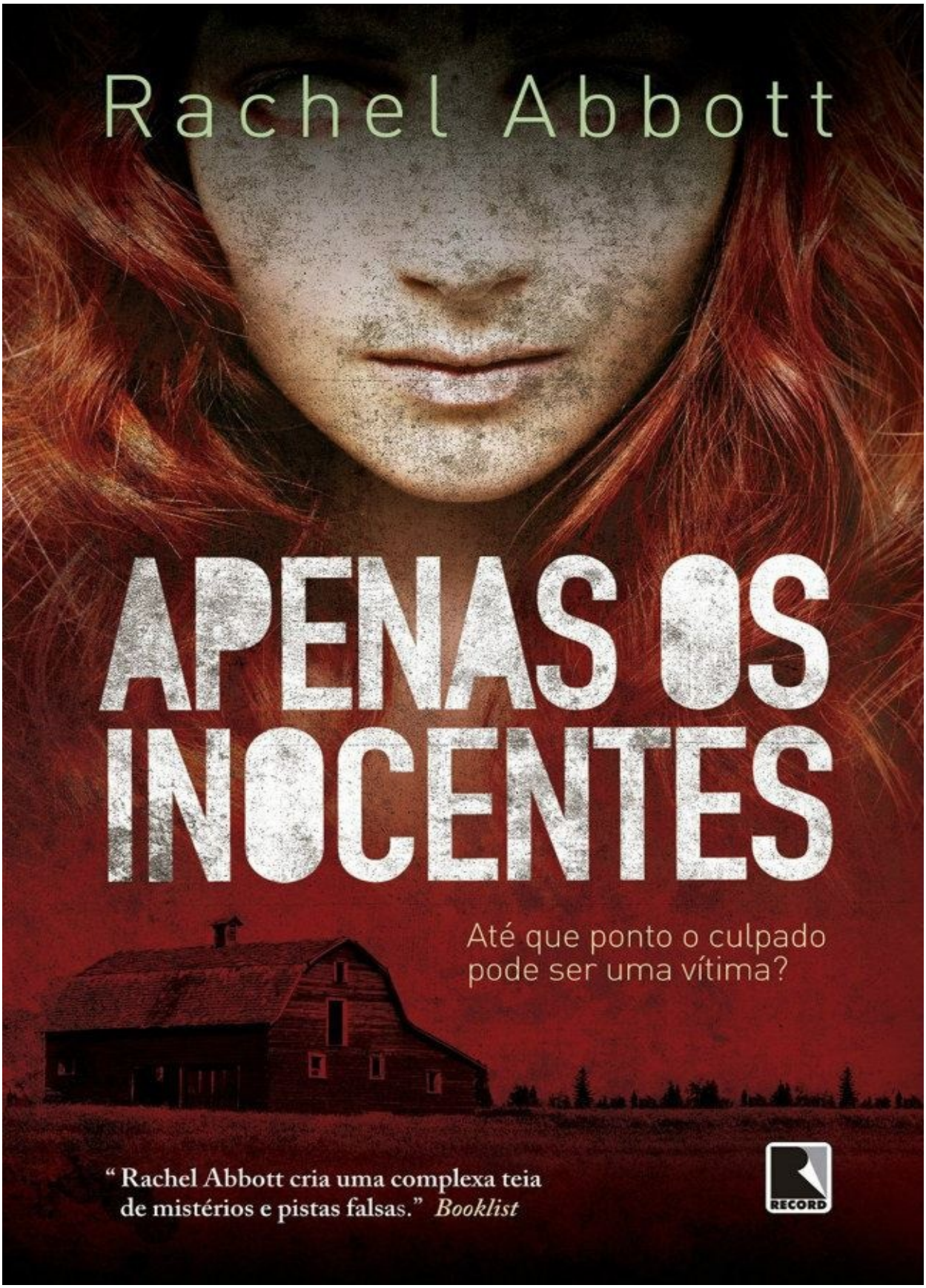
APENAS OS INOCENTES

Até que ponto o culpado pode ser uma vítima?



"Rachel Abbott cria uma complexa teia de mistérios e pistas falsas." *Booklist*

RECORD


Rachel Abbott
APENAS OS INOCENTES
Até que ponto o culpado pode ser uma vítima?
" Rachel Abbott cria uma complexa teia de mistérios e pistas falsas." Booklist
RECORD

Rachel Abbott

Apenas Inocente

Tradução de Flávia Souto Maior

EDITOR A RECORD

RIO D2 JANEIRO • SÃO PAULO

DEDICATÓRIA

Para Dodo

Por me ensinar o amor das palavras

Prólogo

Raios de sol inundavam o ambiente através das janelas altas, tocando cada superfície com sua luz ofuscante. Cada canto do quarto era banhado por um brilho amarelo e suave, e suas elegantes proporções eram evidenciadas ao extremo. Um desastre. A única coisa que ela não havia considerado era um dia ensolarado.

Máximo impacto — era isso que ela ambicionava. As roupas, o cabelo, as joias; a atenção aos detalhes era impecável, e qualquer toque destoante influenciaria a percepção dele a respeito de sua credibilidade. Mas em vez de completar a ilusão criando uma iluminação sutil e sombras atmosféricas, o quarto mais parecia um palco iluminado artificialmente, Era fim de outubro em Londres. Devia estar chovendo.

Ela não sabia o que fazer. Deveria fechar as cortinas? Não. Isso nunca funcionaria. Óbvio demais, e ele não ia gostar. Mas o tempo estava se esgotando e ela tinha que pensar rápido. Arrumou tudo depressa até ter certeza de que estava o mais perfeito possível, virando uma poltrona de couro de modo que ficasse quase voltada para a porta, o suficiente para que fosse possível ver o rosto dele sem virar a cabeça. Mas não totalmente reta. Dessa forma, ela não teria onde se esconder. E a luz da janela tinha que ficar atrás dela, é claro, lançando uma sombra razoável sobre seu rosto para disfarçar qualquer coisa que

seus olhos pudessem revelar inadvertidamente.

Os preparativos estavam concluídos. Agora ela só podia esperar e pensar na inevitabilidade do que estava prestes a acontecer. Cada músculo de seu corpo estava tenso, e os ombros, rígidos. Ela se obrigou a relaxar. Ouviu o som de um táxi parando e a porta de um carro batendo, Olhou rapidamente no espelho para verificar se tudo estava perfeito e ficou surpresa ao ver a confusão interna transparecer em seus olhos. Ela respirou profundamente, suprimindo os pensamentos e imagens que tomavam conta de sua mente, lutando para se recompor.

Não ouviu mais nada por vários minutos, mas sabia que ele estava na casa. Não havia som de passos; o denso carpete no corredor e na escadaria que levava ao terceiro andar abafava qualquer ruído. Mas ele seguia direto para o quarto. Todas as terminações nervosas do corpo dela diziam isso.

A porta se abriu lentamente, mas ele permaneceu na entrada, expressão inescrutável. Não falou por vários minutos, e ela retribuiu o olhar com firmeza. Ninguém podia negar que ele era um homem bonito. O terno preto e bem-cortado vestia perfeitamente seu corpo alto e esguio, e os cabelos com fios grisalhos estavam impecáveis, como sempre. Em cada centímetro, parecia o homem de sucesso que, de fato, era. Não era de se estranhar que a mídia gostasse tanto dele.

Finalmente, ele sorriu; a curva em seus lábios sugeria apenas um leve traço da vitória que, sem dúvida, estava sentindo. O coração dela parecia aos solavancos, mas os olhos não vacilaram.

— Eu sabia que você viria. — Ele fez uma pausa e passou os olhos pelo corpo dela. Na verdade, não tinha escolha, não é? — Ele acenou com a cabeça, como se sentisse uma espécie de autossatisfação. - Você está perfeita.

Ciente de que não podia correr o risco de cometer nenhum erro, ela havia escolhido com cuidado, selecionando uma saia preta de couro, na altura do joelho, meias-calças pretas, combinando com uma blusa branca com decote em V, justa de maneira sutil nos seios para dar uma leve pista do que está por baixo. Suas pernas estavam engenhosamente cruzadas, mostrando um pedacinho da coxa, e as simples porém elegantes joias douradas completavam o visual. Ele parecia satisfeito. Ela havia passado no primeiro teste e rezava para continuar a

conter as emoções apenas mais um pouco.

— Por que as luvas? — perguntou ele, notando pela primeira vez as luvas pretas de seda que iam até o cotovelo.

— Achei que fosse gostar.

Ele sorriu novamente, e ela soube que ele estava zombando dela.

— E acertou. — Ele apontou para o balde de gelo que ela havia posicionado sobre o aparador com tampo de mármore, juntamente com duas taças.

— Champanhe! Vejo que estamos comemorando. — Ele riu sem qualquer alegria.

Ela estendeu o braço e, torcendo para que as mãos não tremessem, serviu um pouco do líquido dourado e borbulhante em cada taça.

Ele caminhou até a mesa, pegou uma taça e tomou um gole com cautela.

— Delicioso, mas uma péssima ideia. Não acho que devemos entorpecer os sentidos; o que você acha? — Ele colocou com cuidado a taça de volta sobre a mesa e olhou diretamente nos olhos dela,

—- Você tomou a iniciativa. Isso é bom. Quer dizer que vai assumir o comando hoje?

Ela se levantou e caminhou de forma resoluta na direção dele, afundando os saltos agulha no carpete. Sabia exatamente o que ele queria, e tocou seu rosto com um único dedo enluvado.

—Vou. Espero que esteja preparado.

Ela não precisava esperar por uma resposta. Só precisava parecer autoritária, e sabia que ele acataria.

— Tire a roupa. Toda ela. Depois deite na cama e espere eu me preparar.

Ele semicerrou os olhos, mas ela sabia que estava satisfeito.

— E o que você vai fazer comigo? — indagou ele, fingindo uma calma que

claramente já não sentia.

—- Por enquanto, só vou observar. — Ela se obrigou a olhar nos olhos dele. Estavam brilhando de excitação, embora o rosto continuasse a transparecer pouca ou nenhuma emoção. Ela já tinha visto aquele olhar antes, e sabia como podia ser perigoso. Jogou o medo para um recanto da mente.

Ele caminhou pelo quarto e começou a tirar as roupas devagar, encarando-a, olhos fixos nela o tempo todo. Cada item que removia era cuidadosamente dobrado e colocado sobre uma cadeira até ele ficar completamente nu. Como sempre, a sensação do desconhecido o excitava, e ela queria desesperadamente desviar o olhar.

— E agora? — perguntou ele.

— Deite na cama, do jeito que eu mandei — respondeu ela. Sua voz foi ficando mais forte conforme ela ganhava confiança.

Ele foi até a cama com dossel que ficava no centro do quarto. Sua postura orgulhosa revelava o quanto tinha consciência de seu corpo quase perfeito. Costas levemente bronzeadas, nádegas musculosas e coxas alongadas e firmes que podiam pertencer a um homem com metade de sua idade. Ele deitou na cama, sorrindo com uma sensação de triunfo.

— Estou pronto. — Sua voz ficava mais grave devido ao desejo que mal conseguia conter, e ela disfarçou um tremor.

— Veja o que eu trouxe para você — anunciou ela com o que esperava ser um sorriso convincente.

Da bolsa, tirou cinco lenços de seda iguais, de um vermelho vivo.

— Sua cor favorita.

Ele passava a língua pelos lábios conforme a excitação ia aumentando. Seus traços formavam uma expressão que era quase animalesca; lábios inchados de desejo e olhos acesos pela expectativa.

Ela se aproximou da cama e, com cuidado e habilidade, amarrou primeiro cada um dos braços, depois as pernas, nos quatro postes de madeira. Pegou o quinto

lenço e hesitou apenas um segundo.

Inspirou rapidamente e, após se erguer, avançou para a cabeceira da cama.

— Hoje vai ser especial; não quero que você veja nada até o último minuto.

A resposta em forma de sorriso carregava mais do que uma ponta de satisfação; ele claramente

acreditava que a única aspiração dela era lhe dar prazer.

Sem dizer uma palavra, ela amarrou com firmeza o lenço sobre os olhos dele e caminhou na direção da porta. O corpo revelava sua excitação, e com uma voz pouco reconhecível, ele perguntou:

— E agora?

Ela olhou para ele e se forçou a responder."

— Agora você precisa esperar. Prometo que farei mais do que está imaginando.

Rapidamente, ela entrou no luxuoso banheiro junto à suíte máster. Tirou a roupa em segundos e, cuidadosamente, vestiu a fantasia, em momento algum tirando as longas luvas pretas. Em menos de três minutos, estava pronta.

Quando voltou para o quarto, pôde ver que a excitação dele não havia diminuído nem um pouco; a expectativa havia simplesmente aumentado sua paixão. Mas um toque de incerteza tomou conta de sua voz ao ouvir um leve farfalhar enquanto ela se movia, depois o quase imperceptível som de dois objetos — um a um — sendo posicionados com cuidado sobre a mesa de cabeceira.

— O que está vestindo? Achei que seria seda.

Ela passou a mão enluvada pelo lenço que o vendava e, com rapidez e firmeza, escorregou-o de seus olhos para a boca, onde apertou com força.

Ele piscou um pouco e olhou para ela de fantasia. Sua excitação tinha atingido um nível tão alto que ele levou vários segundos para registrar o que estava vendo e começar a fitá-la com expressão de terror enquanto tentava, em vão, gritar.

A máscara sobre seu rosto revelava apenas os olhos, e eles estavam repletos de uma mistura de sentimentos muito complexa para ser interpretada. Apenas os poucos que a conheciam bem teriam reconhecido o mais significativo desses sentimentos — o de pura determinação.

Ela alcançou a mesa de cabeceira onde, momentos antes, havia colocado uma seringa.

Respirando rapidamente, separou os pelos escuros na virilha dele com a mão enluvada e enfiou a seringa o mais fundo possível. Um gemido baixo foi tudo o que pôde ser ouvido enquanto ele lutava, inutilmente, para se soltar. Ela sabia que a seringa não o havia machucado muito, mas também sabia que ele entendia o que aquilo significava.

E então ele ficou imóvel.

1.

O inspetor-chefe Tom Douglas olhou pela janela de seu apartamento enquanto se movimentava rapidamente pelo cômodo, pegando as poucas coisas de que precisava. A vista de Greenwich, para além do rio amplo e turvo, normalmente lhe dava real prazer, mas no momento ele precisava se concentrar e não perder tempo olhando a paisagem.

Havia sido uma enorme estupidez tomar algumas taças de vinho no almoço, mas como ele ia saber que seu primeiro grande caso na polícia de Londres cairia em seu dia de folga? Lei de Murphy, sem dúvida. Sua performance nos próximos dias tinha que ser impecável, e ele precisava conquistar o respeito e a confiança de sua nova equipe. Pedir que fosse enviado um carro devido a consumo de álcool no meio do dia certamente não era o início que ele estava esperando.

Tom olhou rapidamente em volta para se certificar de que não havia esquecido nada, mas seu mantra “celular, chaves, carteira, bloco de notas, distintivo” estava tão enraizado em sua mente que ele achava improvável. De qualquer modo, verificou mais de uma vez para garantir que havia pegado tudo. Bateu a porta ao sair, desceu correndo os seis lances de escada e chegou ao portão do bloco de apartamentos no instante em que um carro azul-escuro virava a esquina e parava. Reconhecendo a motorista como sua nova sargento, Becky Robinson, Tom abriu a porta do passageiro e entrou. O

carro começou a andar antes mesmo que ele tivesse afivelado o cinto de segurança.

— Sinto muito por isso, Becky. Eu não pretendia arrastá-la até aqui — disse Tom.

— Não tem problema, senhor. Desculpe o comentário, mas seu prédio é bem elegante.

Tom se virou levemente no assento para olhar para Becky. Não conseguia se decidir se era apenas uma observação ou se ela estava tentando obter informações sobre ele, mas seus cabelos escuros e brilhosos pendiam para a frente e ocultavam seu rosto, de modo que ele não conseguia distinguir. Ele realmente não tinha vontade alguma de explicar como um policial —- e um policial divorciado, por sinal — podia pagar por um apartamento no coração de Docklands. Não era o momento nem o lugar.

Felizmente, Becky parecia concentrada na direção, que envolvia muita aceleração e freadas bruscas. O trânsito estava intenso, e ele se mostrava um pouco hesitante em distraí-la.

— Acha que pode dirigir e conversar ao mesmo tempo, Becky?

— Sem problemas. O trânsito está meio parado, mas eu consigo ir costurando.

Tom não duvidava disso e se sentia aliviado por ela, aparentemente, não precisar olhar para ele enquanto falava.

— Certo, o que sabemos? No telefone, só me disseram que se tratava de uma “morte suspeita” e que era um caso para mim. Entendi que o incidente aconteceu no centro de Londres, então imagino que estejamos indo para lá.

— E. Para o coração de Knightsbridge. A vítima é nada mais nada menos que Hugo Fletcher.

Está morto. Óbvio. Os primeiros policiais chamados à cena do crime disseram que parece ter sido um assassinato, mas não têm certeza. E tudo o que sei até agora.

Becky fez uma curva violenta para a esquerda para desviar de um táxi preto e

enfiou a mão na buzina. O motorista mostrou o dedo do meio para ela, e Tom não conseguiu deixar de sentir certa empatia por ele, apesar dos resmungos de Becky a respeito dos taxistas.

Mais interessado em chegar inteiro ao local do crime, ele guardou seus pensamentos para si por alguns instantes. Justo Hugo Fletcher, entre todas as pessoas nesse mundo. Que forma de começar a carreira na polícia. Ele sabia alguma coisa sobre a vida pública da vítima — todo mundo sabia. A mídia não se cansava dele, e os homens em geral achavam que ele era algum tipo de semideus. Mas Tom sabia muito pouco sobre sua vida particular. Ele se lembrava de que havia uma esposa que ele

tinha apresentado com orgulho e de maneira um tanto repugnante, na opinião de Tom, como sua

“alma gêmea” alguns anos antes. Mas depois houve algumas fofocas com relação a ela de que ele não se lembrava direito, e agora ela parecia ter se afastado completamente dos olhares públicos.

Droga. Esse caso chamaria muita atenção, e eles teriam que suportar um fluxo incessante de perguntas idiotas por parte da imprensa. As pessoas costumavam questionar como ele conseguia dar as piores notícias para as famílias, mas pelo menos Tom podia demonstrar o quanto estava abalado.

Ele não enfiava um microfone sob o nariz de um parente enlutado e perguntava como ele estava se sentindo.

O trânsito carregado fazia Becky rastejar como uma lesma, então parecia seguro fazer algumas perguntas.

— Quem o encontrou?

— A faxineira. Ela está esperando para falar com a gente na casa, embora eu a tenha achado um pouco incoerente. O superintendente Sinclair está fora, em um casamento chique em Bath, e um carro saiu para pegá-lo e levá-lo diretamente para a cena do crime. Ele me pediu para fazer a ponte com a família por ser um caso importante. Trabalhei com isso um tempão antes de ser promovida, então não será problema.

— Já conseguimos entrar em contato com um parente próximo? — perguntou

Tom.

— Receio que não. Fletcher foi encontrado na casa dele em Knights-bridge, onde costuma ficar durante a semana, mas a casa da família é em Oxfordshire. A polícia local foi enviada, mas não havia ninguém lá. Ele tem uma filha do casamento anterior, mas até onde sabemos, é só isso. Vamos mandar um policial até a casa da ex-esposa assim que soubermos onde está a atual. Nunca é bom deixar a ex ficar sabendo primeiro, não é?

Becky encontrou um espaço no trânsito e pisou no acelerador, desviando dos carros e mudando de faixas até voltar a pisar no freio. Embora a casa de Hugo Fletcher na Egerton Crescent ficasse a apenas 13 quilômetros do apartamento de Tom, o trânsito do início da tarde em Londres era um pesadelo.

— Vou ligar a sirene, senhor, se não for um problema. Precisamos nos apressar. — Becky ajeitou o cabelo atrás da orelha e apertou o botão no painel. Imediatamente, o que parecia um sedã comum tinha luzes piscan-tes e uma sirene para abrir caminho em meio às pessoas que passavam o tempo livre fazendo compras em pleno sábado.

Em nome de sua segurança e sanidade, Tom decidiu que o silêncio teria sido a melhor opção, mas ele estava realmente impressionado. Embora a direção de Becky parecesse errática, ela não perdia uma única oportunidade de se enfiar na menor brecha entre dois carros ou mudar de faixa quando encontrava um espaço mínimo. Seu rosto era a imagem da concentração e da determinação.

Apesar de seus esforços, ainda demoraram uns bons 15 minutos para chegar à cena do crime, que já havia sido interditada. Tom olhou para a elegante série de casas pintadas de branco, enfeitadas do lado de fora com arbustos aparados e pés de louro. Claramente, dinheiro não era problema nessa família, mas nem isso tinha evitado a morte repentina de um homem tão famoso e respeitado.

Ele ficou menos impressionado com a multidão reunida na rua, câmeras a postos.

— Que merda. Becky, se a esposa ainda não foi avisada, precisamos abafar o caso. Você pode falar alguma coisa? Não sou muito bom para lidar com essa gente.

Ele seguiu direto para a porta da frente, antes que alguém conseguisse lhe dirigir

alguma pergunta.

— Ultimo andar, senhor — informou o jovem policial que estava na porta enquanto Tom brigava com seu macacão para cenas de crimes. Ele subiu as escadas, observando o ambiente suntuoso. Durante os últimos meses, o luxo não era algo estranho para Tom, mas de algum modo aquela casa exalava séculos de riqueza de uma forma não lhe era muito familiar.

Ele parou na porta do quarto. A equipe da cena do crime já tinha acabado e recolhia tudo para sair. O legista estava perto da cama, fazendo seu trabalho de sempre. Tom olhou ao redor. Era um

cômodo iluminado e arejado mas, estranhamente, apenas o carpete parecia ter alguma relação com o século XXL Para o gosto de Tom, a enorme cama com dossel ficaria melhor em uma casa de campo, e a mobília pesada de madeira escura fazia o quarto parecer mais opressivo do que deveria ser. Por sinal, Tom observou consigo mesmo, o cadáver sobre a cama não ajudava muito a deixar a atmosfera mais leve.

Ele notou as duas taças de champanhe, agora já sem espuma, e viu que as digitais haviam sido removidas. E ainda havia condensação do lado de fora do balde, sugerindo que fazia pouco tempo desde que o gelo tinha derretido.

Havia algo trágico naquele cenário. Uma ocasião que claramente tinha começado como uma comemoração ou um encontro romântico havia terminado com um cadáver e um fluxo interminável de homens vestindo macacões brancos. Tom podia imaginar a cena: taças erguidas para um brinde; um sorriso íntimo cheio de promessas; um beijo, talvez. Então o que deu errado?

Um jovem perito, de pele pálida e rosto sardento, ergueu os olhos do equipamento que ele estava embalando e empurrou os óculos sobre o nariz.

— Não conseguimos muita coisa, senhor. Temos algumas impressões digitais, mas não há outro material para comparação além do da vítima para que possam ser legitimadas. A única coisa de alguma importância que encontramos foi um cabelo bem comprido. Descobrimos no banheiro. É

um fio ruivo, não sei é importante. Vamos mandar analisar e voltamos a falar com o senhor. E tem também uma faca.

Tom se virou e olhou para trás, para a cama, com um olhar confuso.

— Com base na evidente ausência de sangue, imagino que ele não tenha sido esfaqueado.

— Não, ele não foi. É o que nos faz estranhar um pouco a faca. Ela estava na mesa de cabeceira, bem ao lado dele. Nem sinal de sangue, nem digitais. É parte do faqueiro da cozinha, e é o que chamamos de faca para desossar, por isso é tão afiada... Parece ter sido afiada recentemente, na verdade.

— Alguma ideia de com que finalidade ela pode ter sido usada?

— Nenhuma. Mas levaremos para fazer alguns testes e ver se aparece algo.

Tom acenou com a cabeça para os outros técnicos, que estavam apoiados casualmente junto à parede após terem encerrado o trabalho.

— Obrigado, pessoal. Imagino que tenham colhido as digitais da faxineira? — perguntou Tom.

— Sim, tudo pronto. Mas ela está meio confusa. Fica por sua conta descobrir com ela quem costumava entrar nesse quarto para descartamos as digitais dessas pessoas. — Ele fechou a maleta de ferramentas com um clique definitivo.

— Certo. Encerramos por aqui. Só precisamos embalar os lenços quando o senhor terminar, depois vamos embora.

Tom se virou para a cama, onde um homem grande, com uma circunferência abdominal igualmente grande, estava inclinado sobre o corpo, observando tudo por cima de um par de óculos em forma de meia-lua. Os braços e pernas do falecido tinham sido amarrados nos quatro cantos da cama com lenços vermelho-escuros, e a boca estava amordaçada. O corpo estava nu e em boa forma para um homem da idade de Hugo Fletcher. Tom se levantou e olhou para o corpo. Primeiro champanhe, depois alguma forma de *bondage*. Mas não parecia um cenário típico de BDSM. Não havia nenhum sinal físico de punição ou sadismo.

Ele não havia tido o prazer de conhecer o legista e se aproximou para se apresentar. Sempre gostou de legistas; nunca conheceu nenhum que não fosse meio esquisito.

— Boa tarde. Sou o investigador Tom Douglas. Obrigado por manter a cena intacta para mim, mas acho que agora podemos desamarrar as mãos e os pés.

— Rufus Dexter. Não vou apertar sua mão agora — respondeu o outro, acenando na direção de Tom com uma mão enluvada que havia estado só Deus sabe onde. Ele se inclinou para soltar as amarras enquanto o técnico fazia o mesmo do outro lado da cama.

— É um caso estranho,Tom. Ele está amarrado, então foi assassinado? Provavelmente.

Motivação sexual? Os lenços certamente sugerem isso. Morreu em serviço? Acho que não. Mas até é possível. Não existe nenhuma evidência de que ele estivesse realmente engajado no ato. O pênis está limpo; eu diria que ele não esteve dentro de uma mulher desde o último banho. Mas precisamos verificar isso. Pode ter sido oral? Não sei.

Tom interrompeu esse fluxo de informações.

— Não está se apressando em presumir que foi uma mulher?

— Humm. Talvez. Ele sempre me pareceu bem heterossexual nas vezes que o vi na TV. Ouviu algum rumor de que ele pudesse ter o mais remoto interesse por homens? Acredito que não, mas acho que tudo é possível. Não há sinais de que alguém tenha se deitado em cima dele, ou o tenha abraçado, mulher ou homem. A cama está intacta. Analisei o corpo e não achei nenhum pelo, púbico ou de outra natureza, que não pertencesse a ele. Ele está limpíssimo, Estranho, pensou Tom. Todas as evidências sugerem que houve sexo, mas parece que nada aconteceu.

— Alguma ideia da causa da morte?

— Não consigo ver nenhum sinal imediato de nada feito a ele. Possivelmente, foi amarrado e deixado aqui, e o pânico causou um ataque cardíaco, ou ele foi envenenado. Vamos analisar o champanhe, é claro. Não teremos resposta alguma até abrirmos o corpo e fazermos uns exames toxicológicos. Sinto muito.

Tom perguntou se eles podiam virar o corpo, só para verificar qualquer marca que sugerisse alguma preferência sexual que pudesse estar ligada às amarras. As costas estavam limpas, mas contusões deixadas pelos lenços tanto nos pulsos

quanto nos tornozelos sugeriam esforço.

— Isso pode não significar nada — anunciou o perito jovem e sardento. — Eles se contorcem de prazer quando fazem esses jogos. E como demonstram que estão gostando. Não significa que estivesse lutando. E eles nem sempre fazem sexo, sabe, do modo convencional. Ela pode ter só masturbado ele.

Tom olhou para o perito criminalista com interesse, mas resistiu ao ímpeto de perguntar como ele sabia tanto sobre *bondage*. E por mais que suas especulações fossem fascinantes, era hora de descobrir alguns fatos.

Ele se virou para Rufus Dexter.

— Alguma ideia da hora da morte?

— A faxineira é uma idiota — respondeu ele. —- Demorou mais de uma hora para chamar a polícia. Disse que estava em pânico. Há quanto tempo ele estava morto quando chegamos? No máximo há umas três horas, provavelmente duas horas e meia.

Assim que o legista fez uma pausa para respirar, Tom interveio:

— Fomos chamados à cena do crime e chegamos pouco antes das duas da tarde, e você chegou por volta das duas e meia. Então ele morreu entre onze e meia e meio-dia. Certo?

Rufus concordou com a cabeça.

— Certo, Rufus, fique à vontade para remover o corpo. Quando vai fazer a necropsia?

— Pode ser amanhã de manhã? É bom fazer cedo. A imprensa vai querer algumas respostas. O

maldito primeiro-ministro também, sem dúvida, tendo em vista quem ele é! Às oito está bom para você?

Tom se contraiu como se estivesse pensando no telefonema que inevitavelmente teria que dar.

— Veja por esse lado: já terei problemas suficientes para estragar o • sábado, então não acho que as coisas vãp piorar no domingo. Ganharemos uma hora, de qualquer modo; temos que atrasar os relógios em uma hora hoje à noite. Vou falar com o superintendente Sinclair para ver se ele quer acompanhar. Parece que ele está por aqui, na verdade.

Pela porta aberta, a voz baixa, porém autoritária, do superintendente James Sinclair subia pelas escadas. Tom sabia que ele daria ordens de uma forma que mais pareceriam sugestões, mas ninguém

nunca as questionaria. Seu rosto estranho e meio assimétrico lhe rendera o apelido de Isaías, o qual Tom tivera vergonha de admitir que não havia entendido, até que alguém lhe dera as devidas explicações. Mas Sinclair sempre era chamado dessa forma com afeição. Ele tinha um respeito infinito por esse homem, e embora não o conhecesse há muito tempo, ficou sinceramente satisfeito ao ser indicado como seu adjunto na equipe de investigação de homicídios. Mesmo tendo outros motivos para se mudar para Londres, trabalhar para James Sinclair era um bônus e tanto.

Os agentes funerários haviam sido chamados para remover o corpo, e Tom aproveitou a oportunidade para dar mais uma olhada no recinto. Agora se dava conta do que parecia errado no quarto. Não havia nenhum toque feminino. Ele nunca tinha visto um quarto de mulher que não tivesse pelo menos alguns vidros de perfume e evidências de maquiagem ou cremes faciais. Mas aqui não havia nem um rastro. Ele abriu a porta do guarda-roupa e olhou lá dentro. Nada além de ternos elegantes. Foi até a cômoda e encontrou a mesma coisa. Camisas lavadas, perfeitamente dobradas, e cuecas e meias em outra gaveta.

Deixou os homens executando seu trabalho e caminhou pelo corredor até um segundo quarto.

Era monótono como o primeiro, com móveis parecidos. A cômoda estava completamente vazia, e apenas o guarda-roupa mostrava sinais de um membro feminino na família, com alguns vestidos de festa, mas nenhuma peça usada no dia a dia. Estava bem claro que o apartamento era usado apenas por Hugo Fletcher, e somente durante a semana. Mesmo alguém aparentemente tão importante quanto esse homem dificilmente usaria ternos ou blazers para relaxar aos sábados e domingos. E

pelo que ele podia ver, a esposa só vinha em ocasiões especiais.

Absorto em seus pensamentos, ele desceu as escadas e foi até onde o superintendente estava falando com Becky Robinson.

— Becky, um dos policiais está tentando tirar alguma informação da faxineira, mas parece que ela não está falando coisa com coisa e só fica dizendo como foi constrangedor ver o morto

“peladão”, palavras dela. Pode fazer uma tentativa, por favor? Sabe melhor do que a maioria como isso é essencial, e o tempo é muito importante.

— Está bem, senhor, verei o que posso fazer. — Becky foi até as escadas que davam para o porão já imaginando a situação que encontraria.

Tom olhou rapidamente ao seu redor. Não tinha prestado muita atenção ao entrar, mas agora percebia que o andar térreo era disposto na forma de elegantes escritórios, e cada um deles parecia mais uma sala de estudos do que um local de trabalho. Os dois andares superiores tinham uma aparência mais residencial.

Agora que estavam a sós, ele se virou para o chefe e o inteirou da conversa com o legista. Podia ver que James Sinclair assimilava os fatos em silêncio.

— O que acha da faca, Tom? Acha que ele morreu de ataque cardíaco e a faca originalmente estava lá para soltá-lo quando ele tivesse terminado de cumprir seu papel, por assim dizer?

— É possível, mas só saberemos depois da necropsia. Os nós estavam apertados, mas não tão difíceis de desfazer a ponto de ser preciso usar uma faca. Vou procurar uma pessoa do ramo de venda de lenços e ver se conseguimos encontrar alguém idiota o bastante para ter comprado os cinco em uma única loja, usando o cartão de crédito. Tenho um palpite de que não foi assim. A vítima claramente conhecia a pessoa que estava com ela; não há sinais de arrombamento, e o champanhe sugere que foi planejado. Precisamos verificar se algo foi levado, mas não há sinais óbvios de roubo na casa, e existem coisas bem valiosas à vista.

— Nem preciso dizer que os olhos do mundo estarão voltados para nós após esse crime. Mas não há nada como um caso importante para testar suas credenciais, não é, Tom?

O inspetor-chefe olhou para o corredor e viu uma série de quadros que não havia notado antes.

A maioria era de fotografias emolduradas da vítima, tiradas com vários políticos renomados e com outros filantropos famosos. Era meio estranho relacionar o homem sorridente, vestindo bla-zers impecáveis, com o corpo nu, amarrado e amordaçado na cama.

James Sinclair acompanhou o olhar de Tom.

— O velho Hugo pode ter sido amado pelo público em geral e pela mídia — disse o superintendente —, mas ele irritou muita gente no passado, e estou surpreso por ninguém ter acabado com ele até agora. Sei que ele tem guarda-costas. Onde eles estavam hoje?

Tom olhou na direção da porta de entrada.

— Esse lugar é muito bem protegido. Acho que ele pensou que estaria seguro aqui, e talvez não quisesse que os guarda-costas soubessem o que ia fazer. Vou localizá-los e ver o que têm a nos dizer.

E acho que vou dar uma olhada nos avanços de Becky. Com esses abutres aí fora, não sei por quanto tempo vamos conseguir manter segredo.

Tom foi para o porão, onde Becky estava sentada em um sofá baixo no que parecia uma agradável sala de estar para os empregados. Ela segurava gentilmente a mão de uma pessoa que ele supôs ser a faxineira. Tom podia ver que ela estava aproveitando a atenção que recebia, embora não de um modo que colocasse em dúvida sua genuína agonia. Um policial estava preparando uma xícara de chá para ela na cozinha ao lado, e havia o que parecia uma pequena taça de conhaque sobre a mesa de centro.

Ainda de casaco e com um gorro de tricô marrom meio esquisito, de um tipo que Tom nunca tinha visto antes, ela aparentava em torno de 60 anos. Becky falava com ela em um tom de voz calmo. Tom decidiu ficar afastado e deixá-la fazer seu trabalho.

— Beryl, você foi de grande ajuda. Sei que deve ter sido um choque terrível. Mas precisamos desesperadamente encontrar Lady Fletcher.Tem alguma ideia que possa ajudar?

Tom ficou momentaneamente surpreso ao ouvir o termo *lady.* Tinha esquecido que Hugo Fletcher havia recebido o título de cavaleiro por seu trabalho beneficente. Ele nunca acompanhava de perto essas condecorações.

—- Pobre Alexa. Ela amava tanto o pai.

— Beryl, eu não quero ser insistente, mas não podemos contar a Alexa antes de contarmos a Lady Fletcher.

O belo rosto de Becky estava começando a ficar um pouco corado, o que Tom considerou como um sinal de frustração.

— E melhor você perguntar para a Rosie. Ela deve saber onde Lady Fletcher está.

— Quem é Rosie e como posso falar com ela? — indagou Becky com uma pontada de desespero.

— Rosie Dixon. É uma das secretárias de Sir Hugo e cuida da agenda dele e coisas do tipo. O

telefone dela está na caderneta vermelha no escritório. Tente primeiro o celular, porque se bem conheço a Rosie, ela estará na Harvey Nichols, Ela passa a maior parte de seus dias lá, até onde eu sei. Nunca vou entender por que ele atura esse comportamento.

— Percebendo imediatamente o uso inadequado do verbo no presente, Beryl ficou abalada.

Contudo, não havia tempo para consolá-la; Tom se virou para a§ escadas e foi diretamente para o escritório. Becky o seguiu, deixando Beryl aos cuidados de um policial.

— O número de telefone de Rosie Dixon... Encontrei! — exclamou ele alguns minutos depois.

— Pode ligar, Becky, e pedir para ela vir para cá rápido. E pergunte se ela sabe como podemos entrar em contato com Laura Fletcher em caráter de urgência.

Tom foi até a frente da casa, onde o superintendente estava conversando com o

primeiro policial a chegar à cena do crime. Em poucos minutos, ouviu um grito vindo do escritório.

— Pronto, senhor! — Becky saiu correndo, sacudindo um pedaço de papel. — Rosie está a caminho; precisamos de alguém para falar com ela. Mas descobri onde está Lady Fletcher. Rosie disse que ela deve voltar da casa do casal na Itália hoje à tarde e chega no aeroporto Stansted a qualquer momento. Precisamos interceptá-la.

Tom fez uma pausa rápida para atualizar o superintendente e depois seguiu Becky porta afora.

— Certo, podemos pensar nisso no carro. Vamos chegar até ela antes de a notícia se espalhar.

2.

Becky estava fazendo de tudo para chegar à Mil o mais rápido possível. Ela tentava se concentrar na estrada para não prestar atenção na difícil conversa que seu chefe parecia estar tendo ao telefone, mas era impossível. Principalmente porque ela podia escutar a voz estridente de uma mulher muito irritada do outro lado da linha.

A conversa terminou abruptamente, e ela ouviu o inspetor-chefe Tom Douglas suspirar lentamente enquanto se inclinava sobre o apoio de cabeça do banco do carro. Ela arriscou um rápido olhar e viu que os olhos dele estavam fechados. Pela primeira vez, Becky se deu conta de que ele tinha um ar de tristeza, e a pele ao redor de seus olhos tinha um tom azulado, como se ele não houvesse dormido muito bem. Ela sentiu um ímpeto estranho de pegar a mão dele e apertá-la como forma de consolo. Ideia idiota. Dizendo a si mesma para se conter, ela pensava em como quebrar o silêncio quando ele a poupou do problema.

— Sinto muito, Becky. Preferia que você não tivesse escutado isso.

— Tudo bem. Sinto muito pelo senhor, na verdade.

— Tendo em vista as circunstâncias, acho que podemos dispensar as formalidades. Quando estivermos sozinhos, pode me chamar de Tom. Afinal, você acabou de ouvir minha ex-mulher brigando comigo e fazendo eu me sentir ainda mais cretino do que já me sentia.

— É o papel das ex-mulheres, senhor... Desculpe, Tom. Minha mãe costumava gritar com o meu pai o tempo todo.

Ele deu um leve sorriso.

— Sinceramente, eu não a culpo por estar irritada. Eu tinha que pegar minha filha hoje. Ela passaria a noite comigo pela primeira vez desde que cheguei a Londres. Nós estávamos ansiosos por isso.

— Tenho certeza de que sua filha vai entender.

— Lucy tem apenas 5 anos. Ela só sabe que o pai não poderá ficar com ela no fim de semana como tinha prometido. E você acha que a mãe vai apresentar os motivos de maneira positiva?

Tom olhou pela janela, obviamente sem esperar uma resposta. Depois de uma breve pausa, ele se virou de novo para Becky com um sorriso autodepreciativo.

— Certo, de volta ao trabalho — disse ele. — Antes de tomar um esporro da minha ex-mulher, passei os detalhes do voo de Lady Fletcher para Ajay, no escritório. Disse para ele entrar em contato com a companhia aérea para pedir que eles abordassem Laura Fletcher e a levassem para uma sala privada logo após a aterrissagem.

Becky olhou para Tom.

— Você sabe que ela está viajando por uma companhia aérea *low cost*, não é? —- Ela notou que Tom não entendeu a relevância da informação. — Não tem lugar marcado — explicou. — E como um ônibus. Você entra e senta onde tiver lugar vago. E com um avião cheio de italianos com fama de desorganizados, imagino que isso não seja nada agradável para alguém da fortuna e do status de Laura Fletcher.

— Minha nossa, como eles vão encontrá-la então? Que diabos Laura Fletcher está fazendo em uma companhia aérea barata?

— Você vai ter que perguntar para ela. Com os supostos zilhões do marido, eu imaginava que eles tinham um jatinho particular ou algo assim.

— Bem, é intrigante, mas não exatamente relevante para o inquérito. Por sinal,

conseguiu descobrir algo interessante com a faxineira?

— Não muito, exceto que, aparentemente, ela não devia ter ido até Egerton Crescent. Ela não

trabalha aos sábados, mas tinha esquecido a carteira na sexta-feira. Ouvi uma longa e tediosa história sobre uma briga que ela teve com o marido, que não queria emprestar dinheiro para ela levar os netos ao McDonald's. Então ela teve que pegar o ônibus e ir até lá buscar a carteira. Por sorte, a briga fez com que perdesse o primeiro ônibus, senão teria chegado bem na hora em que Sir Hugo morreu. Ela disse que normalmente não teria subido, mas viu que o alarme estava desligado, então presumiu que Sir Hugo estivesse no apartamento. Ela subiu para explicar o que estava fazendo ali.

Foi quando encontrou o corpo, e ficou tão horrorizada que se trancou na sala reservada aos empregados por cerca de uma hora com medo de que ainda houvesse um assassino na casa. Não tinha telefone, então não pôde ligar para nós.

— Ouvi uma menção a Alexa — interrompeu Tom. — A filha de Sir Hugo, imagino?

— Sim. Mora com a ex-mulher dele.

Becky estava prestes a fazer algumas observações pouco educadas a respeito de ex-esposas quando, felizmente, seu celular tocou. Mexendo no fone preso atrás da orelha, ela atendeu:

— Sargento Robinson. — Nada. — Sargento Robinson — repetiu.

Impaciente, ela tirou o objeto irritante da orelha e jogou-o por sobre o ombro no banco de trás.

— Maldito fone Bluetooth. Nunca funciona quando preciso. Quando a pessoa voltar a ligar, terei que colocar no viva voz, se não tiver problema.

Quase imediatamente, o celular tocou de novo, e Becky apertou o botão do viva voz.

— Sargento Robinson.

— Oi, Bex. Finalmente! É Ajay. Está com o Arraso?

Tom virou a cabeça e olhou para Becky com as sobrancelhas erguidas.

Becky se encolheu.

— Sim, Ajay. Estou.

— E melhor colocar no viva voz então, para ele poder ouvir também.

— Ótima ideia, Ajay, só que um pouco atrasada.

— Ah, droga. Desculpe, senhor.

Claramente decidindo que era melhor continuar a conversa com a esperança de que a gafe fosse ignorada, Ajay prosseguiu:

— Achei que gostariam de saber que confirmei que Laura Fletcher está no voo e despachou uma mala. Nenhuma bagagem foi deixada no check-in sem que o passageiro responsável por ela embarcasse, e o manifesto do voo mostra que ela está a bordo. Eles farão um anúncio pouco antes de aterrissarem e ligarão nesse número para combinar o encontro de vocês.

Conversa encerrada, Becky desligou e olhou com nervosismo para Tom. Ela sabia que estava corando, mas o maldito Ajay tinha que ter sido mais discreto. Eles tinham apelidos para todos os oficiais do alto escalão, mas normalmente eram espertos o bastante para mantê-los em segredo.

— Pode explicar, Becky?

Becky resmungou.

— Eu fico com todo o trabalho sujo. Vou matar Ajay. Ah, bem... Sabe quando foi fazer a entrevista? Florence, do escritório, viu você e disse que era um tipo que arrasa corações. Quando conseguiu o emprego, virou “O Arrasador”, e depois o apelido foi reduzido para Arraso. É isso: simples assim.

Tom não disse nada, mas Becky era incapaz de ficar quieta.

— Olha, Florence tem uns 90 anos e é cega como um morcego!

— Ah, isso explica tudo então — respondeu Tom com ironia.

Acontece, Becky pensou, que ele de fato era bastante atraente. Não fazia seu tipo; ela preferia os menos contidos. Um pouco mais brutos, para ser sincera. Mas ela não o jogaria para fora da cama, e ele tinha um corpão.

Mudando rapidamente de assunto, Becky apontou para uma pasta no banco de trás.

— Talvez você queira dar uma olhada nisso. Recebi algumas fotos por e-mail enquanto você

estava no andar de cima com o corpo, e eu as imprimi no escritório. Os peritos disseram que eu podia usar aquele computador. São interessantes.

*** * * ***

Tom ficou satisfeito em tirar o foco do assunto de si mesmo, quer se tratasse de sua boa aparência ou não. Ele não conhecia Becky muito bem, mas suspeitava de que a última hora havia se provado um tanto esclarecedora para ambos. No entanto, ele não achava que ela fosse fofoqueira.

Becky era obstinada e ambiciosa, e ele tinha certeza absoluta de que ela respeitaria sua privacidade. O

pouco que lhe restava.

Ele abriu a pasta.

A primeira imagem que viu foi a de uma mulher jovem e vibrante. Cabelos longos e ondulados na altura dos ombros. Ela usava um vestido de seda cinza decotado e de alças largas, e tinha uma aparência lindíssima. Não era magra como uma vareta, mas esguia, com belas curvas. O que mais impressionou Tom foi seu incrível sorriso. Ele iluminava todo o rosto, e ela parecia estar no topo do mundo. Becky olhou para ele.

— Laura Fletcher. Foi tirada há dez anos. Ela tinha acabado de conhecer o marido; foi o primeiro encontro público dos dois. Você notou o cabelo ruivo? Eu acharia que temos uma pista, se não soubéssemos que Laura Fletcher estava na Itália.

Tom começou a olhar o restante das fotos. As desconfianças sempre se voltavam para a esposa nesses casos, o que a transformava na principal suspeita. Mas havia muitas coisas que não se encaixavam. Além do fato de que ela, aparentemente, estava fora do país, toda a organização do quarto, o champanhe, os lenços de seda... não parecia um encontro com uma esposa, particularmente porque as evidências sugeriam que ela raramente ficava no apartamento. Tinha muito mais cara de um encontro com uma amante. Esposa fora do país, os dois morando separados durante a semana: uma oportunidade perfeita para a visita de outra mulher, pensou Tom.

Ele chegou à última foto da pilha e não conseguiu conter uma exclamação:

— Que merda! O que diabos aconteceu?

— Achei que essa poderia ser sua reação ao ver essa foto — comentou Becky. — Mas as outras também são interessantes. Foram tiradas no decorrer de um curto período, mas ela parece diferente.

O que você acha?

Tom analisou as outras fotos. Em nenhuma delas, Laura Fletcher estava tão radiante quanto na primeira. Não havia dúvida de que suas roupas eram caras, mas, de alguma forma, ela conseguia parecer menos sensual em cada uma delas. Ainda bonita, porém mais magra. E na terceira foto, seus cabelos já não eram mais ruivos. Estava morena, e o novo tom combinava com ela. Mas ainda parecia tensa e desconfortável, usando um vestido que não se ajustava bem, com mangas japonesas.

A última foto atraiu seu olhar, e ele se virou para Becky.

— Sabe quando essa foto foi tirada?

— Creio que tenha sido há uns seis meses. Parece que há pouquíssimas fotos dos últimos quatro ou cinco anos. Ela parou de acompanhar o marido aos eventos e passou muito tempo entrando e saindo de instituições psiquiátricas particulares. Sabemos de algumas estadias longas. Essa última foto foi tirada por um paparazzo muito oportunista que, na verdade, estava no hospital para visitar a mãe. Ele não reconheceu Lady Fletcher, mas sim o carro que foi pegá-la. O carro de Hugo Fletcher tem uma placa bem distinta.

Tom voltou a olhar para a imagem. A mulher da foto poderia aparentar facilmente 50 anos, embora ele soubesse que Laura Fletcher tivesse apenas 30 e poucos. Ela usava calças que pareciam ser, no mínimo, dois tamanhos acima do seu, uma malha folgada e sapatos baixos. O cabelo estava puxado para trás e tinha a cor opaca de um rato — não estava ruivo, Ela parecia pálida e sem vida.

Tom só conseguia pensar que ela devia ter ficado muito doente para mudar de maneira tão drástica.

Era uma imagem triste, e ele ficou imaginando como a vida extremamente pública de Hugo Fletcher havia sido afetada pela doença de sua esposa. Ele odiava admitir, mas a teoria da amante estava começando a se transformar em uma hipótese muito plausível.

— Sabemos que problema ela tinha?

Becky havia feito sua pesquisa.

— Entramos em contato com o hospital, mas é claro que a confidencialidade da relação médico-paciente impediu que dissessem alguma coisa. De qualquer modo, vai se encontrar com ela em alguns minutos, porque estamos quase chegando ao aeroporto. Viemos rápido, então ela nem deve ter pegado a bagagem ainda.

— Espero que os funcionários da companhia aérea tenham feito a parte deles.

3.

Laura deu seta para a esquerda e virou o carro bruscamente, saindo da estrada principal para a via não iluminada perto de Ashbury Park, Pisou com tudo nos freios e o carro desacelerou enquanto ela olhava com nervosismo para um brilho estranho que iluminava o céu algumas árvores à frente.

Com cuidado, fez a última curva na direção nos portões de sua casa e deu de cara com uma visão devastadora.

— Ai meu Deus — sussurrou.

Não havia escapatória. As hordas da imprensa, ouvindo o ronco do motor de seu Mercedes coupé, rapidamente sacaram as câmeras e as apontaram para ela. As

equipes de televisão logo ajustaram seus holofotes na direção do carro que se aproximava, as luzes intensas penetrando O

interior com a claridade ofuscante, cegando-a momentaneamente. Não era incomum ver fotógrafos naqueles portões, e ela quase conseguia sentir o sabor da empolgação deles. Afinal, a fama e o status de quase-celebridade de Hugo haviam sido construídos por esses mesmos indivíduos, conforme ele habilmente os alimentava com informações suficientes a respeito de seu trabalho para mantê-los interessados.

Mas isso era diferente. Dessa vez, pareciam um bando pronto para dar o bote.

E só tinha um jeito de conseguir entrar em casa. Hugo havia insistido que os portões elétricos fossem abertos por um sistema de senha, e não por controle remoto. Assim, poderia mudar o código com regularidade. Controles remotos podiam ser perdidos, ou mesmo vendidos pelo melhor lance.

Ao parar, não pôde fazer nada para evitar que os flashes implacáveis das câmeras expusessem sua angústia, e quando abriu uma fresta da janela para poder digitar a senha de entrada, ouviu gritos frenéticos da imprensa, cada um tentando garantir a melhor foto.

— Olhe para cá, Lady Fletcher.

— Já ficou sabendo da notícia, Lady Fletcher?

— Tem algo a dizer, Laura? — Como se o uso de seu primeiro nome provocasse uma resposta mais favorável. Ao mesmo tempo, ninguém chegava a dizer qual era a notícia. Só isso já dizia muita coisa.

Uma quantidade enorme de câmeras registrou seu olhar de total desespero ao subir o vidro. Ela tinha certeza de que essa imagem seria publicada na primeira página de vários jornais na manhã seguinte.

Manobrando o carro o mais rápido possível em meio aos enormes arbustos, ela quase foi dominada pela náusea. Sabia que a polícia estaria esperando. Eles tinham o código do portão por razões de segurança, e ela estava certa de que eles estariam na casa. O que esperavam dela? Fazia muito tempo que Laura não tinha a sensação de que era capaz de reagir instintivamente à vida.

Ela ficou surpresa quando viu um policial solitário, como se estivesse de guarda, nos degraus da porta da frente de Ashbury Park. Ele parecia pequeno junto às enormes portas pretas. Vislumbrando seu rosto à luz dos faróis do carro, ela viu que ele parecia preocupado e desconfortável e estava falando freneticamente com alguém pelo rádio. Era evidente que ele não esperava fazer o serviço sozinho.

Ela estacionou diante dos degraus. O policial guardou o rádio no bolso e apressou-se para abrir a porta para ela, mas chegou tarde demais.

— Lady Fletcher? Sinto muito, mas não estávamos esperando a senhora tão cedo. Eu fiquei aqui só por garantia, mas meus superiores estão chegando. Eles foram encontrar a senhora no aeroporto Stansted, mas...

Respirando fundo, Laura interrompeu com uma voz levemente trêmula pela tensão.

— Tudo bem, policial. Só me diga o que aconteceu.

— Tentamos afastar esses animais que estão no portão, senhora. Â notícia não irá para a imprensa até ser comunicada à senhora, e eles nem sabem o que dizer. Não disseram nada, não é?

-— O suficiente. O suficiente para que eu saiba que aconteceu algo muito sério. Diga.

— Não acha melhor entrarmos, senhora, e talvez esperarmos meus superiores?

Laura só queria acabar com aquilo e, em seguida, ficar sozinha o máximo de tempo possível. Ela tentou controlar o pânico crescente.

— É o meu marido, não é? Se fosse qualquer outra coisa, ele teria me ligado. E não ligou. A realidade não pode ser pior do que estou imaginando, então, pelo amor de Deus, conte logo. Por favor.

O jovem policial respirou fundo.

— Só sei, senhora, e sinto muito por ter que lhe dizer isso, que seu marido foi encontrado morto em sua residência em Londres hoje cedo. Imagino que seja uma notícia muito dolorosa. Gostaria de entrar? Não seria melhor?

Laura não conseguiu dizer nada. Ficou muda, olhando fixamente para o policial por alguns segundos, depois se virou de novo para ele e caminhou na direção da casa sem dizer uma palavra.

Não era culpa dele, mas ela não suportava a ideia de ter a companhia de alguém naquele momento.

Obrigando-se a colocar um pé diante do outro, ela subiu os degraus até a porta da frente como se suas pernas soubessem o que precisava ser feito, mesmo que a mente parecesse totalmente vazia.

Laura sentia como se, de algum modo, estivesse fora do corpo, olhando para baixo e assistindo a uma performance — e bem ruim, por sinal. O policial claramente não sabia o que dizer, e ela não sabia o que fazer ou como se comportar. Um grito pairava dentro dela, mas Laura conseguiu evitar que ele saísse. Não podia desmoronar ainda.

Quando chegou ao último degrau, ouviu um som desagradável. A imprensa estava nos portões, fora do alcance de sua visão, mas um ruído contínuo e cada vez mais alto indicava que um helicóptero se aproximava rapidamente, e quando ela inseriu a chave na fechadura, para seu horror, um enorme holofote inundou a área, iluminando-a e ao pobre policial. O feitiço se quebrou.

Ela virou a chave com pressa e abriu a porta, aliviada por escapar das lentes examinadoras da equipe de televisão que sobrevoava sua casa. Batendo a porta com força, Laura se apoiou nela, e só então derramou algumas lágrimas. Elas corriam incessantes por seu rosto, mas o choro era silencioso. Lentamente, as pernas cederam e ela afundou no frio chão de pedra, ainda com as costas apoiadas na porta. Ela se inclinou para a frente e apoiou a cabeça nos joelhos, envolvendo-a com os braços, tentando desesperadamente não desabar por completo.

Sua mente estava repleta de imagens de Hugo e de como ele era da primeira vez que o vira.

Como era bonito e cheio de autoconfiança. E ela era radiante como uma borboleta, voando pela vida sem uma única preocupação no mundo, amando seu trabalho, a família, os amigos. Como tinha acabado assim?

As lágrimas silenciosas se transformaram em fortes soluços de arrependimento

e, 15 minutos depois, ela ainda estava agachada junto à porta quando ouviu o inconfundível som de um carro entrando, a porta abrindo praticamente antes de o carro parar. Ela escutou vozes abafadas conversando com o policial, mas não conseguiu distinguir as palavras. Apressadamente, tirou um lenço da manga — hábito que nunca conseguira abandonar, mesmo que Hugo sempre tenha achado o máximo da falta de sofisticação — e secou as lágrimas do rosto. Levantou-se trêmula e, antes que os recém-chegados pudessem tocar a campainha, abriu a porta.

Diante dela, havia um homem que ela imaginou ter por volta de 40 anos, usando jaqueta de couro, camiseta preta e jeans. Ela registrou vagamente que ele era alto, tinha cabelos louro-escuros um pouco desgrenhados. Não sabia qual poderia ser a aparência de um chefe de investigações, mas certamente não imaginava aquilo.

Depois de ter parado o carro do outro lado da entrada, uma jovem de cabelos escuros vestindo

um terninho preto conservador não demorou a atravessar o cascalho e chegar à porta da frente.

Parada no vão da porta aberta, Laura sentiu o corpo oscilar. O policial saltou os dois últimos degraus, e sua mão envolveu o antebraço dela com cuidado, mas também com firmeza.

— Vamos, Lady Fletcher. Venha se sentar.

Ela viu o policial fazer um sinal com a cabeça para a mulher, que passou educadamente por eles e desapareceu no corredor.

— Sinto muito — desculpou-se Laura. — Normalmente não sou tão dramática. Ficarei bem em um instante.

— Não está sendo dramática. Passou por um choque. Onde fica a sala?

Laura se sentiu estranhamente aliviada ao ouvir um sotaque do norte da Inglaterra. Parecia que ninguém de seu convívio falava assim há milhares de anos. Era uma lembrança de uma vida despreocupada.

Com o policial segurando seu cotovelo direito, obviamente temendo que

desmaiasse, ela mostrou o caminho pelo corredor ladrilhado até a sala de estar. Esse nunca foi seu cômodo favorito, com painéis escuros e sombrios e móveis pesados, mas parecia o mais apropriado à ocasião. A policial mais jovem já havia encontrado a cozinha e estava chegando com um copo d'água na mão.

O homem conduziu Laura até um sofá, esperou ela se sentar, e o copo foi colocado na mesa ao seu lado. Ela estava com muito frio, mas embora a lareira estivesse pronta para ser acesa, não sentiu nenhuma vontade de fazer o esforço.

— Lady Fletcher, sou o inspetor-chefe Tom Douglas, e essa é a sargento Becky Robinson, da Polícia Metropolitana. Estamos esperando o superintendente Sinclair, mas ele ficou preso no trajeto para a M40. Deve chegar em uns dez minutos.

Os dois policiais se sentaram no sofá diante de Laura, e Tom Douglas respirou fundo. Ficou claro que ele não estava apreciando o momento.

— Sinto muito por não estarmos aqui quando você chegou em casa e por ter passado pelo paredão da imprensa lá fora. Deve ter sido uma experiência muito estressante, e não estou nem um pouco surpreso por se sentir abalada. Sei que já está a par do fato de que seu marido foi encontrado morto hoje à tarde em sua residência de Londres, e sentimos muito por sua perda.

Laura fechou os olhos e reteve o lábio superior entre os dentes para parar de tremer. Encostou o queixo no peito em uma tentativa inútil de esconder sua falta de controle. O lenço que ela antes apertava na mão de algum modo havia se transformado em retalhos sobre seu colo. Laura não se lembrava de ter feito isso, e agora seu nariz começava a escorrer. Juntando os pedacinhos em uma bola, tentou secar os olhos e o nariz. Sentiu um lenço limpo sendo colocado em sua mão e soube que estava sendo rude ao não agradecer à jovem e atenciosa sargento. Mas ela não conseguia olhar para eles ou falar. Simplesmente levou o lenço ao rosto.

O inspetor-chefe começou a falar novamente, e ela tentou se concentrar no que ele estava dizendo.

— A polícia foi chamada ao apartamento na Egerton Crescent por volta das duas da tarde, por meio de uma ligação da Sra. Beryl Stubbs, que havia descoberto o corpo de seu marido uma hora antes.

Ela levantou os olhos com severidade, deixando as mãos caírem sobre o colo.

— Beryl? Que diabos *ela* estava fazendo lá em um sábado à tarde.

A sargento respondeu.

— Ela foi buscar a carteira, mas foi útil ter aparecido, para ser sincera. Ela nos disse como poderíamos descobrir onde a senhora estava. Tentamos encontrá-la no aeroporto; deveria haver um anúncio em seu voo, mas, até onde sei, a senhora não se apresentou. Sinto muito pelo desencontro.

Talvez pudéssemos ter lhe poupado algum aborrecimento.

Laura conseguiu proferir uma resposta quase inaudível.

— Acho que dormi a viagem inteira. Não ouvi nenhum anúncio.

No mesmo instante, o som agudo da campainha rompeu o silêncio da casa.

— Eu atendo — ofereceu Becky.

Laura podia sentir os olhos do inspetor-chefe sobre ela. Mas não disse nada. Nem mesmo quando a sargento e o superintendente entraram na sala, ela se sentiu capaz de falar. Simplesmente fitou o recém-chegado e voltou a olhar para suas mãos, que apertavam a bolinha de papel ensopada.

— Lady Fletcher, sou James Sinclair. Peço desculpas pelo atraso. Minhas sinceras condolências.

Seu marido era um grande homem, muito amado nesse país e em outras partes do mundo.

Laura sentiu o corpo estremecer com as palavras do superintendente da polícia.

— Também sinto muito por dizer que no minuto em que passou pelos portões, deu sinal verde para a mídia. Dado o perfil de seu marido, receio que receberá cobertura prioritária. Vamos informar a ex-mulher de Sir Hugo, mas existe alguma outra pessoa que gostaria que notificássemos em seu nome?

Laura sabia que deveria responder, mas as palavras simplesmente não saíam.

Tudo o que conseguiu fazer foi negar com a cabeça.

— Sei que meus dois colegas aqui mal tiveram a chance de falar com a senhora, mas infelizmente teremos que fazer algumas perguntas.

O superintendente parou e olhou para os policiais.

— Ainda não sabemos exatamente como seu marido morreu, mas temos que tratar essa morte como suspeita. Teremos que esperar os resultados da necropsia, mas surgiram novas evidências que sugerem que tenha sido um homicídio. Deve saber que quanto mais rápido agirmos nesse caso, maiores as chances de encontrarmos o responsável por esse crime monstruoso.

Lutando para conter seus sentimentos, Laura olhou para a frente de relance. Percebeu que os dois outros policiais observavam o superintendente com interesse.

No mesmo instante, uma policial abriu a porta e trouxe uma bandeja com chá. A conversa foi brevemente interrompida enquanto o chá era servido, e Laura sentiu-se aliviada com a pausa. Ela precisava manter algum vestígio de autocontrole até eles irem embora, mas pelo menos os tremores haviam parado.

James Sinclair foi o primeiro a romper o silêncio.

— Sinto muito, Lady Fletcher, mas também precisamos pedir que identifique o corpo. É apenas uma formalidade, mas precisa ser feito. A necropsia está marcada para amanhã de manhã. Eu preferia que o visse antes, mas isso significa chegar lá bem cedo.

— Não durmo muito, superintendente. Só me diga onde e quando.

— Laura sentiu que perdia as forças. O estresse a exauria. Ela estava conseguindo manter as emoções sob controle, mas por pouco tempo. Precisava que eles fossem embora logo.

— Podemos mandar um carro por volta das seis e meia, se não for muito cedo. E depois gostaríamos de um tempo para conversar, para sabermos tudo o que for possível a respeito do seu marido. Acreditamos que, se foi assassinado, o responsável era alguém conhecido. Tenho certeza de que poderá nos ajudar com isso.

Laura respondeu em voz baixa.

— Farei o possível.

— Sabe de alguém que estivesse ameaçando seu marido ou que sentisse uma antipatia significativa por ele?

— Ninguém. Bem, ninguém óbvio. Devido à natureza de seu trabalho, ele sempre sentia algum tipo de ameaça, mas não me falou nada específico. Sinto muito.

— Sabemos tudo a respeito do trabalho dele, Lady Fletcher. Quem não sabe? Investigaremos isso em detalhes, é claro. Pense durante a noite e talvez possamos falar um pouco mais sobre isso amanhã.

O policial fez uma pausa. Quando voltou a falar, sua voz estava mais suave.

— Sinto muito por ter que perguntar isso, mas será preciso. Acredita que seu marido tivesse

algum relacionamento com mulheres fora do casamento?

Laura não pôde impedir que um tremor percorresse seu corpo. Ergueu o olhar.

— Não sei. Sinto muito — respondeu ela, quase sussurrando.

“Podemos ligar para alguém vir ficar com a senhora, Lady Fletcher? — perguntou a jovem sargento.

— Não quero ninguém, obrigada. Prefiro ficar sozinha. — Laura parou por um instante. Olhou pela janela com preocupação, através das cortinas ainda abertas. = Mas se não for muito incômodo, pode pedir para alguém pegar minha bagagem no porta-malas do carro, por favor? Não quero ir lá fora se aquele helicóptero ainda estiver sobrevoando minha casa.

A sargento, sempre prestativa, se levantou.

— Eu pego.

Laura estava vagamente consciente de que o inspetor-chefe lhe perguntava se

queria que telefonassem para seu médico, mas ela havia se desligado da conversa e estava em outro lugar e em outra época. O som das vozes ecoava no vazio de sua cabeça, mas as palavras não eram mais registradas.

Ela ficou aliviada quando a sargento reapareceu carregando uma mala pequena.

— Com licença, Lady Fletcher, tem uma moça querendo falar com a senhora. O policial a deixou ir até a porta da frente porque ela disse que é parente sua. Devo deixá-la entrar?

Antes que Laura fosse capaz de reunir forças para responder, a porta da sala foi inteiramente aberta. Uma jovem esguia ficou parada na entrada, longos cabelos louro-avermelhados brilhando à luz do lustre atrás dela.

— Laura, acabei de saber. Meus pêsames. Eu tinha que vir. Nunca poderia deixar você enfrentar tudo isso sozinha.

O leve porém inconfundível sotaque norte-americano era a última coisa que Laura esperava ouvir.

Ela sentiu o coração começar a bater forte e pulou da cadeira. Não conseguiu se conter, e todas as emoções que estava segurando explodiram em seus lábios.

— O que diabos você está fazendo aqui?

4.

Em uma questão de minutos depois da chegada da visitante evidentemente indesejada, os três policiais partiram no carro de Becky, abrindo caminho pelo crescente número de jornalistas que bloqueavam os portões. Nenhum deles disse nada desde que deixaram a casa, exceto pelas breves palavras do superintendente para dispensar o motorista e seguir com Becky e Tom. Nenhum comentário foi feito até estarem longe do alcance das câmeras. Um close dos três policiais visivelmente agitados no noticiário noturno só resultaria em especulações desnecessárias, por isso eles permaneceram impassíveis até estarem bem longe. Becky foi a primeira a quebrar o silêncio.

— Alguém mais, além de mim, achou aquilo muito estranho? Ela mal disse uma palavra, então explodiu daquele jeito. E com certeza estava ansiosa para que saíssemos assim que aquela cunhada apareceu.

Tom sabia que ela estava certa. A agonia de Laura parecera bastante genuína, mas assim que a visitante chegou, ela praticamente os expulsou da casa. E a oferta de Becky para passar a noite com Laura foi bruscamente recusada, deixando a policial visivelmente decepcionada. Ela adoraria ser uma mosquinha nesse exato momento.

— Tom, você é o especialista em análise de motivação. Qual foi a primeira impressão que teve de Lady Fletcher? — O olhar aguçado de James Sinclair voltou-se para Tom, pensativo no banco de trás do carro.

O inspetor-chefe só conseguia pensar em como ela se sentiu frágil quando ele tentou impedir que ela desabasse no chão. Ele se obrigou a revisitar mentalmente a cena que se passou na sala de estar.

— Ela é difícil de analisar. Estava perturbada, sem dúvida. Parecia concentrada em se conter; tanto que parecia quase desconectada, como se nada fosse real. Exceto, é claro, por sua reação à visitante. Aquilo com certeza foi real.

— Pois bem, a visitante... Como era mesmo o nome dela, Becky?

— Imogen Kennedy, senhor.

— Obrigado. Bem, como Imogen era casada com o irmão de Lady Fletcher, pode haver muitos motivos para sua reação... Algum problema de família, talvez. Mas certamente vale a pena ir atrás disso. Com aquele nível de antagonismo, pode ter mais alguma coisa por trás. O que achou, Becky?

— indagou James.

— Achei que Lady Fletcher parecia ter desistido da vida. Diferentemente de sua cunhada bonitona.

Tom achou que as observações diretas de Becky eram, infelizmente, bastante precisas. Laura Fletcher vestia algo semelhante a uma saia estampada em tons de roxo, embolada de qualquer jeito na cintura, e um suéter de mangas curtas e gola redonda de uma cor bege desbotada. Os cabelos estavam presos com um elástico comum e, é claro, a pele compreensivelmente pálida, avermelhada devido ao choro, não ajudava em nada sua aparência. Imogen Kennedy, por outro lado, havia chegado com uma aparência impecável para a recepção nem um pouco calorosa. Certamente havia um contraste.

— Eu gostaria de ter visto a reação dela ao saber da notícia. Aquele policial estava atrapalhado demais para ter notado qualquer coisa.

— Sabe como se desencontrou dela, Tom?

— Na verdade, não. Eles nos garantiram que fizeram um anúncio durante o voo, mas ninguém se apresentou. Ela disse que devia estar dormindo.

Becky bufou com ironia.

— É. e dois minutos depois ela disse que não dorme muito.

Tom concordou.

— Acho que as viagens fazem isso com algumas pessoas. De qualquer modo, pedimos para o aeroporto verificar a situação da bagagem dela, e dez minutos depois os funcionários disseram que ela aparentemente tinha pegado a mala, já que a esteira estava vazia. Então esperamos vê-la saindo a qualquer momento.

— Anunciaram várias vezes no aeroporto, e esperamos outra meia hora antes de desistirmos e aceitarmos que a tínhamos perdido. Chegamos aqui oito e dez da noite. Foi uma surpresa saber que chegamos quase juntos, uma vez que ela saiu tanto tempo antes.

— Temos certeza absoluta de que ela estava naquele voo? — interveio o superintendente. — É

possível que exista alguma dúvida?

— De jeito nenhum — respondeu Becky prontamente. — E quando peguei a mala no carro, a etiqueta de bagagem da companhia aérea era do voo de Ancona, com a data de hoje.

— Pelo que viu dela hoje à noite, Becky, teria conseguido reconhecê-la no aeroporto? O que acha? — perguntou James.

— A última foto que tínhamos não estava tão boa, então seria fácil passar batido. Mas tenho uma memória quase fotográfica e não acredito que aquela saia passaria despercebida por mim. Mas ela podia estar usando um casaco. Havia um no banco de trás do carro.

Tom não sabia como a haviam perdido, mas obviamente era isso que tinha acontecido. Como Becky disse, não havia dúvidas de que Laura Fletcher estava na Itália no momento do assassinato.

Mas algo o perturbava em um recanto da mente. Ele havia sentido o corpo dela tremendo, então não tinha como negar que seu sofrimento era real, mas algumas reações foram estranhas. Era estranho ela não demonstrar interesse por nenhum detalhe. Na verdade, ela não havia feito uma única pergunta sobre como o marido havia morrido. Mas o fato de a faxineira ter estado lá em um sábado pareceu tê-la pegado de surpresa. Por que aquilo importava? Nem mesmo eles sabiam, àquela altura, se realmente havia sido um assassinato. Os pensamentos de Becky pareciam refletir os dele enquanto a ouvia conversar com James.

— O senhor disse que parece ter sido um assassinato. O que eles descobriram?

— Ao que parece, quando levaram o corpo para o necrotério, Rufus Dexter deu mais uma olhada no corpo com uma lente de aumento. Ele pode não ser bom em pronunciar frases completas, mas é fanático por detalhes e não consegue resistir a um pouco mais de investigação antes da necropsia. Ele notou um ponto minúsculo de sangue nos pelos pubianos da vítima. Certamente há uma perfuração ali, e dado que ninguém em sã consciência injetaria qualquer coisa perto do próprio escroto, ele achou que deveria me alertar, mesmo sem saber o que tinha sido injetado. Ele não acha que houve alguma intenção de esconder o ferimento da perfuração; existem lugares melhores para isso, como bem sabemos. Então o local provavelmente foi escolhido pela rapidez da absorção pela corrente sanguínea.

—- Ainda temos que contar a ela que ele estava nu e amarrado. Será difícil reter essa informação

— acrescentou Becky.

Tom ficou observando a noite escura enquanto eles desaceleravam para entrar na M40, e pensou em Hugo Fletcher. Parecia cada vez mais improvável que aquilo tivesse sido um simples assassinato cometido por uma esposa irritada, então eles precisavam considerar outras possibilidades. Ele não conseguia deixar de pensar que o trabalho beneficente de Sir Hugo pudesse estar, de alguma forma, relacionado ao caso. Sua fortuna vinha de sua família, mas a fama se devia à famosa instituição beneficente e da ajuda que dava a prostitutas do Leste

Europeu. Os aspectos sexuais da cena do crime demonstravam uma ligação óbvia com as prostitutas. Mas por que uma delas iria querer matá-

lo?

James Sinclair era cético.

— Se formos acreditar na mídia... Todos achavam que ele era Deus Todo-poderoso. Eu poderia

acreditar que foi um cafetão descontente, mas ele dificilmente tomaria champanhe com um cafetão e depois se deixaria ser amarrado à cama. Certamente existe uma ligação lógica aqui, mas está me escapando.

Eles haviam chegado ao fim da estrada, e a direção de Becky havia voltado ao estilo ousado de sempre ao longo da pista dupla, engarrafada mesmo em um sábado tão tarde da noite. Tom podia notar uma leve expressão de nervosismo no rosto de seu chefe cada vez que eles passavam por um semáforo amarelo e não conseguia conter o sorriso, que se desfazia assim que James se virava para ele no banco de trás do carro.

— Voltemos aos fatos. Todos conhecemos as estatísticas de assassinatos cometidos por esposas, então vamos primeiro excluir o óbvio. Estabelecemos, sem sombra de dúvida, que Lady Fletcher estava no voo que veio da Itália. Temos certeza absoluta de que não há qualquer possibilidade de Laura Fletcher tê-lo assassinado, depois ter viajado para a Itália e pegado aquele voo de Ancona?

— De modo algum. Nós verificamos.

— E em aviões particulares? Afinal, eles têm muito dinheiro.

— Estamos verificando isso também, mas seria muito óbvio. Ela pode ser muitas coisas, mas não acho que seja burra, e teria escrito “culpada” na própria testa se pegasse um avião particular de Londres para Ancona e voltasse em um voo comercial uma hora depois.

— Tem razão. Vamos verificar, é claro, mas ela certamente não ganharia nenhum prêmio por sutileza.

Tinha um ponto que Tom não havia mencionado: a falta de reação de Laura Fletcher quando eles perguntaram sobre outras mulheres. Ele achava que a maioria das esposas teria ficado chocada, horrorizada ou humilhada ao pensar em uma coisa dessas. Mas ela sequer reagira.

O inspetor-chefe sentiu que todos estavam um pouco cansados, e James Sinclair obviamente tinha a mesma visão.

— Certo — disse o superintendente. — Vamos tentar juntar o que temos. Lady Fletcher parece improvável, embora isso não signifique que ela não possa ter pagado outra pessoa para fazer isso. E

a reação exagerada à visitante?

Eles mal haviam tido tempo para absorver a explosão de Lady Fletcher quando foram, efetivamente, levados até a porta.

— Ela demonstrou uma reação muito mais intensa à chegada da cunhada do que à notícia de que seu marido havia sido assassinado. Eu diria que foi uma reação absolutamente visceral. Ela parecia estar genuinamente brava, como se aquela fosse a última pessoa na face da terra que ela gostaria de ver.

— Minha aposta — interveio Becky — é que Laura suspeitava de que Hugo tivesse um caso com Imogen. Certamente explicaria a reação.

— O que também sugere que precisamos analisar com cuidado os movimentos da Sra. Kennedy nas últimas 24 horas — afirmou James Sinclair.

Depois disso, eles ficaram em silêncio, remoendo os próprios pensamentos, mas logo foram interrompidos pelo celular de Tom. Ele atendeu rapidamente, escutou com cuidado e desligou.

— Boas notícias. A investigação nas casas vizinhas à cena do crime teve resultados: uma pessoa foi vista saindo da casa na Egerton Crescent por volta de quinze para meio-dia. Uma mulher esguia, estatura média, carregando uma grande bolsa preta no ombro. As duas coisas notadas a respeito dela foram os cabelos ruivos e longos e uma saia justa, de couro preto, na altura do joelho.

— Minha nossa, alguém é um bom observador — comentou o superintendente.

— Aparentemente, ele ficou olhando para ela por alguns minutos porque achou que era “sexy pra caramba”, em suas próprias palavras.

Eles continuaram o caminho em silêncio; Tom ponderou com calma a respeito da diferença entre uma saia de couro preto sensual e a saia horrorosa que Laura estava usando. Parte da investigação certamente se tornaria pública, e ele ficou pensando em como ela lidaria com a

inevitável comparação e com as implicações óbvias.

*** * * ***

A menos de 160 quilômetros de Oxfordshire, uma garota olhava a noite pela janela. Mesmo que o quarto às suas costas estivesse totalmente escuro, as ruas mal iluminadas do interior e a ausência da lua deixavam apenas formas vagas discerníveis pelo olho humano. Ela conseguia distinguir apenas as silhuetas sombrias das copas das árvores em contraste com o céu negro da noite, balançando com o vento forte que vinha do mar. Mas não havia sinal de vida humana em lugar nenhum. Todavia, ela percorria a paisagem, semicerrando os olhos para penetrar as densas e altas cercas vivas, rezando para ver — e, ao mesmo tempo, temendo — os dois faróis de um carro ao longe, abrindo caminho em sua direção.

Fazia vários dias que ele não aparecia, e nunca havia ficado longe tanto tempo. Sabia que ele estava irritado com ela, mas talvez — apenas talvez — pudesse fazer tudo certo quando ele viesse. Talvez ela tivesse sido muito ávida ou tivesse criado expectativa demais.

Sem ver nada, descartou a vaga sensação de alívio. Sabia que logo seria substituída por um medo terrível. O

quarto estava frio, e ela se deu conta de que tremia em suas roupas leves. Tomou um pequeno gole de água e entrou debaixo das cobertas finas, puxando-as em volta do corpo para cortar a corrente gelada de ar e cobrindo também a cabeça para deixar o calor de sua respiração levar um pouco de conforto a seu corpo trêmulo.

5.

O fogo crepitava na lareira que Imogen havia finalmente acendido. A madeira

começava a arder e queimava bem. Com isso, aquela sala sombria havia ficado um pouco mais alegre.

Laura olhou para Imogen, que se ocupava vasculhando a incrível coleção de garrafas de conhaque de Hugo. Assim que a polícia foi embora, a discussão começou. Breve porém brutal, o embate tinha deixado Laura exausta. Ela havia passado por toda uma gama de emoções e finalmente havia chegado ao fim delas de forma abrupta, correndo para o banheiro para vomitar. O estresse intenso frequentemente tinha esse efeito sobre ela. Agora, estava deitada de lado no sofá, com a cabeça sobre uma pilha de almofadas, os braços em volta da barriga — mais para ter uma sensação de conforto do que para aliviar as cólicas. Quando falava, as palavras eram difíceis, mas não impossíveis de serem decifradas. Incapaz de gritar, ela ainda estava furiosa com Imogen.

— Você não devia ter vindo. Foi uma decisão muito, muito estúpida. Você simplesmente não pensa, não é?

— Já deixou seus sentimentos bem claros, obrigada. Acho que entendi a mensagem.

— Você deveria estar a caminho do Canadá a essa hora. E por que tinha que dizer que é minha cunhada?

Imogen não parecia nem um pouco afetada pela aflição de Laura e respondeu com uma voz brusca e direta:

— Porque eu *era*, até dar tudo errado. Acho que Will também não vai gostar de saber que estou aqui, mas é problema dele. Laura, o que eu devia fazer? Assim que ouvi dizer que Hugo estava morto, eu *tive* que vir. E depois de tudo que você me pediu para fazer por você, realmente achei que pudesse precisar de algum apoio. Como sou idiota!

O tom gentil, doce e conciliatório que havia sido usado para impressionar a polícia já tinha ido embora, Laura suspirou.

— Sim, eu sei o que pedi, e foi um pedido *enorme*, mas...

— Um pedido enorme? É isso que você acha? Eu diria que um “pedido enorme” é pedir uma jaqueta Armani novinha emprestada, ou pedir minhas últimas 2 mil libras. Não que você possa precisar de alguma dessas coisas, é claro. Mas o seu

“pedido enorme” está muito acima da escala Richter, mocinha, e você sabe muito bem disso.

— Eu expliquei tudo a você. Você disse que entendia.

— Mas agora é diferente, não é? — Imogen soltou um grande suspiro, como se liberasse uma montanha de tensão contida. — Os próximos dias, talvez semanas, serão horrendos. Você vai precisar de muito apoio. Quem *sabe* o que vai ser desenterrado com essa história? E a polícia certamente vai querer entender o que aconteceu com você e por que foi parar naquele hospício.

Laura se levantou e ficou sentada. Nem mesmo Imogen podia sair ilesa com um comentário daqueles.

— Você tem um jeito adorável de dizer as coisas, como sempre, Imo. Você e eu sabemos muito bem por que eu fui para lá, mas seja qual for o motivo, não serve para que eu me sinta melhor.

A briga parecia ter esvaído as forças de Imogen, e Laura podia ver o arrependimento em seus olhos. Esse era o problema de Imogen. Ela normalmente falava primeiro e pensava depois. Sempre foi assim.

Imogen colocou uma taça muito grande de conhaque, que Laura não quis, na mesa perto do sofá e se sentou ao lado dela.

— Sinto muito — desculpou-se. — Foi falta de tato da minha parte. Mas o que você vai dizer à polícia? Estou aqui para te dar força para continuar. Haverá momentos em que realmente não saberá

o que fazer. Terá que lidar com Alexa, depois tem o testamento, o funeral, inúmeras coisas para fazer. Vai precisar de alguém com quem conversar, e eu sou a única pessoa que a entende.

Laura ainda não estava pronta para perdoá-la.

— Ah, mas essa é a questão. Você *acha* que entende, mas na verdade não faz a menor ideia.

Elas feriam uma à outra, mas era um exercício sem fundamento. O dano estava feito, e enfiar a faca em Imogen não ajudaria nem mudaria nada. Talvez o

conhaque não fosse uma má ideia. Ela tomou um gole e estremeceu. Odiava o gosto doce e pungente.

— Olha, não quero continuar brigando com você — disse Laura finalmente. —- Só Deus sabe que minhas emoções já estão em uma montanha-russa. Entendo o motivo de ter vindo, mesmo sendo uma péssima ideia. Foi irresponsável e impulsivo. E a polícia certamente vai querer saber por que eu fiquei tão horrorizada quando você entrou aqui.

—- Pois então diga a verdade! Hugo me odiava, seu irmão me abomina, fui banida dessa casa desagradável há anos, e seu marido a proibiu de falar comigo de novo. E você era minha melhor amiga. A verdade já é terrível o bastante sem você precisar inventar nenhuma história irreal.

Laura não pôde deixar de concordar. Desde os 5 anos de idade até o primeiro ano de seu casamento, ela e Imo eram próximas como duas amigas devem ser. Os pais de Imogen haviam se mudado do Canadá para a casa vizinha à de Laura, e ela se lembrava com clareza do dia em que se conheceram. Havia sido um dia ruim na residência dos Kennedy, e Laura tinha se esgueirado até seu esconderijo particular, no meio de uma área de arbustos densos no fundo do jardim comprido, longe o suficiente da casa para não ouvir a briga. Ela nunca tinha ouvido ao vivo um verdadeiro sotaque norte-americano até ouvir as primeiras palavras de Imogen:

— Vi você pela janela do meu quarto e achei que estava precisando de um pouco de chocolate.

Posso entrar? — Laura deve ter dito sim, pois a menina sorridente de macacão jeans rapidamente entrou de quatro no esconderijo e deu um abraço em Laura e uma barra de chocolate meio suja. —

E melhor.me dizer por que está chorando; não vou embora até saber.

E assim foi estabelecido o padrão da relação das duas. Imogen havia descoberto um buraco na cerca viva entre as casas e disse que podia ser um segredo delas. Sempre que quisesse, Laura podia passar pelo espaço e ir brincar com ela, que faria o mesmo. Daquele dia em diante, tornaram-se inseparáveis. Laura achava que sabia tudo sobre Imogen e vice-versa. Mas estava errada.

Imogen nunca tinha dito a Laura que, desde o início da adolescência, era

totalmente louca por Will Kennedy, irmão mais velho de sua melhor amiga. E quando seus sentimentos foram correspondidos, Laura se sentiu excluída. Levou um bom tempo para ela perdoar Imogen por ter guardado um segredo como esse, mas a felicidade dos dois era contagiante. Eles se casaram quando Imogen tinha apenas 20 anos, e permaneceram apaixonados um pelo outro até uma terrível noite naquela mesma casa.

Agora alguém teria que contar a Will e à mãe dela sobre Hugo. Ela detestava o fato de Will ter optado por trabalhar no Quênia, mas felizmente sua mãe estava indo para lá para uma visita. Já devia ter chegado. Ela nunca fora uma grande fã de Hugo, mas Laura não fazia a menor questão de ouvir as opiniões de sua mãe sobre quem ela havia escolhido como marido naquele exato momento.

— Preciso contar a Will. E a minha mãe. Senão eles vão acabar vendo nos telejornais e não será nada bom. Não sei se tenho energia para lidar com minha mãe, então vou contar a Will e deixá-lo passar a notícia adiante.

Laura sabia qual seria a resposta de Imogen. Ela nunca perderia uma oportunidade tão boa de falar com o ex-marido.

—- Eu ligo para Will. Deixe comigo. Faço isso em um minuto — ofereceu ela com uma expressão pensativa no rosto.

— Ah, e está vendo que a luz de mensagem está acesa? E se for...

— Sim, eu sei o que fazer, não se preocupe — interrompeu Imogen.

— E tem Alexa. Preciso fazer o que puder para ajudá-la, pobre menina. Ela só tem 12 anos, e

parece até mais nova. Ela vai ficar tão abalada. Posso garantir que a mãe dela vai ser uma inútil.

Alexa tem o direito de ficar de luto pelo pai sem ter que ouvir a versão de Annabel sobre como ele era um bosta. Sei que ela é a ex-esposa e tem quase o dever de odiá-lo, mas será que só dessa vez ela não podia colocar os sentimentos da filha na frente dos seus próprios?

Ciente de que estava falando sem parar, Laura olhou para Imogen, que a encarava de um jeito estranho, porém determinado. As palavras que disse em

seguida confirmaram que ela só estava aguardando uma pausa apropriada nas digressões de Laura.

— Antes de começar a divagar, você disse, e eu cito, “Você acha que entende, mas na verdade não faz a menor ideia.” Acho melhor explicar essa afirmação.

Laura se levantou do sofá. Imogen a observava atentamente, e isso a deixava desconfortável. Ela foi até lareira e se agachou para cutucar as brasas. Não tinha energia para justificar sua afirmação naquele momento. Mas Imogen não tinha terminado.

— Não sou hipócrita, Laura, e detestava seu marido com furor. Há mais coisas nesse “não faz a menor ideia” do que parece, e eu preciso saber o que é. Juro que não vou parar de insistir até você me contar. Não estou aqui como sua inimiga. E sim como sua amiga.

Mexendo no fogo até extingui-lo, Laura tentava ganhar tempo enquanto acrescentava mais lenha, acomodando cada pedaço de madeira com um cuidado desnecessário. Sabia que Imogen merecia uma explicação. Havia mentido para ela, ou pelo menos nunca dissera toda a verdade. Mas tinham passado anos sem se ver e sem se falar, e muita coisa havia acontecido. Era muito para explicar em uma única noite.

— Sinceramente, não estou em condições de contar. Sei que hoje em dia somos estimulados a abrir inteiramente nossa alma, mas não concordo totalmente com essa teoria. Quando eu estava internada, vi pessoas regurgitando os mesmos problemas repetidas vezes, quando seria melhor empurrá-los para algum recanto da mente e simplesmente seguir com a vida. No entanto, você tem o direito de saber. Eu vou conceder isso a você.

Houve um longo e contínuo silêncio. Laura encontrava-se em um conflito interno, e estava claro que Imogen não ajudaria. Finalmente, Laura tomou uma decisão, e não era a que pretendia tomar.

— Escrevi algumas cartas para você.

—- Que cartas? Não recebo uma carta sua há anos. De que diabos você está falando?

— Eu não as mandei.

Laura fez uma pausa. Ela não sabia se podia fazer aquilo.

— A primeira vez que escrevi para você foi quando começou a sair com Will, e eu estava aborrecida. Escrevi para contar como eu me sentia, e depois a li. Fiquei horrorizada com meu egoísmo e rasguei a carta. Desde então, há períodos em minha vida em que quis desesperadamente saber o que você achava, e vezes em que só queria esclarecer meus próprios sentimentos e resolver alguns dilemas, então escrevi cartas para você. Várias cartas. Tudo começou quando eu conheci Hugo. Eu não podia contar a ninguém sobre nosso relacionamento, então quis registrar todos os momentos para poder revivê-los com você na hora certa. Odiava o fato de não poder compartilhar nada com você. Mas a hora certa nunca chegava. As coisas seguiram adiante, e quando reli a primeira carta, tudo o que eu havia escrito pareceu tão imaturo e infantil. Conforme as coisas mudavam, eu escrevia para você de novo. Pretendia deixá-la ler tudo, mas aos poucos foram surgindo muitas coisas para impedir isso. Então tornou-se quase terapêutico. Eu sentia que estava falando com você, mas não tinha que sofrer a humilhação de ver sua reação. Não vai fazer sentido agora, mas fará quando você ler tudo.

Laura respirou fundo.

—- Vai, Imogen. Ligue para o Will. Eu vou procurar as cartas, estão bem-escondidas. Acho que pode começar pelo início: pela noite em que conheci Hugo. Mas precisamos ir no meu ritmo, Imo.

Não sei se posso deixar você ler todas.

6.

FEVEREIRO DE 1998

Cara Imo,

Estou morrendo de vontade de contar uma coisa para você, mas não posso! E tão frustrante. Entendo por que não posso, mas é difícil para mim. E minha melhor amiga, e quero compartilhar isso com você. Então vou escrever para não esquecer nada. Nenhum precioso instante. Sabe, as últimas semanas foram incríveis. Realmente acredito que nos últimos 14 dias minha vida mudou para sempre.

Conheci um homem.

Tudo começou na noite da premiação. Aquela sobre a qual comentei. Eu nunca havia estado em um evento no Grande Salão do hotel Grosvenor House, mas ele é famoso pelas melhores noites de premiação. E dessa vez, um dos meus programas ficou entre os indicados (eu estava muito nervosa). Simon, meu chefe, estava esperando por mim quando eu cheguei, e abrimos caminho em meio à multidão amontoada no pequeno lobby, todos gargalhando, sorrindo, vestidos de maneira extremamente elegante. Fomos até o mezanino que dava para o Grande Salão, onde havia uma recepção com champanhe.

Devo dizer (sem falsa modéstia) que estava muito satisfeita com minha aparência, o que estimulou muito minha autoconfiança, principalmente porque eu estava tremendo de nervoso. Usava um vestido maravilhoso de seda verde-azulado. Tinha alcinhas finas, um decote ousado e corte enviesado, de modo que eu parecia atraente, e não gorducha —

pelo menos foi disso que me convenci! E, é claro, meu cabelo ajuda. Eu amo ser ruiva! Então, de modo geral, foi uma daquelas noites em que me sentia bem comigo mesma.

Da área da recepção, a vista do Grande Salão era de tirar o fôlego. lustres enormes criavam uma luz calorosa e agradável, e havia um mar interminável de mesas redondas lindamente decoradas, cada uma com seu próprio candelabro. As chamas de um amarelo suave iluminavam com cuidado as toalhas brancas, que tremeluziam como piscinas de ouro sob nós. O palco havia sido montado com um incrível fundo de estrelas prateadas e douradas, mas o melhor era a longa mesa que abrigava todas as pirâmides de cristal para os vencedores. O simples fato de olhar para elas me fazia tremer de empolgação. Seria uma honra muito grande vencer, e um impulso em minha carreira.

Mas eu não sinto mais ambição só por mim mesma. Tem a ver com a empresa Já que Simon me deu algumas ações, sinto que tenho que provar que sou capaz, e uma vitória certamente o faria sentir que a confiança que depositou em mim era justificada.

Ao nos sentarmos à nossa mesa, eu me dei conta de que não poderia falar com todo mundo. Nem tinha conseguido ver alguns dos convidados VIPs por causa das velas altas e de um monte de garrafas de vinho em um enorme balde de gelo, mas conforme a noite foi passando e o vinho foi avidamente consumido, cruzei olhares com o homem sentado à minha frente. Ele parecia vagamente

familiar e muito interessante! Imaginei que tivesse por volta de 40 anos, e tinha cabelos abundantes e escuros que, como o restante dele, estavam perfeitamente arrumados. Todos os homens usavam blazers, mas, de algum modo, o dele se sobressaía — era mais preto, mais bem-cortado, mais elegante. Não deu para ver a cor de seus olhos, mas apostei comigo mesma que seriam azuis-escuros. E ele estava me observando! Ele pegou a taça de champanhe e ergueu apenas um pouco, oferecendo-me o mais sutil dos brindes silenciosos ao levar a bebida aos lábios. Foi tão charmoso... não consigo pensar em outra palavra para isso (exceto sexy, talvez!). Mas não tive tempo de responder ao pequeno flerte, porque os tambores soaram e a voz do mestre de cerimônias saiu pelos alto-falantes.

"Senhoras e senhores, por favor, permaneçam sentados. A cerimônia de premiação está prestes a começar."

Dava quase para sentir a empolgação e a expectativa no ar. Agora sei como as pessoas se sentem no Oscar. Eu me recostei na cadeira, tentando parecer indiferente enquanto o tempo todo o meu coração batia com tanta força que eu achei que ia explodir no peito! E, como no Oscar, eles mostraram um clipe com os finalistas. Meu filme era sobre

abuso doméstico. Não sobre violência física; era mais sobre abuso verbal e humilhação. Sinceramente, as coisas que acontecem por trás de portas fechadas! O trecho que mostraram era de uma das cenas dramáticas que incluímos. A atuação estava ótima. O cara que representava o marido valentão conseguiu criar a atmosfera exata de ameaça sem encostar um dedo na esposa. Mas sabia que muitos homens também são ameaçados?

Você pode tentar imaginar como permitem que isso aconteça com eles, mas quando estávamos produzindo o programa, falei com algumas pessoas que não tinham nada a ver com o que eu esperava de uma típica vítima. Muitas eram inteligentes, tinham bons empregos. Como uma delas me disse: "A destruição lenta e cruel da autoconfiança é algo impossível de explicar." Aposto que você agradece a Deus por ser casada com Will!

Tivemos que assistir aos clipes dos outros indicados em minha categoria, mas finalmente chegou o momento da verdade. A apresentadora se aproximou do microfone.

“E o vencedor é... Tudo em família. Por favor, recebamos no palco a produtora do programa, Laura Kennedy!”A meia hora seguinte passou como um borrão. Muitos cumprimentos, champanhe. Todos foram ótimos — muitos sorrisos e felicitações dos que foram derrotados (sem dúvidas, por entre dentes cerrados). Mas eu sentia que ainda estava sendo observada.,. e estava adorando.

Saí do meio da multidão por um instante porque achei que poderia dar uma palavrinha com os jurados — só para agradecer, na verdade. Mas me deparei com uma mulher sem expressão alguma no rosto.

“Não me agradeça, Laura. Eu não votei em você”, disse ela. Com isso, levantou-se da mesa e foi embora. Eu a reconheci. Era a jornalista Sophie Miller. Ela é bem conhecida por reportagens sobre assuntos delicados, então fiquei um pouco chocada, mas tentei me manter calma. Sorri para os outros para encobrir meu constrangimento e voltei para a nossa mesa.

Estava me sentindo levemente desvalorizada, mas acho que disfarcei bem. Então ouvi uma voz baixa atrás de mim.

“Srta. Kennedy?”, disse uma voz masculina (que formal!). Eu me virei, e era ele. “Hugo Fletcher. Parabéns pelo merecido prêmio. Fiquei impressionado com seu filme hoje à noite — pelo menos com a parte que vi. Gostaria muito de ter a oportunidade de conversar com você sobre ele em mais detalhes e contar um pouco do trabalho que faço em minha instituição beneficente. Claro que hoje não é o melhor momento. Gostaria de almoçar comigo qualquer dia?

Tem um restaurante ótimo perto da Kings Road, e eu gostaria muito de levá-la lá. Aqui está meu cartão. Pense nisso e me ligue.”

Ele fez uma pequena reverência — sim, é sério — e saiu.Tenho que dizer que lamentei muito quando ele foi embora. Saber que ele estava ali, me observando, acrescentava uma dose extra de empolgação, e tudo ficou um pouco menos nítido quando ele se foi, se é que me entende.

De qualquer modo, eu me recompus e estava prestes a entrar na pista de dança quando vi aquela horrorosa da Sophie caminhando para a escadaria, então desviei das mesas e a segui. Alcancei-a na fila para pegar o casaco.

“Oi”, eu disse com uma voz agradável. “Não tivemos a oportunidade de conversar direito antes, mas tive a impressão de que você não gostou do meu

programa. Queria muito entender os problemas que viu."

Ela nem piscou e não ficou nem um pouco constrangida. Seus olhos eram escuros e frios, e a resposta foi curta e direta. "Seu filme foi bem feito. O ritmo era bom, e os trechos com as simulações foram encenados de forma adequada.

Infelizmente, houve uma falha muito grande. Ficou extremamente claro para mim que você não sabe absolutamente nada sobre o assunto. Agora, se me dá licença..."

Ela passou por mim sem olhar para trás e saiu pelas portas duplas.

Simplesmente fiquei lá, vendo-a sair. Não havia nenhuma reação adequada à situação, e não tive tempo de pensar no assunto porque Simon veio atrás de mim para me arrastar para a pista de dança. O resto da noite continuou sendo um borrão — mas eu me lembro de pensar que minha vida estava prestes a mudar para sempre.

*** * * ***

Sei que, quando ler isso,já saberá sobre o prêmio — sinto muito por ser enfadonha. Mas, de alguma forma, tudo está ligado, então foi importante registrar toda a atmosfera da noite e minhas agitadas emoções! Como era de se

esperar, o dia seguinte não foi um bom dia para trabalhar no escritório de produção da TVC Ninguém tinha ido dormir antes das quatro e todos estavam com a cabeça late-jando. Eu, no entanto, ainda estava sorrindo. Na verdade, não me importava com a dor de cabeça e com a leve sensação de náusea.

Não tenho certeza de se era efeito da ressaca, mas eu ficava vendo imagens da noite anterior piscando diante de meus olhos. Cena: um mar de rostos vistos por mim de cima do palco enquanto segurava minha querida pirâmide de cristal. Cena: um único rosto masculino, oferecendo-me um sorriso mais íntimo.

Estranhamente, a segunda imagem ocorria com muito mais frequência do que a primeira.

Minhas experiências com homens não haviam sido tão boas assim, não é? E tão diferente com você, com Will.

Mas eu nunca tive um relacionamento realmente sério. Todo mundo parece querer sexo casual hoje em dia. Alguns homens acham mesmo que só precisam pagar uma cerveja no bar que já serão convidados para ir à sua casa. Sei que pareço estar sendo sarcástica, mas preciso ter certa conexão com um homem para fazer sexo com ele. E eu nunca encontrei ninguém que tenha feito com que eu me sentisse como você se sente com Will. Certamente, nenhum homem jamais invadiu constantemente meus pensamentos. Até Hugo Fletcher.

Eu estava louca para perguntar sobre ele ao Simon, mas ele só chegou no escritório às três da tarde! Um dos privilégios de ser chefe, eu imagino. E claro, todos queriam que ele reproduzisse os acontecimentos da noite anterior —

mas, por mais estranho que possa parecer, eu só queria me encontrar a sós com Simon para extrair informações dele.

Finalmente, consegui encurralá-lo. "Laura, eu não deixo passar muita coisa, sabe.Você quer falar comigo sobre Hugo Fletcher, não é? Ele não conseguiu tirar os olhos de você a noite toda, minha querida." (Linguagem de TV — por favor, não me deixe falar dessa forma. Adoro o Simon, mas já ouvi ele chamar até o eletricista de "meu querido"

outro dia.)

De qualquer modo, foi como música para os meus ouvidos, e eu fiquei lá, em transe, enquanto Simon me contava tudo o que sabia sobre o homem, sua instituição beneficente, seus negócios, seus investimentos... e sua esposa!

Por que nunca havia me ocorrido que ele fosse casado? E eu não saio com homens casados. Eu nunca — pelo menos conscientemente — passaria por esse tormento inevitável. Alguém sempre acaba sofrendo, e já vi muita coisa na vida para ser capaz de reconhecer isso. Sei que você vai entender.

Acho que eu estava imaginando coisa demais. Só havíamos trocado algumas palavras! Mas rolou uma química, ou pelo menos foi o que me pareceu.

Depois de ter acabado de decidir que eu não aceitaria o convite dele para almoçar, Simon me surpreendeu.

"Acho que você poderia se encontrar com ele. Poderia flertar um pouco. Sei que não irá muito mais longe do que isso, porque você é assim. Mas ele é importante

para nós. E muito rico, mas nunca deixou ninguém fazer um documentário sobre sua instituição beneficente, o que seria um grande sucesso.Você tem que aprender a usar suas qualidades, minha querida. Subestima sua beleza, e se é possível fazer negócios com o cérebro, por que não com a beleza?"

O que acha disso, Imo? Não entendi muito bem se ele estava sugerindo que não tenho cérebro, mas acho que não.

*** * * ***

Pode ter sido uma decisão difícil de ser tomada, mas eu finalmente marquei um almoço com Hugo, Eu havia adiado a ligação, mas não conseguia pensar em outra coisa. Isso tinha que ser feito.

Eu queria estar perfeita — profissional, mas atraente — então vesti um terninho Donna Karan e um lindo par de botas de camurça cinza. Decidi deixar meus cabelos com o ondulado natural e me senti bem.

O motorista tagarelava sobre Arsenal e Manchester United brigando pela liderança de um campeonato qualquer.

Fingi interesse, como se costuma fazer, mas na verdade queria me desligar e me concentrar nas horas que se seguiriam, viramos na Egerton Crescent. Como aquele lugar é charmoso, com belas casas pintadas de branco, todas impecáveis mesmo no clima nublado de fevereiro.

Fiquei um pouco ansiosa ao correr para a entrada para fugir da chuva, e a jovem que abriu a porta conseguiu fazer com que eu me sentisse uma caipira, mesmo com meu elegante terninho novo. Ela tinha aquele toque de classe que vem de anos fazendo compras nos lugares certos. Ela vestia o que sem dúvida era um Chanel, e senti que eu tinha

falhado miseravelmente. Mas não pretendia virar as costas e correr, então abri meu maior sorriso.

"Oi, meu nome é Laura Kennedy. Marquei um compromisso com Sir Hugo Fletcher", eu disse, estendendo a mão para apertar a dela. Ela estendeu uma mão meio frouxa. Nunca sei o que fazer com gente que simplesmente pendura a mão na sua. Deve-se apertá-la com segurança, sacudir com força ou fazer igual e deixar as duas mãos penduradas, sem vida, juntas por alguns segundos? Optei

por apertar de leve e sacudir um pouco, esperando que isso bastasse.

Obviamente, eu estava sendo julgada, e suspeito de que tenha sido considerada insatisfatória por essa garota desagradável. Ela não me olhou de cima a baixo com desprezo no rosto, mas foi quase isso! “Bom dia, Sra. Kennedy.

Sou Jessica Armstrong, assistente pessoal de Sir Hugo. Ele está esperando você. Por favor, entre.”

Fui conduzida até o escritório de Hugo, que estava sentado à mesa e se levantou para me receber. Era diferente de todas as salas em que eu já tinha estado, com paredes verde-escuras repletas de arte clássica e mobília de nogueira certamente antiga. A mesa era enorme, sem nenhuma folha de papel. Havia um bloco bem grande, sem marcas de caneta ou rabiscos (o que mostrava um enorme autocontrole), e uma caneta-tinteiro Mont Blanc repousava perfeitamente alinhada ao canto superior. E uma enorme agenda com capa de couro, o ano estampado em dourado na frente. Ainda bem que eu não c convidei para ir ao meu escritório, o extremo oposto em todos os sentidos possíveis.

Hugo deu a volta na mesa. “Bem-vinda, Laura. Espero que não se importe de ser chamada de Laura.”

Distraída pensando em de que outras formas ele gostaria de me chamar, não soube ao certo como responder. “E

bom finalmente estar aqui, e eu ficaria muito satisfeita se me chamasse de Laura.Tenho que admitir, no entanto, que não tenho ideia de como chamá-lo!"Meu Deus, que idiota! Por que esse homem me deixa tão tensa?

Ele sorriu com bondade. “Espero que nos tornemos bons amigos, Laura. Então, por favor, pode me chamar de Hugo. Sente-se. Jessica está trazendo café, e temos uma hora para falar de negócios antes de eu ter o prazer de levá-la para almoçar.” Ele me contou tudo a respeito de sua instituição beneficente, e de maneira tão apaixonada! Foi simplesmente maravilhoso ficar ali escutando. Aparentemente, ele havia herdado uma “soma um tanto considerável” de seu pai, a maior parte em propriedades, administradas por sua empresa em Canary Wharf. Mas Hugo prefere concentrar o máximo possível de seu tempo em uma instituição beneficente que ele fundou, que ajuda jovens prostitutas que acabam nas ruas. Não é uma causa extremamente boa? Perguntei por que ele havia escolhido esse tipo de instituição, e a história é incrível, então pedi sua

permissão para gravá-lo como material de pesquisa para um programa. Ele disse que eu podia gravar, mas não tinha certeza de se me deixaria usar. Bem, eis o que ele me disse.

“Uma história de família um pouco constrangedora veio á tona há alguns anos. A riqueza da minha família é passada de geração em geração, é claro — mas acontece que essa fortuna foi conquistada com a escravidão no século XIX. Meu tataravô não aderiu à lei de abolição da escravatura no início do século e continuou comercializando em várias áreas do Império Britânico até meados do século. Ele investiu seus lucros obtidos de maneira ilegal em propriedades. Existem rumores de que meu bisavô — filho dele — também ganhou muito dinheiro com prostituição, embora não tenhamos conseguido provar. Mas muitas das garotas que trabalhavam naquela época eram consideradas de uma classe inferior, e dizem que ele fundou alguns clubes com garotas “limpas” para seus amigos ricos. Não consegui encontrar nenhuma evidência disso, mas aparentemente existia uma prostituta para cada 12 homens adultos em Londres naquela época, então eu não ficaria surpreso. Isso seria um ótimo assunto para um documentário!”

“Então foi por isso que quis ajudar prostitutas?”, perguntei.

“Seria difícil ajudar os escravos, e tudo isso veio à tona quando meu pai estava vivo. Ele teve a ideia e eu a desenvolvi a partir daí. Chamei de Fundação Allium.”

Adoro flor de allium. Então Hugo me disse que elas fazem parte da família das cebolas. Sabia disso?

“Gosto da analogia”, disse ele. “O que começa com um bulbo pungente e cheio de camadas abre caminho pela terra com uma haste firme, culminando em uma flor gloriosa e complexa. Gosto do paralelo com as famílias das garotas — o que está sob a superfície não é muito suave, mas se cultivado de maneira adequada, existe o potencial de um belo resultado.”

Depois de tudo o que ele disse, só posso concluir que Hugo não é apenas charmoso, mas sensível e compassivo. A essa altura, eu estava começando a sentir que não devia ter ido. Era perigoso.

Fomos ao restaurante, e era exatamente como pensei que seria: discreto, sofisticado, com decoração sutil e tons terrosos relaxantes. Fomos levados até

nossa mesa, e Hugo calmamente afastou o garçom para ele mesmo poder puxar minha cadeira, garantindo que eu estivesse acomodada de maneira confortável antes de se sentar. O garçom voltou á

mesa com os cardápios, mas Hugo fez um sinal para que ele se afastasse.

— Diga-me do que gosta, Laura. Que tipo de comida lhe dá prazer, e de que vinho mais gosta?

Ninguém nunca havia me perguntado isso antes, e eu não sabia por onde começar.

“Certo, por que não me diz de que tipo de comida não gosta?”

A lista é bem pequena, como você sabe, mas enquanto eu falava, senti que Hugo estava realmente interessado em mim. Então falei sobre os pratos que havia experimentado e gostado muito. Ele me incentivou com algumas ideias, e depois de cerca de dez minutos chamou o garçom e fez um pedido sem olhar o cardápio. Coisas bem impressionantes.

Fiquei surpresa.

“Fico feliz por me deixar pedir por você, Laura. Considero uma honra cuidar de uma mulher, principalmente uma tão bela quanto você. Hoje em dia, existem cada vez menos mulheres preparadas para abrir mão do controle.”Tenho que admitir que a ideia de Hugo exercendo controle sobre mim passou pela minha cabeça com um detalhamento espantoso. Mas logo voltei à realidade quando ele mencionou as duas terríveis palavras...

“Minha esposa — tenho certeza de que sabe que sou casado — considera um insulto pessoal permitir que eu tenha qualquer tipo de influência em suas decisões e discorda de mim unicamente para me provocar.” Ele sorriu de leve. Depois me contou seu segredo, e não posso contá-lo a ninguém, nem mesmo a você. Ele está se divorciando, mas não quer que seja de conhecimento público. Ele tem uma filho chamada Alexa, que obviamente adora, mas a aspirante a ex concordou com a guarda compartilhada. Hugo já saiu de casa. A mãe dele morreu recentemente, então ele pôde voltar para a casa da família.

Eu não sabia se me demonstrava solidária pela perda da mãe ou pesarosa pelo fim do casamento. Sabia, no entanto, que deveria tentar esconder a onda de

empolgação que estava sentindo. Mas as palavras seguintes tornaram impossível disfarçar meus sentimentos.

"Estou contando isso, Laura, porque, embora tenhamos acabado de nos conhecer, eu me sinto muito atraído por você. Fiquei fascinado por você no jantar da premiação, e está simplesmente linda hoje. Adoro seu cabelo assim."

Simplesmente olhei nos olhos dele (azuis-escuros, como eu havia previsto) e senti como se bolhas corressem por minhas veias. Não disse nada. Obviamente, eu tinha interrompido a gravação da conversa assim que paramos de Mar da instituição beneficente, mas acho que consigo me lembrar de todas as palavras que ele disse. Pelo menos aquelas que eram sobre "nós". Acho que estão gravadas em meu cérebro!

"Gostaria de continuar a vê-la, Laura, se permitir. Nossos encontros teriam que ser privados, e só entre nós por enquanto, até a situação deixar de ser tão delicada. Mas, por favor, tenha certeza de que a tratarei com o mais profundo respeito e consideração." E por isso que não posso lhe mandar essa carta, Imo. Talvez, nunca chegue a lê-la

— tudo depende do que acontecer em seguida —, mas posso dizer que, pela primeira vez em minha vida, eu ficaria feliz em levar um homem para casa logo depois do primeiro encontro!

Com amor, como sempre,

Laura

*** * * ***

Imogen chegou ao fim da carta de Laura.

Ela, é claro, conhecia todos os fatos. Sabia quando e como haviam se conhecido e que Laura tinha ficado completamente louca por Hugo. Mas fazia tanto tempo, e tanta coisa havia acontecido desde então. Ela estava feliz por Laura tê-la deixado ler essa carta primeiro, porque ela colocava tudo o que aconteceu depois em perspectiva.

Por ora, entretanto, ela não queria ler mais nada. Só queria recostar na cadeira; relembrar e pensar. Sobre o passado, sobre Laura, sobre Will — mas,

principalmente, sobre Hugo.

7.

Não havia dúvidas na cabeça de ninguém de que o corpo no necrotério era, de fato, de Hugo Fletcher, mas era preciso seguir as formalidades. Laura havia feito calmamente o que lhe pediram, sem nenhuma demonstração de emoção. Quando confirmou o que todos já sabiam, Tom sugeriu que ela fosse para o centro de operações com ele antes de fazer a viagem de volta a Oxfordshire.

Parecia insensível mandá-la embora sem nem ao menos lhe servir uma bebida quente.

O inspetor-chefe a conduziu com gentileza até a caixa de sapato que ele chamava de sala e se sentou de frente para ela do outro lado da mesa relativamente organizada. Ouviu-se uma batida leve na porta.

— Ah, chegou o chá. Receio que não seja nada muito excepcional, mas pelo menos está quente.

Precisamos fazer algumas perguntas, mas tenho certeza de que gostaria de algum tempo sozinha, então vou deixá-la em paz. A sargento Robinson, que conheceu ontem à noite, virá pegar algumas informações daqui a pouco, e eu terei que entrar em alguns detalhes, mas pediremos um carro para levá-la de volta a Oxfordshire e continuaremos mais tarde, se for tudo bem para você.

Laura respondeu em voz baixa.

— Podemos começar com as perguntas agora, por favor? Prefiro acabar logo com isso.

— Infelizmente, tenho outro compromisso às oito, e vai levar algumas horas.

Tom ficou surpreso com o olhar direto que Laura Fletcher lhe lançou. Embora ela estivesse usando óculos, Tom podia ver que seus olhos não estavam mais vermelhos de tanto chorar, e por mais que falasse baixo, parecia haver uma nova determinação em seus modos.

— Inspetor-chefe, como parece ter uns 15 minutos antes de sair, imagino que para participar da necropsia do meu marido, acha que pode me contar o que já

sabe, por favor? Ontem eu estava muito chocada para reagir, e quero ajudar de todas as formas que puder.

— Tem certeza de que não quer ficar uns minutos sozinha, Lady Fletcher?

— Não, obrigada. O que eu realmente quero é que tudo isso acabe o mais rápido possível. E se não se importa, prefiro que me chame de Laura. Nunca quis um título, e agora que Hugo está morto quero me livrar dessa formalidade. Até poucos anos atrás, *todo mundo* me chamava de Laura, do leiteiro a meus clientes. Agora a coisa mais difícil do mundo é passar por cima do maldito título.

Um pouco surpreso pelo tom de voz de Laura, Tom decidiu lhe dar algum tempo, mesmo que ela acreditasse não ser necessário. Por que ela está tão diferente hoje?, perguntou-se ele. Só conseguia imaginar que ela queria tirar todas as perguntas de sua frente para ter um pouco de espaço para seu luto.

— Certo, então será Laura. Por favor, me chame de Tom. Vou chamar a sargento Robinson...

Becky... e passaremos os próximos dez ou quinze minutos preenchendo algumas lacunas. Com licença. — Ele a deixou com sua xícara de chá e foi dar uma palavrinha rápida com Becky para discutir táticas de interrogatório, mas também para alertá-la a respeito da mudança de comportamento de Laura.

Mas quando ele voltou à sala com Becky, a determinação de Laura já tinha se esgotado, e ela parecia ter se recolhido novamente. Estava sentada, totalmente imóvel, olhando para o nada, com a mente a quilômetros de distância. Tom foi para o outro lado da mesa e se sentou, enquanto Becky puxava uma cadeira ao lado. Laura se virou para olhar para Tom e, por um instante, aparentou surpresa ao ver mais alguém na sala. Ela pareceu se sacudir mentalmente, endireitou as costas e ajeitou os ombros, como se estivesse pronta para uma batalha.

— Certo, Laura. Vou relatar o que sabemos até o momento. Por favor, sinta-se à vontade para interromper. Quando formos a Oxfordshire, teremos que dar uma olhada nas coisas de Sir Hugo e

ver se existe algo que nos indique um motivo para o crime.

— Está bem, mas, por favor, refiram-se a ele como Hugo. Ele odiaria; títulos eram uma espécie de obsessão da família. Mas ele não está aqui para saber a

diferença, certo?

Se ele a considerou uma pessoa difícil de decifrar na noite anterior, hoje estava impossível, Era como se ela tivesse construído um muro em torno de seu sofrimento, o qual reerguia com determinação sempre que ele começava a desmoronar. E agora estava usando de antagonismo contra o marido morto para fortalecer suas defesas. Mas a raiva do falecido era uma reação natural nos primeiros estágios do luto, e Tom ficava feliz em abandonar todas as formalidades se aquilo a deixava mais confortável.

— Sabemos que Beryl Stubbs encontrou seu marido, Hugo, por volta de quinze para uma da tarde. É um horário aproximado, mas ela estava muito nervosa e chocada e acabou telefonando apenas às quinze para as duas. A polícia local chegou à cena do crime pouco antes das duas.

Estimamos que o horário da morte tenha sido entre onze e meia e meio-dia. A Sra. Stubbs provavelmente chegou menos de uma hora depois que seu marido morreu, e se ela não tivesse perdido o primeiro ônibus devido a uma discussão com o marido, provavelmente teria interrompido a cena.

— Tom sorriu para tentar dissipar um pouco a tensão. — Beryl gosta de culpar o marido por quase tudo, mas nessa ocasião é possível que ele tenha salvado a vida dela.

Mais uma vez, Laura havia ficado muito pálida; os duros fatos a respeito da morte de seu marido certamente invadiam sua muralha construída com tanto cuidado.

— Quer mais chá, Laura? — perguntou ele com preocupação.

— Não, estou satisfeita. Continue, por favor.

— Certo. Temos uma testemunha, um vizinho que viu alguém saindo da casa. — Tom fez uma pausa. Nunca era fácil contar essas coisas para a esposa da vítima. — Sinto muito, mas isso pode ser um pouco doloroso para você. A pessoa que ele viu era uma mulher. Ela tinha cabelos longos e ruivos, usava uma saia preta de couro e carregava uma bolsa grande no ombro. Tem ideia de quem pode ser?

Ele parou e fitou Laura. Ela inclinou a cabeça para trás e olhou para o teto, mordendo o lábio superior como se quisesse impedir que ele tremesse. E a

situação estava prestes a ficar ainda mais difícil.

— Sinto dizer, mas existem indícios de que o assassinato pode ter uma motivação de cunho sexual, então encontrar essa mulher é crucial. Sei que deve ser muito difícil para você, Laura, mas qualquer sugestão que possa ter seria muito útil.

— Você conhece o trabalho beneficente do meu marido. Ele lidava com muitas mulheres, então talvez tenha sido uma delas. Não parece ninguém que eu conheça. Sinto muito, não posso ajudar.

Ela não foi capaz de olhar nos olhos de Tom ao responder, optando por abaixar a cabeça e encarar uma pilha de pastas sobre a mesa. O que era pior?, perguntou-se ele. Saber exatamente quem poderia ser e não estar surpresa ou não ter a mínima ideia, nem mesmo se dar conta de que outras mulheres — ou pelo menos outra mulher — faziam parte da vida de seu marido.

Foi Laura quem rompeu o desconfortável silêncio.

— Vocês descobriram como ele morreu?

— Ainda não temos certeza, mas teremos mais informações no fim da manhã, e eu a manterei informada.

Tom fez uma pausa enquanto refletia sobre a melhor forma de verbalizar a questão seguinte.

— Sua visitante de ontem à noite... se não me falha a memória, ela é sua cunhada. Está correto?

— Ex-cunhada, para ser mais precisa. Ela era casada com o meu irmão, mas eles se divorciaram há muito tempo.

Tom fez um sinal positivo com a cabeça.

— Você pareceu muito chocada e irritada com o aparecimento dela.

Não era o momento para questões objetivas. Ele queria mais do que uma resposta monossilábica, mas podia ver que Laura estava considerando suas palavras com cuidado.

— Imogen e eu fomos grandes amigas por muitos anos. Mas brigamos quando ela se divorciou do meu irmão. Ela não ia a Ashbury Park desde então, por isso era a última pessoa que eu esperava que entrasse por aquela porta. Ela mora no Canadá e eu não tinha motivos para esperá-la. Foi uma surpresa, só isso.

Tom sabia que era mais do que isso e não ia deixar o assunto se perder. Mas escolheria o momento certo; aquela não era a hora. Havia muitas outras frentes para investigar.

— Anteriormente, você mencionou a instituição do seu marido. Tudo o que puder nos dizer a respeito de qualquer aspecto da vida dele, em particular nessa área beneficente, seria de grande ajuda.

Conseguimos localizar os funcionários com informações obtidas no escritório na Eger-ton Crescent.

Falamos com Rosie Dixon e Jessica Armstrong, e um de meus colegas encontrou-se com um tal de Brian Smedley, que entendemos ser o diretor financeiro da empresa que gerencia as propriedades.

Sei que ele fica nos escritórios de East London, mas soube que ia a Egerton Terrace para se encontrar com Hugo algumas vezes por semana. Precisamos ter uma conversa muito mais detalhada com todos eles, é claro, mas seria muito útil ouvir sobre a instituição do seu ponto de vista.

— Receio não ter muito a ver com o trabalho beneficente de Hugo. Tentei oferecer meus serviços no início do nosso casamento, mas Hugo preferiu que eu ficasse cuidando da casa, então só posso fornecer um panorama geral.

— Parece uma pena que não estivesse mais envolvida — afirmou Tom. — Tenho certeza de que você seria um recurso valioso.

— Também pensava assim, mas cá estamos nós, não era para ser.

— Pode ser um panorama geral, então — acrescentou Tom.

— O pai de Hugo foi quem fundou a instituição há muitos anos, mas apenas em âmbito local, em Oxfordshire. Inicialmente, o objetivo era ajudar jovens que tinham que sair de casa por causa de violência familiar e acabavam nas ruas. Elas viam na prostituição o único modo de sobreviver. A instituição se

concentrava em meninas com idade suficiente para sair de casa com o consentimento dos pais, embora a maioria, na verdade, não tivesse pedido qualquer permissão. Eles investigavam caso a caso, mas se as garotas realmente não pudessem voltar para casa, a instituição se encarregava das autorizações necessárias dos pais. Não sei ao certo que ameaças sutis eram feitas se os pais agressivos dificultassem o processo. Então a instituição encontrava famílias com que as garotas pudessem viver, e também empregos — como, o de empregadas domésticas ou em cafés ou hotéis.

Isso dava a elas um tempo para se restabelecer, e as famílias que as abrigavam também ganhavam uma ajuda financeira. Então as garotas recebiam muita assistência para se tornarem fortes o suficiente para seguir o próprio rumo no mundo.

“Durante os últimos anos, no entanto, o trabalho da fundação evoluiu para algo muito maior do que quando Hugo a apresentou a mim. Tenho certeza de que sabe tudo sobre o enorme crescimento da prostituição no Leste Europeu?”

Tom confirmou com a cabeça. Ele havia se informado um pouco sobre isso com a pesquisa que sua equipe tinha feito, mas seria bom ouvir da boca de Laura também.

Quando ela começou a falar, ele notou que o ar de indiferença estava sendo substituído por entusiasmo genuíno, como se ela realmente se importasse com o futuro das garotas.

— Quando conheci Hugo, fiquei profundamente impressionada com o trabalho de sua fundação: ajudar garotas que pareciam não ter a quem recorrer. Mas essas meninas ainda tinham sorte. Falavam a língua e estavam em seu próprio país. As garotas que a fundação ajuda hoje com frequência são trazidas para a Inglaterra contra a vontade ou enganadas por promessas de trabalho como garçonetes ou camareiras. Em alguns casos, pensam ter conseguido um contrato para trabalhar como modelo e ficam cheias de esperança e empolgação. Depois, é claro, torna-se óbvio que a vida que conheciam terminou. São traficadas e vendidas como prostitutas. O preço de uma

menina pode chegar a 8 mil libras, dando um lucro significativo aos traficantes. Mas elas podem faturar mais de 800 libras por dia para as gangues que as compram. Para isso, precisam fazer sexo com doze, quinze, vinte homens. Todo

santo dia. É praticamente impossível escapar. Em teoria, podem comprar o próprio passe e ir embora, mas não existe esperança de conseguirem o dinheiro.

A maior parte do que ganham, quando não tudo, é tirado delas. Em geral estão aqui ilegalmente, então como podem voltar para casa mesmo juntando o dinheiro? Se conseguirem fugir de onde estão presas e se entregarem à polícia, ficarão preocupadas com sua proteção, e a maioria não quer ser mandada de volta para casa, para a vida da qual tinham escapado. Estão assustadas com a repercussão dos traficantes originais, e teriam que viver com a vergonha do que aconteceu a elas. É

uma situação realmente horrível.

— E como a fundação ajudou? — indagou Becky.

— Hugo tinha uma equipe de funcionários que saía para encontrar as garotas. Acho que eles se apresentavam como clientes. Tentavam convencer as garotas a irem à polícia, com auxílio e apoio da fundação. Mas isso presumia que elas ficariam felizes em voltar para o lugar de onde vieram, e muitas não ficavam. Se essa opção não funcionasse, eles se ofereciam para encontrar um ambiente seguro para elas e com frequência compravam as garotas dos cafetões a um preço um tanto quanto exorbitante. Eu tinha um problema com isso, porque achava que isso apenas os estimularia a traficar mais jovens. Mas Hugo dizia que eu não entendia. Dizia que eu não precisava me preocupar com esse aspecto, então realmente não sei. Tinha algo a ver com oferta e procura, aparentemente. Mas as garotas resgatadas eram realocadas com famílias, assim como as primeiras meninas ajudadas pela Fundação Ailium.

— Aproximadamente quantas garotas a instituição ajudava? — perguntou Tom.

— Ah, nem tantas quanto Hugo gostaria. Apenas de cem a cento e cinqüenta por ano. 0 que pudessem pagar com a arrecadação. Hugo, é claro, complementava a renda por meio de um de seus fundos de investimentos.

Nesse momento, um policial apareceu na porta.

— Senhor, está sendo requisitado para seu compromisso das oito horas.

Tom pediu licença e agradeceu Laura mais uma vez por ter ido até lá tão cedo, prometendo ir a Oxfordshire assim que possível. Enquanto ele se ocupava

juntando alguns papéis antes de sair, Becky assumiu o interrogatório. Tom pôde ver que ela estava genuinamente comovida com o que tinha sido exposto por Laura.

— O que acontece com as garotas no final?

— Do que exatamente está falando?

Tom ficou surpreso com o tom impetuoso que Laura usou em resposta ao que parecia uma pergunta perfeitamente inofensiva.

— Bem, elas simplesmente são mantidas com as famílias por um período acordado? E, em caso positivo, o que acontece quando vão embora? Elas recebem ajuda com vistos de trabalho, passaportes, esse tipo de coisa?

— Ah, entendi. Bem, depende das circunstâncias...

Tom saiu da sala sem escutar o restante da resposta de Laura, mas sentiu algo que, estranhamente, soou como alívio na voz dela.

8.

Laura bateu a porta da frente e caminhou, exausta, até a cozinha, onde Imogen tomava um café da manhã tardio. O cômodo cheirava a torradas e café fresco.

— Imo, me dá um pouco disso, por favor. Meu dia não foi muito bom.

— O que aconteceu? Você identificou o corpo, imagino. Foi horrível? Devia ter me deixado ir junto.

Laura olhou para ela e suspirou fundo.

— Não precisa segurar na minha mão, sabe. Estou bem, estou no controle. O corpo, como você disse, era apenas Hugo. Parecia que ele estava dormindo, e não foi tão traumático quanto eu pensei.

Mas eles me perguntaram sobre a fundação, e eu fiquei muito nervosa. Ai, não sei. Não sei se devo ser a esposa de luto, uma louca demente ou simplesmente eu mesma. Acho que fui um pouco das três. Sinto que não sei mais quem eu sou.

Laura se debruçou na mesa de pinho e apoiou o queixo nas mãos.

— Eu não me preocuparia — disse Imogen. — Ninguém esperaria que você estivesse normal nesse momento, independente do que seja essa normalidade. As pessoas esperam que você esteja abalada com a dor, de modo que praticamente tudo pareceria normal. Achei que eles voltariam com você. O que aconteceu, assustou todo mundo?

— Tom foi acompanhar a necropsia, embora tenha sido muito delicado ao mencionar isso. Eles vêm para cá mais tarde, depois vão sair para falar com Annabel. Só Deus sabe o que vão achar da encantadora ex-esposa de Hugo. Você não chegou a conhecê-la, não é? Eles mal sabem o que os espera.

Laura, agradecida, pegou a xícara de café que Imogen havia colocado diante dela e tomou um gole,

— Mas eles são gentis, o pessoal da polícia que está cuidando desse caso. Parecem realmente preocupados, e a sargento, que por sinal foi designada para me dar assistência, exatamente do que eu precisava, tenho certeza, ficou bem emotiva quando expliquei o que a Allium faz.

Imogen ergueu as sobrancelhas e sorriu para Laura.

— Você se esqueceu de mencionar o charme do investigador bonitão. Tom, não é? Ele é uma graça, não acha? E o que era aquela camiseta sexy e os jeans perfeitos ontem à noite?

— Meu Deus, nesse momento estou com outras coisas na cabeça, como você deve ter notado.

Bem, hoje ele estava completamente diferente, como verá quando ele aparecer daqui a mais ou menos uma hora. Terno elegante, caro, pelo visto, gravata, tudo a que tem direito. Segundo Becky, ontem era para ser o dia de folga dele, e por isso estava com roupas informais. Mas vamos ser sinceras: mesmo se eu o achasse o cara mais sensual do mundo, quem vai olhar para mim hoje em dia?

Felizmente Imogen foi poupada da necessidade de responder por uma batida na porta.

— Eu atendo — prontificou-se. — Deve ser a imprensa novamente. Achei que a

deixariam em paz. Tem um policial no portão, mas parece que ele é enganado por todo tipo de história. Não devíamos ter dado a ele a senha para entrar. Hoje de manhã recebemos mais “entregas” de floristas do que você imagina. Vários com microfones cuidadosamente escondidos, sem dúvida. Estou ficando boa em ser grosseira com eles.

Usando um calço de metal para deixar a porta aberta, Imogen foi até a entrada; seus passos ecoavam enquanto ela atravessava o corredor ladrilhado. Então a paz e a calma da casa foram despedaçadas pela voz aguda de uma criança histérica.

— Cadê a Laura? Quero falar com a Laura.

Ficou claro que Imogen nem teve a chance de responder, porque em questão de segundos uma linda jovem apareceu na porta aberta que dava para a cozinha e praticamente se jogou sobre Laura.

O corpo esguio se agarrou nela, estremecendo devido aos soluços.

Laura ficou arrasada. Alexa não merecia isso. A pobrezinha adorava o pai; na verdade, praticamente o idolatrava. Ela olhou na direção da porta, onde uma jovem de uns 30 e poucos anos estava parada. Seus olhos estavam vermelhos e inchados, embora não houvesse mais sinais de lágrimas. Elas trocaram olhares sem sorrir, mas nenhuma palavra foi dita.

— Alexa, minha querida. Sinto muito. Muito mesmo. Sei o quanto o amava, e ele a amava também... Ele odiaria ver você tão chateada.

Laura sabia que não havia palavras capazes de consolar Alexa, então apenas a abraçou com força, tirando seus cabelos louro-claros do rosto. Aos 12 anos, ela era jovem demais para sofrer tanto.

Depois de alguns minutos, o choro de Alexa diminuiu um pouco, mas, mantendo o abraço apertado, Laura levantou os olhos.

— Hannah, o que vocês estão fazendo aqui? Alexa não devia estar com a mãe?

— Annabel foi se encontrar com o advogado. Ela disse que passaria a maior parte do dia fora, e Alexa não queria ficar sozinha. Ela estava fazendo escândalo, eu não sabia o que fazer. De qualquer modo, foi ideia dela vir até aqui, não minha.

Houve muitas ocasiões em que Laura quis dar um tapa na cara de Hannah, e estava se contendo novamente. Talvez devesse fazer isso de uma vez por todas e usar seu próprio sofrimento como desculpa.

Imogen havia se juntado a elas na cozinha, aparentemente após ter decidido não se intrometer até que Alexa estivesse mais calma.

— Ouvi direito? A mãe dela saiu e a deixou sozinha? Que diabos...

— Imogen interrompeu a frase assim que Laura a alertou com um aceno de cabeça. — Vou fazer um café fresco, posso? — indagou. — E você, Alexa? O que quer, querida?

A menina virou a cabeça lentamente, erguendo-a do peito de Laura.

— Quem é você? — perguntou ela, com a capacidade infantil de ir direto ao ponto.

Foi Laura quem respondeu.

— Essa é Imogen, querida. Ela era casada com o tio Will. Você se lembra do tio Will?

Encontrou com ele algumas vezes quando era mais nova.

— Ele não é seu irmão? Ele foi embora para algum lugar? Foi como você, Laura, quando foi embora?

— Não, nada disso. Will é engenheiro e está trabalhando no Quênia. Já está lá há alguns anos.

— E por que ela não foi com ele?

— Eles se separaram, como sua mãe e seu pai.

Alexa se virou para Imogen.

Por que nunca vi você antes?

— Eu estou morando no Canadá, Alexa. Nasci lá. Morei na Inglaterra quando era pequena, mas decidi voltar para minhas raízes quando me divorciei.

Não era totalmente verdade, refletiu Laura. Imogen havia ficado alguns anos na Inglaterra depois do divórcio, esperando, em vão, reatar com Will. Bem na época, na verdade, em que ele se mandou para o Quênia. Naquela época, Laura e Imogen não estavam mais se falando, separadas pelos acontecimentos de uma única noite. Apesar de terem perdido contato há quase dois anos, Laura ficou chateada quando descobriu que sua ex-melhor amiga estava voltando para o Canadá. Ela sempre teve esperanças de que Hugo cedesse e pudesse haver uma reconciliação.

— Lexi, querida, você sabe que pode ficar aqui comigo o tempo que quiser. Mas você parece exausta. Por que não sobe e se deita um pouco? Hannah vai preparar uma bebida quente e ficar lá até você dormir. Sei que ainda é de manhã, mas todo esse choro deve tê-la esgotado, e aposto que não dormiu direito na noite passada, dormiu?

— Como eu ia dormir? Só fiquei pensando no coitado do meu pai. Por que alguém ia querer machucar ele? Ele era um amor, não era? Passamos momentos tão especiais juntos, e ele me amava mais do que qualquer outra pessoa no mundo. Ele sempre me dizia que nada poderia ficar entre a gente.

— Eu sei, meu bem.

— Pode subir para ficar comigo, por favor, Laura? Pode contar algumas histórias sobre ele?

— É claro que sim. Vá na frente e eu logo subo.

Quando Hannah e Alexa saíram, Imogen foi até a porta e a fechou com firmeza.

— Você estava certa sobre Alexa, Laura. Ela é uma garota encantadora, e as fotos que me mostrou não fazem jus a ela, mesmo depois de todas aquelas lágrimas. Dá para entender por que você a ama tanto. Pobrezinha, vai passar por maus bocados mais adiante. É difícil acreditar que ela tenha 12 anos. É tão pequenina. Mas e essa Hannah? Deu para ver que não gosta dela.

Laura não respondeu. Esperou Imogen raciocinar, o que não demorou muito tempo.

— Ah! Hannah é a babá. *Aquela* babá. É ela, não é?

— Sim, é ela. Ela era um brinquedinho de Hugo e não conseguia enxergar um palmo diante do nariz. Ela ainda mora com Annabel, mas Hugo paga seu salário... ou melhor, pagava. — Laura fez uma pausa quando um pensamento lhe ocorreu. — Agora, tem uma coisa... Não sei o que vai acontecer com ela, porque não vejo Annabel pagando Hannah com dinheiro do próprio bolso, e eu **certamente** não pagaria. Fico imaginando se Hugo a incluiu no testamento.

— Tem alguma ideia do que ele colocou no testamento? — indagou Imogen. — Quero dizer...

Isso aqui é um imóvel familiar, então presumo que vá para Alexa. Acho que nunca parou para pensar nisso, não é? — Imogen, como sempre, foi direto ao ponto.

— Você pode não ter percebido, mas estive com algumas outras coisi-nhas na cabeça nas últimas 24 horas. Nem parei para pensar no testamento. Quanto a Hugo, no entanto, é sempre melhor esperar o inesperado.

Imogen pareceu não se deixar abater pela resposta levemente sarcástica de Laura.

— Ah, falando em esperar o inesperado, você recebeu um telefonema mais cedo. Era Stella. Ela está a caminho.

— Merda! A última coisa de que preciso é minha mãe. Era para ela ter viajado para visitar Will ontem de manhã. Comprei a droga da passagem para ela. O que ela ainda está fazendo no país?

— Você sabe como ela é, Laura. Ela colocou umas coisas na cabeça, sobre malária, aparentemente. Está tomando os comprimidos que foram prescritos, mas cismou que não tomou por tempo suficiente, então quis atrasar a viagem uma semana para garantir. Disse que você comprou uma passagem de tarifa flexível, então ela só mudou a data.

— Ai, meu Deus, por que eu não comprei uma passagem que não permitisse mudanças de datas?

Ela já teria ido embora e ficaria fora disso.

Sua mãe não tinha tempo para fingimento ou artifícios, e Laura poderia passar

sem sua interferência no momento. Os próximos dias seriam difíceis o bastante, e ela só conseguia pensar no interrogatório ao qual seria submetida quando sua mãe soubesse que, aparentemente, uma mulher esteve envolvida na morte de Hugo. Laura pegou o bule de café e se serviu de outra xícara, sem se importar se estava frio ou quente. Ela se sentou à mesa da cozinha e olhou para Imogen, ainda apoiada na porta.

— Will não mencionou nada sobre isso quando você falou com ele ontem? — insistiu Laura.

— Ele só disse que contaria a ela pessoalmente. Deve ter achado que você já sabia que ela não tinha viajado. E sabe como ele é quando fala comigo... ou talvez não. Ele é sucinto e vai direto ao ponto. Disse que não tinha tempo para conversar e que avisaria você quando pudesse vir. Mantenho contato com ele de tempos em tempos, caso o coração dele mude de ideia. Mas é uma perda de tempo.

Laura sentiu pena de Imogen e notou a tristeza pairando sobre ela.

— Ainda vai estar aqui quando ele chegar, Imo? Imagino que precise voltar a trabalhar.

— Já falei com o meu chefe. Estou com meu laptop e tenho conexão sem fio aqui. Posso ficar o tempo que você quiser, pelo menos até o funeral.

“Minha nossa, o funeral”, pensou Laura. Mais uma coisa que ela devia manter em mente. Talvez pudesse dar a tarefa à sua mãe; assim ela permaneceria ocupada.

— Mas não tenho nem ideia de quando será o funeral. Não sei quando vão liberar o corpo, já que é uma investigação de assassinato. Mas o dano já está feito, então pode ficar o tempo que quiser.

Laura se deu conta do quanto aquilo soou desagradável e prosseguiu rapidamente.

— Olha, Imo, se não se importar, vou ficar um pouco com Alexa e depois vou tomar um banho.

Preciso de um tempo para pensar.

— Tem mais alguma coisa para eu ler?

— Tem certeza de que quer ler? Você sabe que não tem a obrigação.

— Pode ser que não, mas preciso entender. Tudo. Está bem?

— Acho que não tem outro jeito. Na verdade, a próxima carta é bem relevante, tendo em mente a pessoa de quem acabamos de falar. Mas Imo, não importa o que leia, não importa o que ache, por favor, eu imploro, não vamos falar sobre isso.

9.

MARÇO DE 1998

Cara Imo,

O que posso dizer além de "Aquela mala da minha mãe!" Por mais que eu a ame, quando a vi no fim de semana poderia tê-la estrangulado com prazer! Ela se acha tão observadora, mas às vezes é apenas ofensiva. E eu trouxe uma carta para você — a primeira que escrevi. Mas devido a tudo o que ela disse, simplesmente não me pareceu certo entregá-la a você. A empolgação desapareceu. Então pensei em escrever outra — e sei exatamente quando vou entregá-la a você, Quando conhecer Hugo e souber como minha mãe está sendo ridícula!

Faz um tempo que não vejo vocês todos — você, Will, minha mãe e meu pai — e eu estava ansiosa para isso.

Tudo em minha vida parecia perfeito, e o ótimo clima quente, incrível para o fim de março, combinava perfeitamente com o meu humor. As estradas estavam livres, eu cheguei rápido e, é claro, fui recebida com os resmungos joviais de sempre quando toquei a campainha.Você sabe como ela é!

"Laura, por que não entra de uma vez? A casa é sua. Mas não, eu tenho que parar o que estiver fazendo para abrir a porta por causa de alguns princípios bizarros que você tem."

E claro que ela não estava realmente zangada e me deu um grande abraço para provar. Retribuí o abraço e perguntei onde estava o meu pai. Recebi a resposta

previsível.

“Só Deus sabe e deve se importar menos do que eu.Vamos entrando que eu abro uma garrafa de vinho, eu acho.

Já está na hora, não está?” Não estava, mas ninguém realmente se importava. Apesar dos comentários sobre o meu pai, eu sabia que minha mãe sabia exatamente onde ele estava, e ele estaria enganado se pensasse que não. Ela passou momentos difíceis com ele, não passou? Eu entendo. Ele não foi agraciado com muita força de vontade, e não tenho certeza de se foi agraciado com qualquer tipo de consciência. Mas ainda assim é um ótimo pai, e eu não acho que minha mãe esteja preparada para abrir mão da vida confortável que tem só porque ele tem uns parafusos a menos.

Pelo menos eu espero que não.

Nós nos sentamos e tomamos um pouco de vinho e conversamos sobre praticamente tudo. Eu disse “praticamente”

porque estava deixando uma coisa de fora no momento. Mas minha mãe não é idiota. Longe disso. Falamos um pouco sobre a noite da premiação. Acho que a empolgação com o glamour e a sofisticação a deixaram agitada. Depois ela me contou todas as suas novidades (que eu já sabia, mas não deixei transparecer), mas vi que ela me observava com cuidado e me olhava de um jeito estranho.

“Certo, Laura. Fale logo. Não é só esse prêmio que está te deixando assim. Você está radiante. E um homem, não é?”

Típico! Eu ia contar tudo depois, quando você eWill chegassem para jantar (embora eu soubesse que você provavelmente já havia imaginado que alguma coisa estava acontecendo), mas minha mãe é muito observadora.Tive que responder — não tive escolha, de verdade — e não consegui esconder meu sorriso de satisfação.

“Sim, é um homem. E dessa vez acho que é para valer. Estou mesmo apaixonada!”

Minha mãe ficou tão empolgada por mim. Disse que só saí com aproveitadores por anos (encantador!) e mal podia esperar para conhecê-lo.

Oh-oh. Foi quando percebi que as coisas estavam começando a ficar um pouco complicadas. Tentei explicar que não queríamos que ninguém soubesse sobre nós, e embora eu tivesse obtido permissão para contar à minha família, não estávamos prontos para assumir em público. É claro que ela não gostou do tom daquilo. Não foi direto o bastante para ela.

Então expliquei. "Acontece, mãe, que ele é bem famoso. Não estamos saindo há muito tempo, faz apenas algumas semanas, e algumas coisas precisam ser resolvidas antes de assumirmos a relação em público, porque a

imprensa ficará em cima da gente como uma tonelada de tijolos." Aquilo a animou novamente. "Famosos? Uau!

Quem é ele? Acabe logo com esse suspense!"

Tentei tirar o sorriso presunçoso do rosto. "Bem, já deve ter ouvido falar dele." Fiz uma pausa para causar efeito.

"E Hugo Fletcher. Sabe quem é?"

Ficou claro pelo rosto dela que o nome não lhe era estranho, mas a expressão não foi a que eu esperava. "Não está falando de Sir Hugo Fletcher, está?"

"É exatamente dele que estou falando. Sir Hugo Fletcher, filantropo famoso, magnata do ramo imobiliário, multimilionário, um homem extremamente lindo." Não consegui resistir a essa última parte, mas ela nem ouviu.

Ela estava inspirada. "Bem, é claro que já ouvi falar dele, embora não me importe com seus milhões; nem você deveria se importar. E certamente o título não me impressiona. Ele o conseguiu devido ao trabalho beneficente, não foi?

Eu me lembro muito bem do número de programas de televisão e de rádio dedicados a seu "bom trabalho" que todos éramos obrigados a assistir nos meses que antecederam o anúncio da Lista de Condecorações. Foi autopromoção descarada, paga por alguns daqueles milhões, sem dúvidas. Se as pessoas fazem coisas por caridade, deveria ser porque se importam, não porque querem um título!"

Entendeu o que eu quis dizer quando falei que minha mãe era uma mala? Mas as coisas estavam prestes a piorar, e uma enorme discussão se seguiu.

Eu, é claro, fiquei na defensiva. “Você nem o conhece e já está julgando! Ele precisa de publicidade para a instituição. E assim que arrecada fundos. Não está se promovendo.Você devia ter visto a cara dela, Imo! A boca severa, e aquele olhar de desprezo — como se tudo o que eu estivesse dizendo fosse uma bobagem sem tamanho.Você conhece a peça.

“Bem, nada disso vem ao caso mesmo. Porque se não me falha a memória, ele é casado. Como pode fazer isso, depois de tudo o que essa família passou?” Bem, o que eu podia dizer? Todos sabemos que meu pai era um mulherengo quando era mais jovem, mas é diferente. Não se trata de um casinho qualquer. Hugo me ama e vai se divorciar) Expliquei tudo com a maior calma possível.

“Então me diga, mocinha.Você é a causa desse divórcio? Vai receber o título? Ele vai largar você quando chegar a hora e partir para alguém de seu próprio mundo?”

Ela não tem confiança nenhuma em meu julgamento? Tentei mais uma vez. “Olha só, ele está se divorciando de Annabel devido a diferenças irreconciliáveis. A mãe dele faleceu recentemente e ele quis se mudar para a casa onde ela vivia

— é uma propriedade que está na família há muitos anos, então ele precisa morar lá, na verdade. Sua mãe era filha de um conde, ou algo assim, e herdou Ashbury Park, em Oxfordshire. Está em fideicomisso, de modo que, para continuar sendo passada adiante ao longo de gerações, ele precisa morar lá. Mas An-nabel se recusou. Ele deu um ultimato a ela, mas ela disse que não se mudaria.” “Não é motivo para se divorciar de alguém. Isso se resolve. Sinto muito, mas o homem me parece um maníaco por controle. Ele não consegue as coisas do jeito dele, então se divorcia!”

Ela fez aquele pffff irritante, que sempre costumava fazer quando não acreditava nas desculpas do meu pai. Sei que sabe do que estou falando.

“Mae, como pode julgá-lo desse jeito com base em tão pouca informação? Esse foi só um exemplo. Eles não dormem juntos há séculos, desde que Alexa, a filha deles, nasceu.”

“Ah, ele tem filhos também. Perfeito. Eu não te ensinei nada? Ele vai dizer que não está fazendo sexo com a esposa porque sabe que você não vai gostar nada se ele disser que sim. Sem dúvida ele também não contou à esposa que está

dormindo com você. E o que eles fazem, filha. Se ainda estão na mesma casa, pode apostar que ainda estão na mesma cama." As coisas não iam nada bem, e eu estava prestes a chorar. "Mãe, você não entende mesmo. Ele não só saiu de casa e voltou para a casa da família, como também, para sua informação, e embora não seja da sua conta, nós não transamos ainda, e nem pretendemos até sair o divórcio!" Aquilo a calou.

Ela juntou as mãos, como se rezasse, e as ergueu diante dos lábios. "Laura, meu amor, está me dizendo que Hugo, se é que posso chamá-lo pelo primeiro nome, está feliz com esse acordo?"

Então eu contei que a ideia foi dele. Não minha. Que ele tinha seus motivos. Ainda não está divorciado e não quer meu nome arrastado na lama. Além disso, ele acha que se Annabel souber do relacionamento, tentará aumentar a soma de dinheiro do acordo que fizeram, então ele quer me deixar fora disso. Acho que isso demonstra um

comedimento enorme, mas pelo visto sou a única.

Obviamente, minha mãe achou um pouco estranho. Ela riu com sarcasmo, mas logo pareceu ter se recomposto e perguntou: "Você está feliz com isso?" Bem, na verdade não estou. Mas não pretendia admitir. Estou desesperada para ficar com ele, Imo. Estou muito ansiosa pela nossa primeira vez. Mas respeito o ponto de vista dele e não queria expor à minha mãe a menor trinca em minha armadura. Mas nada a fazia parar.

"Chegou a se perguntar se isso é normal? Você não é exatamente uma donzela virgem que precisa ser protegida dos males do sexo pré-matrimonial, é?"

Às vezes minha mãe me surpreende!

"Olha, eu sei exatamente quando você fez sexo pela primeira vez e com quem. Sou sua mãe. É meu trabalho saber essas coisas. Você não é nenhuma prostituta, mas também não é santa, e sei que tem um apetite sexual saudável. A questão é: e Hugo?"

Essa é uma coisa que eu nunca tentei esconder. Acho muito difícil manter minhas mãos longe dele, então é claro que ele sabe sobre o meu apetite sexual. "Não, querida, você me entendeu mal", disse ela calmamente. "Eu quis dizer que você tem um apetite sexual saudável, mas e o dele?" Então foi por isso que

ficamos tão caladas durante o jantar.

Eu não podia contar nada para você, e não lhe dei a primeira carta, e agora estou me sentindo deprimida.

Sinto muito Imo — você deve ter achado que eu estava de mau humor. Mas não teve nada a ver com você. Nada mesmo.

Com muito amor.

Laura

*** * * ***

JUNHO DE 1998

Cara Imogen,

Como você se sentiu pouco antes de se casar? E um momento em que nossas emoções passam por tantas mudanças, não é? Suspeito de que toda mulher prestes a se casar se sinta como eu.

As coisas estão acontecendo, mas muito lentamente. Hugo já está divorciado. Ele conseguiu acelerar o processo, e o divórcio saiu em todos os jornais. Imagino que tenha visto. Nada sobre mim ainda,no entanto... exatamente como ele queria. Disse que faremos um anúncio quando chegar a hora certa. Então temos que ser discretos. Nós nos encontramos para almoçar duas ou três vezes por semana, com a desculpa de eu estar fazendo pesquisa para um documentário a respeito da instituição beneficente dele (que na verdade ele ainda não autorizou), mas, fora isso, só nos falamos pelo telefone.

Mal o vejo em particular; de vez em quando conseguimos ficar meia hora sozinhos no escritório dele (quando dá para manter Jessica fora do caminho). Ele diz que até anunciarmos que estamos juntos, vai parecer apenas um casinho qualquer se eu for vista saindo de sua casa de manhã cedo.

E ele ainda não conheceu nenhum de vocês! Hugo não tem ninguém da família para apresentar além de Alexa, e até agora ele vem afirmando que é cedo demais para conhecê-la. Ela tem apenas 2 anos, então não sei bem por que ele acha que ela vai registrar alguma coisa. De qualquer modo, voltando a

você,Will, minha mãe e meu pai. Tentei marcar uma data, mas mesmo vocês dizendo que ficariam felizes em ir a Oxfordshire, Hugo é inflexível ao dizer que não tem tempo. Pensei em fazer mais uma tentativa de organizar um encontro. Esperei até saber que ele teria uma noite calma em Oxfordshire, e no fim de uma longa e agradável conversa, introduzi o assunto. "Hugo, é muito importante que você conheça minha família. Quero que eles o amem como eu amo."

"Querida, você está se preocupando demais. Eles vão me adorar! Tenho certeza de que estão muito animados com o nosso casamento."

Hugo claramente não faz ideia de como são os meus pais, e se ele espera que minha mãe fique de queixo caído com

seu status, terá uma grande surpresa.

Mas não consegui convencê-lo.

"Laura, eu trabalho o dia todo e todos os dias. Passo a maioria das noites em compromissos da fundação, e nos fins de semana fico com Alexa. Dou muito valor a qualquer momento de paz que possa arranjar. Então receio que isso simplesmente tenha que esperar. Mas falando em Alexa, acho que já está na hora de conhecê-la." Ah, faça-me o favor! Aquilo me deixou irritada. Mas só por uns dois minutos. Entendo que Alexa seja mais importante — ela é só uma criança —, e eu realmente estou ansiosa para conhecê-la.

Esperei que ele dissesse que eu devo ir a Oxfordshire, porque ainda não conheci meu futuro lar! É tudo por causa dessa coisa de sermos low-profile, que deve acabar logo, não é? Eu disse que ficaria feliz em passar apenas uma hora lá, só para poder conhecer a casa. Mas ele disse que é muito longe para ir e voltar dirigindo. (Ridículo, é claro. É só uma hora pela M40. Se ele estava tão preocupado, poderia mandar um motorista.) Mas depois Hugo disse que no fim de semana me levaria a meu restaurante preferido em Londres, para almoçar, é claro. Decidiu que logo poderemos ser vistos como um casal, e então as coisas serão muito mais fáceis, tenho certeza. Fico imaginando se isso significa que finalmente poderemos ser um casal em todos os sentidos. De algum modo, não me atrevo a fazer essa pergunta. Que estranho.

Mas Hugo pensa em mim o tempo todo. Ele sabe que não posso pagar pelo tipo de roupa que precisarei usar quando começarmos a ser vistos em público, principalmente vestidos de festa para os eventos da fundação. Então quase todo

dia chega um pequeno (ou grande, mas sempre caro) pacote para mim no trabalho ou em casa. As vezes são flores, às vezes é uma joia, e às vezes são roupas mesmo! Pode imaginar encontrar um homem que saia e escolha as roupas mais divinas para você? Ele diz que cuidar de mim é um dos prazeres de sua vida. Ele parece saber o tamanho exato — roupas, sapatos, tudo. (Ainda não comprou lingerie. Suspeito de que, devido às circunstâncias, não ache que seja apropriado.) O mais interessante a respeito das roupas que ele escolhe é que são claramente muito mais sofisticadas do que qualquer coisa que eu escolheria. Estou começando a achar que talvez eu aparentasse ser meio vulgar no passado — roupas muito justas, decotadas, reveladoras. Estou certa? As roupas que ele seleciona para mim são muito sutis e elegantes. Ele vai em alguma loja de alta costura onde fazem tudo de acordo com suas especificações! Certamente Hugo sabe o que está fazendo, então é melhor deixar por conta dele, eu acho. E evidente que tenho muito que aprender. Bem, voltando a Alexa. Perguntei ao Hugo se havia contado a ela que pretendíamos nos casar. "Quero que Alexa a conheça primeiro; depois, quando soubermos que ela gostou de você, podemos dizer que vamos nos casar.

Annabel não vai contar, porque eu mandei que ela não contasse."

Ele por acaso estava dizendo que se Alexa não gostasse de mim, nós não nos casaríamos? Precisávamos da permissão dela? De uma criança de menos de 3 anos? E por que Annabel faria algo que seu ex-marido pediu, ou melhor, mandou? Acho que estou ficando irritada.Tensão pré-casamento e tudo mais. Hugo é o homem mais gentil que já conheci. Ele é generoso, atento, tem modos impecáveis. E muito lindo. E me respeita. Sempre liga quando diz que vai ligar, e mês que vem vai me apresentar para o mundo como sua "bela futura esposa."

Agora que vou conhecer Alexa, achei que podia pressioná-lo a me deixar visitar Oxfordshire. A resposta não deveria ter sido uma surpresa, mas foi.

"Andei pensando nisso, querida. Acho que seria perfeito se não visse a casa até o dia do casamento. Faremos a cerimônia aqui, é claro, mas seria o máximo apresentar a casa a você como nova Lady Fletcher." Eu não tinha ideia de que nos casaríamos lá. Tínhamos marcado mais ou menos uma data para setembro, mas Hugo me disse para deixar os preparativos por conta dele. Não sei se ele quis dizer que a cerimônia de casamento será na casa (será que a propriedade tem sua própria capela?)

“Não, é claro que não. Há uma igreja charmosa no vilarejo. E linda. Vou falar com o vigário, é claro, porque como fui casado antes, será um obstáculo que terei que superar. Mas tudo é possível, principalmente se a igreja precisar de um telhado novo ou algo do tipo. Mas acho que vai concordar que a recepção tem que ser em Ashbury Park.”

Por mais maravilhoso que parecesse, eu não conhecia o lugar, e meus pais não podem pagar por nada muito exorbitante. Hugo riu no telefone.

“Não seja boba, querida. Ashbury Park é uma mansão enorme. Será um espaço perfeito para o casamento, e igualmente perfeito como nosso lar. Mas você não precisa fazer nada, nem seus pais precisam se preocupar.Vou organizar tudo assim que fecharmos a data.Você só precisa aparecer!"

Eu não sabia o que dizer. Ele é tão atencioso, mas e se eu quiser me envolver? E certamente meus pais vão querer dar algum palpite no casamento da própria filha. Como posso sugerir isso sem magoá-lo?

“Sabe, Hugo, agradeço muito que esteja fazendo tudo, mas seria um prazer me envolver no planejamento. É algo que poderíamos fazer juntos, não é?”

“De jeito nenhum. Não precisa se preocupar com nada, querida. Apenas apareça e esteja maravilhosa.Wi ser tudo surpresa! Não quero mais ouvir falar disso. Quero fazer por você.” Eu sabia que a batalha estava perdida, embora tenha que reconhecer que não lutei muito. Ele é muito gentil, e eu não posso me deixar levar por discussões bobas.

De qualquer modo, voltamos ao assunto de Alexa e ficou acertado que eu poderia conhecê-la no fim de semana seguinte. Ele a levaria para passar o dia em Londres.

Queria tanto que ela gostasse de mim. Mas nunca esperaria me apaixonar pela segunda vez em seis meses.

Hugo, formal como sempre (mas charmoso também), me apresentou a sua filha. “Alexa, gostaria que conhecesse uma amiga minha. Essa é Laura.”

Eu me agachei diante da garotinha mais linda que eu já tinha visto. Ela é absolutamente perfeita. Tem cabelos louros, quase brancos, que caem suavemente em ondas até os ombros, e seus olhos são uma mistura hipnotizante

de castanho e verde. Ela tem um tipo de magreza frágil que me faz querer pegá-la com muito cuidado e abraçar seu corpinho com toda a suavidade do mundo. Ela olhava para mim com certa cautela, então achei que talvez devesse tentar quebrar um pouco o gelo. "Oi, Alexa, eu trouxe um presentinho para você. Quer abrir e ver o que tem dentro?"

Consegui encontrar uma boneca de pano linda, com vestido de algodão ro-sa-claro e chapéu. É perfeitamente macia para uma criança pequena, e é o tipo de boneca com a qual ela pode dormir, se gostar. Nunca vi uma criança desembrulhar um presente como ela fez. Nada de rasgar todo o papel (o que sempre fazíamos — e eu ainda faço, a menos que Hugo esteja por perto, quando tento me comportar com mais decoro). Ela desembrulhou o presente com muito cuidado e chegou a dobrar o papel e colocá-lo sobre a mesinha de centro. Dá para ver que não é uma criança impetuosa. Mas em seguida ela ergueu os olhos e sorriu. Foi o sorriso de um anjo, e seu rostinho brilhou de prazer.

"Obrigada, Laura", disse ela, sem nenhum estímulo do pai. Inacreditável!

Fiquei impressionada. Foi amor à primeira vista, e sei que vou cuidar dessa criança pelo resto da vida, como se fosse minha.

Com amor,

Laura

PS:Você ainda não o conheceu — então estou me apegando a essas cartas. Nós as leremos juntas quando tudo estiver estabilizado.

10.

Tom apareceu na porta da sala de seu chefe. Ambos haviam presenciado a necropsia, embora o superintendente tivesse precisado sair no meio para uma reunião — ou pelo menos foi o que ele disse. Ninguém gosta de necropsias.

— Tem um minuto, James?

— Entre, Tom. Chegou bem na hora. Vamos nos atualizar sobre o progresso das investigações.

James Sinclair empurrou uma pilha de arquivos para o lado para abrir espaço

sobre a mesa entulhada. Essa não era sua única investigação, embora sem dúvida fosse a mais importante. Tom se sentou.

— Receio que eu não tenha muito a relatar. Lady Fletcher entrou e identificou o corpo. Ela nos deu informações sobre o trabalho beneficente de Hugo, o que foi muito interessante. Por sinal, ela está insistindo para a chamarmos de Laura e para nos referirmos ao marido como Hugo. Espero que possa lidar com isso.

— Não é o ideal na minha opinião, como você sabe — respondeu Sinclair. — Se tratarmos todos da mesma forma, suspeitos, vítimas, e enlutados, podemos confundir as coisas. E apesar de ela não poder ter sujado as próprias mãos, ainda não devemos descartá-la completamente.

— Faz sentido. No entanto, ela está muito vulnerável no momento, e se nos recusássemos a romper a barreira da formalidade, acho que ela simplesmente se fecharia ainda mais.

— Humm. Está bem. Vou deixar por sua conta. Já sabemos a causa da morte?

— Sim. Acabou de ser confirmada como nicotina líquida. Uma dose enorme foi injetada na virilha dele, na veia femoral. Aparentemente “injetar na virilha” é bem comum entre usuários de droga. Existe uma ligação óbvia aqui, é claro. Prostituição e abuso de drogas? Só não sei bem para onde isso nos leva.

— E aposto que não são muitos os que usam nicotina líquida — afirmou o superintendente, —

Qual seria uma dose letal?

— Apenas sessenta miligramas, e nossa vítima recebeu uma dose muito maior. O efeito deve ter sido muito rápido, segundo me disseram.

— Como se consegue essa coisa?

— Ainda não sabemos. Eu *googlei*, pensando que devia ser por onde a maioria das pessoas começaria, mas não apareceu nada útil. Descobri que é possível dissolver em vodca e dar para alguém beber, mas não foi o que aconteceu nesse caso. Um dos rapazes está vendo isso.

Levemente confuso com o termo *googlei*, o superintendente voltou para o que.

para ele» era um território seguro.

— O que mais temos? Algo sobre os lenços?

— Não, e provavelmente não vai dar em nada. Eles são da Tie Rack, e eles têm filiais em todos os grandes centros comerciais, no aeroporto, em todo lugar. Vão verificar os registros dos computadores, mas vendem milhares de lenços, então é improvável que tenhamos alguma sorte.

James respirou fundo e soltou o ar lentamente por entre lábios.

— Certo... Então, por favor, me diga que temos algo sobre a mulher que o vizinho viu.

Tom gostaria de ter uma resposta mais positiva a dar. Ele realmente precisava de resultados nesse caso.

— As notícias são confusas. Os técnicos voltaram ao cabelo encontrado na cena do crime. E

cabelo de verdade, mas eles têm quase certeza de que veio de uma peruca. Aparentemente, cabelos utilizados para fazer perucas são entrelaçados em um tipo de touca de renda de algodão, projetada sob medida para a pessoa que vai usá-la... pelo menos as mais caras. Existem algumas evidências de

que o cabelo havia sido previamente entrelaçado, com um traço mínimo da touca à qual estava preso.

Tom parou para respirar antes de ir direto ao ponto.

— O que significa que a única informação que temos é que a mulher vista saindo da casa tem estatura mediana e-á magra. Como se tratava de uma peruca, podemos parar de procurar por alguém de cabelos ruivos. Vendo pelo lado bom, trata-se de uma peruca feita com cabelos verdadeiros, então podemos presumir que foi cara e provavelmente feita sob medida. Podemos começar a verificar todos os peruqueiros e ver no que dá. Não acho que sejam muitos, para ser sincero.

— E as impressões digitais? Conseguiram tirar as de Lady Fletcher hoje de manhã?

— Conseguimos. Por sorte, recentemente Beryl havia limpado tudo com muito cuidado, o que ela chama de “faxina de outono”, em oposição à sua “faxina de primavera”. Então tudo o que encontramos tem que ter acontecido nos últimos dez dias. Porém, não há nada interessante para relatar. Encontramos as impressões de Beryl e Hugo no quarto, junto com as de Laura, embora, estranhamente, as dela estivessem apenas na porta do quarto e do guarda-roupa. Suas digitais também estavam na cozinha e no banheiro. Então precisamos conversar com ela sobre isso.

Encontramos mais na sala de estar, incluindo as de Laura e algumas de Jessica Armstrong, assistente pessoal de Hugo. Mas nada além disso.

James Sinclair batia a caneta sobre a mesa em staccato.

— Sei que ele morreu há menos de 24 horas, mas precisamos ser capazes de mostrar algum progresso. Não temos motivo claro nem suspeitos reais. Nenhum sinal de que algo tenha sido levado, eu suponho?

—-Nenhum. Havia coisas muito rentáveis na casa, que certamente teriam sido levadas se fosse um caso de roubo. Muitos objetos pequenos em prata, sem contar alguns quadros muito bons. No momento, alguns rapazes estão lá com a faxineira, que parece muito mais animada hoje, e ela não deu falta de nada. Teremos que confirmar com Laura, mas não há nada óbvio. Sairemos para falar com os funcionários da fundação em alguns minutos, depois voltaremos para Oxfordshire. Também falarei com a ex-mulher hoje.

Tom mandou um membro de sua equipe interrogar a empresa de segurança também. Ele podia entender por que Hugo não queria os guarda-costas com ele em casa, mas por que exatamente precisava deles? Ele devia pensar que corria algum tipo de perigo, mas por parte de quem?

— Qual é o seu palpite a respeito dos guarda-costas, James? Só consigo imaginar que Hugo achasse que precisava de proteção devido a seu trabalho beneficente. Ele deve ter irritado seriamente muita gente desagradável. Precisamos descobrir se havia alguém em particular ressentido o suficiente para assassiná-lo ou para arrumar alguém para fazer isso. Mas duvido que isso tenha algo a ver com seus negócios imobiliários. Ele praticamente não se envolvia, e tudo me pareceu ser muito idôneo e claro.

James Sinclair apoiou o queixo nas mãos cruzadas e ficou olhando para o nada

por alguns instantes.

— Sinto por afirmar o óbvio, Tom. mas sabemos que ele conhecia essa mulher, certamente bem o bastante para convidá-la para ir à sua casa. Parece bem definido que sexo, de uma forma ou de outra, estava nos planos, porque não parece ter havido luta para amarrá-lo. Não foi um encontro fortuito. Então ele *devia* ter uma amante, e se tivesse, alguém certamente saberia. E a família? De quem ele era mais próximo?

Tom conteve um grunhido exasperado, já havia passado e repassado essas questões na cabeça.

Precisava encontrar a amante, mas ninguém parecia saber de nada. Ele estava esperando e torcendo para alguém da fundação citar um nome, porque não havia muita gente a quem perguntar.

— Além da esposa, da filha e da ex-esposa, todas as relações dele parecem ser da fundação ou contatos de negócios. Aparentemente, não tem amigos íntimos. Quando falei com Laura, fiz alusão à questão do sexo, mas ela não colaborou com nenhum nome. No entanto, tenho que dizer que

também não pareceu chocada. Tive a impressão de que ela suspeitava de alguma coisa e estou investigando. Quanto à família, *o* pai morreu há cerca de quarenta anos. A mãe faleceu em 1997, pouco antes cie Hugo conhecer Laura, e ele tem uma irmã, Beatrice, mas ninguém tem a mais remota ideia de onde ela está.

— E o que acha da seguinte teoria? — perguntou James. — Uma dessas garotas do Leste Europeu é encontrada pelo cafetão original. Em troca de uma ou outra promessa, ele faz com que ela ofereça seus serviços a Hugo. Ela é uma garota bonita, e ele é incapaz de recusar. Ela faz o serviço, de acordo com o plano, e depois vai embora receber seu prêmio. E uma possibilidade?

Tom pensou por um instante.

— As meninas que ele ajuda são bem jovens, e a testemunha disse especificamente “mulher” em seu depoimento, mas podemos verificar novamente. Acha que ele levaria alguma dessas meninas para casa? Não estou dizendo que não cederia à tentação, mas ele realmente faria isso lá, dados seu perfil e reputação? Estamos analisando as garotas para ver se alguma delas de repente recebeu alguma quantia inesperada em dinheiro ou desapareceu cie

forma inexplicável. Ajay está cuidando disso.

— Está bem. Última pergunta. O que acha da cunhada? Todos ficamos surpresos com a recepção que ela teve ontem à noite. Vale a pena verificar?

Tom concordou com a cabeça.

— Certamente. Havia tanto veneno na voz de Laura que eu me perguntei se ela não era a amante, e Becky cogitou essa hipótese. Mas devido à cor dos cabelos, eu havia descartado a possibilidade até agora. Já perguntei a Laura o que foi aquilo, e não vou deixar o assunto se perder.

Sei que Imogen Kennedy ainda está em Ashbury Park, então vou interrogá-la assim que chegar lá.

Tom se deu conta de que a altura de Imogen era mais ou menos correspondente à descrição, e ela seria digna de uma segunda olhada se estivesse usando uma saia justa de couro. O problema era que uma altura mediana era apenas isso — uma média. Praticamente todas as pessoas que conheceram nesse caso cabiam na descrição, e agora que a cor dos cabelos era irrelevante, Tom estava praticamente de volta à estaca zero. Mas a combinação entre a resposta vigorosa à chegada de Imogen e o modo como passou por cima do assunto pela manhã lhe dava motivos para acreditar que havia algo mais, e ele descobriria o quê.

— Preciso ir, James. Os funcionários estão reunidos na sede da fundação, e assim que falarmos com eles, voltaremos a Oxfordshire. Retorno para a reunião de recapitulação à noite. Vamos torcer para conseguirmos algum progresso que mereça ser relatado.

*** * * ***

Quinze minutos depois, Tom e Becky estavam de volta ao carro a caminho da Egerton Crescent.

Pelo menos era domingo, e embora as estradas estivessem movimentadas, não havia engarrafamentos. Mesmo que Be-cky tivesse a sensação de que eles estavam trabalhando havia horas, ainda era manhã. Com certeza, sairiam para Oxfordshire pela hora do almoço, e ela torcia para Tom concordar em parar em algum lugar para pegar algo para comer. Ela não havia tido tempo de tomar café da manhã e estava faminta.

Tom olhou para ela.

— Eu ia sugerir que nos separássemos e cada um interrogasse uma garota, mas mudei de ideia.

Acho que o melhor a fazer é você falar com elas sozinha. Procure ter uma conversa informal. Outra pessoa pode fazer um interrogatório formal e pegar um depoimento depois. Elas podem sentir que estão compartilhando uma fofoca com você, e é isso que queremos. Eu falo com o cara das finanças, e um dos técnicos vai me encontrar lá para ver se conseguimos acessar o computador do Hugo. O

que acha?

Becky ficou muito satisfeita com a sugestão. Ela sabia que era boa com pessoas, e as mulheres frequentemente lhe contavam coisas sobre as quais não falariam com um homem.

— Está bem para mim, chefe. Quer que eu me concentre em algum detalhe específico? Ou apenas um histórico geral? — Becky não ficou nem um pouco surpresa ao ouvir que deveria sondar a respeito de uma possível amante, do passado ou do presente. — Quer que eu fale com elas juntas ou separadas?

— O que acha que seria melhor? Você sabe como as mulheres funcionam. São todas um mistério para mim, para ser sincero — confessou Tom.

Becky olhou de soslaio para ver se ele estava brincando, mas seu rosto permanecia impassível.

— Na verdade, vai depender do relacionamento entre elas. Se forem boas amigas, uma vai estimular a outra a dizer coisas que não diriam sozinhas. Se não forem, ficarão mais reservadas na companhia da outra. Eu gostaria de avaliar a situação primeiro. Talvez ter uma conversa geral sobre como as coisas funcionam no escritório, quem faz o que, e depois tomar a decisão. Pode ser?

— Parece ótimo. Chegamos, Becky. Vamos fazer de tudo para sair daqui em uma hora.

*** * * ***

Becky não gostou de Jessica Armstrong. Não sabia por quê, pois ela era perfeitamente agradável.

Quando entraram no escritório, ela pôde sentir um cheiro apetitoso no ar.

— Sei como vocês, policiais, são ocupados — comentou Jessica —, e eu não sabia se haviam tido tempo de tomar café da manhã. Então trouxe uma pequena seleção desses pãezinhos deliciosos.

Fico feliz em oferecer café a vocês: expresso, cappuccino ou de coador. O que preferirem. Ou chá, é claro.

Becky ficou seriamente impressionada e entendeu por que alguém como Jessica virou assistente pessoal de um homem tão importante. Enquanto mastigava o segundo pãozinho e conversava informalmente com ela e com Rosie, Becky a agradeceu por sua consideração. A resposta mais pareceu uma minipalestra.

— A arte de ser uma boa assistente pessoal é antecipar as necessidades das pessoas e agir antes que lhe peçam. A maioria pensa que se trata de ouvir ordens e executá-las com eficiência, mas está errada. É preciso adivinhar o que vai acontecer e estar preparado. É por isso que Sir Hugo me achava insubstituível.

Presunçosa como Jessica era, Becky teve que admitir que essa abordagem tinha seus méritos.

Depois da conversa com café, ela decidiu falar com cada uma das garotas separadamente. Elas pareciam se dar bem, mas ficou bem claro que Jessica via Rosie como sua inferior e a considerava uma pessoa um pouco avoada. Rosie trabalhava para Sir Hugo há cerca de cinco anos, mas Jessica estava com ele há mais de 12, de modo que se achava superior em todos os sentidos. O mais engraçado é que era Rosie quem tinha os olhos vermelhos de tanto chorar, enquanto Jessica parecia totalmente inabalada.

Querendo muito tirar o olhar arrogante da cara de Jessica, Becky ficou tremendamente tentada a interrogar Rosie primeiro. Mas não podia deixar os sentimentos pessoais interferirem, e precisava de Jessica do seu lado, então as duas foram para uma sala particular e se sentaram.

— Só quero um pouco do histórico, Jessica, para tentar entender o máximo possível a respeito de Sir Hugo, sua vida e seu trabalho. Tenho certeza de que

você era muito próxima dele, depois de todos esses anos, e espero que possa me esclarecer algumas coisas. Talvez possa começar me dizendo o que você faz aqui e como trabalhava com Sir Hugo.

— Devo começar dizendo que Sir Hugo era um homem realmente excepcional. Ele era singular em todos os sentidos, e é difícil imaginar a vida sem ele. Sei que pensa que o fato de eu não externar minhas emoções significa que não tenho sentimentos, mas seria uma falsa suposição, E uma questão

de criação, sargento. Fui educada para não ter o coração saindo pela boca. Então você não me verá chorar. Eu não faço isso.

“Que droga”, pensou Becky. Ela ficou sem palavras por um instante, Mas nem precisou se preocupar, porque Jessica estava a todo vapor.

— A assistente pessoal de uma pessoa tão importante quanto Sir Hugo tem muitos papéis a desempenhar. Faço a ponte com Brian Smedley, da empresa de administração imobiliária, em nome de Sir Hugo, mas isso não preenche meus dias, uma vez que a maior parte do trabalho é feita a partir do escritório. Meu maior interesse é ajudar Sir Hugo na administração diária da fundação. Quando recebemos respostas dos anúncios de lares para as meninas, eu me responsabilizo pela inspeção inicial. Obviamente, depois indicamos alguém especializado em serviço social, mas eu seleciono quais meninas parecem mais apropriadas às necessidades de cada família, e então designamos a coordenação desse relacionamento a alguém da equipe. Garanto que recebam visitas de acompanhamento, confirmo o repasse de fundos, e assim por diante. Também sou a primeira a ser chamada quando há algum problema com as meninas ou com as famílias. Então meu trabalho requer um nível de especialização que só vem com anos de experiência.

Becky comeu mais um pedaço de um delicioso croissant de amêndoas, pensando se realmente era seu terceiro pãozinho.

— Que tipo de problemas você encontra?

“Ah, algumas dessas meninas são tão burras. Elas recebem uma segunda chance na vida e simplesmente a jogam fora. De vez em quando, temos uma que rouba da família, mas isso é raro, fico feliz em dizer. Às vezes acontece de uma menina seduzir o marido da família. Isso é sempre bem complicado, porque a fundação acaba levando a culpa. A esposa, é claro, prefere perpetuar o mito de que seu

marido é totalmente inocente. E algumas voltam para as ruas porque acham que conseguem ganhar mais dinheiro. Outras simplesmente deixam um bilhete e vão embora. Quem sabe para onde? E há também aquelas que são pegas na rua por uma das gangues das quais pensavam ter escapado. É muito difícil ras-treá-las quando são trancafiadas novamente. Meu trabalho não é fácil. É muito desafiador, na verdade.

Ciente de que Tom achava que uma dessas garotas podia ter relação com o crime, Becky achou que poderia explorar esse ângulo.

— Alguma dessas meninas desapareceu recentemente, Jessica?

— Ah, sim. Uma menina bobinha que devia ter sido mais inteligente. Faz umas duas semanas.

— E?

— Ah, você quer saber o que aconteceu com ela? Foi ridículo, dado o histórico dela. Ela estava morando com uma família muito boa e trabalhando como garçonete em um café local. Conheceu um homem; ele ia lá todos os dias e a elogiava. Sei que você sabe como algumas mulheres são facilmente seduzidas por meia dúzia de palavras gentis. É revoltante. Bem, aparentemente ele a chamou para morar com ele, e ela aceitou. Pensou que era sua chance de ter uma vida normal, eu acho. — Jessica deu uma gargalhada sarcástica. — Ela ficou muito constrangida para contar à família, porque achou que poderiam tentar impedi-la. Sei que já deve ter adivinhado o resto. Ele era um cafetão. Assim que ele a pegou, ela não tinha mais para onde ir. Não podia voltar, ou achou que não pudesse. Nós a rastreamos por meio de alguns agentes nas ruas, e o dono do café também teve certa culpa. Nós não o usaremos novamente. Demos outra chance a ela, com outra família. A primeira não quis aceitá-la de volta. O que é totalmente compreensível. Mas, até onde eu sei, essa é sua última chance.

— Alguma outra antes dessa?

— Recentemente não. Eu diria que faz pelo menos dois meses desde que uma delas decidiu que ficaria melhor nas ruas. Algumas pessoas simplesmente não merecem nossa ajuda.

Becky guardou para si mesma seus pensamentos sobre o comportamento simpático de Jessica e decidiu continuar.

— O que achava de trabalhar para Sir Hugo?

— Maravilhoso. Não consigo apontar um defeito. Era sempre educado; mesmo quando dava para ver que não estava feliz ou quando estava em um daqueles dias de humor estranho.

— Então ele não era feliz? Você acha que ele era infeliz no casamento?

Jessica comprimiu levemente os lábios e ficou olhando para as mãos.

Becky sabia, sem sombra de dúvida, que alguma observação um pouco velada, porém pejorativa, estava prestes a ser feita. Ela já tinha conhecido mulheres assim, embora geralmente viessem sem o disfarce superficial que o dinheiro e a criação ofereciam. Mas uma mulher falsa era sempre uma mulher falsa — usando roupas elegantes ou de segunda mão.

— Devo admitir que fiquei muito chocada quando me dei conta de que Sir Hugo se casaria com Laura; estava claro que ela não era a mulher certa para ele. Ele precisava de alguém com berço, com a formação certa. Alguém que o entendesse bem. Alguém com classe, que compartilhasse de seus interesses e atitudes. Não achei que ela foi uma escolha apropriada.

“No entanto, havia um ar de expectativa nele desde o dia que se conheceram até o dia em que se casaram. Uma empolgação que ele mal podia conter, eu diria. Os olhos literalmente brilhavam.

Ninguém podia competir com isso, podia?”

— Então você acha que o casamento dele era feliz? — perguntou Becky, achando que

“competir” havia sido uma escolha interessante de palavra.

O olhar evasivo reapareceu.

— Eu não saberia dizer. Mas quando ele voltou da lua de mel, a magia parecia ter desaparecido, como se alguma coisa não tivesse correspondido às suas expectativas.

— Já chegou a suspeitar de que Sir Hugo tivesse uma amante, Jessica? Ou

consegue pensar em alguém com quem ele tenha tido um relacionamento?

— Sir Hugo era um tipo muito másculo de homem. Ele fez duas más escolhas, em minha opinião, em termos de companheiras de vida. Acho que precisava de alguém que o entendesse, vivesse em seu mundo, desse a ele todo conforto que merecia. E não acho que ele tenha recebido isso de nenhuma das duas esposas. Havia ocasiões no decorrer dos anos que o humor estranho voltava, com a mesma mistura de euforia e agitação. Foi particularmente notável nas últimas semanas, mas não tenho ideia de se ele estava tendo um caso ou não. Contudo, se estivesse, eu certamente não o culparia.

Seria aquilo admiração ou obsessão?, perguntou-se Becky. Jessica obviamente achava que Hugo devia tê-la escolhido; se soubesse de algum caso, não contaria? Não aproveitaria a oportunidade para enfiar a faca em mais uma pessoa que ela consideraria inadequada? A menos, é claro, que ele estivesse tendo um caso com ela. Faria sentido.

Agradecendo Jessica por seu tempo, e fazendo uma anotação para garantir que o depoimento formal incluísse informações sobre seu paradeiro no momento do assassinato, Becky se deu um minuto ou dois para pensar no próximo interrogatório. Rosie parecia uma garota legal. Um pouco avoada, talvez, mas normal. Estava claro que tinha boa origem, a julgar pelo sotaque; certamente melhor do que a da própria Becky. Mas Hugo também só empregaria pessoas que falassem bem. E

pelo menos Rosie não tinha o sotaque tão afetado quanto o de Jessica.

Os olhos de Rosie ainda estavam vermelhos quando ela entrou, mas a densa franja loura quase os cobria. Becky não conseguia imaginar como ela enxergava. Estava vestida com roupas comuns, de fim de semana, não para um dia trabalho. Usava jeans que pareciam caros e bem justos, botas de couro de cano alto e um suéter verde vivo. Sentindo-se, de repente, muito antiquada em seu terninho preto de sempre e sapatos pretos sem salto, Becky tentou arrastar a mente de volta para o interrogatório.

— Certo, Rosie. Só quero conversar com você, tentar entender o que faz aqui, o quanto estava envolvida na rotina de Sir Hugo e assim por diante. Pode começar me dando uma ideia geral do seu trabalho?

— Sei que vai pensar que não parece muito um trabalho, mas requer muito

planejamento. Eu organizo todas as viagens, providencio os guarda-costas quando necessário, verifico quais os compromissos da fundação e mantenho as agendas dele atualizadas. Também cuido do gerenciamento do escritório, encomendando material, atendendo telefone, esse tipo de coisa. Isso me mantém bem ocupada, embora Jessica ache que não passo de um desperdício de espaço.

— Você não se dá bem com Jessica?

— Acho ela normal. Um pouco opulenta para o meu gosto.

— E você gostava de trabalhar para Sir Hugo?

— Era até legal. Ele era um pouco egocêntrico, mas era ótimo dizer para todo mundo que eu trabalhava para um "sir", e ele era surpreendentemente bondoso quando eu me entusiasmava demais na Harvey Nichols e não voltava do almoço a tempo. Contanto que eu cumprisse o número de horas, é claro. De qualquer modo, era melhor do que Jessica. Ela fica muito zangada quando ficamos sem clipes de papel ou algo do tipo. Qualquer um acharia que é o fim do mundo!

— Conte mais sobre as agendas dele, Rosie. Ele incluía coisas pessoais nelas ou apenas os compromissos de trabalho?

— Devo dizer que ele era chatíssimo em relação às agendas. Ele não tinha agenda pessoal.

Tentei arrumar um Blackberry, mas ele não quis. Ele gosta de coisas em que pode tocar, ou gostava, acho que devo dizer. Então eu tinha tudo marcado no computador, mas depois eu copiava, palavra por palavra, em uma agenda de mesa, que era enorme. Uma coisa imensa de couro. Ele tinha uma por ano, com uma página grande para cada dia. Só havia algumas linhas em cada página, apenas os compromissos. Mas ele as guardava por anos. Bem, é meu trabalho garantir o registro nas duas agendas, e a cada dia tenho que produzir mais uma versão: um itinerário de sua movimentação do dia, com todos os telefones, endereços, horários e tipos de compromisso. Ele só usava tecnologia quando não tinha nenhuma outra escolha. Computador? "Vade retro, Satanás!", ele dizia, e não estava sorrindo! Mas tinha um telefone celular e não ia a lugar nenhum sem ele... Mas eu tive que inserir todos os números úteis no aparelho, que praticamente se resumiam aos do escritório, da casa dele e de um serviço de limusine, para ser sincera.

— Telefone celular? Onde ele guardava, Rosie? Não encontramos nenhum.

— Ele tinha uma pasta de documentos de couro. Nela, guardava o itinerário, anotações de reuniões e o telefone. Não colocava o aparelho no bolso porque poderia estragar o corte do terno, e isso era inadmissível, não é?

Becky sabia que a pasta de Hugo havia sido encontrada, embora o itinerário listasse apenas os compromissos do dia anterior ao assassinato. Eles estavam sendo verificados, mas não pareciam suspeitos. Não havia nenhum aparelho de telefone.

— Sabe de algo a respeito de Sir Hugo que sugerisse que ele estava tendo um caso, Rosie?

— Bem, tem uma coisa meio estranha, e pode significar que sim. Mas eu não sei. Posso estar enxergando coisa onde não existe.

— Prossiga.

— De vez em quando, aparece uma coisa estranha em sua agenda de mesa. Uma sigla: LME Às vezes é só por um dia, outras por alguns dias, e algumas vezes é durante a noite. Ele nunca quis contar do que se tratava, mas não alterava o compromisso. Por motivo algum. Sempre que eu perguntava o que significava LME, ele apenas sorria e dizia que significava “Livre: minha folga”.

Mas não acredito nisso nem por um minuto, porque até eu sei que ele não usaria esse linguajar. É

mais provável que dissesse “Estou temporariamente indisponível”, ou algo do tipo.

— O F poderia ser “Fletcher”? Talvez ele encontrasse alguém da família com essas iniciais.

— Poderia ser, mas não é ninguém de quem eu tenha ouvido falar. Mas isso não significa nada.

Ele me diria, não diria? Pensei que o primeiro L podia ser de “Laura”, mas eu agendo voos para ela e sei que não tem um segundo nome.

— E quanto à relação dele com Jessica. Era boa?

— Ela idolatra o chão que ele pisa. Mas, infelizmente para ela, ele a trata como sua assistente pessoal. Nem por um minuto cogitei que ele sentisse algo por ela.

Becky parou para pensar por um instante. Se eles tivessem um relacionamento, Hugo podia simplesmente ter atuado melhor do que Jessica. Mas essa sigla LMF parecia promissora também.

— Jessica não sabia o que eram essas reuniões? Ela pareceu se orgulhar de saber tudo sobre Sir Hugo — disse Becky, incapaz de resistir à pequena provocação.

— Eu perguntei, mas ela também não faz ideia. Sempre achei que pudesse ser outra mulher, mas Jessica diz que não é da nossa conta. Talvez se tivéssemos nos intrometido mais nesse assunto, poderíamos estar ajudando vocês agora. Por mais que Sir Hugo tivesse suas peculiaridades, não merecia morrer.

Sentindo que uma nova onda de lágrimas era iminente, Becky decidiu encerrar a conversa.

— Certo, obrigada, Rosie. Se lembrar de mais alguma coisa, por favor, me avise. Por mais que ache trivial, por favor, nos diga. Está bem?

Becky relatou as duas conversas a Tom enquanto iam de Londres a Oxfordshire. Pela maior parte da viagem, Tom escutava atentamente — quando não estava reclamando dos motoristas de fim de semana. Ela tinha dito que não se importava de dirigir, mas ele, por algum motivo, havia insistido.

— Você foi bem — elogiou ele. — É interessante que a única garota que desapareceu nas últimas semanas tenha sido encontrada. Talvez isso descarte uma teoria, mas não necessariamente.

Vamos terminar o interrogatório de Laura, e eu também preciso conversar com Imogen, e depois posso falar com a ex-mulher, que, pelo que dizem, é uma pessoa meio desagradável.

— Devo dizer, não gosto de Jessica. Tem alguma coisa nela em que não confio. Não devíamos ignorá-la. Ela ficava em cima de Hugo feito um encosto, ao que parece. Temos que verificar se ela era amante dele.

Tom concordou com a cabeça no mesmo instante em que eles passaram pelos portões de Ashbury Park e seguiram para a entrada. Ambos olharam para a casa cinza e sombria através dos arbustos ainda mais sombrios. O longo acesso à casa era ladeado por árvores altas que desapareciam no bosque denso, e aos pés delas, ao longo do caminho, havia azaleias malcuidadas, que podiam ser bonitas quando floridas, mas nessa época de outubro apenas contribuíam para a melancolia e a penumbra do lugar. Becky estremeceu e viu Tom olhar para ela.

— Sabe, essa casa me dá calafrios. Deveria ser linda, mas é tudo tão escuro. As árvores são ameaçadoras, e as janelas parecem sem vida, como se só houvesse o vazio por trás delas. Não tem alma.

Tom estava certo. Definitivamente não era uma casa feliz, e Becky não sabia por que Laura nunca havia feito nada para transformá-la em um lar.

A menina acordou de repente de um sono entrecortado. Estava com medo de dormir direito. Estava com medo de que algo acontecesse com ela enquanto dormia — algo que não pudesse controlar. Sem saber o que a havia acordado, ela abriu os olhos em pânico. Ele veio? Ele estava aqui, no quarto ou teria aparecido e ido embora enquanto ela dormia?

Mas não havia nada. Nenhum sinal de alguém. Não havia mais comida nem água, e a cama estava arrumada.

Ela sabia que se ele tivesse estado ali, a cama estaria desarrumada.

Ela então escutou um barulho. Era uma batidinha, vinda da janela que estava atrás dela. Tentou virar a cabeça, mas se deu conta de que o pescoço estava travado. Estava desesperada para virar. Talvez alguém estivesse tentando entrar. Talvez alguém a tivesse encontrado. O que havia de errado com seu pescoço? Ela levou as mãos à garganta e logo sentiu. Era a corrente. Enquanto dormia, deve ter girado o corpo, e esse era o resultado. As batidas pararam antes que ela conseguisse virar a cabeça. Gritou de frustração. Finalmente se soltou e conseguiu virar para a janela.

Mas não havia nada ali.

Ela cobriu o rosto com as mãos, lutando contras as lágrimas. Depois escutou novamente. O alívio a inundou, e ela descobriu os olhos.

Mas não passava de um chapim-azul empoleirado no parapeito, batendo na janela.

O desespero tomou conta dela, que estava tão afastada da realidade que não se dera conta de que nenhuma mão humana poderia ter tocado uma janela tão alta.

11.

Imogen apareceu na porta do banheiro, onde Laura ainda estava deitada na banheira, perdida em seus próprios pensamentos. Ela fitou a amiga e ficou triste ao ver o quanto Laura havia emagrecido no decorrer dos anos. Ela ainda era bonita — sem dúvida muita gente diria que a perda de peso foi uma melhoria em sua aparência —, mas pessoalmente, Imogen achava que o antigo corpo curvilíneo combinava mais com sua personalidade vibrante. Bom, pensou ela, talvez o novo corpo tenha mais a ver com a nova personalidade. Algum dia ela voltaria a ser a antiga Laura?

— Ei, Laura — chamou ela com suavidade. — Odeio ter que incomodá-la, querida, mas a polícia está aqui novamente. Posso entretê-los por um tempo, particularmente o inspetor-chefe, mas sei que querem falar com você. Quanto tempo acha que vai demorar?

Laura pareceu aliviada por ter sido tirada de seus pensamentos.

— Fico pronta em dez minutos. Pode ficar com eles até eu descer, Imo? Alexa ainda está dormindo?

— Sim e sim. Não faça essa cara de preocupação, Laura. Sei o que posso e o que não posso dizer. A chata da Hannah saiu para caminhar, e Alexa pegou logo no sono. Espero que a pobrezinha continue dormindo até a polícia ir embora.

Com isso, Imogen desceu as escadas e foi até a sala de estar, onde a polícia esperava.

— Laura vai demorar uns minutos. Alguém aceita uma bebida?

— Na verdade, Sra. Kennedy, gostaríamos de aproveitar a oportunidade para lhe fazer algumas perguntas, se não se importar.

Ela sentiu um leve tremor no estômago e ficou se perguntando se todo mundo se sentia assim ao ser interrogado pela polícia. Fez sinal para os policiais se sentarem no sofá e se sentou também em uma poltrona perto da lareira, em uma pose que esperava parecer relaxada, com os pés sob o corpo.

— Farei o que for possível, inspetor-chefe, mas não sei se poderei ajudar com alguma coisa.

Tom sorriu para ela, que não conseguiu deixar de, mais uma vez, pensar em como ele era um homem atraente. Mas não fazia seu tipo; ela só tinha um tipo, e era um idiota difícil e cheio de princípios que estava no meio das florestas do Quênia.

— Não sabemos muito a seu respeito, Sra. Kennedy. Só sabemos que era casada com o irmão de Lady Fletcher e que não teve uma recepção muito calorosa ao chegar. Pode explicar por que isso aconteceu, por favor?

Imogen ficou aliviada por ter sido uma pergunta fácil de responder com honestidade.

— Quando o irmão de Laura e eu nos divorciamos, achamos melhor que eu não a visse mais.

Agora a jovem policial, cujo nome, se ela se lembrava corretamente, era Becky, decidiu intervir.

— Eu estava conversando um pouco com Lady Fletcher hoje de manhã, e ela mencionou rapidamente que vocês se conhecem desde pequenas. O divórcio foi tão traumático a ponto de você não poder manter contato com sua amiga?

Imogen sorriu.

— Acho que você é jovem demais para já ter se divorciado, não? Bem, é muito difícil que todo mundo, família ou amigos, mantenha contato com ambas as partes. A menos que seja totalmente amigável, as pessoas se sentem na obrigação de tomar partido, e é da natureza humana que familiares fiquem ao lado de familiares. Alguém, com razão ou não, é sempre tido como o vilão da história, e nesse caso fui eu. — Imogen notou um leve sorriso no rosto de Tom, o qual considerou ao mesmo tempo interessante e revelador.

— E quanto a seu relacionamento com Sir Hugo, Sra. Kennedy? Ele achou apropriado que você interrompesse a comunicação com sua esposa?

Imogen quase riu alto.

— Acho que ele pensou que seria melhor, sim.

— O que achava de Sir Hugo? Gostava dele?

— Não o conhecia muito bem. Eu o vi pela primeira vez no casamento. Foi a primeira vez que todos nós o vimos, na verdade. Devo tê-lo encontrado mais algumas vezes, depois Will e eu nos separamos.

Ela viu que Tom Douglas a observava atentamente. Estava claro que era esperto, e ela achou que ele perceberia se ela mentisse.

— Você não respondeu minha pergunta, Sra. Kennedy. Gostava dele?

Em uma tentativa de desarmá-lo, Imogen abriu um sorriso para ele,

— Por favor, pode me chamar de Imogen. Sei que Laura pediu para dispensarem as formalidades. E quando a Hugo, não gostava muito dele, para ser sincera.

— Pode me dizer por que não?

Ela fez uma pausa para dar à pergunta o que achava ser o nível certo de consideração.

— Acho que ele não era muito divertido. Era bem sério, e parecia querer Laura só para ele. Ela era muito popular e cheia de vida, e eu achei que ele poderia sufocá-la.

— Foi o que aconteceu?

— Para mim, é difícil afirmar. Como eu disse, logo depois que eles se casaram eu me separei de Will e nunca mais vim aqui.

— Vocês duas perderam mesmo o contato completamente, Sra. Kennedy? Acho difícil acreditar que você correria ao encontro de alguém que não vê há vários anos só porque ficou sabendo que o marido dela morreu. Ainda nem sabíamos

que havia sido um assassinato àquela altura. Então por que exatamente você veio?

Imogen respirou fundo, sem ignorar o modo formal que ele usou para se dirigir a ela. As coisas não iam tão bem quanto ela esperava.

— Eu estava no aeroporto quando fiquei sabendo. Estava a caminho do Canadá e assistia ao noticiário na sala VIP da British Airways, no aeroporto de Heathrow. Entrou como uma notícia urgente. Heathrow fica bem perto daqui, então saí correndo e peguei um táxi. Dei uma boa gorjeta para o motorista vir o mais rápido possível. Uma decisão impulsiva, mas eu senti muita falta de Laura nos últimos anos, e achei que podia ajudá-la.

—Você disse que estava a caminho do Canadá. Vindo de onde? Pode, por favor, me dizer exatamente onde estava no sábado de manhã?

Imogen manteve o tom de voz leve.

— Sim. Eu estava em Cannes, em uma mostra. Trabalho para uma empresa de animação no Canadá e estava na França promovendo nossos serviços. Foi um evento importante para nós.

— Eu já estive em Cannes — falou Tom. — E um ótimo lugar. Imagino que essa mostra tenha sido no Palais des Festivais. Em que hotel você ficou?

Imogen sabia que ele não estava perguntando apenas por curiosidade.

— Fiquei no Majestic. Muita gente fica no Martinique, mas é um pouco barulhento para quem, como eu, prefere uma boa noite de sono. O Majestic é um excelente hotel, não tão elegante quanto o Carlton, e é bem perto do Palais. Saí de Cannes no meio da manhã da sexta-feira e fui de carro até Paris. Peguei o avião para Heathrow no sábado à tarde.

Imogen tinha consciência de que provavelmente estava dando muito mais informações do que o estritamente necessário.

— Onde esteve na sexta à noite? — perguntou Becky.

— Eu tinha alugado um carro em Cannes, então rodei pela França e fiquei em um hotelzinho ao sul de Paris, mais ou menos entre Bourges e Orleans, eu acho.

— Tem o nome desse hotelzinho?

— Sinto muito, foi uma coisa de momento, completamente não planejada.

— Não tem o recibo? — indagou Becky.

— Não. Não estou entendendo por que querem todos esses detalhes, mas paguei o valor total na chegada em dinheiro. Queria me livrar dos euros. Acho que deixei a nota no quarto.

— Não precisava do recibo para a empresa reembolsar suas despesas?

Não parecia que Becky pretendia desistir, e Imogen tentou disfarçar a irritação.

— Não. Eu que decidi passar uma noite a mais na França. Se quer saber, Will e eu fomos àquela parte da França há alguns anos, então aproveitei a oportunidade para dirigir pelos arredores e relembrar um pouco.

Imogen sentiu um grande alívio quando a porta da sala de estar se abriu.

— Ah, vejam só, aqui está Laura. Querem me fazer mais alguma pergunta?

Tom sorriu para ela de uma maneira muito agradável que, de alguma forma, ainda conseguiu fazer com que se sentisse vulnerável.

— Não, obrigado, mas foi de grande ajuda. Becky, quer perguntar mais alguma coisa?

— Só uma coisa. A que horas devolveu o carro à locadora de automóveis?

— Era cedo. Fui dormir assim que cheguei no hotel; estava um pouco cansada da longa viagem, eu acho. Acordei assim que amanheceu. Já estava tudo pago, aí decidi ir embora e levei apenas algumas horas para dirigir até Paris. Quando cheguei lá, simplesmente coloquei os documentos e as chaves em uma caixa de correio, vocês sabem como é. Era uma locadora barata, não havia atendimento 24 horas. Posso fornecer o nome da empresa, se ajudar.

— Seria muito útil. Obrigada.

Imogen soltou o ar lentamente. Esperando que tivesse terminado, ela se virou

com gratidão na direção de Laura, cuja aparência estava muito melhor. Ela tinha conseguido se livrar daquelas horríveis roupas de senhora e encontrado uma calça jeans velha e um suéter azul-marinho razoável.

Estavam um pouco largos, mas ela obviamente só havia tido tempo para passar um secador rápido no cabelo, que se assentava ao redor do rosto, solto. Parte da palidez havia deixado sua face, e ela parecia outra pessoa. Imogen pôde ver que esse fato não passou despercebido pelo inspetor-chefe.

— Sinto muito deixá-los esperando. Mas podem me dizer por que estavam interrogando Imogen? — Laura soou ligeiramente hostil.

Tom sorriu.

— Não passa de rotina, Laura. Todos que encontrarmos que tenham idade e histórico correspondentes e tenham tido algum tipo de relacionamento com Hugo terão que ser interrogados.

— Imogen não tinha relacionamento nenhum com Hugo, como certamente contou a vocês.

Eles não se falavam há uns dez anos.

Imogen achou que deveria acalmar um pouco os ânimos.

— Tudo bem, Laura. Eu só estava contando a eles sobre a mostra e sobre minha viagem pela França. Eu não me importo. E eles sabem que eu não via Hugo. Bom, vou fazer um chá para todos enquanto vocês conversam.

Tom observou a porta se fechar quando Imogen saiu. Interessante, ele pensou. Na maior parte do tempo, ela estava dizendo a verdade, mas em alguns momentos ele detectou uma mentira. Os olhos dela se movimentaram em outra direção, sempre uma forma de se entregar. Ela certamente havia estado em Cannes, o que seria fácil de verificar, e ela também sabia que eles confirmariam a história do voo de Paris. Então por que contar algumas mentiras pequenas e inconseqüentes? Ele sabia que a locadora de automóveis não daria em nada, mas queria desestabilizá-la o máximo possível para ver o que ela deixaria escapar.

Tom fitou Laura e conseguiu captar apenas um vislumbre da pessoa das fotos tiradas ao longo de todos aqueles anos. Pela primeira vez, notou os olhos dela.

No dia anterior, estavam vermelhos de tanto chorar, e quando ela foi identificar o corpo estava usando óculos levemente escurecidos e nem um pouco atraentes. Por acaso ou de propósito, eles haviam conseguido obscurecer parcialmente o que ele julgava ser sua melhor característica. Seus olhos eram de um cinza adorável,

bem grandes. Ele suspeitou de que fossem do tipo que muda de tom de acordo com a cor da roupa que ela usasse, ou com seu estado de espírito.

— Laura, sinto muito incomodá-la novamente, mas precisamos fazei um interrogatório formal.

Tudo bem?

— É claro — respondeu ela.

Tom ainda sentia um resquício de hostilidade, e não era aquele clima que ele queria. Teria que ir com calma.

— Se não for muito doloroso, pode, por favor, me dizer quando foi a última vez que falou com seu marido?

—- Sim. Telefonei para ele na quinta-feira de manhã para confirmar que eu pretendia voltar no sábado e estava prestes a reservar o voo. Elè estava no escritório, e Rosie atendeu.

— Você não falou com ele de novo no intervalo entre essa ligação e sua saída da casa na Itália?

— Tentei telefonar no sábado, só para avisar a hora que eu chegaria em casa. Liguei para cá, porque era para Alexa vir passar o fim de semana. Mas ninguém atendeu, então deixei uma mensagem.

— E essa ligação foi de sua casa na Itália?

Laura confirmou com a cabeça. Tom não precisava nem dizer a Becky que deveria conseguir os registros telefônicos, embora ela já tivesse tido uma experiência anterior com a Telecom Itália e certamente não gostasse da ideia de precisar deles de novo.

— Sabe se a mensagem ainda está em seu telefone?

— Eu não apaguei. Não estou atendendo o telefone... Imogen está filtrando as ligações. Mas acho que ela não apagaria nada sem falar comigo, então ainda deve estar lá.

— Certo = disse Tom. — Talvez possamos verificar mais tarde. Teremos que olhar a agenda e o computador de seu marido também, se não houver problema.

Laura sorriu.

— Fiquem à vontade, mas terão problemas com o computador porque está protegido por senha.

Tentei usar na semana passada para reservar um voo quando meu laptop estava com defeito, mas não consegui.

Becky levantou os olhos do bloco de anotações.

— Você não pediu a senha ao seu marido?

A risada de Laura não foi de diversão.

— Hugo não me daria a senha de seu computador de jeito nenhum. Ele era um homem muito reservado e acreditava que todos têm direito a ter segredos.

Tom sabia que estava forçando a barra, mas Laura havia aberto uma pequena porta, oferecendo um vislumbre do relacionamento dos dois.

— Você concordava?

Laura deu de ombros.

— Cada um é cada um, Tom. Ele tinha muitas qualidades, como você deve saber, então será fácil perdoá-lo pelas pequenas coisas. E ele mal usava o computador. Acho que só sabia ligar e desligar.

Tom olhou para ela com ponderação. Estava longe de entender o relacionamento de Sir Hugo e Lady Fletcher.

— Vamos trazer um especialista em computação, se não tiver problema. Becky,

pode ver isso assim que terminarmos, por favor?

Virando-se novamente para Laura, Tom perguntou:

— Você usa o apartamento da Egerton Crescent, Laura?

Ele tinha certeza de que sabia a resposta. O fato de não haver itens pessoais femininos indicava que ela não ficava lá por longos períodos. Mas ao mesmo tempo suas digitais precisavam ser explicadas.

— Eu não fico lá há anos. Às vezes eu dava uma passada quando estava em Londres, subia para a sala de visitas ou para a cozinha. Mas não passo uma noite lá há uns seis anos.

— Não era conveniente ficar lá quando ia a Londres, para o teatro ou um dos compromissos da fundação?

— Eu não vou aos compromissos da fundação há um bom tempo. Hugo achava que deviam ser um pouco tediosos para mim, e com sua agenda agitada não tínhamos muitas oportunidades de ir ao teatro.

“Mas você costumava ir aos jantares da fundação”, pensou Tom. Ele havia visto as fotos. O que tinha mudado?

— Quando esteve lá pela última vez? — indagou ele.

— Passei lá na semana passada, antes de ir para a Itália. Hugo precisava de um blazer, e eu disse que levaria para ele. Pendurei no guarda-roupa do quarto. Se está procurando impressões digitais, acho que não toquei em mais nada lá. Mas usei o banheiro. Depois fui até a cozinha, preparei uma xícara de chá e levei para a sala de estar.

Aquilo explicava todas as digitais que eles haviam encontrado, particularmente as do quarto, que pareciam um pouco estranhas por estarem apenas em uma área. Não havia motivos para insistir nessa linha, então ele seguiu adiante.

— O que pode me dizer a respeito dos guarda-costas? Sei que seu marido utilizava os serviços de uma agência de segurança, mas parecia lançar mão deles apenas de forma esporádica. Verificamos com a agência, e ele os dispensou no fim de semana.

— Hugo pretendia ficar em casa com Alexa no fim de semana. A casa tem boa segurança, e dificilmente ele sairia. Não tenho ideia do motivo de ele ter ido parar na cidade. Para ser sincera, ele só vem usando guarda-costas há alguns anos, e em parte para aparecer, tentar demonstrar que sua fundação o colocava em perigo. Acho que ele pensava que, com isso, pareceria mais importante. —

Laura fez uma pausa.

Tom não deixou passar o tom levemente sarcástico. Teve uma visão de Laura zombando um pouco de Hugo no passado, e, dados os acontecimentos dos últimos dias, arrependendo-se disso.

Mas ele podia estar simplesmente atribuindo o tom mordaz de sua ex-mulher a Laura, que talvez tratasse os pontos fracos de seu marido com mais simpatia.

De qualquer modo, Tom não queria mudar de assunto.

— Se ele estava realmente acabando com os negócios desses caras, e estou falando dos cafetões, eles não seriam extremamente hostis? Sempre o considerei uma pessoa que corria riscos.

Laura deu um sorriso lastimoso.

— Sinto muito. Meu ceticismo, pensando bem, parece ridículo. É claro que Hugo corria riscos, e era muito corajoso da parte dele. É que às vezes parecia que estávamos vivendo em um filme de Hollywood. Ele tendia a usar os guarda-costas quando ia a eventos que renderiam muita publicidade.

Esses momentos eram tidos como os mais ameaçadores.

Nesse instante, Imogen abriu a porta sem cerimônia e entrou com uma bandeja de chá, café e biscoitos. Tom decidiu que seria um bom momento para interromper o interrogatório.

— Antes de servir as bebidas, acha que poderíamos escutar a mensagem no telefone, por favor?

É apenas rotina, mas vai nos ajudar a confirmar a data, o horário, etc.

— E claro. Vou mostrar onde fica o telefone.

Deixando Imogen servindo chá e café para todos, eles caminharam pelo corredor austero e atravessaram uma porta em frente à sala de estar.

— É o escritório de Hugo. Era seu domínio particular, eu raramente entrava aqui. Fiquem à vontade para olhar tudo o que quiserem. Acho que os arquivos estão trancados e receio não saber onde estão as chaves, mas podem procurar por elas, ou arrombar os armários, se quiserem. Tentem o computador, se desejarem; talvez tenham mais sorte do que eu.

— Ela apontou para o telefone. — Fiquem à vontade.

Tom olhou para a luz de mensagem, depois voltou-se para Laura.

— Aqui diz: quatro mensagens. Posso ouvir todas elas?

Laura ficou um pouco surpresa com a informação, mas nem um pouco preocupada, e simplesmente concordou. Tom apertou o botão, verificando primeiro se o horário do aparelho estava correto. A menos que estivesse com algum problema, o horário das mensagens seria preciso.

A primeira mensagem era de Laura, no sábado, exatamente como havia dito.

“Hugo, querido, sou eu. Achei que estaria em casa hoje de manhã. Alexa está indo para aí, não está? Pode dizer a ela que meu voo é à tarde, mas ela ainda deve estar acordada quando eu chegar.

Estou ansiosa para encontrar vocês dois hoje à noite. Devo chegar j>elas oito da noite. Espero que esteja tudo bem. Logo mais estou indo para o aeroporto, então nem precisa me ligar. Consegui colher as azeitonas, então podemos esperar por muito azeite delicioso. Amo você.”

Tom notou que a mensagem foi deixada pouco depois do meio-dia e se deu conta de que, quando Laura fez a ligação, Hugo já estava morto.

— Azeitonas? —perguntou ele, achando que ouvir o telefonema poderia ter deixado Laura chateada. Ele queria aliviar o clima.

Sim, temos umas vinte oliveiras. Não é muito, mas eu acho terapêutico colher azeitonas.

Terminei na sexta-feira à tarde. Ah, minha nossa, esqueci de pedir para virem buscá-las de manhã para a prensagem. Vão estragar se eu não me lembrar!

Como nunca havia colhido azeitonas na vida, Tom não conseguia imaginar que isso pudesse ser um passatempo agradável, uma vez que o sol certamente ainda brilhava na região central da Itália.

Mas achava que alguns litros de azeite não importavam nas atuais circunstâncias.

Ainda havia três mensagens, e embora já tivesse escutado a que mais lhe interessava, decidiu ouvir as outras. A voz de uma menina saiu pelo alto-falante.

“Pai, estou muito chateada com você. Por que cancelou nosso fim de semana? Eu estava muito ansiosa por ele, e você prometeu que poderíamos conversar sobre a compra de um novo pônei. **E** disse que teríamos um momento especial antes de Laura voltar. Pode me ligar assim que ouvir esse recado, por favor? Estou muito brava, e você terá que se esforçar para me compensar.”

Tom reconheceu o poder de barganha de uma filha decepcionada com o pai, mas olhou para Laura para confirmar.

— Alexa? — indagou.

Laura fez que sim com a cabeça.

— Você sabia que ele tinha cancelado o fim de semana com a filha?

Laura deu de ombros.

— Não tinha ideia. Como ouviu, eu esperava que ela estivesse aqui.

Assim que Tom apertou o botão para a mensagem seguinte, deu-se conta de que Laura havia perdido o interesse e estava agora de costas para a sala, olhando para o clima frio e triste de outubro.

“Sir Hugo? Aqui é Peter Gregson. Peço desculpas por ligar para sua casa; sei que não devo fazer isso. É Danika. Conhece Danika Bojin? Está desaparecida. Ela me disse no início da semana que tentaria falar com o senhor. Queria conversar sobre alguma coisa, mas não quis me dizer o quê.

Disse que deveria falar apenas com o senhor. E depois desapareceu. Sumiu há alguns dias, e estamos preocupados. Pode me ligar, por favor? Alguma coisa obviamente a chateou."

O Sr. Gregson deixou um número de telefone e desligou.

Tom sentiu uma onda de agitação e se virou para Laura, ainda de costas para a sala.

— Laura?

Sem se virar, ela respondeu em voz baixa:

— Deve ser uma das garotas resgatadas. Sinto muito, realmente não sei nada a respeito delas.

Vocês terão que verificar com o escritório.

Tom anotou o número. Poderia ser a ex-prostituta desaparecida sobre a qual especulavam pela manhã? O momento era perfeito, e assim que ele terminasse ali, pediria para alguém acompanhar o

caso.

Ele apertou o botão para ouvir a última mensagem, mas não estava preparado para a explosão de som que veio do outro lado.

"Hugo, seu *cretino.* Recebi a carta dos seus advogados explicando seu truque. Você é um *cretino* miserável, e não pense que eu não sei como me vingar de você. Já comprou meu silêncio uma vez, mas o preço subiu. E se ousar ameaçar me cortar novamente do testamento, vou garantir que esteja morto antes de passar pelo portão de casa. E não pense que eu não faria isso, pode ter certeza que sim. *Cretino."* O telefone foi batido.

Sem nenhuma dúvida de que se tratava da ex-esposa de Hugo, Tom olhou para Laura.

Ainda de costas para ele, ela falou em voz baixa.

— Desculpe, mas me daria licença? Não estou me sentindo muito bem.

12.

— Merda, merda, *merda!*

Laura ficou andando de um lado para o outro do quarto, com as mãos na cabeça. Imogen permaneceu perto da porta, como se estivesse de guarda.

— Eu devia ter percebido. Eu devia saber. Minha nossa, eu sou tão burra.

— Calma, Laura, e fale baixo ou eles vão escutar. A culpa não é sua. Você não podia fazer nada na época, e é tarde demais para qualquer coisa agora.

— Não seja burra, Imo. Eu não fiz o bastante, fiz? Eu tentei. Deus sabe que eu tentei. Mas era como falar com as paredes. O som é bloqueado, e ninguém ouve, por mais que você tente. Eu só achei que agora...

— Sim, eu sei o que você achou, mas ficou claro que estava errada. Veja bem, você fez o que pôde.

— E se eu não contar a eles? O que acontece? Com o que mais terei que conviver pelo resto da vida?

Laura se sentou pesadamente na beirada da cama. Que confusão.

— O que exatamente você acha que pode contar a eles? — insistiu Imogen, — Você não sabe nada. Essa não deveria ser nossa pequena aventura? E tendo em vista o que aconteceu desde então, só posso presumir que você ainda não sabe nada, então o que, precisamente, vai dizer?

— Eu não sei. Mas minha consciência me diz que eu deveria fazer alguma coisa.

Imogen subiu na cama e se ajoelhou, pegando nas mãos de Laura.

— Olha só: Hugo está morto. Sinto muito, mas é um fato. Ele está morto. Nada que diga ou faça pode fazer diferença. E Alexa? Achei que queria protegê-la.

— É claro que quero. Mas preciso pensar. A lógica diz que nada que eu fale ou faça pode fazer diferença. O que está feito está feito. Mas emocionalmente sinto uma obrigação com outras pessoas, não só comigo. Ah, Imo. Se você soubesse. Eu devia ter te contado tudo desde o início. Eu sinto tanto.

*** * * ***

Depois de cinco minutos, Imogen ficou feliz ao ver que Laura havia se acalmado. Ainda bem que ela estava lá, pensou. De outro modo, a merda teria realmente sido jogada no ventilador. Ela desejava do fundo do coração que Will também estivesse ali, embora não soubesse o que ele pensaria da situação.

Alguém bateu de leve na porta do quarto de Laura, para onde ela havia arrastado Imogen depois de ouvir a mensagem inesperada. Imogen se levantou para abrir e encontrou Becky do lado de fora.

— Como ela está? — perguntou Becky, claramente preocupada.

— Ela está bem agora. As últimas 24 horas foram muito difíceis. Acho que de vez em quando se torna ainda pior.

Becky parecia sentir muito.

— Desculpe, mas temos que fazer mais umas perguntas a ela, e são perguntas muito delicadas.

— Está tudo bem, Becky — gritou Laura por trás de Imogen. — Eu já estou bem. Vamos acabar com isso.

Laura apareceu na porta do quarto e simplesmente acenou com a cabeça para o alto das escadas.

— Gostaria que Imogen estivesse comigo, se for possível — pediu.

— Eu estava me sentindo bem, mas estou um pouco trêmula agora e o apoio seria útil, se isso

não for um problema para vocês.

— Tudo bem. Posso pegar algo para você antes de recomeçarmos? Laura fez uma pausa, como se alguma coisa de repente tivesse lhe ocorrido.

— Não preciso de nada, obrigada, Becky, mas preciso verificar se Alexa está bem. Imogen, antes de se juntar a nós, acha que consegue encontrar Hannah, por favor? Talvez ela já tenha voltado da caminhada, e creio que devia convencer

Alexa a tomar um banho quando acordar, e depois talvez ela possa assistir a um DVD na sala. Diga que eu vou ficar com ela assim que possível. Preciso mesmo passar mais tempo com Alexa.

Ela se virou para Becky.

— Vocês devem querer falar com Alexa, não? Esqueci de mencionar que ela apareceu aqui mais cedo.

— Acho que no momento não. Mas seria útil saber se o pai retornou a ligação dela no sábado.

E, caso tenha telefonado, se disse que ia se encontrar com alguém, ou o motivo de ter cancelado o fim de semana. Talvez eu possa ir com a Sra. Kennedy enquanto você conversa com Tom na sala de estar?

Imogen não gostava muito da ideia de ficarem separadas. Ela não tinha ideia do que Laura podia dizer. Precisava resolver as coisas com Alexa e Hannah o mais rápido possível.

*** * * ***

Tom ergueu os olhos quando Laura voltou e ficou satisfeito ao ver que ela estava um pouco menos pálida.

— Obrigado por nos deixar escutar todas as mensagens, Laura. Sinto muito se a ligação da ex-esposa do seu marido a deixou aborrecida. Ela pareceu mesmo muito irritada. Conversarei com ela assim que terminarmos aqui. Para constar, acha que a ex-Sra. Fletcher pode estar envolvida de alguma forma na morte de seu marido?

— Realmente não sei a resposta para essa pergunta. Ela era muito exigente e tendia a usar Alexa como instrumento de barganha, mas eu sinceramente não sei se seria capaz de matá-lo.

Tom teve uma forte sensação de que ela estava tentando fugir da pergunta, mas deixou passar.

— Quando estávamos no escritório, encontramos a agenda de mesa de seu marido. Sabemos que ele também tinha uma no trabalho. Sabe como elas são

atualizadas?

— Ele costumava trazer a agenda de mesa do trabalho uma vez por semana para atualizar a daqui. Rosie queria que ele tivesse uma solução eletrônica para isso, mas Hugo gostava de agendas de mesa com capa de couro; quanto maior, melhor. Tinha que haver uma aqui, para eu saber onde ele estava. Não funcionaria se ele mantivesse tudo em um Blackberry.

— Estamos com a agenda do trabalho. Você se importa se levarmos essa também, para podermos compará-las?

Laura concordou.

— Mais uma questão doméstica: sabemos que ele tinha um telefone celular, mas ninguém conseguiu encontrá-lo. Tem alguma ideia de onde pode estar?

— O celular estava sempre com ele. Talvez tenha perdido. — Laura deu de ombros.

Tom perguntou a si mesmo: se Hugo sempre estava com seu telefone celular, por que Laura havia optado por ligar para o número fixo e deixar um recado? Mas Imogen e Becky escolheram aquele exato momento para retornar à sala. Tom ficou um pouco decepcionado. Achou que Laura poderia se abrir mais se continuasse cara a cara com ele, mas mesmo se mandasse Becky sair para executar alguma tarefa, tinha certeza de que Imogen não iria sair dali.

— Tom, Alexa disse que o pai não retornou sua ligação no sábado, então não pode ajudar.

Tom fez um sinal positivo, depois inclinou levemente a cabeça. Era a deixa para Becky assumir o

interrogatório.

— A próxima parte dessa conversa pode ser difícil para você, Laura. Tom já contou que acreditamos que o assassino é uma mulher, e que a morte pode ter uma motivação sexual. O que não dissemos é que seu marido foi encontrado em uma posição que sugeria que o ato sexual estava prestes a acontecer ou já tinha acontecido. Precisamos saber se acredita que ele estivesse tendo um caso, mesmo que não saiba com quem.

Tom ficou observando Laura enquanto Becky falava. Embora tivessem perguntado sobre outra mulher antes, nunca haviam deixado tão claro que Hugo, de fato, fora pego com as calças na mão.

Ou melhor, sem elas. Mas Laura não parecia sentir nada. Mesmo que a infidelidade não tivesse o poder de magoá-la, ele esperava que houvesse certa raiva pela humilhação diante daquilo tudo.

— Sinto muito. Sinceramente, não sei se Hugo estava tendo um caso.

— Posso imaginar como está se sentindo — afirmou Becky. — Mas mesmo se tivesse a mínima suspeita, seria muito útil para nós.

Laura parecia cerrar os dentes, preparando-se para o que teria que dizer em seguida.

— Sei que vocês dois sabem que passei um tempo considerável dos últimos anos em uma casa de saúde. Hugo escondeu de praticamente todo mundo, até que alguém teve a sorte de conseguir uma foto, mas, em uma ocasião, fiquei lá por quase dois anos. Talvez durante esse período Hugo tenha arranjado outra mulher. Quem pode culpá-lo?

O rosto de Becky era a imagem mal disfarçada da indignação por Laura considerar aquilo compreensível.

— Posso perguntar se notou alguma mudança no comportamento dele com você? A maioria das mulheres acredita saber quando o marido está tendo um caso.

Por outro lado, Tom pensou com melancolia, a maioria dos homens não faz a mínima ideia.

Antes de Laura responder, Imogen se intrometeu.

— Desculpe, mas é uma pergunta muito idiota. Ela estava dopada e mal conseguia saber com quem estava falando. Não sei como teria reconhecido alguma mudança em Hugo.

Tom olhou com ponderação para Imogen.

— E como, exatamente, sabe que ela estava dopada, Sra. Kennedy, se nunca a via?

Inesperadamente, a resposta veio da porta.

— Ela sabe porque eu contei.

Uma mulher alta e corpulenta, por volta dos 60 anos, estava na sala, usando calças pretas elegantes e uma jaqueta, cor de caramelo.

Tom observou com interesse quando Imogen pulou da cadeira e foi abraçar a recém-chegada.

Ele imaginou que se tratasse da mãe de Laura e notou que, diferentemente da conversa que teve antes com Imogen, estava claro que nem todos os membros da família haviam sido obrigados a tomar partido com o divórcio.

Laura simplesmente olhou para a mãe de onde estava sentada e deu um sorriso aguado.

— Obrigada por ter vindo, mãe, mas não precisava.

A mãe de Laura foi para perto da cadeira da filha, apertou de leve seus ombros e deu um beijo em sua cabeça.

— Laura, meu amor, é claro que eu precisava vir. Fico feliz por não ter viajado para ficar com Will. Como está lidando com tudo isso?

Tom interceptou um olhar entre Imogen e a mãe de Laura. Imogen simplesmente balançou a cabeça, e Laura não reagiu. Ele se levantou e estendeu a mão.

— Sou o inspetor-chefe Tom Douglas, e minha colega é a sargento Becky Robinson. Estou conduzindo a investigação do assassinato do seu genro. Sinto muito por nos conhecermos em circunstâncias tão difíceis.

Ela tirou a luva de couro e apertou a mão dele com firmeza.

— Sou Stella Kennedy. Desculpe por aparecer sem avisar, mas Alexa viu pela janela quando

cheguei e abriu a porta. Pobrezinha, ela está péssima.

— Realmente não a esperávamos tão cedo, mãe — disse Laura. —-Faz umas três horas que falou com Imo. Como chegou tão rápido?

Stella parecia muito satisfeita consigo mesma.

— Posso estar aposentada, mas seu irmão insistiu em me arrastar para o século XXI e me deu um telefone celular. Quando liguei, estava no trem.

— Então tome uma xícara de chá — sugeriu Imogen. —- Para descansar os pés. Vou providenciar.

Tom estava começando a se perguntar se conseguiria retomar o interrogatório sem ser grosseiro quando Stella lhe poupou do problema.

— Na verdade, também queria comer alguma coisa. Não havia comida no trem, talvez por ser domingo. Se Laura não se importar, vou fazer um sanduíche. Estou sentada há horas, e acho que é melhor você ficar aqui enquanto a polícia termina de fazer as perguntas, Vou fazer alguns e colocá-

los em uma bandeja, caso mais alguém fique com fome. Importa-se de eu me servir, Laura?

Tom olhou de maneira pungente para Laura enquanto ela respondia à mãe. Ele podia ter passado sem essa interrupção, e Laura começava a parecer sobrecarregada. E ele havia perdido o fio da meada.

Quando Stella saiu da sala. Tom olhou para Becky e viu que ela o compreendeu imediatamente.

— Vou ajudar; assim posso ser útil — ofereceu ela.

Tom voltou a se concentrar nas duas mulheres que estavam diante dele. Imogen havia se sentado ao lado de Laura, e elas pareciam estar tirando força uma da outra, pois suas mãos se tocaram rapidamente, de forma quase imperceptível.

— Acho que já estabelecemos que você não sabia que seu marido estava tendo um caso. Mas eu gostaria que pensasse um pouco nisso e entrasse em contato caso se lembre de alguma mulher com quem ele pudesse estar envolvido.

Tom parou por um instante, considerando as palavras seguintes e como as colocaria.

— Voltando rapidamente às agendas, Laura. Ainda não tivemos oportunidade de compará-las em detalhes, mas quando Becky falou com Rosie hoje de manhã, ela nos disse que Hugo marcava algumas datas com as letras LMF a lápis. Não encontramos nenhum registro dessas iniciais na versão da agenda encontrada aqui na casa. Pode nos dar alguma luz quanto a isso?

Laura falou com o que parecia uma leve exasperação.

— Tom, eu não analisava muito a agenda do meu marido, apenas quando queria falar com ele.

Eu tinha que verificar a agenda para ver se era possível interrompê-lo ou não.

— O que quer dizer com “interrompê-lo”?

— Quando ele estava em um evento ou passava a noite fora, preferia que eu não entrasse em contato. Distração demais, ele dizia.

— Nem às três da manhã, se quisesse falar com ele?

Laura deu um leve sorriso que não tinha nada de diversão.

— Se eu telefonasse para o meu marido a qualquer momento depois da meia-noite, ele não acharia nada divertido.

— Tem alguma ideia do que podem significar as iniciais LMF? — perguntou Tom novamente.

Laura olhou diretamente nos olhos dele.

— Sinto muito, mas não tenho a mínima ideia.

Tom teve certeza de que ela estava dizendo a verdade. E teve a mesma certeza de que aquelas iniciais não eram novidade para ela.

*** * * ***

Becky estava tendo muito mais sorte para tirar informações de Stella Kennedy

na cozinha, mas só o tempo diria se seriam úteis, por mais interessantes que fossem.

— Sra. Kennedy, sei que deve ser um momento muito difícil, mas facilita muito quando conseguimos um bom histórico sobre a vítima de um assassinato, então tudo o que puder nos dizer sobre Hugo seria extremamente útil.

— Pode me chamar de Stella. Não sou muito de cerimônia. Para dizer a verdade, o momento não está sendo tão difícil para mim, embora eu possa ver que está sendo para Laura. — Stella fez uma pausa e enrugou o nariz com um olhar de leve desgosto. —- Vou ser direta porque não ia demorar muito até você perceber sozinha: eu não gostava do Hugo. Desde que o conheci, no dia do casamento, achei que não era o homem certo para ela.

Stella puxou o pão em sua direção e começou a fatiá-lo.

— Laura sabia que você não gostava dele?

— Infelizmente, cometi o grave erro de dizer o que eu achava, e provavelmente prejudiquei meu relacionamento com ela de maneira irreparável. Desde o início, notei que alguma coisa não estava certa, mas minha sondagem simplesmente fez com que ela se fechasse. Tentei novamente depois que já estavam casados há alguns anos. Ela havia mudado tanto, estava partindo meu coração. Achei que pudesse usar minhas próprias experiências como um modo de me aproximar, falando do meu casamento com o pai dela.

Stella estava de cabeça baixa, concentrada no pão, mas Becky notou pelo tom de voz que ela parecia muito triste com tudo aquilo.

— Laura sabia da infidelidade do pai — continuou Stella. — Não era nenhum grande segredo.

Mas ela não havia se dado conta de que eu tinha perdido todo o respeito por ele. Achei que falar sobre minhas próprias infelicidades faria com que fosse mais fácil para ela falar sobre seus problemas, mas isso também foi um erro. Os filhos merecem pensar que seus pais foram felizes, eu suponho. Criei uma barreira que nunca mais consegui romper completamente. — Stella balançou a cabeça com tristeza. — Ele já morreu, é claro. O pai de Laura faleceu alguns anos depois que ela se casou. Fico feliz por ele não estar aqui agora. Apesar de todos os defeitos, era um pai amoroso, e ver Laura desse jeito nos últimos quatro ou cinco anos o

teria matado se seu coração já não tivesse cedido.

Satisfeita por ter tirado Stella do caminho da auto recriminação e da reflexão, Becky fez referência a uma observação anterior.

— Você disse que só conheceu Hugo no dia do casamento. Não é um pouco incomum?

Stella riu sem dar sinais de que achava graça. Ela meneou a cabeça e começou a passar manteiga na grande pilha de pão que havia fatiado.

— Ah, nós tentamos. Nós nos oferecemos para ir a Londres; convidamos Hugo para ficar em nossa casa em Manchester; dissemos que ficaríamos felizes em ir até Oxford e nos encontrarmos no meio do caminho, o que ele preferisse. Mas recebemos uma desculpa atrás da outra. Laura estava claramente apaixonada, mas achei tudo um pouco estranho. Você sabia que ela nem conheceu essa casa antes de se casar? Hugo organizou o casamento todo "como uma surpresa" para ela. Ela estava linda. Na minha opinião, parecia uma princesa. Ele era um homem de sorte, mas tenho fortes suspeitas de que achava que a sortuda era ela. Acho que Hugo se considerava um ótimo partido. Era um homem arrogante e cheio de pompa.

"Minha nossa", pensou Becky. Ela realmente não gostava do genro.

Enquanto organizava as xícaras, leite, açúcar e toda a parafernália necessária para servir chá e café, Becky deixou Stella falar sobre o casamento, suas impressões sobre o novo lar de Laura e uma série de coisas de que não gostava em Hugo. Mas nada daquilo dizia algo a respeito do relacionamento de Laura com o marido.

— Você disse que ela mudou. Mas acha que, a seu modo, ela era feliz com o marido?

— Sinceramente? Não. Nem um pouco, embora ela não admita. Laura não aceita muito bem a

derrota. Nunca aceitou. Quando ela quer ser bem-sucedida em alguma coisa, ela vai tentar até conseguir. Quando estava feliz, era esfuziante. Ainda era como uma menina em muitos sentidos; o entusiasmo transbordava por todos os poros.

Stella se virou para Becky enquanto falava, com um sorriso de mãe amorosa e orgulhosa iluminando o rosto. Era difícil associar essa imagem de Laura à pessoa sentada na sala. O sorriso de Stella desapareceu quando continuou.

— Mesmo antes de se casarem, notei que ela estava tentando mudar, conter seus impulsos naturais. Eu ainda não conhecia Hugo, então não sabia se podia atribuir tudo ao nervosismo pré-

casamento ou se tinha alguma coisa a ver com trabalho. Assim que coloquei os olhos nele enquanto aguardava no altar, tive certeza de que era o responsável. Mas o que eu podia fazer? Levantar na igreja quando dizem aquela parte “se alguém tiver algo contra esse casamento...”, ou seja lá o que for, e dizer que não ia com a cara dele?

Stella fatiava queijo de maneira um tanto quanto agressiva, como se estivesse atacando parte da anatomia de Hugo com a faca afiada. Estava a todo vapor, e Becky a deixou continuar. O chá estava pronto, mas ela o jogou fora discretamente para preparar outro.

— Também não achei os votos dele grande coisa. Tagarelou sobre sua maravilhosa mãe e disse que Alexa era o amor de sua vida. Todos nós sentimos isso em relação aos filhos, mas no dia do casamento... veja só! Ele mal mencionou Laura. Bem, eles saíram de lua de mel e sei que ela estava bastante satisfeita com o destino que ele havia escolhido. Quando voltaram, resolvi vir ver como ela estava. Vamos dizer a verdade, o casamento não é só romance, e às vezes as pessoas demoram um pouco para se adaptar. Ela parecia um pouco desanimada, e eu achei que pudesse estar precisando de um pouco de apoio, já que não tinha mais seus colegas de trabalho.

Stella levantou os olhos do queijo e balançou a faca no ar para pontuar seus pensamentos.

— Ainda teve isso: ele a fez desistir do trabalho. Era inconcebível que a esposa de um homem tão importante trabalhasse. Fiquei muito chocada quando a vi. Ela tinha perdido peso; não muito, mas ela é minha filha e eu percebi que estava mais magra. Seu sorriso parecia forçado, e ela tinha círculos escuros sob os olhos. Perguntei o que estava acontecendo. E claro que ela disse que não era nada. Eles tinham passado férias incríveis e agora era hora de voltar para a vida cotidiana. Depois ela disse algo que me pareceu um pouco estranho.

Stella baixou a faca e se apoiou na bancada com os braços cruzados.

— Perguntei se ela tinha alguma fotografia. Ela disse: “Sim, é claro. Vou pegar. Acho que deixei no meu quarto.” Agora, realisticamente, o uso da palavra “meu” em vez de “nosso” poderia ter sido apenas um lapso, mas certamente não foi, porque ela ficou um pouco agitada depois de dizer isso.

Perguntei se podia conhecer a casa, porque só tinha visto o andar de baixo no dia do casamento.

Não foi nada sutil, mas receio que eu não seja conhecida por minha finesse. De qualquer modo, ela se recusou. Inventou alguma desculpa sobre não querer que eu visse a casa antes de chamar os decoradores, e eu nunca fui ao andar de cima.

Becky parecia confusa.

— Como faz quando vem passar algum tempo aqui?

— Para ser sincera, não venho muito. Mas nas raras ocasiões em que impus minha presença a eles, fui colocada na casa de hóspedes, do lado de fora. Mas na verdade eu era trancada fora da casa até Hugo decidir que era hora de me deixar entrar novamente todas as manhãs. Senti que alguma coisa não ia bem, então perguntei a Laura diretamente: “Você é feliz com Hugo? Porque notei no casamento que ele não é uma pessoa fácil.” “Do que está falando, mãe?”, foi o que ela me respondeu, irritada. “Ele é um homem maravilhoso, e eu sinto muito se não corresponde aos seus desejos. Talvez fosse melhor não se aproveitar da hospitalidade dele se pensa mal a seu respeito ”

Ela estava na defensiva. Nunca a tinha visto daquele jeito. Então deixei o assunto morrer.

Por mais que quisesse explorar a opinião de Stella sobre Hugo mais a fundo, Becky achou que devia seguir adiante.

— Stella, sei que é difícil para você, mas pode me dizer como Laura foi parar duas vezes em uma casa de saúde?

— Posso dizer o que aconteceu agora mesmo! Hugo a internou, ou “interditou”, como acho que se diz hoje em dia. — Os olhos de Stella ardiam de raiva. Quando ela tinha dito que não gostava muito de Hugo, estava amenizando muito

as coisas. — A primeira vez foi por depressão aguda, e ela ficou lá por dois anos inteiros. Depois, Hugo alegou que ela estava delirando, ou algo assim, e representava perigo para si mesma. Ele sempre conseguia fazer com que as pessoas apoiassem suas alegações. Da segunda vez, foi um chefe de polícia, acredita? Tenho certeza de que Hugo deve ter pedido para trancarem minha filha e jogarem a chave fora, mas ela ficou internada apenas pouco mais de um ano.

Engolindo sua surpresa com a menção a um oficial da polícia, Becky fez a pergunta óbvia:

— Você disse que ele sempre conseguia o apoio das pessoas. Quem foi da primeira vez?

— Um pouco menos impressionante do que o policial, mas igualmente relevante: foi aquela babá horrível da Alexa. O nome dela é Hannah. E Laura disse que ela estava sorrindo com satisfação quando ela foi levada. Talvez tenha pensado que, com Laura fora do caminho, teria uma chance.

13.

— Certo, Laura. Pode relaxar agora. O inspetor elegante já se foi, sua mãe está falando sem parar com a sargento na cozinha e eu vou sair para dar uma volta. Preciso muito tomar um ar fresco. Quer ir comigo?

Laura olhou para Imogen e recusou.

— Obrigada, mas gostaria de ter meia hora de silêncio, se não se importar. Já leu tudo aquilo que te dei?

Imogen deu um sorriso desolado.

— Sim, querida. Já li. E quero ler mais, mas só quando você estiver pronta. Sei que eu disse que queria entender tudo e preencher as lacunas, mas sei também que você está expondo sua alma. Deve ser difícil.

— E sim. Não posso fingir que estou contente por fazer isso, mas sei que devo essas cartas a

.você. Vá fazer sua caminhada enquanto eu penso no assunto.

Laura estava aliviada por passar algum tempo sozinha. Por mais que estivesse começando a gostar de Tom Douglas pelo modo sensível com que a estava tratando, ela se sentia feliz por ele ter ido embora. O inspetor tinha deixado Becky lá para “cuidar” dela, nas palavras dele, mas a sargento ainda estava enfiada na cozinha com Stella. Laura não tinha ideia do que estavam falando, mas devia ser algo significativo, porque ela havia chamado Tom na sala para uma rápida conversa pouco antes de ele ir embora.

Alguém da equipe de Tom finalmente havia conseguido localizar Annabel e insistido que ela fosse para casa ou para a delegacia imediatamente. Em qualquer um dos casos, disseram a ela que o inspetor-chefe Douglas estaria pronto para interrogá-la em uma hora. Annabel havia escolhido a primeira opção, e Tom tinha gentilmente se oferecido para levar Alexa, ainda angustiada, de volta para a mãe, Apesar de Laura não ter tempo para Annabel, e muito menos para as habilidades dela como mãe, sabia que estava distraída demais para dar a Alexa o amor e o consolo de que precisava no momento.

Elas se despediram com lágrimas, muitos abraços e beijos, e Laura prometeu a Alexa que telefonaria todos os dias e combinaria com a mãe da menina para que se encontrassem logo. Mesmo sendo apenas a madrasta de Alexa, ela sabia que Annabel não teria nenhuma dificuldade em entregar a criança a ela. Faria qualquer coisa que liberasse tempo para suas intermináveis compras, tratamentos de beleza e outros passatempos aos quais se entregava com frequência. Se a preocupação de Annabel sobre qualquer mudança no testamento fosse justificada, ela poderia ver algumas dessas atividades serem abreviadas no futuro.

Não que Laura desse a mínima para o que Hugo havia feito com suas riquezas. Tinha coisas muito mais importantes com que se preocupar do que o testamento do marido; como havia feito investimentos criteriosos, ela agora tinha seu próprio dinheiro. Embora não fosse nada parecido com a enorme fortuna que Hugo podia ostentar, certamente era o suficiente para comprar uma boa casa. Ela nunca havia escondido o fato de que juntava dinheiro, mas Hugo considerava a quantia tão insignificante que, quando ela a mencionava, ele fazia algum comentário mordaz sobre aquilo não passar de uns trocados.

No momento, contudo, ela precisava resolver algumas coisas de ordem prática. Todos precisavam de um lugar para dormir. Na noite anterior, Imogen havia cochilado no sofá enquanto Laura tinha passado a noite em uma poltrona,

olhando para o nada na maior parte do tempo. Ela decidiu chamar a Sra. Bennett, a governanta, para arrumar a casa de hóspedes para sua mãe, como de costume. Estava sempre arejada, pois Hannah a usava quando Alexa passava alguns dias com o pai.

Embora Alexa obviamente dormisse na casa, Hugo não queria nem a leal Hannah nos quartos do andar de cima.

Ela também sabia que Imogen não pensaria nem por um segundo em dormir na casa de hóspedes. Ela continha as piores lembranças do mundo para ela, então podia ficar com um quarto da casa. E, é claro, Hugo não estava lá para se opor.

A polícia já havia passado um pente fino no quarto de Hugo, aparentemente procurando pistas sobre sua “outra mulher”, mas não encontrara nada. Tom Douglas não tinha passado batido pelo fato de que Hugo e Laura não compartilhavam o mesmo quarto. Ela dera uma explicação pouco convincente sobre ter mudado de quarto depois que ficou doente.

— Hugo se acostumou a dormir sozinho, e o meu sono quase sempre era agitado, de modo que essa pareceu a melhor solução.

Tom havia apenas assentido, mas seus olhos demonstravam compaixão e um quê de compreensão que ela preferia não ter visto.

Com um suspiro, ela recostou na cadeira. Alguns instantes de paz eram tudo de que precisava.

Não conseguiu impedir que seus pensamentos voltassem aos dias anteriores a seu casamento, quando devia ter percebido que as coisas não seriam como ela esperava. Havia lido a próxima carta a Imogen vezes suficientes para saber que qualquer tolo veria como ela tinha sido ingênua, e Laura não sabia se aguentaria ver a expressão da ex-cunhada quando ela também percebesse.

Só havia uma coisa a fazer. Teria que dar todas as cartas a Imogen agora. Laura não perguntaria quantas ela já tinha lido — não queria ficar tentando avaliar suas reações. Já é difícil suportar a vergonha sozinha. Quando outras pessoas são testemunhas, torna-se insuportável.

14.

AGOSTO DE 1998 — SÓ FALTAM DUAS SEMANAS!

Cara Imogen,

Faz séculos que não escrevo para você. De certo modo, é uma piada, porque eu escrevo essas cartas enormes e depois nunca as envio. Quero contar tudo. Mas não ainda.

Estive muito ocupada nos últimos meses porque de repente me dei conta do quanto tenho que aprender! i4ssim que

"assumimos em público", Hugo me levou algumas vezes para fazer compras. Foi uma experiência e tanto, posso dizer, e confirmou meu medo a respeito da falta de bom gosto. Senti que as mulheres das lojas davam um sorriso falso quando eu escolhia alguma coisa totalmente inapropriada (embora eu não consiga entender por que as peças estão na loja se não são adequadas).

Hugo foi muito gentil. Ele me deixava escolher cores e estilos de que eu gostava, depois falava com as mulheres, que corriam até o estoque e voltavam com algo parecido, mas talvez um pouco mais sofisticado. Isso, é claro, acontecia nas lojas de roupas prontas. Ir aos ateliê de alta-costura era algo totalmente diferente!

Agora tenho um guarda-roupa fabuloso. Então valeu passar por um pouco de constrangimento. Eu aprendo rápido, e não cometerei os mesmos erros novamente. Sair em público com Hugo foi outra revelação. Ele conhece muitas pessoas importantes e famosas, desde atores até políticos. Ele até conversa com o primeiro-ministro usando o primeiro nome! Conhecer esses figurões em alguns dos jantares chiques da fundação provoca ao mesmo tempo empolgação e nervosismo. Tem tanto protocolo envolvido. Eu não tinha ideia de como me dirigir a um integrante não muito importante da família real quando fui colocada ao lado dele em um jantar. Hugo teve que me ajudar em mais de uma ocasião. Desenvolvemos uma espécie de linguagem particular. Se cometo alguma gafe, como colocar o guardanapo no colo antes de o garçom ter a chance de fazer isso por mim, Hugo comprime os lábios e balança a cabeça rapidamente.

Assim que o vejo, observo as outras mulheres para ver como estão fazendo. Realmente achei que ele fosse ficar enfurecido quando uma vez eu (muito discretamente, acho) sentei sobre meu lencinho. Não tinha outro lugar para

colocá-lo! E eu não tinha bolsos nem mangas onde enfiá-lo. E a sopa de pimentão irritava meu nariz e o fazia escorrer. O engraçado é que, em todos esses jantares a que compareci, nunca vi uma única pessoa assoar o nariz! Como pode? Bem, tudo está sendo muito revelador, e eu estou estudando livros de etiqueta e todo o tipo de coisa para Hugo não sentir vergonha de mim.

Mas há uma questão que me incomoda. Sexo — ou a falta dele. Era iníçio de julho quando finalmente assumimos o relacionamento em público, e praticamente logo depois Hugo saiu em uma viagem de arrecadação de fundos. Enquan to ele estava fora, agendei diversos tratamentos especiais para mim. Fiz esfoliações de corpo inteiro, a dolorida depilação, cuidei das unhas dos pés, tudo para deixar meu corpo em perfeitas condições para ele. Também comprei uma linda lingerie nova. Nada muito vulgar. Achei que ele não gostaria, com base nas outras coisas que havia escolhido para mim, apenas sutilmente sensuais.

Mal podia esperar para que ele voltasse — mas, é claro, eu devia ter me dado conta de que ele estaria um pouco cansado durante alguns dias devido à viagem. Quando saímos para jantar, algumas noites depois, sugeri que eu fosse passar a noite com ele em sua casa na Egerton Crescent. Hugo tinha outras ideias.

“Laura, querida, não há nada que eu queira mais.Você sabe o quanto a desejo. Mas acabamos de anunciar à imprensa que estamos juntos. Se for vista saindo da minha casa tão cedo, não acha que poderá ficar com fama de mulher barata?”

Eu não tinha pensado nisso, mas ainda estava preparada para argumentar. “Hugo, todo mundo faz sexo hoje em dia. Ninguém vai pensar nada a respeito1”

Daí ele fez um discurso. “Esse relacionamento é muito mais do que apenas sexo, Laura. Pelo menos é o que eu

espero. Estou muito preocupado com que o foco na atividade sexual diminua a formação de um relacionamento sólido.

Sabemos que somos compatíveis. Podemos não ter feito sexo para valer, mas, ao nosso modo, fizemos amor.”

Que modo foi esse, Hugo? Eu não fiquei sabendo.

Não disse isso, é claro. Não queria brigar.

Mas ele continuou. "Nós nos beijamos com paixão. Nós nos abraçamos e nos tocamos. E maravilhoso. Vamos nos casar em dois meses. Sinto que devemos continuar do jeito que estamos no momento. Aprendendo um sobre o outro.

Entendendo um ao outro. Formando a intensidade do nosso desejo. Imagine o quanto isso nos deixará mais fortes como casal."

Não sei o que pensar. Queria perguntar a você, mas fiquei com vergonha. Não do fato de não transarmos, mas de não saber o que é certo e o que é errado. Eu o desejo tanto. Mas ele fez tudo parecer tão excitante, uma longa sedução.

E quando finalmente ficarmos juntos... bem, não consigo nem pensar! Ele continuou a tentar me convencer, mas eu já estava cedendo.

"As pessoas não costumavam fazer sexo antes do casamento, sabia? Ouvi dizer que os casamentos mais bem-sucedidos são aqueles em que ambas as partes se casam virgens."

Hesitei em apontar que estava claro que aquele não era o caso de nenhum de nós! E não tenho ideia de onde ele leu aquela estatística. É bem capaz de ter inventado isso para usar a seu favor. Mas ainda tem algo admirável em um homem que claramente me deseja, mas está preparado para se conter por respeito a mim. Não tem?

E agora só faltam duas semanas para o nosso casamento, e o corpo do meu futuro marido ainda é um mistério para mim! Assim como, por sinal, a cerimônia do casamento. Outra das surpresas do Hugo. Haverá muitos convidados, disso eu sei. Todo tipo de rosto conhecido, pessoas das fundações, personalidades locais, esse tipo de coisa.

Ele não tem família, agora que a mãe faleceu.Tenho um pouco de pena, na verdade. Hugo parecia muito próximo da mãe, embora ela estivesse acamada há anos. Ele não me deixa ver fotos dela porque diz que ainda não é capaz de lidar com as recordações.

E acho que ele odiava o pai. Eu não entendo, mas talvez ele não consiga perdoá-lo por ter se matado. Não me lembro se te contei isso. Mas deve ter sido difícil para Hugo. É uma pena a irmã dele ter ido embora, porque todo mundo

precisa da família, não é? Não sei o que faria sem a minha. De qualquer modo, ele agora tem Alexa. E a mim, é claro.

Como ele não tem família, sugeriu que limitássemos minha família enorme a um mínimo de convidados. Ele disse que seria estranho ter um monte de gente do meu lado e ninguém do lado dele. Eu entendo (embora minha mãe não esteja tão satisfeita, como já deve ter te contado). Do trabalho, convidei apenas Simon e sua última namorada.

Decidimos que, como eu não poderia convidar todo mundo do escritório, não seria certo ficar escolhendo alguns, então...

só o chefe. E alguns acionistas da empresa. Aparentemente, são sempre úteis Falando em trabalho, vou pedir demissão. Não sei bem como me sinto a esse respeito. Meu emprego me ocupa por muitas horas, principalmente quando o cronograma de filmagem atrasa, algo quase inevitável, de acordo com a minha experiência. Dada a posição de Hugo e tudo mais, nunca nos veríamos se eu continuasse no emprego. E eu nunca poderia garantir que chegaria nos jantares importantes aos quais ele precisa comparecer. Terei muito a fazer cuidando da casa, espero. E espero poder trabalhar como voluntária na fundação. Conversamos sobre isso, mas Hugo acha que é melhor eu me acostumar à nova vida primeiro para depois decidirmos. Ele é sempre tão atencioso. E eu não preciso trabalhar. Dinheiro não é problema, é claro. E quero passar o máximo de tempo possível com Alexa. Preciso conhecê-

la. E quem sabe nessa mesma época do ano que vem, se tivermos sorte, eu tenha mais uma criança para cuidar!

Contudo, manterei minhas ações da empresa. Simon deu a entender que ela logo pode ser vendida para um grupo maior. Se for o caso, ganharei uma boa quantia.

Estou ficando empolgada, nervosa e ansiosa. Não só por causa do "grande dia", mas será que estou à altura de me tornar esposa de uma figura tão proeminente? Aprendi muita coisa, mas é o suficiente?

Meu vestido de casamento é lindo. Hugo me levou até essa mulher incrível que faz vestidos maravilhosos. Eu falei que ele não podia ver antes do dia do casamento, mas ele disse que era bobagem. Acho que queria ter certeza de que eu não escolheria nada muito decotado. Disse que acha que certas partes do

meu corpo devem ser guardadas para seu deleite pessoal.

Mal posso esperar.

Beijos, com amor,

Laura

15.

SETEMBRO DE 1998

Cara Imogen,

Hoje e o dia seguinte ao meu casamento. E nada é como eu esperava.

Para começar, nem achei que teria tempo para escrever antes da lua de mel acabar. E ela ainda nem começou!

Talvez escrever tudo faça as coisas terem mais sentido.

Sei que o dia do meu casamento amanheceu nublado, mas pelo menos não estava chovendo, e eu estava mais empolgada do que nunca, quase tremendo de tanta tensão e desesperada para ver minha nova casa. E para encontrar Hugo. Eu o amo tanto.

Você se lembra de quando o cortejo de carros parou na estrada principal, em frente ao hotel? Toda a equipe se alinhou para me ver sair de braços dados com meu pai. Não foi adorável? Sinto muito por não ter podido pedir que fosse minha madrinha, Eu queria, mas Hugo achou que uma madrinha mais velha, e ainda por cima casada, seria um pouco estranho. Ele disse que você entenderia. Espero que esteja certo.

A igreja estava absolutamente maravilhosa, não estava? E as flores eram fantásticas.Tudo foi organizado pela

“equipe” de Hugo, como ele diz, então foi uma total surpresa para mim. Fiquei tão preocupada com que ele colocasse lírios na igreja. Eu odeio lírios. O cheiro me deixa enjoada. Não ousei dizer isso a ele, caso já estivesse tudo escolhido.

Mas felizmente tudo estava decorado com rosas cor de marfim e folhas escuras de aspidistra. Hugo estava lindo, não?

Aquele fraque preto e o colete de seda — parecia o herói elegante de um filme romântico.

Eu estava orgulhosa da minha compostura.Você notou que eu não tropecei nas palavras? Não chorei (embora as lágrimas tenham ameaçado escorrer em mais de uma ocasião). Nem minha mãe chorou, mas meu pai chegou perto quando me viu vestida de noiva. Depois partimos para Ashbury Park. Não sei o que pensou quando viu a casa, Imo.

Mas eu estava tão empolgada para vê-la quanto com o casamento. Quando o carro passou pelos portões, eu ainda não conseguia ver a casa. Era quase como se ela estivesse se escondendo de mim. Eu tinha imaginado que seria mais ou menos como o Le Manoir aux Quat'Saisons, o famoso restaurante de Raymond Blanc. Mas eu estava enganada. A entrada estreita parecia ter se rendido completamente aos arbustos altos e às árvores que a ladeavam. Chegava a parecer noite conforme nos aproximávamos. Esperava que o caminho terminasse em uma explosão de luz, mas quando fizemos a curva e eu vi a casa... fico horrorizada ao dizer que senti um tremor de desalento. As enormes árvores balançavam ao vento, seus longos galhos arranhando as janelas do primeiro andar, e os densos arbustos se abriam para um pátio minúsculo, totalmente obscurecido pelas copas acima.Tenho certeza de que a casa é um bom exemplo da arquitetura medieval, com suas paredes de pedra cinzenta e telhado ameado. Mas a pintura é toda preta, e meus olhos foram atraídos para as janelas góticas, que pareciam vazias e sem vida.

Esta casa, a mesma casa onde estou escrevendo essa carta, tem uma severidade hostil quase palpável.Você também sentiu isso?

Eu não sabia o que dizer. Hugo se virou para mim com um ar de posse. "Seu novo lar, Laura. Não é magnífico?"

Fiquei sem fala. Felizmente, Hugo entendeu como algo positivo e murmurou alguma coisa sobre o fato de compreender que eu estivesse intimidada. Nunca na vida pensei que fosse desejar tanto comprar uma motosserra, afinal, cortar parte dessa floresta certamente será uma prioridade. A casa é realmente enorme, você viu! E de dimensões com que nunca sonhei, e a combinação do

tamanho com a austeridade implacável me deixou trêmula e tensa. Mas, sempre otimista, sorri para o meu belo marido. Gosto de dizer isso, apesar de tudo o que aconteceu desde então.

Mas meu otimismo não durou muito. O interior da casa parecia ainda mais perturbador do que o exterior. E

verdade que o amplo saguão tem uma linda escadaria que desce magistralmente pelo lado direito. Devia ser espetacular.

O piso de pedra é realmente lindo (mesmo que um pouco encardido), assim como o imenso tapete Aubusson verde que cobre praticamente toda a área. Mas o lugar parece tão escuro e abandonado... Como algo saído de um filme de terror.

Aquelas paredes sem graça, todas de um bege sujo, e os opressivos retratos dos ancestrais de Hugo! Mas o pior de tudo são as cabeças de veado e as caixas de vidro com animais empalhados. E aquele arminho horroroso! Você viu aquilo?

Fiquei ali parada e olhei em volta. Hugo estava me observando com uma expressão imperscrutável no rosto. Olhei para ele com nervosismo. De algum modo eu soube que, contra todas as probabilidades, ele esperava que eu entrasse em êxtase. Foi quando fiz algo imperdoável. Acho que deve ter sido a tensão do dia. Eu ri.

Recuperei-me rapidamente, mas logo piorei as coisas. "Sinto muito, Hugo. Obviamente é um imóvel incrível e tem um grande potencial. Sei que sua mãe o amava desse jeito, e podemos nos divertir muito transformando isso aqui em uma casa mais com a nossa cara, não é?Vai ser ótimo."

Minha nossa! Eu estava me afundando cada vez mais. Podia senti-lo endurecer.

"Falaremos de suas ideias sobre minha casa depois, Laura", disse ele com frieza. "No momento, precisamos receber os convidados. Espero que o resto da casa e os preparativos que fiz sejam mais aceitáveis para você do que o saguão." Eu me senti castigada. Hugo nunca tinha falado comigo naquele tom de voz. Mas logo concluí que estava sendo ridícula. Ele tinha um gosto tão impecável, não era possível que achasse que o saguão estava em sua melhor forma.

“Querido, tenho certeza de que tudo o que organizou estará absolutamente perfeito. E mal posso esperar para explorar a casa e fazer planos. Será muito divertido, você vai ver.” Achei que se repetisse a parte da “diversão”, geraria algum entusiasmo. Não funcionou.

Foi quando notei meus pais na entrada. Ainda não haviam sido apresentados ao meu noivo adequadamente, então me virei para eles e tentei desesperadamente recuperar o terreno perdido.

“Mãe, pai, entrem. Estávamos falando dessa casa fabulosa. Não vai ser um ótimo lar para a família?Tenho tanta sorte!”

Pela cara da minha mãe, pude ver que estava pensando o mesmo que eu. Continuei falando sem parar, ignorando o choque no rosto dela. “Precisamos encontrar um tempo para vocês conversarem com Hugo e poderem conhecê-lo melhor. Talvez entre o jantar e a festa depois? O que acha, Hugo?”

Hugo não estava prestes a mostrar seu melhor lado para os meus pais e passou uma imagem meio pomposa, receio dizer. O relacionamento entre eles não teve um início promissor.

“É claro que eu ficaria feliz em passar um tempo com seus pais, Laura. Depois do jantar do casamento, como sugeriu. Não haverá festa, no entanto. Faz menos de um ano que minha mãe morreu nessa casa, e uma festa não seria apropriada nessas circunstâncias.”

Fiquei um pouco decepcionada, porque adoro dançar e tenho certeza de que mencionei isso quando falamos sobre os pianos para o casamento. Mas acho que fazia sentido. Um ano de luto é considerado obrigatório.

Bem, o jantar estava absolutamente delicioso, e a galeria estava tão linda com todas aquelas flores que esqueci completamente do horror do saguão. Só conseguia pensar que Hugo havia preparado aquilo para mim.

O dia terminou rápido demais, com todos indo embora educadamente no final do jantar. Esperava que vocês ficassem um pouco mais, mas acho que Hugo deixou bem claro que não era o esperado.Você eWill foram os últimos a sair, e quando você sumiu para procurar sua bolsa,Will me deu um de seus maravilhosos abraços de urso.

Ele não teve muito tempo para conhecer Hugo, então fez uma sugestão. "Podemos nos encontrar em breve? Talvez quando voltar da lua de mel?"

"Sei que vamos pensar em algo. Entraremos em contato."

Sei que a resposta de Hugo pareceu um pouco indiferente, como o final de uma entrevista de emprego, mas sei também que ele não teve a intenção de passar essa ideia.

Bem, nesse momento você chegou por trás de mim e sussurrou que o achava lindo (fico tão feliz que ache isso), recomendando que eu não me comportasse.

Eu não conseguia parar de rir. Fico feliz por finalmente ter conseguido reunir coragem para te contar sobre nosso voto de castidade ontem de manhã. Uma coisa estranha para se dizer bem quando você estava ajeitando meu véu, eu sei, e acho que coloquei de uma maneira mais positiva do que eu realmente sentia — mas mesmo assim, fico feliz por ter contado.

Quando vocês dois foram embora, agarrei o braço de Hugo e disse a ele como estava feliz e como tudo o que ele fez havia sido maravilhoso. Mas ele me respondeu com frieza. "Não fiquei muito satisfeito quando ficou sussurrando com Imogen. Não é educado. Acho que ela não é uma boa influência para você, Laura. E achei sua demonstração de afeto com seu irmão um pouco excessiva." Antes de conseguir responder, ouvi alguém tossir baixo atrás de nós. Era a babá de Alexa, Hannah. Não consigo gostar dela. Parece dissimulada — como uma versão feminina de Uriah Heep. E

ela olha para Hugo como se ele fosse Deus Todo-Poderoso. "Vou para o meu quarto agora, Sir Hugo. Alexa já tomou banho e está pronta para ir para a cama. Ela está na cozinha."

Por mais que eu ame Alexa, não estava esperando por isso. Achei que Hannah já a tivesse levado para casa há tempos. Hugo me explicou, e teve a honra de se desculpar por não ter mencionado o assunto antes. Aparentemente Annabel, a ex-mulher (que já está me irritando), disse que Alexa não poderia ir ao casamento se fosse apenas para passar o dia. Ela não ia organizar sua vida ao redor de Hugo, etc., etc. Então Alexa teria que passar a noite lá.

Nossa lua de mel teria que ser adiada por um dia. Mas não importava. Achei que até podia ser bom, porque se partíssemos logo após a recepção, eu teria que

me trocar, depois teríamos que viajar, e é provável que ficássemos um pouco cansados para a primeira noite. Pelo menos foi o que pensei.

“Não tem problema”, eu disse. “Ela logo vai dormir. Estou ansiosa para ver nosso quarto.Vamos levá-la para cima e depois eu tiro esse vestido enquanto você a coloca na cama?” Eu estava tentando ser provocante, mas não pareceu surtir muito efeito. Hugo olhou para mim. “Vou pegar Alexa e depois mostro o andar de cima a você. Não demoro.”

Quando ele voltou carregando Alexa, não falou comigo — provavelmente preocupado em não acordar sua garotinha — e começou a subir a elegante escadaria. Ergui a longa saia do meu vestido de casamento e o segui, tentando não tremer ao passar por alguns daqueles terríveis animais empalhados. Quando chegamos no alto das escadas, Hugo parou. “Espere aqui um minuto, Laura. Só vou colocar Alexa na cama.” Ele desapareceu por duas portas enormes. Olhei à minha volta enquanto esperava. Retratos escuros e sombrios cobriam as paredes. Para mim, tudo nessa parte da casa lembra morte. Fiquei pensando em como ficaria o andar de baixo quando todos os enfeites do casamento forem retirados, mas não tive muito tempo para pensar, porque Hugo voltou em instantes.

“Por aqui”, foi tudo o que ele disse. Eu estiquei o braço e peguei em sua mão, segurando-a com força enquanto caminhávamos pelo corredor. Ele soltou a mão com cuidado, mas segurou levemente meu cotovelo.

Na terceira porta, ele parou.

“Esse é o seu quarto, Laura. Espero que goste.”

Olhei para o quarto. Pude ver que havia sido recém-decorado com papel de parede com ramos de lavanda, carpete verde-claro e móveis bonitos e leves, incluindo uma chaise longue creme, algo que eu sempre quis. Por uma porta aberta, pude vislumbrar o que pareceu ser um banheiro com ladrilhos modernos. Mas nada disso teve importância quando o impacto das palavras de Hugo me atingiu. Senti um peso em meu peito, como se eu fosse sufocar. “Do que está falando, Hugo? Não quis dizer nosso quarto?”, perguntei, embora estivesse claro que aquele não era, e nunca havia sido, um quarto masculino.

“Prefiro que tenhamos quartos separados, Laura. Acho a ideia de dormir a noite inteira com outra pessoa um pouco desagradável, e não acredito que

dividir o banheiro seja propício para um casamento feliz e ativo.

Pela primeira vez naquele dia, meu otimismo me deixou na mão. Aquele peso no meu peito me sufocava cada vez mais. Estava pressionando minhas costelas, subindo pela garganta, e lágrimas faziam meus olhos arderem. Eu precisava reagir, e pela primeira vez falei exatamente o que eu achava. "Bem, para sua informação, Sir Hugo, eu pessoalmente acho que dividir a cama é uma parte muito importante de um relacionamento próximo e íntimo. Posso te dar privacidade no banheiro, mas quero que a gente divida a cama."

"Nós vamos dividir a cama por algumas horas em algumas noites, é claro. Deve ter notado que essa é a terceira porta no corredor. Entre nossos quartos, tem um outro que podemos compartilhai quando for apropriado."

"E quem, exatamente, decide quando é apropriado? O que acontece se eu quiser fazer amor pela manhã? Pelo visto terei que bater na sua porta e perguntar se quer ir para o "quarto do sexo"?

"Não seja infantil, Laura. O dia foi agitado e cansativo para nós dois, e resolvi que hoje não é um dia adequado.

E temos que pensar em Alexa."

"E onde a Alexa dorme?"

"Ela não vai incomodar você. Eu cuido dela se não dormir direito depois de toda essa agitação. Essa noite, acima de todas as outras, ela precisa se sentir segura. Sugiro que durma um pouco. Amanhã vamos sair em lua de mel. E

então ficaremos a sós."

E ele saiu. De uma hora para a outra. Sem me dar nem um beijo de boa-noite. Dava para ver que estava bravo comigo por alguma coisa, mas não tenho ideia do porquê. Talvez por eu ter menosprezado um pouco a casa. Talvez porque estávamos sussurrando. Realmente não sei. Mas independente do que fosse, fiquei totalmente desolada. Não é uma palavra que costumo usar, mas agora sei exatamente o que significa. Acho que fiquei aturdida. Aturdida demais para fazer qualquer coisa. Não sabia se invadia o quarto dele e exigia que fosse para minha cama, ou se fazia as malas e ia embora daquela casa. Mas não fiz nada.

Tinha esperado tanto e tão pacientemente por essa noite. Mas na verdade, a incrível decepção por uma noite de núpcias fracassada tornou-se insignificante em comparação às implicações a longo prazo das palavras de Hugo. Não vamos dormir juntos? Não vamos dividir a cama todas as noites, ouvindo os sons do sono do outro, sentindo o calor emanando do corpo do outro. Eu não ia poder me virar na cama e encontrar meu marido quando eu não conseguisse dormir, quando tivesse um pesadelo ou dores de estômago e precisasse de uma mão calorosa e reconfortante para espantar a dor.

Eu não tinha me dado conta de que lágrimas corriam pelo meu rosto até ver as reveladoras marcas que elas faziam em meu lindo vestido de noiva. Olhei no espelho de corpo inteiro e vi algo que nunca deveria ser visto. Uma linda noiva completamente desconsolada.

Lentamente, tirei o vestido de noiva e o pendurei com cuidado no guarda-roupa. Rasgá-lo em tiras poderia amenizar minha frustração, mas sabia que me arrependeria depois.

Decidi que me aprontaria para dormir, e talvez Hugo se desse conta de como estava sendo cruel e viesse falar comigo depois. Mas os exuberantes óleos e loções que eu havia comprado com tanta expectativa permaneceram fechados em minha mala. Eu sabia que o delicioso perfume apenas intensificaria minha tristeza. Entrei debaixo dos lençóis, me encolhi o máximo que pude e me enrolei como se fosse uma bola, tentando manter a dor do lado de dentro. E esperei.

*** * * ***

E então acordei sozinha hoje de manhã. Eu tinha dormido um pouco — acho que a exaustão venceu. Mas a tristeza ainda pesava em meu peito.

Eu sabia que meu próximo passo seria crucial. Queria muito que esse casamento desse certo. Tinha que pensar em qual seria a melhor abordagem para conseguir isso. Minha tendência natural seria discutir muito. Dizer a ele o que eu quero. Obrigá-lo a considerar meu ponto de vista.

Talvez seja uma piada. Por que é necessária uma crise para me fazer ver o que está diante do meu nariz há meses? Hugo alguma vez considerou meu ponto de vista? Alguma vez lhe ocorreu por um instante que pudesse estar errado?

Tudo o que ele faz, parece fazer por mim. Mas é só para ele poder permanecer

no controle? Ou ele é a pessoa generosa e atenciosa que sempre pareceu ser, tentando constantemente facilitar minha vida? Ele vai comigo comprar roupas, diz que conhece os melhores lugares e paga a conta. Sempre escolhe os pratos, porque diz que conhece o que cada restaurante faz melhor. Até mesmo organizou o casamento, como um presente especial para mim.

Agora realmente não sei. Quem é ele? Um controlador (como, se não me falha a memória, minha mãe já chegou a sugerir) ou um homem gentil e atencioso? Minha mente estava girando, e eu me sentei na beirada da cama com a cabeça apoiada entre as mãos. Não consegui conter um surto de desespero.

"Minha nossa. Que confusão."

Um pequeno som me alertou para o fato de que eu não estava mais sozinha.

"Está tudo bem, Laura? Com quem está falando?"

Quando afastei as mãos da cabeça, olhei diretamente para o rosto adorável e preocupado de Alexa. Vestida dos pés à cabeça em vários tons de seu cor-de-rosa preferido, as roupas, sem dúvida escolhidas por ela mesma, me fizeram piscar um pouco. Mas nada era capaz de interferir na beleza dessa criança.

"Meu pai mandou chamar você. Disse que já era hora de acordar. Você está bem?", repetiu ela.

Lutando para não deixar as lágrimas escorrerem dos meus olhos, confirmei com a cabeça. "Quer um abraço? Meu pai diz que um abraço sempre ajuda, e ele ama meus abraços."

Estendi os braços e abracei o corpinho de Alexa, desejando do fundo do coração que Hugo me oferecesse um abraço. Esse simples gesto já seria alguma coisa.

"Obrigada, Alexa. Eu estava precisando", eu disse, soltando-a devagar. "Diga ao seu pai que vou tomar um banho e fico pronta em meia hora. Consegue se lembrar disso?"

Alexa me olhou com desdém, como se mensagens de qualquer complexidade fossem fáceis para ela. Depois se aproximou de mim e me deu um beijo no rosto. "Fico feliz por estar aqui, Laura. Gosto de você." Ela sorriu e saiu saltitando

do quarto.

Agora Alexa era mais um elemento em toda aquela confusão. Eu me obriguei a levantar da cama e tomei o banho de chuveiro mais quente que podia aguentar. Precisava racionalizar a situação. Hugo e eu somos muito, muito diferentes. Fomos criados com valores diferentes, e talvez dormir em quartos separados seja a norma para as pessoas no mundo dele.

Eu não posso continuar a achar que meu marido tomou todas as decisões pensando apenas nele próprio. Tenho que reconhecer sua generosidade e sua consideração pelo que, sem dúvida, de fato são. Eu tinha exagerado. Sim, é verdade que as coisas não são do jeito que eu havia imaginado. Agora preciso mudar isso. Tenho que fazer com que ele perceba que não pode dormir sem mim. Mas ele não embarcaria nessa. O único jeito de lidar com Hugo é parecer submissa. Discutir não vai ajudar.Tenho que encontrar formas diferentes para ele perceber o que está perdendo.

*** * * ***

Então aqui estou, no fim do primeiro dia do meu casamento, em teoria descansando antes da viagem dessa noite.

Ainda não sei para onde estamos indo. Outra das surpresas do Hugo, mas ele diz que vou amar. E eu acredito nele.

Depois daquele início terrível, quando tive a sensação de que o fim do mundo estava próximo, estou me sentindo muito mais positiva. Conheci a governanta, a Sra. Bennett, uma mulher idosa e agradável que insiste em me chamar de "madame", apesar de eu ter dito para me chamar de Laura. Hugo disse que posso escolher os funcionários de que preciso, contanto que não morem no local de trabalho. Ele não gosta disso (embora um quarto ou dois não fossem fazer falta). De qualquer modo, eu já disse que quero cozinhar para ele, então não precisamos de um chef. Eu vou amaciá-

lo, só preciso de um tempo.

Houve apenas um momento complicado. Acho que preciso me acostumar a de vez em quando me sentir uma estranha com Hugo e Alexa. Eles têm um ao outro desde o dia em que Alexa nasceu, então não é de se estranhar que possa parecer que estou me intrometendo. Acho que é uma coisa normal de madrasta. Bem,

quando eu desci as escadas de manhã — todos os sinais de lágrimas haviam desaparecido, fico satisfeita em dizer —, encontrei-os na sala. Alexa estava rindo, e o tom baixo da voz de Hugo significava que ele estava dizendo algo para diverti-la. Abri o maior sorriso que consegui.“Papai está me contando uma história boba”, gritou Alexa. “Continua, papai, termina a história.” Fico constantemente surpresa com a capacidade de essa criança falar frases claras, mas Annabel paga para que ela tenha aulas de conversação várias vezes por semana. Provavelmente uma opção mais fácil do que ela mesma conversar com a filha, imagino.

Mas Hugo se recusou a terminar a história, e eu senti que havia interrompido um momento especial.

“Agora não, Alexa. Laura não está interessada na minha história boba.”

“E claro que estou, Hugo. Eu adoraria ouvir.” Eu me virei para ele com um sorriso. Ele não deve saber o quanto me magoou na noite anterior.

“Chega de histórias, Alexa. Agora termine de tomar seu café da manhã, por favor.” Por um instante, minha resolução enfraqueceu, mas Hugo me surpreendeu ao se levantar e, com um sorriso e um leve floreio, puxar uma cadeira para que eu me sentasse. O alivio tomou conta de mim.Tudo vai ficar bem. Eu amo meu marido e tenho certeza de que ele me ama. Só precisamos nos acostumar um com o outro. Sairíamos em poucas horas. E eu estou voltando a ficar empolgada. Estou apenas “descansando” em meu lindo quarto. E ele é mesmo lindo. Hugo

claramente se preocupou muito com ele. Eu queria ver o outro quarto que ele mencionou, que eu ofensivamente chamei de “quarto do sexo”, mas Hugo não estava com a chave, então eu teria que esperar. Talvez no fim da lua de mel, no entanto ele já seja completamente desnecessário, pois já teremos resolvido toda essa confusão.

Com muito amor,

Laura

16.

Tom Douglas estava feliz por ter um pouco de tempo para pensar durante a

viagem até a casa da ex-mulher de Hugo. Ele tentou conversar com Alexa, mas a menina estava muito desolada, e Hannah não falava muito, então ele as deixou em paz, Precisaria falar com Hannah depois do que Stella havia contado a Becky, mas não com Alexa no carro,

No entanto, as observações de Becky em relação a Laura eram interessantes.

— Ela parecia mais preocupada com as malditas azeitonas do que com a possibilidade de o marido estar tendo um caso! — comentara ela em um tom amargo. — Você está sendo muito gentil com ela, mas é como tirar leite de pedra, Tem alguma coisa errada nisso tudo. Eu não sei o que é, mas com certeza tem alguma coisa.

Tom sabia que Becky não compreendia seu *modus operandi*, mas nesse tipo de situação, sempre achava melhor desenvolver uma afinidade com aqueles que interrogava. As pessoas costumavam revelar muito mais do que pretendiam nesse estágio de uma investigação quando não havia um conflito aparente. Tinha sido um pouco mais duro com Imogen por sentir seu desconforto, mas sabia que o álibi dela se confirmaria. Ela era esperta demais para mentir a respeito de algo que poderia ser verificado.

As garotas da fundação já eram outra história. Embora ele não necessariamente compartilhasse da teoria de que todos os policiais têm um “faro53, o dele definitivamente se aguçava sempre que elas eram mencionadas. Ele esperava sinceramente ter alguma notícia da menina desaparecida, Danika Bojin, até o fim do dia.

Finalmente, o motorista de Tom, que havia sido cedido pela força locai para dirigir para ele o dia todo, parou em frente a uma casa em-estilo georgiano onde moravam Annabel Fletcher, sua filha e a babá — além, pelo que ele havia entendido, de um número regular e sempre variável de homens jovens e extremamente inadequados. Pintada de bege, com janelas brancas, a propriedade ficava em um terreno aberto e muito bem-cuidado. O caminho para a entrada terminava em um grande círculo, onde uma pequena fonte servia como ponto focal no centro de uma rotatória de grama na frente da casa. Era consideravelmente menor, mas infinitamente mais bonita do que Ashbury Park, na opinião de Tom.

Ele abriu a porta para que Alexa, arrasada, e Hannah saíssem do carro. Sentiu

uma empatia profunda pela criança. Ele ainda lutava com a perda de seu irmão mais velho, há apenas um ano, e embora Jack fosse o único responsável pelo atual estilo de vida luxuoso de Tom, ele ficaria feliz em morar em um conjugado se isso o trouxesse de volta.

Tom não sabia o que esperar da ex-Lady Fletcher, mas com certeza não imaginava a pessoa que o encarava da porta. Ele sabia que ela devia ter por volta de 50 anos, e esperava que estivesse bem-conservada, mas a mulher que o recebeu parecia, mesmo a seus olhos mal treinados, ser tudo de ruim que existe na cirurgia plástica. Era terrivelmente magra, mas tinha seios grandes que não combinavam muito com o restante do corpo. Usava calça jeans cor-de-rosa bem justa, combinando com sandálias de salto alto da mesma cor e uma camiseta regata preta e curta. Tom não conseguia deixar de pensar que, para alguém estar vestido com essas roupas no fim de outubro, o interior da casa devia ser muito quente.

O rosto de Annabel estava totalmente maquiado, incluindo o que pareciam ser cílios postiços, e ela tinha óculos escuros enormes no alto da cabeça. Um estilo de que Tom sempre achara graça, e achava ainda mais ridículo em um dia nublado de outono em Oxfordshire, principalmente em ambiente fechado. Ela o cumprimentou com um sorriso, inclinando a cabeça com charme, mas ele se deu conta de que o sorriso não se estendia a nenhuma outra parte de seu rosto além da boca.

Talvez fosse apenas sua natureza, ele pensou, ou, mais provavelmente, o Botox.

— Lady Fletcher? Sou o inspetor-chefe Tom Douglas. Sinto muito por incomodá-la hoje, mas preciso falar com você. Não sei qual era seu grau de proximidade com seu ex-marido, mas gostaria de lhe dar as condolências pela perda.

—- Inspetor-chefe, é um prazer conhecê-lo. Entre, por favor, e fique sabendo que Hugo não representa uma perda para mim, nem, em minha opinião, para o resto do mundo.

Tom manteve uma expressão indiferente, mas estava estranhamente ansioso para interrogar Annabel Fletcher.

Ela o conduziu para os fundos da casa até uma sala quase totalmente de vidro.

— Que linda estufa — comentou Tom, olhando para as exuberantes plantas.

— Na verdade, inspetor, é uma orangerie. A palavra “estufa” sempre lembra uma daquelas coisas horríveis de plástico que ficam nos fundos de casas pequenas como se fossem furúnculos gigantes, não acha?

— Peço desculpas, Lady Fletcher. — Era bastante aparente que ela não tinha absolutamente nenhuma classe, mas desejava passar a impressão de ter a origem certa e os modos adequados. Ela se sentou em um sofá de vime, e ele se posicionou na cadeira à sua frente.

—- Como sabe, agora já temos certeza de que seu ex-marido foi assassinado. Suspeitamos de que o assassinato foi cometido por uma mulher, mas é só o que sabemos. Estou tentando entender tudo o que puder sobre Sir Hugo para ver se identificamos alguém que pudesse querer matá-lo.

— Bem, eu, por exemplo, teria matado Hugo com prazer, mas não matei. Ele era um homenzinho arrogante, presunçoso e depravado, inspetor.

Tom podia aceitar que uma ex-mulher se referisse ao marido como arrogante e presunçoso, mas depravado era um pouco forte. Ela tirou um cigarro de um maço que estava sobre a mesa ao seu lado e o acendeu com um elegante isqueiro de prata.

— Você disse que o teria matado com prazer. Sinto muito ter que perguntar, mas é uma pergunta-padrão. Pode me dizer onde estava no sábado, mais ou menos entre onze horas e meio-dia, por favor?

Ela soprou um longo fluxo de fumaça e tentou sorrir — o máximo que seus músculos paralisados permitiam.

— Eu sabia que você perguntaria isso. Eu estava aqui, é claro. E antes que faça a próxima pergunta inevitável, estava sozinha. Hannah tinha levado Alexa para nadar no clube. Ainda não temos nossa própria piscina; Hugo foi muito mesquinho para mandar fazer uma.

— Então vamos esclarecer as coisas. Você esteve aqui a manhã toda e não viu nem falou com ninguém?

— Correto. Mas posso garantir, inspetor, que desejei matar Hugo muitas vezes, e

se fosse fazer isso, já teria feito há muito tempo. Eu não estou triste com a morte dele, mas não sujaria minhas próprias mãos.

Ela bateu a cinza da ponta do cigarro e virou o rosto provocador na direção de Tom.

Com toda a sinceridade, Tom não conseguia acreditar que Hugo teria ficado nu e amarrado em uma cama com essa mulher no quarto. Ela o odiava de maneira tão explícita que não parecia aceitável que ele pudesse ter pensado em ter qualquer relação sexual com ela. Ainda assim, coisas mais estranhas já haviam acontecido.

— Lady Fletcher, quando estávamos em Ashbury Park, escutamos algumas mensagens de voz, incluindo uma sua. Parecia sugerir que Sir Hugo tinha passado a perna em você e que ele pretendia alterar o testamento. Pode me explicar isso, por favor?

— Ah, minha nossa. Se eu soubesse que o cretino seria morto, certamente não teria deixado aquela mensagem. Felizmente, acho que ele não teve tempo de alterar o testamento; pelo menos foi o que o meu advogado me disse pela manhã. Ele disse que qualquer mudança, codicilos, ou qualquer outra coisa teria que ser redigida e depois enviada de volta para Hugo assinar e autenticar. Então, por

sorte, alguém muito esperto nos fez um favor e se livrou dele antes que pudesse prejudicar mais alguém.

Annabel deu uma boa tragada no cigarro; as bochechas chupadas davam a ela uma aparência ainda mais esquelética.

— Ele já tinha conseguido me enganar uma vez, sabe. Quando Hugo e eu nos divorciamos, fiquei com essa casa e pedi que ele comprasse uma propriedade para mim em Portugal também. Era o tipo de lugar que ele odiava, mas eu queria uma boa casa de campo com piscina, de preferência perto de outros ingleses, do tipo certo, é claro. Então, por mais que eu odeie jogar, escolhi uma casa em um condomínio exclusivo com dois campos de golfe.

Tom não conseguia deixar de desejar que ela apagasse o cigarro ou pelo menos abrisse uma janela. Ele parecia atrair a fumaça como se tivesse um ímã invisível. Mas felizmente ela escolheu aquele momento para se levantar e caminhar até a porta da cozinha, embora estivesse claro que ainda não havia terminado.

— Só Deus sabe por que Laura quis aquela casa na Itália. Vi algumas fotos que Alexa trouxe, e é no meio do nada, cercada de malditos *italianos*. — Ela parou para respirar. — Antes de continuarmos, posso oferecer algo para beber? Estou tomando vodca com água tônica, quer o mesmo?

— Não, obrigado, Lady Fletcher. Pode pegar outra dose da sua bebida. Mas tenho mais algumas perguntas a fazer e depois preciso voltar a Londres.

Tom observou Annabel cambaleando sobre o salto alto até a parte principal da casa para preparar sua bebida. Ele não conseguia imaginar por que Hugo havia se casado com ela. Talvez ela fosse uma grande beldade na época, mas dava para ver que não vinha do tipo de família que seria de se esperar. A própria Laura não contava com um histórico de riqueza ou títulos, mas ainda assim passava a impressão de que tinha classe e sabia como se comportar. Annabel, por outro lado, era totalmente diferente.

Ela não demorou muito para preparar o que parecia ser um copo enorme de bebida. Tom suspeitou de que a proporção de vodca e tônica não era das mais corretas, mas aquilo não era da sua conta. E poderia soltar a língua dela.

— Talvez pudéssemos voltar a falar sobre o que Sir Hugo fez para irritá-la?

— Sim, é claro. Eu estava falando da casa em Portugal, não estava? Bem, quando nos divorciamos, o acordo era que eu ficaria com essa casa, a de Portugal e um milhão por ano até Alexa completar 18 anos. Hugo paga diretamente as despesas com a escola, e paga Hannah. Garota terrível, chata demais, mas eu não posso me meter. Quando Alexa sair de casa, minha renda cai para 750 mil até morrer, com correção, é claro, pois sou uma mulher jovem.

Tom sabia que ela não era tão jovem quanto fingia, mas como a casa em que estavam devia valer pelo menos 3 milhões, e parecia que a de Portugal também valia mais 1 ou 2, ela certamente era uma mulher rica, mesmo que de meia-idade.

— Você pode ficar surpreso ao saber que 1 milhão não dá para muita coisa quando se tem padrões a manter. Assim, não tendo muito capital, decidi que queria ganhar algum dinheiro com a casa de Portugal. A compra havia sido organizada pela administradora de imóveis de Hugo, pois eles tinham mais poder de negociação. O que eu não havia me dado conta é que só tenho o usufruto da propriedade em Portugal. Devido a uma manipulação muito inteligente no

acordo de divórcio, e também devido a um advogado descerebrado que eu aparentemente contratei, Hugo na verdade concordou em “conceder uma casa de férias em uma localização de minha escolha até o valor de 2

milhões de libras”, ou palavras semelhantes. Isso foi há dez anos, é claro, então a propriedade vale muito mais agora. Isso na verdade não significa que a casa seja minha. Foi só quando tentei ganhar uma grana que descobri o que ele tinha feito. Eu disse que ele era um cretino.

Ela tomou um grande gole de bebida. Tom ainda não conseguia entender o que isso tinha a ver com o testamento, por isso perguntou.

— Bem, porque ainda não terminei de contar — respondeu ela. — Obviamente, quando me dei conta desse problema, mudei imediatamente de advogados e fiz com que analisassem tudo. Parece que o testamento dele está redigido de tal forma que eu posso não continuar a receber o mesmo valor de pensão se Hugo morrer. Eu tinha entendido que ele havia investido em um fundo, de modo que eu ficaria protegida, mas estava errada. Como aconteceu com muitas coisas em que acreditei a respeito daquele homem pavoroso.

Com uma força desnecessária, ela apagou a metade de seu segundo cigarro em um grande cinzeiro de vidro, repleto de cinzas e bitucas manchadas de batom.

Tom abafou a tosse. Não entendia os detalhes do funcionamento dos fundos fiduciários, mas anotou os pormenores para que pudessem ser verificados com precisão, embora ele achasse que fosse possível vender a casa e viver confortavelmente de renda. Sua Senhoria sem dúvidas tinha uma visão totalmente diferente do que era “viver confortavelmente”, e ele não conseguiu deixar de pensar no que aconteceria com o rosto dela se os tratamentos com Botox fossem interrompidos.

— E quando seu ex-marido ameaçou cortá-la do testamento?

“Meu novo advogado estava tentando resolver tudo para mim, mas o progresso era lento.

Telefonei para Hugo na semana passada e lancei mão de algumas ameaças pessoais. Ele desligou na minha cara. Dois dias depois, recebi uma mensagem do advogado dele, por meio do meu, dizendo que tendo em vista minha falta de apreço pela generosidade de Hugo, ele revisaria o conteúdo de seu testamento e

consideraria suas opções em relação ao fundo fiduciário. Foi quando deixei a mensagem que você escutou.

Como Tom sabia por experiência própria, testamentos podiam ser muito complicados. No entanto, parecia que Annabel Fletcher, insatisfeita como era, ficaria melhor com Hugo vivo do que morto. Mesmo que ele tivesse alterado o testamento, tinha apenas 50 e poucos anos, de modo que ainda teria muitos anos de uma pensão generosa para a filha e muito tempo para fazê-lo mudar de ideia e alterar o testamento a favor dela. Ele consultou seu bloco de anotações.

— Pode me dizer, Lady Fletcher, por que disse: “Já comprou meu silêncio uma vez, mas o preço subiu” na mensagem que deixou para Sir Hugo?

Pela primeira vez, Annabel pareceu desconfortável.

— Ah, isso não foi nada. Apenas uma coisa entre mim e Hugo. Prefiro deixar isso de lado, se não se importar.

— Sinto muito, mas não pretendo deixar isso de lado. Preciso entender o que quis dizer.

Annabel suspirou. Dava para ver que ela não queria contar.

— Nós nos conhecemos quando eu estava trabalhando para a mãe do Hugo, e descobri, meio por acaso, alguns aspectos da personalidade dele, certas... peculiaridades, se preferir chamar assim.

Coisas que Hugo certamente não gostaria que fossem de conhecimento geral. Meu preço inicial foram algumas melhorias pessoais, algumas cirurgias plásticas, nada demais. Mas depois decidi que gostava da ideia de me tornar Lady Fletcher e o pedi em casamento. Na verdade, ele não teve muita escolha.

Havia uma prepotência nela que desagradava Tom. Por que alguém se casaria com uma pessoa sem ter outra escolha além de aceitar? E o que diabos Hugo havia feito para ficar em uma posição tão desfavorável?

— É claro que *viver* com Hugo era totalmente diferente. Insuportável, na verdade. Quando nos divorciamos, eu sabia que ele não desejaria que Laura soubesse dos detalhes pavorosos que eu havia prometido manter em segredo, então meu preço foi essa casa. E antes que diga qualquer coisa, não foi

chantagem. Eu só disse a ele o que gostaria que acontecesse, e ele concordou. Quando telefonei para ele na semana passada, sabia que já era um pouco tarde demais para ameaçar contar a Laura.

Ela sem dúvida conhece todos os segredinhos asquerosos a essa altura, então eu o estava ameaçando sutilmente com a exposição para a imprensa, algo que prejudicasse sua reputação imaculada, se é que me entende,

— Está dizendo que ele *não* fazia jus a uma reputação imaculada?

Annabel jogou a cabeça para trás e riu, embora sem sinais de divertimento.

— Meu Deus, não! Quer dizer, sim, eu *estou* dizendo isso, mas não, ele *não fazia* jus a uma reputação imaculada. Sequer encardida! Ele era um homem muito estranho, inspetor-chefe. Tinha desejos peculiares dos quais prefiro nem falar. Acho que a culpa toda foi daquela bruxa da mãe dele.

— Se seu ex-marido era tão estranho, por que não via problemas em deixar sua filha passar tanto tempo com ele?

Annabel enfureceu-se de indignação.

— Alexa também é filha dele, e ele paga por ela, então não tive muita escolha. De qualquer modo, Hannah sempre vai junto. Mas Hugo paga o salário dela também, e ela parece uma vaca apaixonada, então não sei ao certo se é uma ajuda ou um obstáculo.

Isso foi dito com um ar de indiferença que Tom achou muito difícil de engolir, considerando que ele próprio tinha uma filha. Ainda assim, talvez os “desejos peculiares” de Hugo fossem relevantes, dada a natureza de sua morte.

-—Acho que vou precisar que seja um pouco mais específica a respeito das inclinações sexuais de seu ex-marido, mesmo que se sinta desconfortável. Não estou sendo voyeur. Dado que é quase certo que seu ex-marido foi morto por uma mulher e que o modo como ele morreu sugere alguma atividade sexual, receio que terá que me contar tudo o que sabe.

Annabel Fletcher recostou-se na cadeira, tomou um grande gole de seu copo, acendeu mais um cigarro e respondeu com uma careta de desgosto.

— Bem, eu vou contar. Suponho que eu não tenha muita escolha quanto a isso. Mas não é uma história agradável; tem certeza de que não aceita aquela bebida?

*** * * ***

Tom havia recusado a bebida, mas enquanto voltava para o centro de Londres para o *debriefing* diário, perguntou-se seriamente se sua recusa não havia sido um erro, principalmente por ter um motorista; assim Becky poderia deixar o carro em Oxfordshire. Ele não estava chocado com o que havia escutado — era policial há tempo demais e achava que já tinha visto os seres humanos se afundarem em todos os níveis de profundidade. No entanto, estava surpreso.

Não conseguia saber o quanto do que Annabel havia contado era exagero ou imaginação de uma esposa frustrada. Talvez fosse sensato compartilhar a informação apenas com o superintendente por enquanto. Também precisaria pedir a James para investigar qual policial esteve envolvido na internação compulsória de Laura Fletcher e qual havia sido, exatamente, seu papel. Becky tinha feito bem em extrair aquela informação de Stella Kennedy.

Ele ficou olhando para a noite escura e úmida do outono sem nada ver, apenas contemplando os acontecimentos do dia e tentando montar um quebra-cabeça que parecia estar ficando cada vez mais complexo e profundo.

*** * * ***

A menina se levantou da cama e foi se arrastando até a janela para a vigília noturna. Apesar do medo, precisava que ele viesse, e que viesse logo. Se pelo menos ela pudesse abrir uma janela e talvez chamar a atenção de um transeunte... Não que alguém passasse por ali. Ainda assim, pelo menos ela teria alguma esperança. Quem sabe um homem passeasse com o cachorro por essas vias solitárias, sem medo do que a noite poderia esconder.

Mas as janelas eram feitas de vidro reforçado e fechadas com parafusos. Ele fizera questão de falar. E a rede de aço do lado de dentro significava que ela não conseguia alcançar o vidro, mesmo se tivesse algo para quebrá-lo.

Ela olhou para o colchão velho e imundo no chão e para a mesa de plástico ao lado. Sabia que nenhum dos dois

serviria como ferramenta para fugir, e o resto da mobília do quarto estava muito

além de seu alcance. Assim que ele destrancou a porta do quarto e a jogou para dentro, ela ficou com medo. Independentemente do que tivesse feito para irritá-lo, essa era sua punição. Mas o que mais a assustava era o fato do quarto estar ali — preparado, como se esperasse por ela.

Ela olhou para a corrente em volta de seu tornozelo e a seguiu até onde estava firmemente aparafusada a uma forte viga de carvalho no teto. Ela nunca conseguiria alcançá-la, mesmo se tivesse como desaparafusar. E precisava ter cuidado ao dormir. Não queria voltar a se-enrolar na corrente.

Enquanto vasculhava o campo em busca de qualquer sinal de veículos se aproximando, pensou que, se fosse um animal — um coelho ou uma raposa — roeria o próprio pé, se fosse possível, para se libertar da armadilha. Mas nunca poderia fazer aquilo. Pelo menos achava que não.

E de qualquer modo, ela sabia que ele viria. Quando achasse que ela já havia sofrido o bastante.

17.

Tom voltou para a sede bem a tempo de pegar o fim de uma reunião noturna com dois policiais da Operação Maxim, a equipe de tráfico de pessoas da polícia. Entregaram-lhe um pedaço de papel que identificava os dois como inspetora Cheryl Langley e inspetor Clive Horner. Como uma dupla de atores, fizeram Tom sorrir: ela era uma mulher baixa e gorducha, com um grande sorriso, e ele era alto e esbel-to, com rosto melancólico. Cheryl resumia a opinião deles a respeito de Sir Hugo.

— Ele fez um ótimo trabalho em circunstâncias muito difíceis. O tráfico de pessoas é um problema significativo, como vocês certamente sabem. Assim que as garotas chegam aqui, descobrem que não têm como escapar. Ficam sabendo que o único jeito é comprar o próprio passe, mas com as gangues tirando cerca de oitenta por cento de seus ganhos, é impossível, porque eles exigem 20 mil libras por garota, às vezes até 40 mil.

Em segundos Tom calculou que, mesmo no menor “preço”, a Fundação Allium deve ter pagado no mínimo 2 milhões de libras só para comprar as meninas e tirá-las da vida miserável de prostitutas involuntárias. Além disso, é claro, existiam todos os outros custos envolvidos na administração de uma instituição beneficente.

Cheryl fez um sinal para o colega, que tomou a palavra; sua voz ligeiramente aguda destoava de sua aparência.

— Sir Hugo fez muito mais do que simplesmente comprar as meninas e encontrar lares para elas. A instituição tinha inúmeros centros com bons funcionários e até mesmo alguns esconderijos.

As meninas que não eram mantidas em cárcere privado podiam pedir ajuda voluntariamente, embora o medo de represálias muitas vezes as deixasse com medo de arriscar. Houve muitas campanhas com o objetivo de desestimular os homens que utilizavam os serviços dessas garotas, embora ninguém acreditasse no sucesso dessa empreitada.

A conversa havia atraído o interesse de todos no escritório, e um dos recrutas mais novos perguntou a Clive:

— Acho que sou a única pessoa aqui que não sabe isso... mas como eles conseguem trazer garotas de países do Leste Europeu para o Reino Unido?

A confiança de Clive estava crescendo; ele se apoiou na beirada da mesa e conseguiu sorrir.

— Não é uma pergunta ruim. Você deve estar imaginando que existem diversos pontos em que elas poderiam ser detidas. Mas há alguns anos, o Acordo de Schengen foi estabelecido entre muitos países da Europa. Isso abriu efetivamente as fronteiras entre os países membros, pois aboliu a necessidade de mostrar passaportes. Sem controle de alfândega, elas só precisam ser tiradas de seu país de origem para conseguir passe livre pela França, Itália, Alemanha e outras partes do continente.

Algumas são contrabandeadas de barco para a Itália, outras por via terrestre. Depois têm que se preocupar apenas em cruzar o Canal até a Inglaterra. Por mais que tentemos patrulhar nossas fronteiras, a realidade é que é impossível revistar todos os caminhões ou contêineres que entram no país. Temos que confiar em uma mistura de serviço de inteligência e sorte para encontrá-las assim que chegam.

Por mais interessante que fosse o assunto, Tom tinha um assassinato para resolver.

— Em sua opinião — perguntou ele —, acha que essas gangues teriam algum interesse em matar Hugo Fletcher?

Foi a inspetora quem respondeu.

— Sinceramente, achamos que é improvável. Muito se falou sobre os riscos que ele corria, mas nós não acreditamos nisso. Por favor, não entendam mal, mas mesmo admirando o trabalho que ele faz, acho que o elemento “risco” não passa de um bom marketing. Ele paga as gangues muito bem

pelas meninas, compra a liberdade delas. As gangues estabelecem os preços e ele concorda, então é improvável que vissem qualquer motivo para matá-lo. Até mesmo a campanha que ele fez para persuadir os homens nas ruas a não utilizarem os serviços das meninas pode ser vista por algumas gangues como propaganda gratuita. É o velho “falem mal, mas falem de mim”.

Tom ficou surpreso com a resposta. Assim como todo mundo, ele havia acreditado que Hugo estava arriscando sua segurança pessoal por aquelas garotas.

Ele queria ter tido tempo para ficar para a sessão de perguntas e respostas, mas não pôde.

Precisava compartilhar com James Sinclair a informação obtida com Annabel. Tinha que haver alguma relação com o assassinato, mas ele não fazia a mínima ideia de qual era.

*** * * ***

Tom relatou a conversa que teve com a ex-mulher de Hugo praticamente com as mesmas palavras para o superintendente, que ouvia em silêncio, mas com atenção.

— E então —- disse Tom quando terminou —, o que acha? Não podemos ignorar a correlação entre o que Annabel alega ter testemunhado e a cena do crime, mas ela só poderia saber daquilo se tivesse estado lá e visto com seus próprios olhos, porque estamos mantendo todos os detalhes em segredo. Ela dificilmente teria descrito de maneira tão precisa se o tivesse matado, não é? — Tom continuou sem esperar uma resposta. — Ela me disse que queria Hugo morto, mas nunca sujaria as mãos e estragaria as unhas, ou algo desse tipo. Para

ser sincero, não a imagino fazendo isso. Mas é claro que ela não deve ser a única que conhecia as predileções de Hugo. Outra pessoa podia estar fazendo chantagem também, e sempre há a possibilidade de Annabel ter compartilhado seu conhecimento a respeito dos gostos incomuns de Hugo, embora tenha jurado que não.

James Sinclair meneou a cabeça com preocupação.

— Isso não nos deixa mais perto de quem o matou, deixa? Pense um pouco, Tom, e conversaremos novamente amanhã. Você precisa esvaziar a cabeça.

— Acho que é melhor mantermos isso entre nós por enquanto. Não quero que as pessoas se distraiam com o escândalo. Revelarei apenas os fatos: o nome dela de solteira era Tina Stibbons, era enfermeira da mãe de Hugo, e trocou o primeiro nome quando se casou, aparentemente por achar que Tina não era um nome muito sofisticado.

— A decisão é sua, Tom — declarou James, fazendo uma de suas caretas estranhas. -— Estou com a sensação de que temos todas as peças do quebra-cabeça. Só não sabemos como juntá-las.

Tom concordou, ciente de que era sua função juntar as peças, mas sem ter ideia, por enquanto, de qual figura formar,

— Apenas uma última coisa, já vou embora. Tive a nítida impressão hoje à noite de que ninguém realmente achava que Hugo corria perigo; até mesmo a esposa desdenhou um pouco do assunto.

Então por que os guarda-costas? Era realmente apenas uma jogada de marketing ou ele sabia de algum perigo que todos desconheciam?

*** * * ***

Foi com alívio que Tom girou a chave e entrou no apartamento acolhedor. Apertando um único interruptor, as luzes de toda a sala se acenderam simultaneamente, e ele continuou pressionando até o dimmer diminuir a intensidade das luzes pela metade — estava procurando um ambiente calmo e tranqüilo. Foi até o aparelho de som e colocou Natalie Merchant para tocar. Configurou-o para que a música tocasse em todas as partes do apartamento e foi de um cômodo a outro, tirando as roupas no quarto e seguindo para o banheiro

para uma ducha rápida. Tudo o que havia escutado fizera com que se sentisse sujo, e sua ducha rápida tornou-se um dilúvio de dez minutos da água mais quente

que podia suportar. Vestiu calças pretas de moletom velhas, mas muito confortáveis, e uma camiseta branca larga e foi para a cozinha improvisar algo simples para o jantar.

Serviu-se de uma taça de pinot noir, colocou uma panela de água para ferver e regou uma frigideira funda com um fio de azeite de oliva. Pegou um pacote de pancetta já picada na geladeira e o esvaziou sobre o óleo quente, deixando até começar a fritar. Cortou ao meio alguns tomates-cereja maduros, arrancou meia dúzia de folhas de manjericão e jogou a massa na panela de água fervendo.

Não tinha certeza de se conseguiria comer, mas sabia por experiência própria que não adiantava ficar de estômago vazio. Pelo menos estava preparando algo rápido e simples. Enquanto esperava a massa cozinhar, sentou-se ao balcão, pegou a taça de vinho entre as mãos e refletiu profundamente.

Quem era Hugo Fletcher? O paradigma da virtude que todos sempre acreditaram? Ou o homem que Annabel havia descrito? E se fosse a segunda opção, como aquilo havia interferido na vida de Laura?

Nada se encaixava. Era como se estivessem olhando para dois homens totalmente diferentes.

O timer tocou e ele se levantou para acrescentar os tomates à pancet-ta e deixar refogar mais alguns minutos. De maneira automática, moeu um pouco de pimenta-do-reino, depois acrescentou a massa escorrida à frigideira, com um pouco mais de azeite e o manjericão. Virando diretamente sobre o prato, ralou rapidamente um pouco de parmesão, encheu novamente sua taça de vinho e se sentou, sem ter feito mais progressos em seus pensamentos do que quando entrara pela porta da frente.

Tão logo colocou a primeira garfada daquela comida simples, porém deliciosa, na boca, foi interrompido pelo toque do interfone. De onde estava sentado, em um banco alto no balcão da cozinha, podia enxergar a imagem de vídeo na tela e ficou preocupado ao ver que era Kate. Correu para pegar o fone, perdendo totalmente a vontade de comer.

— Kate, o que você está fazendo aqui? Lucy está bem?

— Sim, Lucy está ótima. Ela está com a babá. Posso subir, por favor? Gostaria muito de falar com você.

Com imenso alívio ao saber que Lucy estava bem, e com uma irritação considerável por sua ex-mulher estar interrompendo seu jantar por motivos não relacionados à filha, ele apertou o botão para abrir o portão, destrancou a porta da frente e foi se sentar para continuar a comer. Não havia se esquecido da forma como ela falara com ele no dia anterior.

Ele ergueu os olhos para Kate quando ela o encontrou na cozinha e tentou esconder a surpresa.

Sua beleza exótica havia sido aprimorada por uma maquiagem cuidadosamente aplicada, e em vez do rabo de cavalo que costumava usar, os longos cabelos escuros estavam soltos e brilhosos, bem abaixo dos ombros. Resistindo ao impulso de comentar, ele apontou para a geladeira.

— Tem vinho branco aí, se ainda é o da sua preferência. As taças estão lá dentro. — Tom apontou para um armário na parede, ao lado do refrigerador. — Espero que não se importe se eu continuar a comer, mas estava esperando por isso durante todo o caminho de volta para casa.

— Você sempre cozinhou melhor do que eu. E uma das coisas de que sinto falta.

Tom nem levantou os olhos dessa vez, mas achou aquilo muito estranho. Kate nunca tinha dado nenhuma indicação no passado de que ele tivesse qualquer característica notável — pelo menos nos últimos anos, desde o nascimento de Lucy.

Kate se serviu de uma taça de vinho e se sentou do outro lado do balcão, de frente para ele. Ela olhou em volta com meio sorriso no rosto.

— É um belo apartamento, Tom. Você se deu muito bem.

Tom podia imaginar que aos olhos dela aquilo era o auge da vida de luxo da cidade. O

apartamento tinha tudo o que se podia desejar, exceto alma. Ele não havia

escolhido um único objeto — comprara a residência já mobiliada. Os sofás de couro marrom-escuro, a enorme televisão de tela plana e a cozinha branca e reluzente representavam tudo o que havia de melhor, era verdade.

Mas nada dizia qualquer coisa sobre ele, tirando os livros e CDs empilhados no chão. Claramente, ninguém esperava que um homem moderno lesse, uma vez que não havia nenhuma estante na casa.

Ainda extremamente desconfiado daquela visita tão tarde da noite, Tom respondeu sem a mínima cordialidade.

— Nós dois sabemos que meu salário de inspetor-chefe da polícia não pagou por isso. Por que a visita surpresa? Não foi exatamente amigável da última vez que conversamos, foi?

— Sinto muito. Eu estava meio doida. É que está acontecendo tanta coisa ao mesmo tempo que fiquei um pouco distraída. Não quis ser tão grossa.

Havia apenas uma resposta para aquilo, refletiu Tom, mas ele guardou seus pensamentos para si mesmo. Kate suspirou em silêncio e continuou:

— Preciso te contar uma coisa.

Tom ergueu os olhos rapidamente, continuando a levar a massa à boca.

— Queria que soubesse por mim que Declan e eu estamos nos separando. As coisas não deram certo e já é hora de fazer algo a respeito. Sinto muito se estava zangada ao telefone ontem, mas isso foi parte do problema.

Tom estava genuinamente surpreso. Era a primeira vez que a ouvia dizer que o relacionamento não estava indo muito bem, mas também nunca havia perguntado. Lucy sempre pareceu feliz, o que era sua principal preocupação.

— O que aconteceu?

Kate engoliu em seco. Ela parecia nervosa.

— Deixei você por muitos motivos, Tom. Você sabe que eu não conseguia lidar com seu horário de trabalho, e Declan era muito atencioso. Você estava sempre distraído, pensando no último assassinato ou coisas do tipo.

Tom pegou o prato e começou a empurrar os restos de comida para a lixeira. De algum modo, perdera o apetite. Já havia escutado tudo aquilo antes, então por que ela estava tocando no assunto novamente?

— Ah, não me olhe assim. Foi muito difícil para mim. Declan também trabalha muitas horas, mas são sempre horas fixas, então sei o que esperar. Não me importo que ele levante bem cedo para estar no trabalho assim que amanhecer, porque tenho que aprontar Lucy de qualquer forma. E

mesmo que volte tarde para casa, é pelo menos previsível. E ele sempre volta para casa.

Kate fez uma pausa. Ele podia ver que ela estava tendo dificuldade com aquilo, mas de modo algum pretendia ajudá-la.

— Infelizmente, a natureza atenciosa de Declan não passou despercebida por uma das colegas dele, ao que parece, e ultimamente ele estava tendo muitos compromissos com o pessoal do trabalho. Descobri por mero acidente que o "pessoal" do trabalho consistia em apenas uma integrante da equipe. Ele diz que terminou tudo, que não passou de uma farra, mas nem quero saber.

Não somos casados, e não estou preparada para ficar com ele e correr o risco de que algo parecido aconteça novamente daqui a alguns anos. Terei que encontrar um lugar para morar e seguir em frente.

Tom estava estupefato. Declan havia sido pintado com um santo, e embora se encontrassem quando ele ia buscar ou levar Lucy, por muito tempo Tom não quis saber nada sobre o sujeito. Era tudo o que podia fazer para não dar um soco na cara dele, para ser sincero. Mas a raiva já tinha passado há muito tempo.

— Sinto muito que ele a tenha magoado, Kate. Sei por experiência própria como é amargo pensar que seu companheiro prefere outra pessoa.

Tom sabia que estava jogando sujo, mas depois da maneira casual com que ela o havia descartado em favor do maravilhoso Declan, ele se esforçava para sentir algum tipo de compaixão.

— Foi um comentário desnecessário, Tom. Mas eu sinto muito por ter sido tão superficial. Eu devia ter apreciado suas qualidades em vez de ser arrebatada por nada além de um pouco de atenção e elogios. Agora sei que, de longe, você é um

homem melhor do que ele.

Tom não ficou nem um pouco comovido com aquelas palavras, da mesma forma que também

estava ciente de que Kate havia se sentido particularmente atraída pela renda de seis dígitos de Declan, sem contar o igualmente enorme bônus anual. Não sabia muito bem o que ela pretendia, mas tinha certeza de que já não estava gostando. Uma coisa o preocupava mais do que tudo.

— Para onde está planejando se mudar, Kate? Só pedi transferência para cá para ficar perto da Lucy. Cheguei não faz nem cinco minutos e já está cogitando se mudar. Para onde?

— Ah, pare com isso. Você sabe que adora o trabalho aqui. É seu emprego dos sonhos, então não me sinto mal por tê-lo feito se mudar para o sul, mesmo que talvez eu não fique por aqui.

Tom não acreditava no que estava ouvindo. Desde que Kate o deixara, muitas coisas haviam acontecido, todas elas desagradáveis. E agora ele estava começando a recompor sua vida. Quando Kate se foi, levou Lucy para o outro lado do país sem a mínima consideração por ele. Nem sempre era fácil tirar folgas nos fins de semana, e viajar para Londres lhe custava os olhos da cara em uma época em que ele mal tinha dinheiro. O divórcio é uma coisa cara, e Tom fazia questão de que ele, e não Declan, sustentasse Lucy.

Depois seu irmão Jack morreu. Tom perdeu a esposa e o irmão, e se não tivesse aceitado esse emprego, teria praticamente perdido a filha também. Ela cresceria vendo-o apenas em fins de semanas alternados, e ele não estava preparado para aceitar isso.

— Para onde está pensando em ir, Kate? E por que está pensando em se mudar para longe?

Lucy agora tem amigos aqui, e você parece gostar da vida que leva.

—- E bem simples: não tenho condições financeiras de morar aqui, pelo menos não mantendo o mesmo padrão que tenho hoje, e não quero que o estilo de vida de Lucy mude.

“Ah, lá vamos nós”, pensou Tom. Obviamente, quando Kate o deixou, achou que o salário de Declan em Londres era a melhor opção. Mas depois que Jack morreu, deixou tudo para Tom em testamento, e era uma quantia extraordinária de dinheiro, uma vez que o irmão havia acabado de vender sua próspera empresa. Não era muito difícil adivinhar o que Kate queria.

— Eu compro uma casa para você, Kate. O que acha disso? Compro uma casa razoável, em uma região razoável, e ficarei feliz em sustentá-la até encontrar outro homem, o que sem dúvida fará.

Você sabe que o futuro de Lucy está garantido, sempre deixei isso claro. Isso fará com que você fique?

— Tom, eu não vim para isso.

Ele resistiu à tentação de rir, mas quando ouviu que a próxima música de Natalie Merchant era

“My Beloved Wife”, que costumava ser uma de suas favoritas, teve que sorrir diante da ironia. Mas o bom humor logo desmoronou, e Tom foi até o aparelho de som e o desligou. Ficou paralisado quando sentiu Kate bem atrás dele. Os braços envolvendo sua cintura, os seios fartos esfregando-se em suas costas através do tecido fino da camiseta.

— Tom. Olhe para mim. — Ele se virou com um sentimento de apreensão. Kate moveu os braços até envolverem seu pescoço. Ele olhou no fundo daqueles olhos castanhos, olhos que o haviam cativado durante anos. Viu súplica neles e se deu conta de que Kate não era uma mulher capaz de se sentir completa sem um homem. No momento, ele era sua melhor opção, senão a única.

— Sinto tanto, tanto, pelo que fiz há dois anos. Foi um enorme erro, o maior arrependimento da minha vida.

— Kate, você teve um caso. Você me deixou. Praticamente me destruiu. Mas agora estou bem e não vou me sujeitar àquilo de novo.

Depois que descobrira o caso de Kate, ele se atormentara com a culpa. Demorou um bom tempo até se dar conta de que a raiz de tudo aquilo havia sido o desejo de sua esposa de ir em busca de emoção. Seu amor estável e descomplicado não tinha sido suficiente. Mas ela nunca havia visto as coisas desse modo.

— Você sabe que não é tão simples assim. Eu não consegui resistir a ele. Sei que parece piegas, mas eu me sentia solitária e ele me dava muita atenção. Você não sabe como é, Tom. Nunca aconteceu com você.

Tom se libertou dos braços dela. Andou até o outro lado da sala, onde Kate não podia mais tocá-lo. Deu-se conta de que, depois de todo esse tempo, ainda estava zangado com ela.

— Acha sinceramente que nunca tive oportunidade, ou desejo, de dormir com outra pessoa?

Acha que essas coisas só acontecem com você? Acha que não sei o que é sentir aquela onda de excitação quando alguém entra na sua sala, quando você sabe que a pessoa deseja você da mesma forma que você a deseja?

— Ah, pare com isso, Tom. Você é policial. Não pode ter um caso com suas colegas policiais porque não valeria o risco de perder o emprego. E você nunca vê mais ninguém.

Tom mantinha a raiva e a frustração sob controle. Kate sempre acreditou que as coisas simplesmente aconteceram com ela e que estavam além de seu controle. Era incapaz de entender que era responsável por seus próprios atos.

— Dois argumentos, Kate. Eu vejo muitas pessoas no meu trabalho, como saberia se tivesse demonstrado o mínimo interesse. E, o mais importante, eu não resistia por causa do meu emprego, e sim por causa do meu casamento. Se acha que era possível que eu resistisse por medo de perder um emprego, por que não era possível para você resistir por medo de perder um marido?

Kate era uma pessoa difícil de dissuadir, e seguiu-o pela sala. Colocou as mãos sobre os ombros de Tom. Ele ficou tenso. Ela era tão linda. Seu corpo reagia a ela, mas a mente gritava não. Ele não se mexeu, nem para afastá-la, nem para corresponder.

— Eu cometi um erro, Tom, só isso. Sou apenas humana, e não tenho a sua força de caráter.

Mas não quero viver em uma bela casa, com uma bela vizinhança, sozinha com Lucy. Pelo menos em Manchester temos alguns amigos, aqui eu não tenho ninguém. Quer dizer, ninguém além de você.

Kate se esticou para beijá-lo. Há dois anos, Tom teria dado o braço direito por esse momento.

Ele colocou as mãos na cintura dela e a afastou. Nenhum dos dois falou nada, e ninguém sabia o que aconteceria em seguida. Ele não podia deixar que ela o beijasse, mas quando olhava para seus lábios macios, grossos e rosados, via que seria fácil demais ceder.

Kate rompeu o silêncio.

— Por que não podemos voltar a ser uma família? Você, eu e Lucy? Ela adoraria, você sabe, e eu também. Estou muito envergonhada do meu comportamento e prometo, pela vida de Lucy, que nunca faria nada parecido com aquilo novamente. O que me diz? Nós já fomos felizes, podíamos tentar novamente. Pelo bem de Lucy?

Aquilo, é claro, era seu trunfo. A ideia de viver com Lucy todos os dias e vê-la todas as noites era extremamente tentadora. Mas Kate havia quebrado o feitiço acidentalmente. O bom senso havia prevalecido, e ele soube exatamente qual era seu jogo. Deu-se conta de que a beleza dela não valia a pena; era superficial e nada mais. Ela não era uma má pessoa, mas não tinha profundidade. Nunca havia lhe ocorrido antes, mas Kate não tomava decisões proativas. Apenas reagia a cada série de acontecimentos. Ele tirou as mãos da cintura dela e removeu as mãos dela de seus ombros.

— Eu adoraria ver Lucy todos os dias. Mas eu e você... nós não temos mais volta. Deixa eu encontrar um lugar para você morar por enquanto, para que possa sair da casa do Declan, e veremos o que acontece depois.

— É um não definitivo ou ainda há a possibilidade de ficarmos juntos?

Tom segurou nas mãos dela — em parte porque queria garantir que ela não o tocasse de novo, e em parte porque sabia que a estava magoando.

— Digamos apenas que precisamos esperar a poeira abaixar, e depois poderemos conversar sobre a melhor solução.

Tom sabia que um não definitivo seria um sinal para Kate pegar o primeiro trem para Manchester. Ele precisava dar alguma esperança a ela, embora não acreditasse que pudessem voltar, nem mesmo por Lucy. Sabia muito bem que o

dinheiro era seu maior apelo. Mas por enquanto precisava manter tudo como estava.

Kate parecia achar que havia feito algum progresso. Ela sorriu para ele e apertou suas mãos.

— Por que não tento encontrar algo aqui perto? Posso começar a procurar amanhã. Você poderia ver Lucy o tempo todo, e se apenas alugássemos, ficaria mais fácil fazer uma mudança mais permanente quando você estiver pronto. O que acha?

— Dê uma olhada, me avise qual é o tamanho do prejuízo, mas não se comprometa. E provável que eu tenha que assinar o contrato de aluguel de qualquer modo, então me prometa que vai apenas procurar até falar comigo. Se precisar sair da casa de Declan com urgência, reserve um hotel para vocês duas. Eu pago a conta.

Kate sorriu para ele, que conseguiu enxergar uma ponta de triunfo nos olhos dela. Não tinha coragem de acabar com seus sonhos ainda.

— Sabia que podíamos chegar a um acordo. Eu telefono amanhã, quando encontrar um lugar.

Beijando-o levemente no rosto barbado, ela sorriu e saiu de maneira quase triunfante pela porta»

Agora Tom tinha duas coisas em que pensar: o caso e sua ex-mulher. De algum modo, não achava que a boa noite de sono que havia prometido a si mesmo chegaria logo.

18.

Elas formaram um grupo calado durante o jantar, cada uma envolvida em seus próprios pensamentos» Stella havia tentado tornar o clima um pouco mais leve, mas as tentativas de iniciar uma conversa casual tinham sido ignoradas. Imogen finalmente conseguira fugir para o quarto depois de uma conversa rápida com Laura enquanto Stella estava na cozinha fazendo café.

— Ouça, Laura, se não quiser que eu leia as outras cartas, não lerei. Sei que a pressionei porque você disse que eu não entendia nada. Mas eu realmente não

estava bem. Posso parar, se preferir.

Laura havia sorrido com uma ponta de tristeza.

— Odiei a ideia de dar as cartas para você ler no início, mas agora acho que preciso que continue. Quero apenas que alguém entenda, e não consigo pensar em ninguém melhor do que você. De certo modo, será um enorme alívio para mim. Escrevi as cartas porque queria contar tudo a você, mas não podia. Quase contei uma vez, você se lembra? Mas o momento se perdeu. Quando eu escrevia, você estava sempre em minha cabeça. Como se estivesse no quarto e eu pudesse contar tudo. Mas a realidade é que eu tinha muita vergonha da minha estupidez e da minha fraqueza.

Apenas se livre delas assim que as ler. Nunca mais quero vê-las ou pensar nelas novamente.

— Tem certeza? Nesse caso, acho que vou recusar o café e subir para o meu quarto. Apenas me diga se quiser que eu pare.

E então ali estava ela, com uma pilha cada vez menor de cartas ao lado, a fragmentadora de papel do escritório de Hugo aguardando para destruí-las assim que fossem lidas. Dando um gole rápido no uísque que havia escolhido para encerrar a noite no lugar no café, puxou, com convicção as primeiras folhas em sua direção.

*** * * ***

SETEMBRO DE 1998

Minha querida Imogen,

Hoje eu decidi que você nunca lerá essas cartas. Então por que as escrevo?, você pode perguntar. Mas elas me acalmam, se não for uma palavra muito ridícula para ser usada. Sinto como se estivesse falando com você, e consigo imaginar mais ou menos como você responderia. Mas não preciso passar pela vergonha de dizer tudo isso na sua frente.

Faz algum sentido? E eu estou envergonhada. Embora não saiba muito bem por que eu deveria estar me sentindo humilhada, Pode me explicar por que as pessoas se sentem constantemente envergonhadas pelas ações de indivíduos

próximos a elas? De qualquer modo, já estou divagando.

Estou em Sorrento, sentada de frente para a Baía de Nápoles, e ela e maravilhosa. E um lugar que eu sempre quis conhecer. Mas não esperava estar olhando para essa vista maravilhosa e me sentindo desse jeito. Nem mesmo essa paisagem é capaz de afastar a dor.

Hugo não está comigo. Ele ficou no hotel fazendo algumas ligações. Eu precisava desesperadamente de um tempo sozinha. De um tempo para pensar. Eu queria alugar um carro, mas Hugo insistiu que eu tivesse um motorista. Não fiquei feliz com isso porque sou perfeitamente capaz de dirigir. Mas quando passamos em alta velocidade pelas curvas fechadas na estrada que beirava o desfiladeiro e encontramos motoristas italianos virando de repente em curvas muito fechadas, dei-me conta de que Hugo estava certo.

Como sempre, ao que parece.

O grande problema é, não sei se estou sendo ridícula. Já remoí esse assunto várias vezes em minha cabeça e não

consigo deixar de me perguntar se meus sonhos românticos eram irreais. Mas veja o que aconteceu, e eu adoraria saber sua opinião. Mas acho que nunca vou perguntar.

No dia seguinte ao casamento, saímos em lua de mel. Apesar da minha resolução de ver as coisas da perspectiva de Hugo, ainda sentia aquela dor que vinha à tona sempre que eu tentava esconder a infelicidade. Acho que disfarcei bem - eu sabia que se dissesse alguma coisa, acabaria em discussão, e não queria isso. Acredito que posso consertar isso, sabe.

Comecei a me sentir um pouco melhor quando chegamos ao aeroporto. Um carro com motorista havia chegado para nos levar a Heathrow e eu ainda não sabia para onde estávamos indo. Hugo havia me ajudado a escolher as roupas para a lua de mel e, independentemente do destino, estava claro que eu deveria esperar um lugar um pouco mais quente do que a Inglaterra e um tanto quanto glamoroso, a julgar por minhas novas roupas. Não fiquei decepcionada.

Ao chegar em Heathrow, fomos rapidamente levados para a área de embarque da primeira classe, e Hugo se aproximou e sussurrou uma palavra em meu ouvido: "Veneza". Era mais a cara do meu Hugo. Ele sorriu e me deu um beijo

suave no rosto. O que o afligira no dia anterior havia desaparecido, e ele tinha voltado a ser o homem romântico dos meus sonhos. Hugo sabe que Veneza é meu lugar preferido em todo o mundo. Só estive lá uma vez —

estranhamente para um congresso, e não de férias, você se lembra? Mas encontrei tempo para andar de vaporetto pelo Grande Canal e tomar um Bellini no decepcionante Harry s Bar. Sempre quis voltar, de preferência com um homem que eu amasse, para poder andar de gôndola com ele. Cafona, eu sei, mas muito romântico.

E agora Hugo estava me levando para lá.

E essa não era a única coisa empolgante. Quando perguntei onde ficaríamos hospedados, ele deu a resposta perfeita.

"No Cipriani, onde mais?" Hugo tinha um brilho nos olhos. "Não é o meu preferido, mas achei que você fosse gostar."

Eu me sentia extasiada. Obviamente havia exagerado, e agora tudo ficaria bem.

"Quanto tempo vamos ficar?"

"Só cinco dias." Hugo sorriu. "Depois vamos pegar um avião para Nápoles e vamos para Positano por mais cinco dias."

Eu não podia acreditar. A Costa Amalfitana! Ele realmente havia pensado em tudo.

Como estávamos voando de primeira classe, a comissária de bordo sorriu para mim e me deu uma taça de champanhe gelada assim que embarcamos. Eu poderia me acostumar facilmente com essa vida, embora, é claro, ela vá muito além dos luxos que a extrema riqueza proporciona.

Realmente achei que tudo seria perfeito quando chegamos ao hotel, porque quando perguntaram ao Hugo se ele queria fazer reservas para o jantar, deu a resposta que eu esperava ouvir.

"Obrigado, mas acho que vamos preferir comer em nossa suíte. Talvez eu possa consultar o chef a respeito do cardápio. Enquanto isso, ficaria grato se pudesse mandar uma garrafa de Cristal para o quarto imediatamente."

Eu me senti um pouco menos satisfeita quando chegamos à suíte e descobri que eram dois quartos; ficou claro que Hugo esperava que eu dormisse em um deles enquanto ele se acomodaria no outro. Mas eu já tinha decidido que precisava resolver isso, e ataques de raiva não resultariam em nada. O que é estranho para mim, aparentemente não é estranho para Hugo.

“Querida, por que não toma um banho e depois se veste para o jantar?” perguntou Hugo.

Envolvi a cintura dele com os braços e sussurrei em seu ouvido.

“Vestida, meu amor? Tem certeza de que é isso que quer?”

Hugo removeu meus braços com cuidado e sorriu para mim, aquele sorriso adorável que chega até os olhos. "Tenho certeza absoluta. Prefiro vê-la na minha frente, nesse cenário maravilhoso, vestindo um de seus lindos vestidos a vê-la de roupão. Paparique-me, por favor?”

Aquilo me pareceu razoável, então pensei que demoraria algum tempo para me arrumar. Queria fazer tudo certo.

Então preparei um banho de banheira e me deitei na espuma densa. Estava tão ansiosa pelo resto da noite e, é claro, pelo que viria depois...

Eu me vesti com cuidado, escolhendo um vestido de seda verde-azulado, de mangas curtas. Fazia um contraste perfeito com meus cabelos ruivos, que sei que Hugo ama. Embora a frente fosse bem modesta, as costas tinham um

decote profundo em V que ia até a cintura, e o vestido tinha um caimento lindo — não era muito justo nem muito folgado. Sabia que era um dos preferidos de Hugo.

A refeição que ele havia escolhido estava divina. Uma deliciosa posta de salmão marinado com gengibre foi sucedida por um gnocchi de berinjela macio e delicado com molho de pecorino, e depois, para completar o menu, o filé mais tenro que eu já havia provado foi servido com molho antiboise. Nem consegui pensar em sobremesa, mas Hugo me deu um bocado de seu sorbet de pera com especiarias, e eu cheguei a pensar que estava no paraíso. Olhei para meu marido elegante e sofisticado do outro lado da mesa. Ele estava tão lindo: alinhado, porém casual, usando calças pretas de corte clássico e uma jaqueta de

linho cor de caramelo sobre uma camisa branca, aberta no colarinho. Não consegui deixar de notar alguns pelos escuros bem abaixo da linha do colarinho, e fiquei louca para estender o braço, desabotoar mais um pouco a camisa e beijar a base de seu pescoço. Estou contando exatamente como foi. Eu me senti assim.

Decidi não beber muito, então tomei apenas algumas taças pequenas de vinho. Hugo tomou uma grapa depois do jantar, mas eu queria estar sóbria. Saímos em nossa varanda particular e ficamos olhando para a lagoa. Paraíso puro.

Senti que não seria certo eu tocar em Hugo. Ele gosta de ficar no comando, então resisti. Quando olhávamos para a água, ele colocou o braço em volta dos meus ombros. Inclinei-me de leve na direção dele paia reconhecer seu ato, mas não coloquei muita pressão sobre ele. Então Hugo disse o que eu estava esperando ouvir.

“Sei que as coisas não saíram às mil maravilhas ontem à noite, Laura, e sinto muito se a peguei de surpresa com a questão dos quartos. Estou confiante de que logo vai passar a apreciar a sensibilidade disso tudo, mas entendo que em seu mundo essa não seja a norma. Eu devia ter abordado a questão de maneira mais compassiva. Mas agora, meu amor, essa é nossa verdadeira noite de núpcias. Podemos ir para o seu quarto?”

Ignorei a parte sobre nossas diferenças sociais porque ele estava mesmo certo. Na verdade, eu me sentia um pouco nervosa. No dia anterior, tinha toda a confiança do mundo, mas recebi alguns golpes, e dessa vez percebi que precisava ser muito cuidadosa para não estragar tudo novamente. Queria dizer a ele o quanto o amava e o quanto ele era importante para mim. Mas não queria interromper o frágil momento de proximidade. Decidi que provavelmente ele preferiria elogios a emoção.

“Hugo, quero apenas dizer o quanto estou gostando dessas férias divinas. Você planejou com tanto cuidado, e tudo o que desejo é fazê-lo muito feliz.”

Eu sei, Imo, parece um pouco forçado, mas era a coisa certa a dizer. Hugo pareceu satisfeito.

Caminhamos de braços dados pelas portas da varanda até o meu quarto

— um ambiente magnificamente decorado com detalhes prateados e dourados.

Meu coração estava batendo muito rápido, e eu não sabia se era paixão ou medo da rejeição! Eu me virei para Hugo e passei os braços em volta de sua cintura, erguendo o rosto para ser beijada. Olhei nos olhos dele e vi um desejo verdadeiro. Ele me beijou. Com suavidade a princípio, depois com uma paixão cada vez maior. Posicionei as mãos entre nós para começar a desabotoar sua camisa, mas ele gentilmente as retirou. Eu disse a mim mesma para ir mais devagar. Então ele aproximou minha cabeça de seu ombro e começou a acariciar meus cabelos, levantando as longas mechas cacheadas para cobri-las de beijos. Eu estava desesperada para seguir em frente, mas tentei me conter. Depois ele me afastou com cuidado e colocou as mãos sobre meus ombros. "Querida.Você é intensa e eu a desejo demais. Mas quero apreciar tudo de verdade, e não devemos nos apressar. Por favor, vá até ali e me deixe olhar para você." Ele se afastou e se sentou na cadeira, olhando fixamente para mim. Eu não gostei. Queria ser abraçada.

"Não sei o que você quer, Hugo. Quer apenas que eu fique aqui parada?"

"Por um instante, sim. Seus belos cabelos ruivos estão iluminados pelo abajur. Quero olhar para você em toda sua perfeição e me lembrar dessa noite." Eu me senti meio idiota, mas era bom saber que ele me achava bonita... bem, pelo menos o meu cabelo. Mas eu desejava estar em seus braços.

Eu me senti tão isolada do outro lado do quarto...

Ele se recostou na cadeira e abriu aquele sorriso maravilhoso mais uma vez. "Gostaria que você começasse a tirar as roupas."

Eu franzi a testa. Precisei perguntar o que ele queria dizer, embora estivesse bem claro.

"E um pedido simples, Laura, Por favor, fique de sapatos, mas eu gostaria que tirasse as roupas enquanto eu a observo e admiro."

Eu me dei conta de que ele queria que eu fizesse um strip-tease para ele. Ah, não! Por favor, isso não. Seria a

primeira vez que ele me veria nua, e eu não queria que fosse desse jeito. No futuro, se de achasse divertido, imagino que não teria qualquer problema com isso. Mas essa não era uma noite para carinho e paixão? Não devia servir para descobrirmos o corpo um do outro com dedos, mãos e lábios? Eu não queria

fazer uma performance solo. Tentei explicar isso a ele de uma maneira não antagônica.

“Não estou pedindo para se comportar como uma prostituta”, respondeu ele. “Quero vê-la tirando toda a roupa, peça por peça. Por favor, continue até estar totalmente nua. Acha estranho eu querer admirar seu corpo?”

O que eu podia dizer? Ele fez parecer que se tratava de um elogio, mas eu achei tão anormal, tão frio e clínico.

Tentei mais uma vez.

“Preciso fazer isso, Hugo? Só queria tocar você, abraçar você. Por favor, querido.”Tentei não parecer que estava choramingando, mas não sei se deu muito certo.

“Pense que você é meu presente. Eu gostaria de vê-la desembrulhada bem devagar. Nunca pensei que fosse tão recatada, Laura. Não transforme um pedido tão simples em um problema.” Ele faz tudo parecer tão razoável. Ele faz parecer como se eu fosse difícil.Talvez esteja certo. Sou eu? Não tenho problema algum com nudez, no contexto apropriado. Mas ficou claro que seria tudo em prol do prazer dele, porque certamente não faria nada por mim.

Então eu me controlei. Decidi que estava vendo as coisas muito maiores do que eram. E daí se ele queria que eu fizesse um strip-tease? Não é exatamente um crime hediondo. Ponderei seriamente comigo mesma e simplesmente segui em frente, seguindo as ordens dele ao pé da letra. Ainda bem que eu não estava usando meia-calça, foi tudo o que consegui pensar. E aquilo quase me fez rir. Mas não por muito tempo.

Uma das coisas mais terríveis é que o clima não estava legal. Se conhecêssemos o corpo um do outro, eu poderia me imaginar fazendo um strip-tease divertido, dançando uma música vulgar para Hugo deitado na cama, rindo, mas com desejo nos olhos, Ou talvez eu poderia mandá-lo ficar imóvel e não me tocar, apenas olhar, como se estivesse tentando seduzi-lo. Mas não havia clima para nada disso, e talvez fosse culpa minha. E o que não consigo entender. Eu poderia ter transformado aquilo em muito mais. E tudo o que fiz foi ficar parada, tentando parecer sexy.

Comecei abrindo o vestido. Felizmente, ele tinha um zíper muito simples e

apenas escorregou do meu corpo. Não sei como faria para continuar atraente se eu tivesse que tirá-lo pela cabeça. Segurei apenas por um instante sobre os seios, depois deixei-o escorregar até o chão. O tempo todo eu me senti ligeiramente ridícula.

Hugo olhou nos meus olhos, depois percorreu meu corpo com o olhar. Em quase possível sentir.

Eu estava prestes a partir para a próxima peça — embora não estivesse sobrando muita coisa, para ser sincera

—, quando Hugo simplesmente levantou a mão. Eu sabia que aquilo significava que eu deveria parar.

“Você tem o costume de não usar sutiã, Laura?”

“Achei que você pudesse gostar, já que estamos sozinhos esta noite.”

“Tenho algumas preferências no que diz respeito a roupa íntima, mas podemos falar disso uma outra hora. Por favor, continue.”

Engolindo a resposta que surgia em meus lábios, prossegui. Qualquer tipo de excitação que eu tivesse sentido após o jantar estava se dissipando rapidamente diante do olhar frio e quase analítico de Hugo. Além dos sapatos, só me restava a calcinha para tirar, então eu me curvei e a puxei para baixo lentamente.

Agora posso parar de fingir que tudo ia bem, apesar do clima ligeiramente estranho. Tentei descrever com precisão como eu estava me sentindo naquele momento, empurrando para um recanto da mente o impacto do que aconteceu em seguida.

Quando tirei a calcinha, levantei os olhos na direção de Hugo e tentei parecer o mais sedutora possível. Mas o olhar dele não era de desejo. Ele me observou com frieza e indiferença, depois se levantou, foi até a janela que havia atrás de mim e ficou olhando a lagoa. O que disse depois, sem ao menos se virar, foi devastador.

— Laura, estou profundamente decepcionado com você.Vista-se.

Eu não linha ideia do que havia feito. Embora estivesse tremendo devido a uma

gama de emoções contidas, tentei manter o tom de voz ao pedir que ele me explicasse.

Ele deu meia-volta e me encarou.

—Você é uma fraude. Não passa de uma fraude barata. Não pensei que seria capaz desse nível de fingimento.

O rosto dele mostrava puro desdém, e eu me senti exposta e vulnerável ali parada, nua, usando nada além de um ridículo par de sandálias de salto alto. Cobri os seios com os braços, como se estivesse me defendendo de um ataque

físico.

Só conseguia pensar que ele estava decepcionado com o meu corpo. Sei que não é perfeito e talvez tenha um pouco mais de carne do que deveria, mas não é nada mau! E ainda assim ele parecia absolutamente enojado. Meu peito ficou apertado. Eu não estava entendendo nada. As palavras que ele disse em seguida me atingiram como um golpe.

"Você me enganou, e eu repito, estou profundamente decepcionado com você." Ele voltou a olhar pela janela, como se não tivesse mais nada a dizer. Sei que, pensando bem, talvez fosse natural eu ter ficado zangada, mas não é bem assim quando alguém que você ama faz com que se sinta um fracasso.Você se sente desolada. Bem, foi como me senti.

Ele nunca havia sido grosseiro comigo desde o dia em que nos conhecemos, e só queria me ajoelhar aos pés dele e implorar que me explicasse o que eu havia feito de errado.

Mas aí entra o orgulho. Conforme a montanha-russa de emoções seguia seu caminho, o orgulho bateu. Por que eu deveria me sentir daquele jeito? Certamente ele sabia que estava me magoando. Aquilo não importava? Todos aqueles pensamentos colidiam com a decepção e o sofrimento, e a montanha-russa atingiu seu ponto mais alto, descendo a toda velocidade para o fundo do poço. Aquele poço onde a razão se transforma em pó enquanto a emoção pura assume o comando.

Já praticamente chorando, implorei para ele explicar. "Hugo, não tenho ideia - de qual é o problema, mas preciso dizer que você está me deixando muito

chateada. O que posso ter feito de errado?" Ele continuou de costas para mim por alguns instantes, até finalmente se virar.

"Aquilo!", disse ele, apontando de modo bizarro para minha região púbica. Em outra mudança na espiral de emoções que eu estava vivenciando, sarcasmo e raiva tomaram a dianteira, apenas por alguns segundos. "O que estava esperando? Um pênis?" Provavelmente eu não devia ter dito aquilo.

"Você é ruiva."

Eu estava confusa. Que diabos ele queria dizer? Olhei para baixo e de repente me dei conta de que eram meus pelos pubianos escuros e sedosos que, inexplicavelmente, estavam causando todo o problema. Fiquei completamente desnorteada.

"Sim, meu cabelo é ruivo agora, mas muita gente me conheceu loira, embora eu seja naturalmente morena. Eu tinjo o cabelo, assim como uns cinqüenta por cento de toda a população feminina. Ainda mais do que isso, eu imagino.

Qual é o problema?"

'Você realmente não entende, não é? Eu me casei com você em parte por causa do seu lindo cabelo, e agora descubro que ele não é real." Foi tão trivial que todas as emoções prévias evaporaram, sem deixar nada além de uma vaga sensação de perplexidade, pois algo tão insignificante não podia ter tanta importância para ele.

"Mas o que importa? Eu não me casei com você por nenhum outro motivo além de amor. Hugo, não sei nada sobre o seu corpo, mas isso não tem nenhuma importância. Por que teria? Quero explorar seu corpo e conhecê-lo, sejam quais forem suas perfeições e imperfeições. É você que eu amo!" Ele simplesmente virou as costas para mim mais uma vez, como se minhas palavras não significassem nada.

A dor entorpecente de outra rejeição ainda estava lá, mas eu começava a ficar irritada porque, francamente, ele estava sendo ridículo. Mas se era para discutirmos, o que parecia ser o mais provável, eu não continuaria parada ali, nua. Chutei os sapatos de salto e peguei um roupão de banho que estava belamente dobrado na beirada da cama.

Comecei a me sentir consideravelmente menos vulnerável. Se era briga que ele queria, era briga que teria.

“Sabe, Hugo, acho que temos poucas opções aqui. Número um, podemos nos divorciar. O casamento não foi consumado, para minha grande decepção. Número dois, posso comprar um vidro de tinta ruiva para cabelo, mas só amanhã, quando as lojas estiverem abertas. Número três, você sempre pode usar uma venda. Ou número quatro, você pode parar de ser tão ridículo. Escolha.”.

Depois de todas as minhas tentativas de agir de acordo com os desejos de Hugo, minha raiva estranhamente pareceu ter surtido algum efeito, porque ele me respondeu, embora com certa frieza.

“Mesmo não apreciando seu tom de voz, Laura, nem tolerando o uso de linguagem vil, sei que minha reação pode ter parecido um pouco exagerada para você.”

Eu engoli a resposta óbvia ao comentário e o deixei continuar.

“Está claro que não estima o significado que isso tem para mim, mas vou explicar e espero que você entenda. Eu me casei com você porque a considero muito parecida com uma pessoa que me era muito querida. Para dizer a verdade,

a pessoa mais maravilhosa que eu já conheci. Ela tinha um lindo cabelo ruivo, e até conhecer você, nunca havia encontrado alguém tão parecida com ela. Éramos fiéis um ao outro, e você se parecia muito com ela; sua força, seu corpo, mas especialmente seu cabelo.”

Eu achei que mais nada poderia me magoar naquela noite, mas isso foi como um soco no peito. Sufoquei uma resposta e perguntei por que ele não tinha se casado com ela então, já que era tão maravilhosa. “Não era possível. E

agora ela se foi.Achei que você poderia substituí-la”

Fiquei nauseada. Durante todos esses meses, ele estava comigo não por minha causa, mas porque eu me pareço com outra pessoa. Provavelmente alguma mulher casada que havia voltado para o marido. Mas eu precisava saber.

“Hugo, você me ama? Ignorando qualquer semelhança com essa mulher, você

quer continuar casado comigo?”

“Considerando que não estou preparado para sofrer a ignomínia de um segundo casamento fracassado, Laura, teremos que encontrar um modo de superar minha decepção. Então, sim, quero continuar casado com você.”

Enquanto escrevo isso, não sinto nada além de desgosto — pelo fato de ele não ter dito que me ama, de ter casado comigo para substituir essa outra mulher e de eu ter me deixado convencer de que não precisávamos fazer sexo antes do casamento. Não sinto remorso nenhum pela cor do meu cabelo. Acho que ele está sendo totalmente absurdo.

Na hora, contudo, a única emoção foi o alívio por meu casamento não ter terminado e por eu ter uma chance de consertar tudo o que estava errado. E difícil entender por que eu me senti assim. Esperava indignação, raiva, todo tipo de sentimentos negativos. Mas só queria acertar as coisas em nosso casamento. Então respirei fundo, fui até a janela onde ele estava e envolvi sua cintura com os braços. Recostei a cabeça no ombro dele e sussurrei em seu ouvido. “Sinto muito não ter dito que essa não é minha cor natural. Se alguma vez tivesse ido à casa dos meus pais, saberia disso, porque eles têm muitas fotos minhas. Mas isso não pode ser um problema tão grande. Eu me mantenho ruiva pelo tempo que você quiser.Vamos para a cama, querido? Vamos superar isso.”

Hugo se virou e colocou as mãos sobre meus ombros. “Vá você para a cama. Eu chego em alguns minutos”

Ficou claro que eu não teria o prazer de despi-lo, mas pelo menos não estivamos caminhando para um divórcio precoce. Estupidamente, decidi que era necessário acrescentar um pouco de leveza, e assim que Hugo se virou para sair, gritei para ele.

“Nunca se sabe, Hugo. Talvez essa outra mulher também tingisse o cabelo.”

Ele não interrompeu seu caminhar, e talvez eu devesse ter antecipado sua resposta.

“Eu sei muito bem. Ela não tingia.”

Hugo saiu e fechou a porta.

*** * * ***

Não quero me ater muito à próxima parte. A consumação do meu casamento. Mas vou contar. Quando ele voltou para o meu quarto, tinha uma toalha enrolada na cintura. Apagou as luzes antes de tirá-la e foi para a cama.

Sussurrei que gostaria que as luzes ficassem acesas, pois queria explorar seu corpo, das dobras atrás dos joelhos até o vão na base do pescoço, ou algo do tipo. Queria que ele entendesse o quanto eu o adorava. E, para ser sincera, eu queria mesmo ver meu marido nu. Não acho que seja algo tão estranho!

Hugo, no entanto, tinha outra visão. Ignorou meu pedido sobre a luz e me puxou para perto dele, beijando-me no pescoço, mas não na boca. Para mim, o beijo sempre foi uma das atividades mais eróticas, e nada me excita mais. Mas toda vez que eu tentava aproximar minha boca da dele, ele conseguia dar um jeito de se afastar. Quando minhas mãos começavam a vagar por seu corpo, ele as segurava com firmeza. Fiquei me perguntando se podia ser algum tipo de preliminar — talvez ele quisesse que eu resistisse em tocá-lo pelo máximo de tempo possível, Então entrei na onda.

Com Hugo, parece que essa é sempre a melhor opção. De repente, ele me virou de barriga para cima e literalmente subiu em mim, depois de nada mais que alguns minutos de beijos no pescoço. Não sei se consigo escrever o que aconteceu depois.

Será que quero mesmo contar essa parte?

Senti a mão dele escorregar entre nossos corpos, e ele se guiou para dentro de mim. Foi uma luta, porque, para ser sincera, ele quase não estava duro. Tentei sugerir gentilmente que fôssemos mais devagar. Talvez pudéssemos apreciar

um ao outro por um tempo. Ele me ignorou, e o que se seguiu foi extremamente desagradável. Sem nenhum interesse aparente em como eu estava me sentindo, ele simplesmente meteu em mim, tentando se excitar, até que, com pouco mais de um gemido, tirou o pênis com cuidado & se deitou de costas.

Eu mal podia falar. As lágrimas escorriam pelo meu rosto e eu fiquei feliz pelas luzes estarem apagadas. Não queria que ele soubesse o quanto tinha me decepcionado. Contive um soluço, mas não precisei me preocupar em disfarçar meu choro por muito tempo. Senti um movimento e me dei conta de que Hugo

estava se levantando da cama.

“Boa noite, Laura.”

E foi isso. Sem dizer mais nada, ele me deixou.

*** * * ***

Na manhã seguinte, acordei sozinha — novamente. Nada de fazer amor pela manhã, nem mesmo abraços e pernas entrelaçadas para começar bem o dia. Lembro de me sentir completamente oca, como se minhas entranhas tivessem sido removidas enquanto eu dormia. Por um instante, não consegui entender por que me sentia daquele jeito.

E estranho; as pessoas dizem que quando acontece algo ruim, normalmente acordam se sentindo bem até que se dão conta da situação. Comigo acontece o contrário. Acordo sentindo a dor, mas demoro um tempo para me lembrar do que a causou.

Lá estava eu, com dois dias de casada e já sabendo que meu marido havia se casado comigo porque eu me parecia com outra pessoa, que dormiríamos em quartos separados e que o sexo não é, pelo menos por enquanto, a união arrebatadora de duas pessoas como eu esperava.

Outras coisas aconteceram desde então, porque já se passaram sete dias. Mas não consigo escrever mais. Não agora, pelo menos.

Queria tanto poder te contar essas coisas, contar de verdade. Não sei o que fazer, Imo. Estou confusa e infeliz.

Mas preciso pensar positivo. Então vou pedir uma taça grande de vinho branco e tentar me concentrar em pensamentos construtivos antes de voltar para o hotel. E para Hugo.

Bjs, Laura

19.

A segunda-feira amanheceu ensolarada e clara, o típico dia de outono que Tom normalmente apreciava. Depois da saída de Kate, na noite anterior, ele ficou

tremendamente tentado a atacar uma ótima garrafa de puro malte que tinha no armário, mas agora estava feliz por ter resistido. O vinho havia sido suficiente, e ele começou o dia com a cabeça leve. Bem, pelo menos no que se referia ao excesso de álcool. Em todos os outros aspectos, estava confuso, com um milhão de pensamentos diferentes e aparentemente sem qualquer relação entre si brigando pela supremacia de sua mente.

— Obrigado, Kate! — resmungou Tom para si mesmo. Questões pessoais eram a última coisa que ele precisava resolver no momento. Tinha que se concentrar no trabalho.

A primeira parada foi na sede da polícia, mas ele queria voltar a Oxfordshire assim que possível.

Como Becky, era capaz de sentir a tensão borbulhando sob a superfície, mas, diferentemente da sargento, queria entender a causa.

Apesar de ainda serem sete da manhã, encontrou alguns membros de sua equipe já a postos. Era um grupo entusiasmado, então ele chamou todo mundo para uma rápida reunião sobre os progressos feitos nas onze horas que haviam se passado desde que ele voltara para a suposta paz de seu apartamento. Tom se apoiou em uma mesa no fundo da sala, e as pessoas puxaram cadeiras em volta. Ajay sempre estava disposto a ser o primeiro a falar, e naquela manhã não foi exceção.

— Descobrimos algumas informações sobre Tina Stibbons, senhor. Ela é fichada. Estava trabalhando como enfermeira de um senhor idoso perto de Cromer, e a filha do sujeito a acusou de roubar alguns selos valiosos. Suas digitais estavam por todo o álbum, e ela explicou dizendo que estava vendo os selos com a permissão do velhote. Ele não conseguia se lembrar se havia concedido permissão a ela ou não. A filha estava inflexível quanto a ver Tina presa, mas dois dias antes de o caso ir a julgamento, todas as acusações foram retiradas. Os selos nunca apareceram, Tina foi embora de Cromer e nada mais foi dito. A polícia local ficou furiosa, mas como o idoso já estava morrendo, não pareceu apropriado acusá-los de desperdiçar o tempo da polícia. Suspeitaram fortemente de chantagem, mas nada ficou provado. A filha pareceu desesperada para varrer tudo para baixo do tapete. Só Deus sabe o que Tina descobriu.

Tom conseguia ver um padrão se formando depois do que Tina, também conhecida como Annabel, havia dito no dia anterior.

—- Bom trabalho, rapazes. Conseguiram alguma foto de Tina?

— E claro que sim, e não é nada bonita, posso garantir! Que diabos o velho Hugo estava pensando? — questionou Ajay. Vindo de um homem que precisava ter o cabelo sempre arrumado e se orgulhava de sua beleza asiática, aquele era um comentário bem típico.

— Aparência não é tudo. Ela cuidava da mãe dele. Talvez ele tenha sido capaz de vê-la com outros olhos. Onde está a foto?

— No quadro bem atrás de você, chefe. Canto superior direito.

Tom se virou para olhar para o quadro branco magnético e até ele

ficou um tanto chocado com a foto. Tina Stibbons e Annabel Fletcher não pareciam a mesma pessoa. No dia anterior, ela havia dito a ele que parte do acordo feito com Hugo envolveu “algumas cirurgias plásticas”, e não estava brincando.

Uma das jovens entregou a ele uma providencial xícara de café e apontou para a foto ao lado.

— Essa foi tirada pouco antes da festa de casamento. Foi uma grande notícia, embora Hugo quisesse uma cerimônia privada, de modo que a maior parte aconteceu a portas fechadas. Mas dada sua posição, os paparazzi passaram o dia trabalhando com suas teleobjetivas. Vocês já assistiram àqueles programas americanos de transformação?

Os homens da equipe pareciam confusos, mas algumas meninas sorriram e confirmaram com um aceno de cabeça.

— Eles pegam as meninas mais comuns do mundo e fazem muitas cirurgias plásticas.

Conseguem transformar patinhos feios em cisnes, com plástica no nariz, no queixo, nos olhos e na barriga, silicone nos peitos e todo tipo de próteses dentárias. Praticamente removem a pele e depois a colocam de volta no lugar, fazem depilação a laser quando há muito pelo nos lugares errados, implante de cabelo onde não há o suficiente, e depois que criam um espécime com uma aparência física completamente diferente, ainda tem penteado e maquiagem. É

incrível, mas todas acabam ficando praticamente idênticas. Bem, ela parece o produto de um desses programas, e eu estimo que o novo visual deve ter custado mais ou menos meio milhão.

— Alguém além de mim acha um pouco estranho que ele tenha transformado um patinho feio em um cisne no primeiro casamento e depois feito o oposto no segundo? — perguntou Ajay, voltando a falar de aparências, seu assunto preferido. A maioria concordou, mas Tom sentiu uma estranha obrigação de defender Laura.

— Acho que todos vocês sabem que ela esteve doente — lembrou ele —, e a depressão, ou seja o que for, teve um impacto sobre ela. Mas eu não a subestimaria, se fosse vocês. Ela tem seus méritos.

Tom sorriu com os assobios e uivos que já eram de se esperar. Era bom deixar o clima mais leve, mesmo à sua própria custa.

— Certo, o que mais temos?

Ele tomou um gole de café enquanto olhava ao redor e viu uma jovem policial, que Tom lembrou bem a tempo que se chamava Alice, levantar a mão.

— Verificamos os voos de Laura Fletcher e Imogen Kennedy. Todos batem. A única coisa é que não sabemos exatamente onde Kennedy estava na noite anterior ao crime. Pelos horários, achei que seria bom verificar os voos de todos os aeroportos de Londres para Paris, só para o caso de ter vindo, cometido o assassinato e pegado um avião de volta. Mas não encontrei nada.

— Bem pensado, Alice. Muito bem. Não temos motivos para suspeitar de Imogen Kennedy, e ela alega que não vê Hugo há alguns anos. No entanto, quando perguntei o que ela achava dele, detectei uma mentira. Ela pareceu vagamente evasiva. Disse que ele não era muito divertido, ou algo assim. Alguma coisa em sua indiferença me pareceu calculada. Por outro lado, Laura passou de adversária a fiel defensora no que se refere a Imogen. Com ou sem álibi, não quero que a Sra.

Kennedy seja descartada. Alice, por favor, verifique tudo o que puder sobre ela, qualquer visita ao Reino Unido nos últimos anos; na verdade, todas as viagens, pára vermos se têm alguma relação com Hugo.

Tom olhou para todos os presentes na sala.

— Certo. Continuando. Temos alguma novidade sobre Danika Bojin, a garota desaparecida?

“Não, chefe, não encontramos nenhum sinal dela. Conversamos com a família com a qual ela estava vivendo, os Gregsons, e eles não sabiam dela. Disseram que era uma garota adorável, sempre muito grata a Sir Hugo. Ela estava com eles há dois anos, desde os 16. Não conseguem imaginar que ela possa estar envolvida nisso.

— Eles acrescentaram algo útil? — indagou Tom.

— Disseram que muitas garotas desaparecem. As gangues as ras-treiam e as pegam de volta depois de já terem sido pagas por elas. Na tentativa de evitar que isso aconteça, assim que as meninas são alocadas nas casas, não devem manter contato umas com as outras. A teoria é que, mantendo-as separadas, o rastro esfria, e isso ajuda a integrá-las à vida com as famílias, que também não devem saber nada a respeito umas das outras. Aparentemente, tudo por questões de segurança.

Gregson disse que não entende muito bem a lógica disso, e alguns dos funcionários da instituição concordam com ele. Mas Sir Hugo era inflexível, e era ele quem pagava as contas... De qualquer modo, segundo Peter Gregson, Danika quebrou as regras. Desde que foi morar com eles, manteve

contato com duas meninas... — Ajay consultou suas anotações. — Mirela Tinescy e Alina Cozma.

Elas concordaram em não contar umas às outras onde moravam, mas se encontravam todos os meses durante uma hora. Peter ficou sabendo porque Alina Cozma desapareceu nos primeiros seis meses de liberdade, e Danika pediu a ajuda dele.

Primeiro essa menina, Alina, desapareceu, e agora Danika Bojin. Tom sabia que Jessica havia sido um tanto negativa em relação a algumas das meninas, dizendo que jogavam fora a chance de uma nova vida, mas essas duas não pareciam se encaixar nessa descrição. Ele rabiscou os nomes no bloco de notas com uma grafia aproximada.

— Por que Danika estava preocupada?

— Alina havia faltado a dois encontros, e embora elas não tivessem como entrar em contato com ela, tinham certeza de que ela daria um jeito de avisar se tivesse se mudado. Acho que elas assistiram a muitos filmes do James Bond, porque haviam “armado um esquema”. — Ajay riu. —

Elas combinaram que, se algo acontecesse, escreveriam um bilhete e colocariam na base de uma lixeira no Green Park, perto de onde se encontravam. Não havia nada. É claro, o bilhete podia ter sido jogado fora, mas Danika estava muito preocupada. Não via a amiga há quase três meses, então resolveu falar com a instituição. Foi até a Egerton Cres-cent, e Mirela Tinescy foi junto. Falaram com Jessica Armstrong para perguntar se ela sabia o que havia acontecido com Alina. Jessica não podia ou não queria ajudá-las. Simplesmente brigou com elas por terem desrespeitado as regras e disse que haviam se metido em sérios problemas. Hugo não estava lá.

Ajay agora tinha a atenção total de todos. Ninguém na sala se mexeu, e ele continuou.

— Danika decidiu que não se importava de se meter em problemas. Só queria saber da amiga.

Então, alguns dias depois, resolveu procurar Hugo na casa dele em Oxfordshire. Mirela não teve coragem suficiente para ir junto, então ela foi sozinha. Depois de todo o trabalho que teve, Hugo não estava lá. Ela contou tudo a Lady Fletcher e, segundo Danika, ela foi muito simpática e prestativa. Disse que acompanharia o caso. Mas ela só recebeu notícias de Laura uma vez, algumas semanas depois. Danika ficou muito decepcionada, mas Laura foi mandada de volta à casa de saúde logo em seguida. Deve ter sido pouco antes do Natal, há alguns anos.

Tom ficou momentaneamente aturdido. Se Laura conhecia Danika, por que não havia dito nada no dia anterior, quando escutaram o recado? Ela parecia desinteressada e chegou a dizer que não sabia nada a respeito das meninas. Por que mentiria?

— Como sabemos de tudo isso, Ajay, se Danika ainda está desaparecida? — perguntou Tom.

— Ela contou toda a história a Peter Gregson porque sentiu que havia quebrado

sua confiança.

Ele tem certeza de que, desde então, ela passou a cumprir as regras. Quer dizer... até desaparecer, na quarta-feira.

Tom ainda estava confuso com a falta de reação de Laura. Então algo lhe ocorreu. Ele havia presumido que ela ficara chateada com a mensagem de Annabel, mas talvez tenha entendido completamente errado. Talvez o motivo tenha sido a notícia do desaparecimento de Danika.

Embora tenham se passado dois anos desde que se conheceram, ele não acreditava que Laura não fosse capaz de reconhecer o nome de Danika.

—- Nós já perguntamos sobre essa... — Tom verificou suas anotações — Alina Cozma a Jessica Armstrong? Becky disse que ela é responsável por acompanhar os casos das garotas desaparecidas.

— Não. Voltaremos a falar com ela assim que o escritório abrir, hoje pela manhã. Vamos tentar descobrir se aconteceu alguma coisa com Alina ou se ela apenas fugiu. Precisamos falar também com a outra garota, Mirela Tinescy, para ver se pode dar alguma pista de onde Danika pode estar.

— Certo. E pegue detalhes sobre todas as garotas que desapareceram nos, digamos, últimos 12

meses. Qualquer uma pode ser suspeita. Veja o que consegue descobrir. Agora, o que mais? Alguma coisa sobre OS guarda-costas?

A sala estava cada vez mais cheia de gente, e Tom notou que o superintendente havia chegado e estava sentado no fundo, escutando. Alice levantou a mão com um pouco mais de cautela dessa vez.

Olhou por sobre o ombro, vendo a sala lotada, e Tom pensou que a achava tímida demais para ser policial. Sem dúvida era uma pessoa brilhante, exatamente do que ele precisava, mas suas bochechas ficaram vermelhas quando ela começou a falar.

—Sim, chefe. Falei ontem com a empresa que normalmente atende Sir Hugo. Eles disseram que naquele fim de semana ele foi bem específico em dispensá-los. Disse que tinha um assunto particular para resolver e não participaria de

nenhum evento. Confirmaram o que Lady Fletcher tinha dito: ele tendia a usar o serviço basicamente quando precisava ir a um evento público, e nunca havia acontecido nenhum problema. Não entendiam por que ele fazia tanta questão.

— Alguém perguntou se, na experiência deles, acreditavam que Hugo tinha uma amante ou se outra mulher o acompanhava a algum lugar?

— Sim, fizemos essas perguntas. Mas todos os homens, e havia três normalmente designados a ele, disseram que nunca viram nem sinal de outra mulher.

Tom colocou as mãos nos bolsos. Estavam em um beco sem saída então.

— Certo. Alguma coisa sobre as perucas? — prosseguiu ele sem muita esperança.

Um dos investigadores mais antigos, porém mais populares, se levantou.

— Não pudemos fazer muita coisa ontem porque estava tudo fechado, mas voltaremos a cuidar disso hoje. Mas tem mais uma coisa, chefe. Dei uma investigada para descobrir qual foi o suposto problema com Lady Fletcher. Embora os médicos não tenham confirmado nada, as pessoas começaram a desenterrar toda a sujeira possível quando aquela foto dela foi publicada, certamente pagando pela informação. A história era que ela tinha transtorno delirante, e isso bate com o que a mãe dela disse a Becky. Pelo menos foi isso que ela teve da segunda vez. Não sabia muito bem o que significava, então pesquisei na internet. Para o pessoal meio limitado daqui, simplifiquei em algumas frases. — O policial se referia a um impresso que tinha em mãos. Tossiu com exagero. — “O

transtorno delirante acontece quando uma pessoa tem uma ou mais ilusões não surreais. Podem ser extremamente funcionais e não demonstrar nenhum comportamento estranho ou não convencional, exceto como resultado direto de sua crença ilusória.”

Exceto por alguns comentários sarcásticos de que o texto era “meio limitado”, o resumo foi recebido com silêncio.

Apenas Tom tinha uma pergunta.

— O que pode ser definido como ilusão não surreal?

— Acredito que é quando a ilusão é realmente plausível, mesmo que claramente falsa. Seria uma ilusão surreal se eu acreditasse que todas as pessoas que estão nessa sala têm a cara azul ou que marcianos invadiram a sala da minha casa. Uma ilusão não bizarra seria acreditar que sempre que eu saio de uma sala, todo mundo ri de mim ou que minha esposa está tendo um caso com o leiteiro, mesmo havendo evidências incontestáveis de que o leiteiro é gay. A pessoa delirante acredita estar cem por cento certa e não pode ser convencida do contrário.

A descrição resultou em risos e zombaria, como sem dúvida pretendia o inspetor. Tom sabia que pelo menos nas 24 horas seguintes, até todos se cansarem disso, toda vez que algum policial saísse da sala haveria gargalhadas altas, apesar de falsas, e que piadas sobre leiteiros seriam abundantes. O

clima manteve-se leve, mesmo que todos estivessem trabalhando muito, e ele sabia que ninguém esqueceria essa descrição.

— Soubemos ontem que um chefe de polícia teve algum tipo de envolvimento na internação de Laura. O superintendente Sinclair concordou gentilmente em verificar isso para nós. Alguma resposta, senhor? — perguntou Tom, mostrando a devida deferência pelo chefe diante do resto da equipe.

Do fundo da sala, o superintendente-chefe se levantou.

— Sim e não. Acontece que o chefe de polícia em questão é Theo Hodder.

Tom não conseguiu deixar de notar a expressão das pessoas na sala. Mesmo quando estava trabalhando em Manchester, já tinha ouvido falar de Theo Hodder. Embora ele não fosse da Polícia

Metropolitana de Londres, havia sido matéria de vários rumores não comprovados dentro da corporação. Mas nada fora provado contra ele.

— Infelizmente, o Sr. Hodder está em uma exótica aventura, de férias em algum lugar do Amazonas, impossível de ser contatado — continuou James Sinclair. — Era de se pensar que ele já tivesse emoção o suficiente nesse emprego, mas aparentemente ele saiu em algum tipo de missão para encontrar tribos canibais escondidas por aí. Nós certamente teríamos encontrado algo similar para ele, se

tivesse pedido. Então parece que teremos que esperar ou perguntar à própria Lady Fletcher sobre o ocorrido. Mas vocês foram muito bem. Conseguiram muita informação, considerando que ontem foi domingo.

O bom e velho James, Tom pensou. Sempre estimulando a equipe.

Ciente de que havia poucos suspeitos plausíveis, Tom decidiu repassar as opções e fazer um brainstorming para ver se surgiam outras ideias.

— Certo. Alice, pode fazer o papel de escrivã, por favor?

Ela se levantou imediatamente e caminhou até o quadro branco, empurrando para o lado as fotos e outros documentos presos por ímãs. Pegou uma caneta vermelha.

— Vamos listar todos os suspeitos começando pelo óbvio, Laura Fletcher. Ainda não pensei em nenhum motivo específico além do fato de Hugo possivelmente ter sido responsável por sua internação. Já foi há algum tempo, embora se diga que a vingança é um prato que se come frio.

Havia algo estranho no relacionamento dos dois, mas ainda não me aprofundei nisso. Algum comentário?

Como sempre, Ajay foi o primeiro a responder.

— Sim, chefe. O cara que viu a mulher saindo, se for mesmo a mulher que procuramos, disse que ela era sensual. Acha que esse adjetivo se aplicaria a Laura Fletcher?

— Quando vimos Laura pela primeira vez, Becky disse que ela era uma mulher que parecia ter desistido da vida. Acho que foi esse o comentário. Mas troque as roupas desmazeladas, coloque uma maquiagem... Acho que teria um impacto significativo na percepção que temos sobre ela. No entanto, como é irrefutável que ela estava em um avião na hora do crime... Alguém acha que vale a pena investigar?

Como Tom esperava, ninguém achou.

— Em seguida, a ex-mulher, Annabel, também conhecida como Tina. Bom motivo: ela achou que Hugo estava prestes a modificar o testamento, embora eu

suspeite de que ela estaria financeiramente melhor com ele vivo do que morto. Ela não tem álibi, então, em teoria, é possível.

Mas é magérrima, e eu não imagino que fique bem usando saia de couro. As pernas parecem varetas.

E não esqueçam que Hugo permitiu que a pessoa o amarrasse à cama, porque não havia sinal de luta. Também foi necessário certo grau de inteligência. Não quero descartá-la, mas realmente não acho que ela teria feito isso sozinha. Teria que ser um trabalho encomendado, e não conheço muitas assassinas de aluguel.

O nome de Annabel foi acrescentado à lista, com uma flecha apontando para sua foto.

— Na mesma casa — continuou Tom —, Hannah Jacobs, a babá. Foi descrita como "vaca apaixonada" quando ficava perto de Hugo, e, segundo Stella Kennedy, ela forneceu provas da primeira vez que Laura foi internada. Mas, aparentemente, ela estava em Oxfordshire com Alexa.

Nadando. Precisamos verificar isso, ter certeza de que ela não deixou Alexa com alguma outra babá.

Tom havia começado a andar de um lado para o outro enquanto se concentrava em tudo o que tinha descoberto nos últimos dois dias.

— Depois temos Imogen Kennedy. Ela estava realmente na França, mas existem alguns furos.

Não tenho nenhuma pista do motivo, e não há indícios de que ela já tenha estado em Egerton Crescent. Mas há algo estranho acontecendo lá, e não podemos esquecer isso.

"Jessica Armstrong, assistente pessoal e grande fã de Hugo, ou pelo menos é o que diz. Idade e corpo compatíveis, tinha acesso fácil ao apartamento. Suas digitais foram encontradas em alguns

lugares, mas isso pode ser justificado. Ela não forneceu nenhum álibi. Não encontramos nenhum motivo além de uma possível obsessão pelo homem, mas ela não é fácil de desvendar. Precisamos investigar bem e ver o que conseguimos descobrir. Becky acha que ela é, de longe, a candidata mais provável a amante."

Alice anotou o nome de Jessica.

— Prostitutas do Leste Europeu, garotas resgatadas. Pelo menos uma está desaparecida, senão mais. Elas podem ter feito tudo juntas, talvez persuadidas por alguém. Não sabemos qual teria sido o motivo. A Operação Maxim acha improvável. Alguma ideia?

Bob, um dos investigadores mais experientes, falou:

— Considerando que ele tinha todos esses acordos com prostitutas e uma delas está desaparecida, não seria possível que essa que sumiu tivesse se tornado amante de Hugo? Com Laura internada, ele pode muito bem ter recorrido a uma de suas próprias prostitutas. Talvez estivesse trocando a amante atual por um modelo mais novo, ou algo do tipo, e a que foi descartada não gostou muito.

Tom fez um gesto de assentimento com a cabeça.

— Bem pensado, Bob. Precisamos verificar isso assim que o escritório abrir. A única pessoa que pode saber disso é Jessica, então pressione-a o máximo que puder. Ligue quando souber de algo. E

falando em Jessica, alguém acha que Rosie poderia estar envolvida? Para quem não a conheceu, é a secretária, aquela que nos ajudou a encontrar Laura.

Bob foi o primeiro a responder de novo.

— Sinceramente, não. Eu estava lá no sábado, quando ela ficou sabendo o que havia acontecido com Hugo, e pela reação que teve, eu diria que é improvável. Nós a localizamos na Harvey Nichols cerca de três horas depois do assassinato. Segundo a amiga que estava com ela, as duas estavam lá há pelo menos duas horas. É preciso ter muito sangue-frio para ir fazer compras uma hora depois de cometer um assassinato.

Pelo que ele tinha visto e pelo que Becky havia falado, Rosie não se encaixaria de jeito nenhum naquela categoria.

— Certo, no topo da lista estão as garotas resgatadas ou uma amante que ainda desconhecemos

— resumiu Tom. — Alice está verificando os passos de Imogen Kennedy nos

últimos anos, vamos ver se conseguimos pegá-la em alguma mentira a respeito de Hugo. Jessica é uma possibilidade, então precisamos investigar todos os ângulos: dinheiro, namorados, vida social, algo em seu computador, etc. Também precisamos verificar se ela sabia algo sobre a visita que Danika Bojin fez a Hugo há alguns anos e, segundo Peter Gregson, novamente na semana passada. Tem também a anotação misteriosa na agenda dele, que não aparecia na agenda que ficava em casa. Como era mesmo?

— LMF, chefe —- respondeu Ajay. — Ainda não sabemos do que se trata. Olhamos todos os nomes e endereços, no computador e fora dele, para ver se as letras têm relação com alguma pessoa ou lugar, mas não descobrimos nada. Os peritos estão com o computador, mas ainda não encontraram nada significativo.

— Certo. Continuem procurando. Perguntem a todas as pessoas que entrevistarem e torçam para terem inspiração. Alguém conseguiu algo sobre a nicotina líquida?

Bob voltou a levantar a mão rapidamente.

— Sim. A mesma história de sempre. Vasculhe bastante a internet e ela lhe dirá como fazer as coisas. E é bem fácil. Existem outras opções, como conseguir com alguém que trabalhe em empresas que produzem adesivos de nicotina, mas o mais provável e seguro é fazer a sua própria.

— Obrigado, Bob. Nada é sagrado hoje em dia, não é? Certo, pessoal: vamos continuar de onde paramos e nos reunir novamente hoje à noite para ver o que mais esclarecemos. Estou voltando para Oxfordshi-re daqui a pouco para ver o que mais consigo descobrir sobre a vida de Hugo. Liguem avisando sobre as garotas desaparecidas. Enquanto isso, vou verificar com Lady Fletcher o que ela

pode me dizer sobre o dia em que Danika foi visitá-la.

E tentar descobrir por que ela não mencionou que a conhecia, pensou ele consigo mesmo.

20.

Imogen acordou muito cedo, depois de um sono intermitente. Havia parado de ler depois da primeira noite da pobre Laura com Hugo. O desejo de continuar a leitura tinha sido forte, mas ela sentiu a necessidade de absorver o que havia lido

e compreender as coisas lentamente. O dilema de Laura estava muito claro para Imogen, assim como sua dor e decepção.

Ela sabia que ninguém mais estaria acordado, então recostou nos travesseiros e puxou as cartas para si.

*** * * ***

AINDA SETEMBRO DE 1998!!

Minha querida amiga,

Hoje é o último dia da nossa lua de mel. Sairemos de Positano daqui a mais ou menos duas horas. Hugo esta lendo o jornal, e eu fugi para "a praia". Não é bem uma praia o que tem nesse hotel, é uma formação rochosa com degraus que descem para o mar. É preciso pegar um elevador pelo penhasco para chegar até a praia. Estamos mais para o fim do ano, é claro, mas o sol está brilhando e eu achei que poderia pelo menos voltar bronzeada. Ainda quero manter a impressão de que tive uma lua de mel maravilhosa. O mais triste é que, de muitas formas, ela foi perfeita.

Hugo foi charmoso e atencioso, e escolheu os lugares apenas para me agradar, mas não consigo superar a decepção de nossa vida sexual.

Bem, não tem como Hugo me perturbar aqui embaixo. Ele ficou horrorizado por eu querer me aventurar por uma área pública quando podia simplesmente aproveitar a varanda de nossa suíte, então certamente não vai me seguir.

Tudo nesse hotel é luxuoso, no entanto, e a arrogância do meu marido me deixa livre para escrever para você em segurança. Sinto muito — foi um comentário rancoroso e desnecessário, mas receio que ele seja meio esnobe.

Seja como for, vou voltar ao primeiro dia da minha lua de mel e contar tudo o que aconteceu. Por pior que estivesse me sentindo naquela manhã — depois do que tinha acontecido na noite anterior — eu me obriguei a levantar e me vestir, embora a dor da decepção não tivesse desaparecido totalmente.

Mas estava em Veneza, cidade do amor. "La Sereníssima".

Para mim, essa é a cidade mais romântica da face da terra, com suas vistas

majestosas, impressionantes palazzos antigos, e a magnífica Piazza San Marco.

E um lugar conhecido por casos de amor e amantes famosos; uma cidade de contradições, de pontos turísticos agitados a calmas e estreitas ruazinhas de paralelepípedos que seguem ao longo de canais silenciosos e desaparecem em uma esquina. Sei que nunca esteve aqui, mas ao se afastar das multidões, é possível escutar sons de risadas e gritos e a cantoria pelas janelas abertas e venezianas fechadas; o cheiro de comida — alho, ervas e tomates —- exala das casas e se mistura com o cheiro mofoso e terroso da água. Há um tipo de alegria persistente nesse lugar. Sabia que em Veneza o amante de uma mulher casada (chamado cicisbeo, aparentemente) costumava acompanhá-la com a permissão do marido em eventos públicos e até à igreja?

Aqui é um lugar onde o amor sexual sempre foi celebrado. E Hugo escolheu me trazer aqui. Deve significar alguma coisa, não é?

Os acontecimentos daquela primeira noite tinham que ser uma aberração. Cansaço do casamento e todos os preparativos, talvez, ou depressão depois da discussão que tivemos. Pode ter sido uma centena de coisas, e eu não conheço Hugo bem o bastante para adivinhar. Que confissão! Mas perguntar implicaria crítica, e sei que denegrir a performance de um homem é caminho certo para a desastre.

Então tentei me lembrar de que foi ele que organizou essa lua de mel perfeita, e por isso decidi que me mostraria grata para fazê-lo feliz. Talvez ele nunca tenha tido um relacionamento amoroso — certamente ele e Annabel não eram felizes. E não existe nada que não possa ser consertado. "Não existe problema, apenas solução", eu sempre dizia no trabalho. Pelo resto de nossa estadia em Veneza, eu estava determinada a fazer tudo para que ele se sentisse bem e tivesse certeza do meu amor. Eu poderia mudá-la

Então foi com um sorriso agradável que cumprimentei Hugo quando saí para nossa varanda particular, onde um delicioso café da manhã estava sendo servido. Eu me inclinei e dei um beijo no topo da cabeça dele.

"Bom dia, querido. Espero que tenha dormido bem. Já planejou o que faremos hoje?"

Hugo parecia ter voltado ao seu bom, porém um tanto quanto contido, humor de sempre. Se ficou surpreso em me ver aparentemente tão feliz, escondeu bem.

“Preparei um pequeno itinerário, sim. E claro que já estive aqui muitas vezes no decorrer dos anos, e será um prazer mostrar a você as melhores partes. Dê uma olhada e veja o que acha.”

Empurrei meu prato de frutas para um lado, puxei o guia com as páginas marcadas para perto de mim e vi que Hugo havia escrito, com sua caligrafia caprichada, uma lista de coisas para fazer em cada um dos dias que passaríamos em Veneza. Meu coração afundou quando vi o que estava em sua lista de prioridades. Sabe que gosto de visitar galerias de arte de vez em quando, mas também amo sentar nas mesas do lado de fora de um café e observar o mundo passar. Queria relaxar na Viana San Marco e ouvir as pequenas orquestras competindo umas com as outras para chamar a atenção. Queria que pegássemos um vaporetto e encontrássemos um lugar sossegado, repleto de moradores locais, para almoçar.

Mas se eu havia aprendido uma coisa era que o segredo do sucesso era não encontrar falhas em nada que Hugo tivesse planejado. Era o nosso primeiro dia, e precisava ser livre de estresse. Seria mais fácil concordar com o que ele queria, e depois talvez fazer uma sugestão ou duas quando Hugo estivesse mais afável.

“Parece ótimo, querido. Acho bom usar sapatos baixos então, porque parece que vamos andar bastante.”

Hugo abaixou a faca que estava usando para passar manteiga na torrada e olhou para mim. “Isso é um problema para você?”

“Nem um pouco. Só estou tentando pensar no que eu trouxe. Vou dar uma olhada depois do café da manhã.Você me ajudou a fazer a mala; tenho certeza de que deve ter algo que sirva.”

O ritmo de nossos dias estava estabelecido, assim como o de nosso relacionamento. Todos os dias íamos de um ponto turístico famoso a uma galeria de arte um pouco menos famosa. Tentei algumas técnicas para tirá-lo um pouco do itinerário, mas não obtive muito sucesso — e, é claro, eu tinha que ser sutil para não causar nenhum tipo de perturbação que pudesse arruinar nossa lua de mel.

Uma vez, estávamos passando por um ponto de vaporetto quando um barco parou.

“Ah, veja, Hugo! Vamos entrar nele por meia hora, só para ver onde nos leva?”

“Laura, isso é como um ônibus!”, disse ele. “Falando sério, querida, não tenho o hábito de pegar ônibus, mesmo que eles flutuem e estejam na cidade mais bonita do mundo. Se quiser mesmo passear pela água, alugamos uma lancha e você pode dar uma volta por aí depois do almoço, enquanto eu leio os jornais. O que acha?” Eu respirei fundo.

“Perfeito. Obrigada, Hugo, é uma excelente ideia.” Ele sorriu com afeto para mim e puxou meu braço para junto do dele. Fiquei muito satisfeita comigo mesma por ter criado um momento tão harmonioso.

Agora, sei o que você pensaria a respeito disso. Posso imaginar o que estaria me dizendo. Mas, Imo, não quero ficar brigando o tempo todo. Deve ter um jeito melhor, não é?

Minha única outra tentativa de fazer algo que não estava no itinerário de Hugo foi quando passávamos pela Piazza San Marco a caminho de algum museu. Era nosso último dia em Veneza.

“Sabe, Hugo, estou com muita vontade de tomar um cappuccino. Podemos ficar em uma dessas mesas e escutar a orquestra um pouco? Só precisamos ficar uns cinco minutos.”

Hugo sorriu e colocou o braço em volta dos meus ombros. “Se quer tomar um café, então deve tomar. Mas não aqui. Esses pombos são nojentos e espalham muitas doenças. O Danieli fica perto daqui.Vamos até lá tomar um café em um ambiente civilizado.”

Embora relaxar no luxo desse hotel magnífico pudesse ser um mimo para qualquer um, eu simplesmente amo observar as pessoas. E isso não significa observar o tipo de clientela que o Danieli atrai, pessoas elegantes e refinadas.

Mas Hugo havia mesmo mudado o itinerário por mim, e de bom grado, então considerei como uma pequena melhora e decidi enxergá-la como um avanço positivo.

Então nossos dias foram passando em relativa harmonia. Hugo fazia planos e eu conheci todos os pontos importantes de Veneza. Comemos pratos incríveis e conversamos muito, provavelmente mais do que nunca. Senti, de verdade, que

estávamos nos aproximando mais.

E ele estava sendo carinhoso, tanto em termos gerais, afetuosos, quanto na forma como segurou minha mão quando entrei na lancha que tomamos do hotel até a Piazza San Marco ou na maneira como me conduzia por uma ruela estreita. Se via uma joalheria ou uma loja vendendo lindos lenços de seda, ficava feliz em parar comigo e perguntava se eu queria entrar e escolher alguma coisa. E cada vez que puxava a cadeira para mim em um restaurante, acariciava meu cabelo ou se inclinava para beijar meu rosto. Tanta coisa era perfeita.

Mas infelizmente as noites eram uma grande decepção. Hugo não sugeriu ir ao meu quarto novamente. Na segunda noite, eu tentei. Perguntei a ele com a voz mais calma possível: "Vai se juntar a mim hoje à noite?"

Ele apenas sorriu e negou com a cabeça. "Hoje não, querida. O dia foi agitado e nós dois estamos cansados. Eu aviso quando achar que está na hora certa." E então enrolou os dedos no meu cabelo e gentilmente me puxou em sua direção para um belo beijo de boa-noite.

Meu Deus, é frustrante. Sei que se criar caso, não vou ganhar nada, e o dia seguinte será um pesadelo. Percebi que a única coisa que eu poderia fazer era tentar tomar os dias os mais agradáveis possíveis, o que, tirando o tour pelos museus e pelas galerias de arte, não era tão difícil, para ser sincera. Mas eu me esforçava pela perfeição, para que assim ele quisesse ir ao meu quarto à noite.

Esperei até a última noite. Fui divertida e provocante durante o jantar, fazendo Hugo rir e o tocando de leve enquanto falava. Ele havia decidido que deveríamos jantar no salão principal do hotel. Disse que queria que o mundo visse sua linda esposa e escolheu um vestido de seda cinza-claro para eu usar, comentando que deixava meu cabelo sensacional. Eu estava bem sensível em relação a comentários sobre meu cabelo, como pode imaginar, mas respirei fundo e me acalmei.

Quando voltamos para nossa suíte, segurei em seu braço e apoiei a cabeça em seu ombro. Prendendo a respiração para o caso de fazer algo errado, arrisquei uma tentativa de elogio. "Só quero dizer que esses últimos dias foram absolutamente maravilhosos, Hugo. Não consigo imaginar um lugar mais perfeito para passar a lua de mel e quero agradecer a você por tornar tudo tão especial."

Hugo apertou meu braço junto ao dele. “Foi maravilhoso, não foi? Espero que tenha servido para você ver que coloco seus desejos em primeiro lugar. Geralmente sei o que é melhor, mesmo que você nem sempre pareça achar o mesmo. Realizei seu sonho de passar alguns dias em Positano, mas depois podemos ir para casa, onde daremos início a nossa verdadeira vida juntos. Tudo será diferente.”

Eu não sabia ao certo o que ele queria dizer com aquilo, mas ficou claro que meu esforço dos últimos dias havia compensado. Decidi arriscar a conquista do prêmio final.

Quando entramos na suíte, gentilmente puxei Hugo em minha direção e pressionei meu corpo de leve junto a ele.

Elevando a boca até a dele, beijei-o com toda a ternura que consegui reunir. Hugo começou a retribuir. Passei a ficar muito entusiasmada e tive que me esforçar para me controlar. Havia chegado a hora. Eu sabia.

Com hesitação, deslizei as mãos para dentro de seu paletó e o envolvi com os braços, passando as mãos bem lentamente pelo comprimento de suas costas. Pressionei meus seios no peito dele — eu sabia que ele tinha lutado para resistir a isso antes de nos casarmos.

“Hugo, o que acha de irmos para o meu quarto?”, perguntei com suavidade. Senti todo o corpo dele ficar tenso.

Suas palavras, quando vieram, foram duras. “Eu pretendia fazer eu mesmo essa sugestão, Laura. Mas é inadequado que uma mulher dê o primeiro passo, não acha?”

Não, eu não acho. Nem me passa pela cabeça. E você? Mas que erro idiota para se cometer. Depois de todo o trabalho que tive, vou lá e cometo um erro de adolescente. Sei que ele gosta de ficar no comando. Pedi desculpas o mais rápido que pude, mas estava tão aturdida que fiz tudo errado. Mais uma vez. “Sinto muito, Hugo. Não percebi que pensava assim, mas em todos os relacionamentos que tive no passado, isso nunca foi um problema. Posso entender que pense diferente, então terei que aprender. Por favor, me perdoe.”

Eu piorei as coisas!

“Aprecio o sentimento, mas não quero ouvir nada disso nem imaginar você em nenhum dos casinhos de puta que possa ter tido antes de nos conhecermos.” Poucos dias atrás, eu teria reagido a tamanha arrogância com irritação ou raiva. Mas agora tudo o que eu sentia era uma completa sensação de fracasso. A frágil ligação que eu havia me esforçado tanto para estabelecer parecia ter se destruído. “Querido, eu nunca fui uma puta. Não mesmo. Contei tudo a você antes de nos casarmos. Como muitas mulheres da minha idade, tive alguns relacionamentos. Mas você sabe que foi o primeiro homem que amei, e o primeiro homem com quem quis me casar e passar o resto da minha vida.”

Fiquei horrorizada ao ouvir um leve tremor em minha voz, mas não conseguia parar de me desculpar. “Sinto muito. Eu só esperava que fôssemos para a cama, e não consigo entender o que fiz de errado.”

A expressão de Hugo se tornou mais suave e ele pousou as mãos em meus braços com cuidado. “Acho que você tem muito a aprender sobre casamento e sobre como os homens pensam. Eu não quis sugerir que você fosse uma puta, e peço desculpas. Mas existe uma grande diferença entre um relacionamento casual e uma parceria para a toda a vida.

Preciso respeitá-la, Laura. E quando implora por sexo, parece um pouco degradante. Entende?”

Eu queria gritar não, não, não, com toda minha força. Mas não o fiz. Tentando desesperadamente não chorar, fui para a cama. Tinha esperanças de que Hugo mudasse de ideia e se juntasse a mim, mas como eu já esperava, ele não apareceu. Minhas ações destruíram o que deveria ter sido um momento lindo. Demorei muito tempo para dormir aquela noite. Passei as últimas horas da minha desejada lua de mel idílica em Veneza deliberando sobre nosso relacionamento.

Eu estava tão confusa. Ainda estou. Você acha que tem a ver com a idade dele? Talvez a posição social. O que acha, Imo?

Eu precisava lembrar que ele pretendia que o casamento e a lua de mel fossem perfeitos para mim. Ele era gentil e atencioso, e comprou tantos presentinhos. Estou dando importância demais a coisas que, na verdade, são triviais? E

daí se ele não quis entrar no vaporetto e eu não fiz o meu desejado passeio de gôndola (vulgar, aparentemente)? E

talvez ele tenha visto minhas tentativas insistentes de levá-lo para a cama como uma forma de crítica por não estar me satisfazendo. Talvez, apesar das evidências contrárias, ele também tenha suas inseguranças. Acha que essa é a resposta? Talvez eu apenas precise me esforçar mais.

Na manhã seguinte, no entanto, não houve menção aos acontecimentos da noite anterior enquanto nos preparávamos para ir a Positano. Eu estava tão ansiosa por essa parte da viagem, mas me sentia apenas cansada e desanimada. Só conseguia pensar no fato de estar casada há quase uma semana, com apenas uma tentativa miserável de fazer amor.

Apesar da sensação de tristeza persistente, a viagem a Positano foi a melhor parte, embora eu me sinta culpada escrevendo isso. A verdade é que Hugo não tem muito interesse nessa parte da Itália. Ele nem pensou em ir a Pompeia, que considera uma armadilha supervalorizada para turistas, e eu não ousei sugerir que fôssemos aoVesúvio.

Mas ele não se importava que eu desaparecesse com o motorista enquanto ele se entretinha com vários jornais e telefonemas, e sempre ficava feliz em me ver quando eu voltava. Acho que deve ter pedido para o motorista avisar quando estivéssemos prestes a chegar no hotel, porque sempre havia uma taça de vinho gelado sendo servida praticamente no momento que eu entrava pela porta.

Mas de certa forma foi um alívio não ter que passar o dia todo, todos os dias, tentando agradá-lo.Tive algum tempo para mim.Talvez eu não sirva para o casamento.Você achou difícil no começo? Acho que não... vocês estavam radiantes de felicidade, pelo que me lembro.

Houve, contudo, uma pequena melhoria em nossa vida sexual! Estou aprendendo. Tenho que deixar claro para ele que estou receptiva, mas não tomar nenhuma iniciativa.Tentei na noite passada, e ele foi ao meu quarto. A melhoria é que ele quis tentar, mas infelizmente tenho que dizer que o sexo em si ainda não foi bom. Não. Estou sendo educada. Foi terrível. Mais um breve momento de penetração quase violenta, que não provocou nenhum efeito em mim.

Sei que não devo sugerir nem por um minuto que ele não está me satisfazendo, mas estranhamente ele fez referência a isso hoje de manhã.

“Laura, sei que está se esforçando para gostar do sexo. Mas quaisquer inibições

que esteja enfrentando vão desaparecer quando voltarmos a Oxfordshire, eu tenho certeza. Farei todo o possível para ajudá-la a superar qualquer obstáculo." Ele pegou minha mão e a beijou.

Nunca havia me passado pela cabeça, até aquele momento, que Hugo realmente pensasse que, se existisse algum problema, era comigo! Será que sou eu? Quase saltei em minha própria defesa, uma reação automática. Mas Hugo parecia tão preocupado que simplesmente fiz um sinal positivo com a cabeça e disse que tinha certeza de que poderíamos corrigir isso com o tempo.

Então a lua de mel acabou. Aprendi muita coisa sobre Hugo e muita coisa sobre mim. Nunca pensei que eu fosse arrogante, mas ficou claro que considero tudo culpa dele, quando na verdade ele só tenta me agradar. Quanto a Hugo, ele não suporta nenhuma crítica, real ou implícita. Eu me pergunto se isso pode ter origem em sua infância. Essas coisas normalmente têm, acredito.

Com amor e um pouco de tristeza,

bjs, L.

21.

Stella estava sentada na cozinha, único cômodo da casa que ela achava vagamente confortável.

Mal havia clareado, mas ela tinha saído da casa de hóspedes e entrado na casa principal com a chave da porta dos fundos. Era a primeira vez que tinha permissão para entrar e sair quando quisesse, e queria estar presente quando Laura acordasse. Seus dois filhos haviam sofrido no casamento, de um jeito ou de outro, e ela não conseguia deixar de sentir que isso tinha acontecido por causa da criação que receberam. Devia ter escondido melhor a própria dor. E David devia ter tido um pouco mais de consciência, por sinal. Para que serve um marido se ele só causa sofrimento?

Diferente dos cômodos frios e tristes do resto da casa, a cozinha era agradável, de um jeito meio antiquado. Os eletrodomésticos eram relativamente novos, mas os armários pareciam ser anteriores à guerra e foram cobertos com muitas camadas de tinta no decorrer dos anos. Parecia uma cozinha que havia mudado pouco com o tempo, e Stella não conseguia deixar de pensar com curiosidade em quantas refeições já tinham sido servidas naquela enorme mesa de pinho, e as

alegrias e tristezas que ela devia ter testemunhado.

Não tinha dormido bem na noite anterior, e não ficou muito surpresa quando Imogen, com a mesma aparência exausta, abriu a porta.

— Bom dia, querida — cumprimentou Stella. — O que a tirou da cama tão cedo? — Ela apontou para a chaleira à sua frente e empurrou uma caneca de porcelana branca na direção de Imogen. Sabia que a ex-nora preferia café, mas lhe faltava energia para se levantar e preparar.

Imogen simplesmente deu de ombros e, com um sorriso perturbado e um tanto quanto sem graça, sentou-se, resmungando:

— Bom dia.

Embora pudesse perceber que os pensamentos de Imogen estavam em outro lugar, Stella precisava falar. Talvez a ex-nora soubesse o que diabos tinha se passado na vida de Laura nos últimos dez anos. Ela tentara de tudo para se aproximar da filha, mas sempre achara que Hugo fosse um obstáculo. Bom, ele não era mais.

Laura era muito teimosa e nunca admitiria a derrota. Sempre fora assim. Stella se lembrava de quando ela tentara subir por uma corda que Will havia pendurado em uma árvore no quintal quando tinha apenas 10 anos. Simplesmente não conseguia, mas continuava tentando. Dia após dia. Caía de costas a cada cinco minutos, com esfoladuras da corda nas mãos e também nas pernas. Nada que Stella dissesse faria com que desistisse. Ela tinha um olhar de determinação implacável, e no fim, depois de cerca de uma semana, conseguiu. Subiu até o topo e nunca mais se importou com a corda.

Havia conseguido, contra todas as probabilidades, e isso bastava.

Agora Stella esperava que Imogen pudesse lhe dar algum esclarecimento sobre o motivo de sua filha teimosa ter se isolado do mundo.

Sei que não a vê desde que se separou de Will, mas Laura não era feliz com Hugo, sabe. Desde o princípio, ela parecia piorar a cada dia. Não falava comigo, e sem manter contato com você, não tinha ninguém. Ela ficou perdida sem você.

— Eu sei, Stella. Fiquei perdida sem ela também.

Stella sabia que era verdade. Havia desejado tanto ajudar suas duas filhas — porque Imogen era como se fosse sua filha, não era? E Will também estava desolado. Um divórcio sempre era difícil, mas Laura insistia em permanecer casada! Apesar desse fato, Stella a tinha visto afundar cada vez mais em uma desesperança que partia seu coração. As duas amigas precisavam uma da outra mais do que nunca e não podiam ter deixado uma briga ficar entre elas. Stella estava de saco cheio de ser enrolada pelas duas. E por Will. Ele era tão difícil quanto elas.

— Não está na hora de alguém me contar o que realmente aconteceu todos aqueles anos atrás?

O que pode ter sido tão ruim a ponto de você e Will se divorciarem e Laura cortar relações com você? E por que ninguém nunca me contou a verdade? A história que vocês inventaram era nitidamente uma baboseira.

Imogen fechou os olhos e mordeu o lábio inferior, um hábito de infância que sempre indicava que estava nervosa. Ela se apoiou na mesa e pegou a mão de Stella.

— Meu Deus, Stella, sinto muito. Você está certa, nós não contamos a verdade. Will quis protegê-la, evitando que soubesse que sou uma pessoa terrível, e eu só queria que você continuasse me amando.

Stella podia ver que Imogen tentava conter as lágrimas, mas resistiu à tentação de abraçá-la. Se fizesse isso, poderia nunca descobrir a verdade. Ela apertou sua mão com cuidado, permanecendo em silêncio até que Imogen estivesse pronta para continuar.

— Acho que de certo modo Laura se sentiu culpada, uma vez que parecia estar levando a culpa por tudo naquela época. Eu teria lhe contado a verdade há séculos, mas continuei esperando que Will mudasse de ideia. Então vou contar, mas primeiro vou fazer um café. Acho que preciso de uma dose de cafeína.

Stella não queria que nada distraísse Imogen, e por mais que estivesse cansada, finalmente chegar à verdade nesse assunto que a perturbava há anos certamente valia o esforço,

— Continue falando, Imogen. Eu faço o café e umas torradas para nós duas.

Ao pegar a chaleira, ouviu a ex-nora respirar fundo, trêmula, e soltar o ar bem devagar. Estava falando baixo, como se a vergonha de todos aqueles anos viesse à tona para subjugá-la.

— Lembra que antes da separação Will havia começado a procurar emprego no terceiro setor?

Ele realmente sentia que poderia fazer a diferença, e eu estava feliz em ir junto para onde ele fosse, como voluntária. Havia um projeto em particular no qual ele estava ansioso para trabalhar. Tão ansioso, na verdade, que havia pedido para Laura falar com Hugo, para ver se ele consideraria fazer uma doação para a instituição em questão. Will achava que se conseguisse levantar algum dinheiro, seria mais fácil entrar na equipe.

“Ainda estávamos esperando um retorno de Laura quando recebemos uma ligação inesperada de Hugo. Ele nos convidou para passar o fim de semana em sua casa. Disse que um velho amigo de escola estaria na região e que adoraria que nos juntássemos a eles. Ficamos surpresos. Hugo nunca tinha feito nada para nos incentivar a visitá-los desde que se casara com Laura, e eu a havia visto apenas rapidamente em poucas ocasiões, todas na casa de Londres, não aqui, e nunca sozinha.

Stella colocou uma caneca de café diante de Imogen, que parecia estar a quilômetros de distância, sem dúvida revivendo cada segundo daquela época.

— O convite veio totalmente do nada, e ficamos muito satisfeitos em aceitar, Achamos que Hugo finalmente havia entendido que éramos uma parte significativa da vida de Laura. Um dia antes de virmos para cá, Will recebeu uma ligação de uma empresa na Irlanda que estava coordenando um projeto de auxílio social. Estavam à procura de um engenheiro e perguntaram a Will se ele poderia ir até lá se encontrar com eles para uma reunião no sábado de manhã. Nenhum de nós dois achou estranho ser no sábado, porque nesse tipo de projeto se faz de tudo. Will até se perguntou se Hugo havia se adiantado e feito uma doação, Uma piada, pensando agora.

“Era óbvio que ele tinha que ir, mas estava um pouco em cima da hora para cancelar o convite para jantar, principalmente se Hugo fosse o responsável pela entrevista, então decidi vir sozinha. A empresa na Irlanda organizou tudo para Will e disse que as passagens para o voo de sexta-feira à noite estariam

disponíveis em Heathrow. Então ele me deixou aqui e foi para o aeroporto.”

Imogen estava segurando a caneca quente nas mãos, como se precisasse reunir forças para continuar. Stella colocou um prato de torradas no centro da mesa e se sentou para ouvir em silêncio, imaginando onde aquilo daria.

— Hugo havia organizado um jantar muito elegante, com vestido de noite obrigatório. Seu

amigo, Sebastian, era charmoso, mas um pouco bajulador demais para o meu gosto. De qualquer modo, Hugo não parava de nos servir bebidas, e a noite acabou sendo surpreendentemente agradável. Depois que Hugo dispensou o bufê, pegou o conhaque. Eu disse que não queria, e Laura fez o mesmo, mas ele insistiu que eu tomasse alguma coisa. Tentei recusar, mas ele ficou indignado e disse que, como anfitrião, ficaria profundamente ofendido se eu não aceitasse algo da seleção de bebidas que ele havia comprado especialmente para a ocasião. Não acreditei nisso nem por um instante, mas naquele dia Hugo estava mais amigável do que nunca, então concordei, e Laura também. Nós duas estávamos ligeiramente embriagadas, mas com certeza não estáva-mos bêbadas.

Estava ficando tarde; já passava da meia-noite, porque o jantar só havia começado às nove § meia. O

próprio Hugo preparou nossas bebidas, e as doses eram grandes. Laura e eu obviamente tivemos a mesma ideia: era melhor beber tudo do que desagradar o dono da casa.”

Imogen afastou a caneca de café e colocou a cabeça entre as mãos. Ao falar, não olhou para Stella. Seu olhar se fixou na mesa. Stella podia sentir o pânico crescendo dentro de seu peito. Sabia que seria pior do que havia imaginado e agora desejava nunca ter tocado no assunto. Mal podia compreender as palavras de Imogen quando ela começou a soluçar.

— É a última coisa de que lembro até a manhã seguinte. Quando acordei, estava na cama da casa de hóspedes. E não estava sozinha. Se-bastian estava deitado sobre as cobertas. Ele estava nu... e eu também.

Ela levantou o rosto perturbado e olhou para Stella, que sentiu uma punhalada de consternação.

— Meu Deus, Stella, você tem que acreditar em mim, foi o pior momento da minha vida. O que me acordou foi a porta da frente batendo e o som de passos subindo as escadas. Quando me virei para olhar a porta do quarto, Will estava ali parado, com as mãos na cintura. Nunca vou esquecer o olhar dele. Poderia esperar raiva, mas era um olhar tão desesperado que partiu meu coração. Eu me arrastei pela cama na direção dele. Estava fraca demais para me levantar, mas ele simplesmente se virou e foi embora.

Imogen apoiou a cabeça nos braços cruzados e chorou baixinho. Stella estava horrorizada, e seu coração quase se partia ao pensar em como seu filho havia se sentido, já que era tão apaixonado pela esposa. Ela se lembrou da dor devastadora que sentiu quando a primeira traição de David veio à tona — tudo voltou à sua mente, e ela vivenciou o sofrimento do filho como se fosse o dela. Por que ele nunca tinha contado nada? Mas já sabia a resposta. Vergonha. Seu pobre menino. Ela só conseguia sentir aversão por Imogen naquele momento.

— Está me dizendo, mocinha, que ficou tão bêbada que deixou esse homem, um estranho, ir para a sua cama? Como pôde, Imogen? Como pôde?

— Não. Não! Stella, você precisa acreditar em mim. Eu não estava bêbada. No início, achei que fosse isso, mas embora pudesse me lembrar de ter ficado de pileque, não me lembrava nem por um minuto de me sentir bêbada. Em um instante, eu e Laura estávamos rindo. No outro, bam\ Não me lembrava de mais nada. Quando, depois, falei com Laura, ela disse que tinha acontecido o mesmo com ela, e que Hugo a havia colocado na cama. Disse que estava constrangida por nós duas.

Imogen se levantou e foi pegar um pedaço de papel toalha para secar os olhos e o nariz. Os soluços tinham cessado, mas lágrimas corriam por seu rosto. Stella ainda estava cética e se esforçava muito para conter a raiva.

— E o que Will estava fazendo lá, Imogen? É óbvio que esperava que ele ficasse fora até o dia seguinte. Senão talvez tivesse se comportado um pouco melhor e não arruinado a vida do meu filho.

— Acha que eu queria que aquilo acontecesse? Will disse que pegou o avião para Dublin na sexta-feira à noite, mas quando chegou lá, havia uma mensagem dizendo que a reunião tinha sido cancelada e ele deveria pegar o avião de volta logo cedo. Ele não tinha bagagem, então chegou aqui antes das oito da manhã.

Mais tarde, perguntei a Will qual havia sido a justificativa da empresa, mas ele não tinha perguntado. Não era problema dele, disse.

“Sebastian foi embora imediatamente, e eu nunca mais falei com ele. Aparentemente, Laura nem

sabia da existência dele antes daquela noite, e disse que nunca mais tinha ouvido falar dele. Quando perguntou a Hugo, ele disse que estava constrangido demais para convidá-lo novamente.”

Imogen voltou a se sentar de frente para Stella e secou o rosto com o papel toalha. Stella, ainda fervendo de raiva, a encarou.

— Sei o que deve estar pensando — afirmou Imogen. — Mas, por favor, me deixa terminar antes de me julgar. Depois daquela noite, Hugo disse a Laura que eu era uma bêbada escandalosa que havia partido o coração de seu irmão. Disse que eu o havia envergonhado diante de Sebastian, embora eu não veja como posso ter mais culpa do que seu suposto amigo, mas ele não me queria naquela casa. Will, é claro, seria bem-vin-do. Ele pediu que Laura concordasse em nunca mais falar comigo.

“Eu não tinha ideia do que havia acontecido, mas sabia que não estava certo. Eu amo Will. Bem, uns seis meses depois, estava investigando se toda publicidade sobre a internet era relevante para nossa empresa e me deparei com um artigo no site da BBC sobre algo chamado Rohyp-nol. Hoje em dia todo mundo já ouviu falar do chamado “Boa noite, Cinderela”, mas na época era novidade. A droga já havia sido usada em alguns casos de estupro nos Estados Unidos, mas era a primeira vez que acontecia na Inglaterra. Fiquei totalmente convencida de que havia Ro-hypnol na minha bebida e na de Laura aquela noite.”

Stella havia escutado, como solicitado, mas continuava cética.

— Por que Hugo tentaria drogar você e Laura? E onde ele conseguiria essa droga?

— Eu mencionei que Sebastian era americano? Era fácil conseguir nos Estados Unidos, porque não era ilegal no México, então presumo que ele tenha trazido. Hugo deve ter combinado tudo antecipadamente. O plano era acabar comigo, de modo que Laura pudesse ser proibida de me ver.

— Bem, não consigo imaginar por que Hugo desejaria fazer uma coisa dessas, mas chegaremos a isso depois. Como alguém poderia saber que Will voltaria a tempo?

— A princípio, achei que tinha dado muito azar. Mas tudo me pareceu muito planejado. Então liguei para a empresa na Irlanda. Ninguém nunca tinha ouvido falar do homem que havia telefonado para Will. Liguei para a British Airways para tentar descobrir quem havia pagado pelas passagens, mas não consegui nada. Hugo sabia o que essa oportunidade de emprego significava para Will. A sincronia foi perfeita até demais.

Stella estava começando a acreditar que a história podia conter um pingo de verdade, mas aquilo transformaria seu falecido genro em alguém mais diabólico do que ela pensava. Pegou uma torrada do prato e começou a passar geleia. Não deu nenhuma mordida, no entanto, e simplesmente empurrou o prato.

— Sinto muito, Imogen. Isso me parece absurdo demais. Por que ele faria isso? E o que Laura acha dessa teoria bizarra?

— Laura estava muito enfeitiçada e simplesmente não quis acreditar no que eu disse sobre o Rohypnol. Ela me disse para não ligar mais, e eu fiquei tão chateada que não liguei. Tentei várias vezes fazer o Will entender, mas, como você, ele estava cético. Naquele momento, eu já tinha me dado conta do que poderia ter desencadeado essa cadeia de acontecimentos. Alguns dias antes de recebermos o convite de Hugo para jantar, eu estava ao telefone com Laura. Ela estava chorando, soluçando muito. Disse que havia algo que precisava desesperadamente me contar. Tentei fazer com que dissesse qual era o problema, mas ela falou que não podia fazer isso por telefone. Eu estava disposta a ir encontrá-la imediatamente, mas ela implorou que eu esperasse Hugo viajar. Ele iria para Paris algumas semanas depois. Então ela me contaria tudo, mas também havia coisas que queria me mostrar; tinha que ser em Oxfordshire. Quando estávamos terminando de combinar tudo, ouvi Laura engasgar. “Droga! Preciso desligar”, ela sussurrou. “Ah, por favor, Deus, faça com que ele não tenha escutado!” E desligou. O jantar aconteceu antes de conseguirmos nos encontrar, e não ficamos sozinhas nem por um minuto depois que eu cheguei.

Stella não conseguiu tirar a desconfiança de sua voz.

— Então você acha que Hugo escutou vocês duas conversando e não gostou do

fato de que Laura ia te contar algo, ou de Laura ter alguém próximo para conversar. Acha que ele arquitetou todo esse plano elaborado apenas para acabar com a amizade de vocês?

— Isso mesmo, Stella. É o que eu acho. E funcionou.

— E o que Laura pensa disso agora?

Nenhuma das duas tinha ouvido Laura entrar, e ela estava escutando a conversa há alguns minutos.

— É verdade, mãe. Tudo o que ela disse. Você não tem a mínima ideia do que Hugo era capaz de fazer. Esse foi o menor de seus crimes.

*** * * ***

Becky parou imediatamente no corredor ao escutar essas palavras. Tendo chegado apenas alguns segundos antes, ela havia encontrado a Sra. Ben-nett agachada limpando os degraus da entrada. Não quis fazer a pobre senhora se levantar; por isso pediu que ela não se preocupasse, pois poderia ir sozinha até a cozinha e ver se alguém já estava acordado.

A porta do corredor que dava para os fundos da casa era mantida aberta por um velho suporte para guarda-chuvas, e Laura estava próxima à porta da cozinha, que se fechou logo depois que ela proferiu a frase que deixou Becky tão impressionada. As vozes estavam mais abafadas agora, e odiando o fato de escutar a conversa escondida, mas lembrando-se de que antes de tudo era uma policial, Becky caminhou na direção da porta. Todas falavam um pouco alto, então não foi difícil distinguir as palavras. Ela reconhecia a voz de cada uma com base no dia anterior, e Stella foi a primeira a falar.

— Acho que sabe, Laura, que sempre tive um pé atrás com esse seu casamento. Mas você se recusava a dizer qualquer coisa. Nem uma palavra contra Hugo durante todos esses anos. Então agora quero saber que diabos está acontecendo. O que quer dizer com “esse foi o menor de seus crimes”?

— Não vamos falar disso agora, por favor, mãe. Sei que nunca gostou de Hugo, e embora eu possa fazer o papel da viúva devastada diante do resto do mundo, não vou fazer esse joguinho na frente de vocês.

Becky ouviu alguém começar a dizer alguma coisa.

— Não, Imo, não me interrompa. Ela é minha mãe e precisa saber que estou muito feliz por Hugo estar morto. Não precisamos revirar o passado, e não tenho a mínima intenção de fazer isso.

Mas vamos acabar com a farsa.

A voz mais velha de Stella atravessou a porta em alto e bom som, e Becky se deu conta de que ela devia estar virada para esse lado.

— Isso é tudo o que tem a dizer? O que ia contar a Imogen que levou Hugo a agir dessa forma?

Você sabia o que ele tinha feito? Por que não contou a seu irmão? Não sei o que pensar.

— Não importa o que eu ia contar a Imogen. Está tudo no passado, e não pretendo repetir.

Quando ela me ligou e falou sobre o Rohypnol, não quis acreditar nela. Não pude. O que aquilo diria a respeito do meu marido? Mas suspeito que ele tenha usado essa droga em mim em várias ocasiões. Essa ou alguma outra. Não, não me olhem assim. Não foi para me estuprar, mas quando precisava que eu fosse submissa de outras maneiras. Levei muito tempo para perceber que Imogen estava certa. Ela sabe como eu me senti culpada, mas já era tarde demais.

— Como exatamente ela sabe como você se sentiu se nunca mais a viu ou falou com ela depois daquele dia? Mal tiveram tempo para conversar ontem, e as interrupções foram constantes. O que, precisamente, não estou entendendo aqui?

Houve uma pausa, e Becky ficou com medo de que qualquer movimento seu revelasse sua

presença. Imogen respondeu a pergunta:

— Sinto muito, Stella. Nós mentimos para você. Laura e eu temos nos comunicado nos últimos 18 meses, mais ou menos, desde que Laura saiu daquele lugar horrível pela segunda vez. Não queríamos que ninguém soubesse, para não correr o risco de alguém cometer algum deslize e Hugo descobrir. Mantivemos

contato pela internet, que ela tinha permissão para usar na casa de saúde.

Todos os e-mails eram bloqueados, mas de algum modo todo o conceito de comunicação via redes sociais havia passado batido por eles.

Vendo que esse conceito também havia passado batido por Stella, Imogen prosseguiu sem maiores explicações.

— Eu tinha certeza de que não havia nada de errado com Laura, mas ela parecia ter desistido.

Queria devolver a ela seu espírito de luta. Queria restaurar a pessoa que aquele cretino tinha tentado destruir.

As palavras foram ditas com um veneno tão sincero que foram seguidas de um silêncio total e absoluto. Foi quando Stella soltou a bomba.

— Imogen, quero que me responda sem mentir. Você matou Hugo?

Após uma pausa muito curta, Imogen respondeu:

— Não, Stella. Posso dizer com total sinceridade que, por mais que achasse que ele não merecia viver, eu não o matei.

Naquele momento, Becky sentiu um movimento vindo detrás e olhou para o corredor. A Sra, Bennett estava vindo da porta da. frente na direção dela. Felizmente, o corredor onde Becky estava era escuro, mas ela sabia que seria descoberta em segundos. Cantarolando, ela abriu a porta da cozinha e fingiu surpresa pelo cômodo cheio.

— Minha nossa, vocês todas acordam cedo. Espero que não se importem, mas a Sra. Bennett me deixou entrar. Conseguiram ter uma noite de sono razoável?

Três pares de olhos se viraram para Becky enquanto ela simulava que havia acabado de chegar.

Todas pareciam ligeiramente chocadas, mas ela fingiu não perceber. A Sra. Bennett entrou logo atrás dela.

— Bom dia, Lady Fletcher, Sra. Kennedy e Sra. Kennedy — cumprimentou a

Sra. Bennet. —

Ah, sargento! Vejo que ainda não pegou uma xícara de chá. Sente-se, eu preparo. Alguém mais quer um chá enquanto preparo o café da manhã?

Becky viu a expressão confusa de Stella. Certamente não havia passado batido a ela o fato cie que, desde que entrara pela porta da cozinha, Becky não havia tido tempo nem de chegar até a chaleira, muito menos de se servir uma bebida quente. A policial apenas esperava não ter que dar explicações.

*** * * ***

Depois de uma xícara de chá e mais algumas rodadas de torrada, consumidas em relativo silêncio, já que ninguém conseguia encarar ninguém, as pessoas começaram a inventar desculpas para sair da cozinha. Qualquer coisa, pensou Becky, seria melhor do que ficar naquele clima pesado.

Ela tinha certeza de que Stella não havia terminado de questionar a filha e a nora, mas Imogen disse que pretendia tomar um banho, e Becky suspeitou de que ela demoraria o máximo possível. Por mais que as duas fossem próximas, Becky não achava que Stella acompanharia Imogen até o banheiro.

Stella, com cara de que não estava nada feliz, voltou para a casa de hóspedes para se vestir. Ela sugeriu à filha que fosse junto para que pudessem passar um tempo a sós, mas Laura recusara educadamente, dizendo que precisava conversar um pouco com Becky.

Quando a porta se fechou, Laura deu um sorriso lastimoso para a policial.

— Desculpe, na verdade não preciso que desperdice seu tempo comigo. É que minha mãe está determinada a extrair todos os detalhes sobre os últimos dez anos da minha vida. Não vai servir para ajudar na investigação de modo algum. Só para satisfazer a curiosidade natural dela. Prefiro ler os jornais, se não se importar. Imagino que se tivesse algo para relatar, já teria me dito.

Becky viu Laura se retirar com uma expressão confusa. Havia uma camada de enganação e subterfúgio ali, e ela se esforçava para entender a abordagem “suave” de Tom com essas mulheres.

Ele era firme em sua opinião: sem fortes evidências, um interrogatório severo

apenas provocaria o surgimento de barreiras e a verdade nunca seria dita. Ele gostava de colecionar pequenas “pepitas” e guardá-las até poder usá-las, lançando mão de seu efeito máximo. Mas Becky queria ser proativa e, como Tom iria a Oxfordshire mais tarde, decidiu que havia uma coisa que ele poderia trazer.

Ela tirou o telefone celular da bolsa e se afastou o suficiente para garantir que ninguém pudesse ouvi-la.

— Tom, escutei uma conversa interessante hoje de manhã. Tenho muita coisa para contar, mas algo me ocorreu. Sabemos que Imogen Kennedy veio de avião de Paris, e nós verificamos que ela também não saiu de Londres no mesmo dia. Mas alguém verificou a lista de passageiros do Eurostar? São só algumas horas de trem. Ela pode ter tido tempo.

Becky ficou satisfeita em ouvir um tom de respeito na voz de Tom quando ele respondeu, mas obviamente ele não acreditava que a ideia havia saído do nada.

— O quê? — perguntou Becky. — Não, não tenho nenhum motivo específico para suspeitar dela e também não a escutei admitindo nada. Na verdade., foi o oposto. Stella perguntou de um modo bem direto, e ela negou categoricamente. Mas só escutei a última parte da conversa, e fiquei imaginando o que ela poderia ter dito antes para que Stella desconfiasse dela. Se conseguir as cópias das listas de passageiros, fico mais do que feliz de conferi-las aqui. Sejamos realistas: com todas eias saindo de fininho, fiquei sem ninguém para conversar, então poderia me ocupar com isso. Estou com meu laptop e com o modem de conexão 3G, então posso fazer um pouco mais de pesquisa. E

quero ter um pouco sobre Rohypnol e a facilidade de acesso a ele no fim da década cie 1990.

Ela parou de falar por um instante enquanto Tom. fazia a pergunta inevitável.

— Eu explico quando você chegar — respondeu eia. — Mas acho que você também vai querer saber que Imogen e Laura estavam se comunicando em segredo há 18 meses, mais ou menos, e talvez devesse confirmar isso quando falar com Laura. Ela é mais forte do que você pensa, Tom.

*** * * ***

Ela estava fraca. Tão fraca. E estava enlouquecendo. Muito tempo para pensar, esse era o problema. Havia começado a questionar o próprio entendimento da realidade, imaginando se aquilo estava mesmo acontecendo com ela ou se era algum tipo de sonho terrível — um pesadelo tão real que ela tinha certeza de que logo acordaria. Talvez fosse um despertar repentino, como quando, no sonho, você cai de um penhasco s acorda com o coração sobressaltado. Talvez o terror estivesse progredindo tanto que aquilo terminaria logo. Assim esperava.

Mas acordada ou dormindo, ela agora sabia como devia ser esta? confinada em uma solitária, Como era chamada? Ela havia lido em algum lugar. A Tortura Invisível — era isso. Ninguém podia ver as marcas, mas aquilo levava as pessoas à loucura.

Ela tentou pensar em estratégias para se manter sã. Tinha visto um filme em que uma pessoa se exercitava todos os dias em sua cela na prisão. Mas não era capaz de fazer isso. Estava fraca demais, e podia ficar com sede. Seria um desastre. Chegou até a tentar lamber as próprias lágrimas, mas não tinha certeza de se elas ainda viriam se não tivesse água para beber.

E sua mente continuava vagando. Ela precisa ter foco, senão quando ele viesse encontrá-la — como tinha certeza de que faria — ele não a desejaria mais. E se não a desejasse, ela não sabia qual poderia ser o seu destino.

Então a melhor coisa a fazer era pensar em coisas boas. Lembrar dos momentos felizes de sua vida.

Vasculhou a mente em busca de um único dia em que se sentira bem por estar viva. Devia haver pelo menos um, não? Ela tivera seus sonhos. Sonhos de uma vida longe da pobreza, sonhos de se tornar uma modelo famosa, sonhos de uma vida repleta de amor e risadas. E todos eles tinham sido estilhaçados

22.

Imogen havia se trancado no banheiro e enchido uma banheira de água bem quente. Levou as cartas junto, mas decidiu relaxar um pouco. Precisava se preparar, pois a leitura era muito dolorosa.

Laura encontraria o executor do testamento mais tarde, mas para o alívio de Imogen ela não parecia nem um pouco preocupada com aquilo. Tinha certeza de que Hugo não havia sido generoso.

Ele nunca era.

Os sinais estavam ali para Laura ver desde o dia em que o conheceu, mas a manipulação engenhosa de Hugo e a avidez dela para satisfazer as vontades dele haviam estabelecido o padrão do relacionamento. Imogen podia ver que Laura culpava a si mesma pela falta de força e coragem para reconhecer a teia em que ele lentamente a prendia. E era quase insuportável testemunhar a profundidade de sua vergonha.

Ela pegou a próxima carta e começou a ler.

*** * * ***

JUNHO DE 1999

Minha querida Imogen,

Há meses que não escrevo uma dessas cartas estúpidas e inúteis. Desde o último dia da minha lua de mel. A verdade é que me dei conta de como são ridículas. Mas preciso abrir meu coração para alguém, mesmo que não passe de um fingimento. Minha vida agora mudou. Não trabalho, e Hugo não quer que eu ajude na instituição. Quis redecorar a casa, mas também não deu em nada.

E agora não tenho mais você! Perdi minha melhor amiga e sinto sua falta desesperadamente.Você tentou me ligar ontem, mas eu não consegui ouvir suas mentiras. Devem ser mentiras, não é? Estou dividida, Imo: meu marido ou minha melhor amiga? Ninguém deveria ter que fazer essa escolha.

Da última vez que escrevi, estávamos prestes a voltar para a Inglaterra, onde Hugo prometeu que nossa vida —

ou pelo menos o sexo — seria melhor. Ele parecia achar que eu precisava entender mais sobre os desejos de um homem na cama. Que poderia encontrar um modo de me dar mais prazer.

Estava errado. Ah, minha nossa, como estava errado. E eu queria contar para você. Eu ia contar para você!

A vida não é ruim. Vamos a muitos eventos juntos, e Hugo é atencioso comigo. Ainda insiste que eu compre roupas novas para todas as ocasiões e me ajuda e

aperfeiçoar o modo como me comporto nos círculos que ele freqüenta.

Mas muitas vezes entendo tudo errado, particularmente quando decido escolher meu próprio traje. Ele nem sempre fica bravo comigo se escolho algo inapropriado. Apenas franze o cenho de leve quando apareço vestida e pronta para sair.

Então sei que não gostou. Quando aprova, sempre faz algo maravilhoso. Uma noite, entrei na sala, pronta para sair, e ele abriu um de seus sorrisos mais incríveis e pulou do sofá para beijar minha mão. Ele me disse que eu seria a mulher mais bonita do baile. Outra noite, ele desapareceu e voltou com uma caixa, e dentro dela havia um lindo par de brincos de esmeralda. Não posso ficar com eles, pois são parte da herança da família e devem ser passados adiante, mas foi tão bom ele ter pensado nisso!

Mas você sabe como eu posso ser teimosa. Mais de uma vez, resolvi ignorar a óbvia renovação de Hugo e escolher usar algo que não agradava a ele. Mas não vale a pena. Dá para ver que ele não aprova, e fica tão distante de mim que me arrependo instantaneamente. Ele não grita e não diz nada desagradável. Apenas fala comigo o mínimo possível, sem parecer muito grosseiro, e arruma minha noite. E certamente arruina a dele também; então é mais fácil simplesmente dançar conforme a música. Estou começando a temer esses eventos. E quase garantido que eu faça algo

errado. Queria que ele me dissesse o que está pensando. Assim, pelo menos eu teria a oportunidade de expor meu ponto de vista. Mas não dá para discutir com o silêncio.

Nós não brigamos, o que eu acho que é bom, não é? Em algumas ocasiões, fiquei frustrada com alguma coisa e comecei a me zangar. Mas se levanto a voz ou fico irritada, Hugo simplesmente dá meia-volta e sai. Da primeira vez que aconteceu, ele não falou comigo por alguns dias. Depois, tive que perguntar o motivo. Acho que a resposta foi previsível.

“Estou esperando uma desculpa, Laura. Seu comportamento na outra noite foi inaceitável. Ninguém grita comigo.”

Respondi com algo do tipo: “Ah, Hugo, pelo amor de Deus. Não seja tão autocrático. Eu também sou uma pessoa. Tenho direito de ter minha própria opinião!”

Ele saiu novamente, arrumou uma mala e se mudou para a Egerton Cres-cent, até que não aguentei mais.

Telefonei e me desculpei, é claro. Mas sei que todos os casamentos têm seus problemas, e ainda estamos nos conhecendo.

A maior alegria de minha vida é Alexa. Eu amo os fins de semana que ela vem passar aqui. Ela chega na sexta-feira e fica até domingo. Mais durante as férias escolares. Ela passa muito tempo comigo na cozinha, e eu lhe dou pequenas tarefas para fazer. Nós nos divertimos muito fazendo pizzas que ela mesma pode rechear, ou bolos em formato de porco-espinho em que ela pode colocar os confeitos de chocolate. Costumávamos fazer isso, você se lembra? É

claro que Alexa e eu só cozinhamos quando Hugo não está em casa. Acho que ele não deixaria Alexa comer pizza.

Nem ficaria feliz em vê-la coberta de chocolate!

Invento todas as desculpas possíveis para tirar aquela babá horrorosa de casa. Não sei como Annabel a aguenta por perto. Sempre tenho a impressão de que ela está me observando para preparar um relatório. Então tento lhe dar o dia de folga ou o maior número possível de tarefas fora de casa. Nem sempre dá certo.

Mas evitei escrever sobre o principal problema. Era isso que eu queria te contar.

Tudo começou mais ou menos uma semana depois que voltamos para casa. Eu havia decidido que minha prioridade número um seria fazer algo para suavizar o clima apavorante dessa casa que mais parece um mausoléu, então pedi amostras de carpete, tecidos e catálogos de tinta. Meu plano era apresentar algumas alternativas, assim Hugo poderia escolher. Comecei a calcular um orçamento também, embora depois de um tempo eu tenha me dado conta de que os gastos não seriam problema. Mas depois falo mais sobre isso. Bem, eu estava me mantendo ocupada durante o dia. Mas e as noites? Ainda estávamos em quartos separados, e eu não queria romper a paz, um tanto quanto frágil, fazendo exigências. Então, uma noite, ele disse que tinha uma "surpresa especial para mim".

"Laura, como eu disse na lua de mel, sei que você achou difícil o sexo no casamento. Acho que hoje vai mudar de ideia." Ele sorriu para mim e seus olhos estavam brilhando com uma empolgação contida. "Devo sugerir que vá

tomar um banho.Verá que deixei alguns itens em cima da cama para você. Gostaria que os vestisse e fosse me encontrar assim que estiver pronta. Uma hora é suficiente?"

Se essa era a ideia que Hugo tinha de deixar as coisas mais excitantes, certamente não era a minha. Eu não queria um cronograma; queria espontaneidade. E não queria sexo, queria fazer amor. Expressar essas opiniões certamente não era uma opção.

Desanimada, fui para o meu quarto. Não tinha ideia do que Hugo queria que eu vestisse, e foi com uma leve sensação de alívio que encontrei nada além de um conjunto de lingerie e um penhoar.

O sutiã era bonito, de seda creme, com um tom um pouco mais escuro de renda fina nas bordas. Mas o conjunto incluía uma cinta liga e calcinhas que seriam mais bem-descritas como calçolas. Também de seda pura, iam quase até a cintura e cobriam parte das coxas. Não faz o meu estilo, mas acho que eu conseguia ver como poderia ser excitante para alguém. Se arrumar, assim como fazer strip-tease, não é nenhum pecado mortal. O que estava me deprimindo era o fato de tudo ser tão frio e premeditado. Mas, ei, podia ser pior. Ele podia ter pedido para eu vestir látex preto, e isso sim teria me preocupado.

Depois que me vesti, com meias creme e tudo, olhei no espelho. Eu me senti ligeiramente ridícula e, por mais estranho que pareça, muito triste. Imaginei que ele fosse me pedir para fazer strip-tease novamente, e isso não me enchia de satisfação, mas se fosse necessário para levá-lo a fazer amor...

Coloquei o penhoar do conjunto e fui, um tanto quanto apreensiva, até o quarto do meio. Bati na porta com hesitação, sem saber muito bem o que deveria fazer. Quando finalmente o ouvi me pedindo para entrar no quarto, a

visão com que me deparei me surpreendeu completamente. Ele estava deitado bem no meio de uma enorme cama com dossel, totalmente nu, à exceção de um fino lençol dobrado, que o cobria do umbigo até o início das coxas. Foi a primeira vez que consegui olhar para o corpo de Hugo em detalhes, uma vez que nossos encontros anteriores haviam acontecido na escuridão total, mas hoje o quarto estava bem iluminado. Dava para ver que Hugo já estava excitado (acho meio constrangedor mencionar isso a você).

Fui até a cama.

“Pare. Não toque em mim. Não estou pronto.” Apesar das fortes luzes, as pupilas de Hugo estavam enormes, e seus olhos pareciam totalmente pretos.

Ele apontou para uma pequena pilha do que pareciam lenços de seda de várias cores fortes ao lado da cama.

“Quero que você me amarre. Prenda meus braços e minhas pernas nas colunas da cama. Não, não tire o penhoar.

Não quero vê-la.”

Por que as coisas não podiam ser apenas normais? Está certo, as pessoas fazem coisas assim. Eu sei disso. Sou só eu? Talvez seja. Fiquei aturdida demais até mesmo para perguntar por que eu tinha que usar esses trajes tão específicos se ele não queria me ver. Sei que fico repetindo isso, mas não sou pudica. Você sabe disso. Estou longe de ser. No entanto, ficou claro nas palavras que ele disse em seguida, que de algum modo eu o decepcionaria.

“Hoje à noite, Laura, vou ensinar você a satisfazer um homem.”Eu não disse nada. Apenas me aproximei dele e peguei os lenços.

“Não sente na cama, não me toque. Eu vou passar as mãos e os pés pelos laços que deixei prontos, depois você me amarra na cama.”

Eu ainda não havia falado nada. Não conseguia. Apenas obedeci às instruções, como um zumbi.

“Mais apertado, está muito frouxo. Está vendo, eu posso me mexer. Não devo conseguir me mexer. Isso é muito importante.”

Amarrei mais forte. Estava começando a me sentir um pouco enjoada. Hugo fechou os olhos e eu fiquei aliviada por não poder mais ver dentro de suas profundezas negras.

“Agora, tire o penhoar. Fique com todo o resto.” Ele deve ter ouvido o ruído quando a peça de roupa caiu no chão, porque imediatamente voltou a falar: “Agora, tire o lençol e desfrute de mim!”

Como eu podia desfrutar dele? Não era algo para fazermos juntos? Aquilo não me agradava nem um pouco. Era um jogo planejado a partir das regras de

Hugo, e eu me sentia uma prostituta. Não uma esposa amorosa.

“O que está esperando, Laura? Eu disse para tirar o lençol e desfrutar de mim! Deve aprender a assumir o controle. Faça isso!”

Eu havia ansiado tanto por ver, tocar e sentir o corpo dele junto ao meu. Talvez ainda pudesse fazer isso funcionar, pensei. Então retirei o lenço! com cuidado e finalmente vi meu marido nu pela primeira vez. Não podia acreditar que ele pudesse estar sentindo uma excitação tão intensa com tanta obviedade. O que eu queria fazer era beijá-lo e lambê-lo inteiro, depois colocá-lo na boca para levá-lo ao auge da excitação. Queria que ele reagisse a mim, mas não desse jeito.

Ajoelhei com cautela ao lado dele na cama e comecei a acariciar gentilmente a parte interna de sua coxa. Minha mente estava trabalhando demais, e meu plano era me curvar e começar a beijar sua barriga com carinho, mão e boca se aproximando cada vez mais.

Mas não era o que Hugo queria. Ficou claro.

“Pare! Eu não falei para você me dar prazer, quero que tire seu prazer de mim.”

Estava bem claro o que ele esperava que eu fizesse. Simplesmente vá logo, pensei. Pode ser melhor do que você pensa.

Não foi.

Devagar e com cuidado, eu me posicionei sobre ele, com uma perna de cada lado. Mais uma vez, achei que pudesse seduzi-lo e fazê-lo mudar de ideia, então em vez de guiá-lo para dentro de mim, eu me debrucei sobre ele, roçando o cetim do sutiã em seu peito e esfregando a pélvis junto à dele. Hugo se contorceu.

“Assim não.Você tem que aprender que o seu prazer é o meu prazer.”

“Mas Hugo, eu sinto prazer nisso; em tocar você, beijar você.”

“Faça logo, Laura. Faça de uma vez!”

Talvez eu devesse ter simplesmente saído. Não é fácil explicar por que não fiz isso. Só posso dizer que eu estava casada há menos de três semanas e queria

mais do que tudo fazer meu casamento dar certo. Não se desiste assim tão rápido, não é? A essa altura, eu sabia o bastante sobre Hugo para reconhecer que as coisas tinham que ser do jeito dele ou as repercussões tornariam a vida insuportável. Eu teria que mudá-lo com o tempo. Não estava preparada para as conseqüências de expor meu ponto de vista. Então fiz como ele pediu.

Devido à largura das pernas da calcinha, nem precisei tirá-la, e me abaixei sobre ele. Sabia que qualquer chance de orgasmo da minha parte estava fora de cogitação, e eu não tinha certeza de se Hugo esperava um ou não. Mas ele manteve os olhos bem fechados, então fingir não seria problema. Ainda bem que já tive muitas experiências reais na minha época de solteira. A única dúvida era quanto tempo ele esperava que eu demorasse. Decidi acabar com aquilo o mais rápido possível; sempre podia usar a desculpa de que eu havia esperado muito tempo por isso. Não vou entrar em detalhes sobre minha performance, é informação demais, mas foi bastante convincente. Eu não sabia o que deveria fazer em seguida.

“Vadia! Me desamarre, vadia!”

*Ele não tinha como saber que eu estava fingindo — aposto minha vida. Eu * não tinha ideia do que havia de errado, mas corri em volta da cama desamarrando-o 0 mais rápido possível, primeiro as pernas, depois as mãos.*

Então ele abriu os olhos. Eu queria ver desejo nos olhos do meu marido, mas havia apenas uma luxúria selvagem.

Ele foi para cima de mim, e eu pensei que fosse me bater. Talvez tivesse sido melhor.

Ele agarrou meu braço e me lançou de cara na cama. Então me possuiu de um modo que nunca descreverei a você.

Só vou dizer que foi brutal.

Eu gritei. Não pude evitar. Mas ou ele não escutou, ou não deu importância. A única parte boa foi que ele ejaculou em menos de um minuto, o que mostrou o grau de sua excitação. E não disse mais nada. Eu fiquei deitada com o rosto virado para a cama. Mas só ouvi a porta se fechar quando ele saiu.

Não sei quanto tempo fiquei ali. Pode ter sido por alguns minutos, pode ter sido

por uma hora. Assim que pude, eu me recompus, peguei o penhoar e o amarrei com força na cintura, quase como uma proteção, e corri de volta para a segurança do meu quarto. Tirei toda aquela lingerie nojenta e a cortei em pedaços com uma tesoura. Depois fui para o chuveiro e fiquei debaixo da água mais quente que pude suportar. Permaneci lá por um bom tempo. Mas as marcas das mãos de Hugo, quando apertou meus seios por trás, ainda estavam visíveis quando fui secar meu corpo dolorido, Na mannã seguinte decidi que, independentemente de qualquer coisa, esclareceria isso com ele. Desci paia o café da manhã e ele estava lendo o jornal. A Sm. Bennett estava por ali, mas pedi que nos deixasse a sós. Quando Hugo me viu, abriu um sorriso prazeroso. Levantou-se e puxou minha cadeira, depois se abaixou e me deu um beijo no rosto.

“Como está, minha querida?”

“Hugo, preciso falar com você. A respeito da noite passada:’ Minha voz estava trêmula. Eu mesma podia ouvir.

“É claro, respondeu ele, ainda sorrindo. “Mas acho que não é assunto para a mesa do café da manhã. Podemos conversar mais tarde, se quiser. No entanto, tem uma coisa que estava querendo dizer a você. Quero agradecer por ser tão boa com Alexa. A vida que tive com a mãe dela foi difícil, mas ela era nova demais para entender. Estou muito satisfeito por podermos oferecer a da um lar estável, pelo menos nos dias em que estiver conosco. Ela não poderia ter uma madrasta melhor.”

E foi isso. Fiquei tão animada por ele achar que eu era boa com Alexa que me pareceu rude estragar o momento.

Então nunca tivemos aquela conversa. O momento passou, e de algum modo aquilo pareceu assinalar minha aceitação em relação a tudo o que havia acontecido. Mas agora não entro mais no meu quarto sem uma grande apreensão. O

medo de encontrar um presente de Hugo sobre a cama e o que ele prenuncia enche meus dias de maus presságios e minhas noites de terror.

E não tenho com quem conversar. Para descobrir o que devo fazer. Não tenho mais você.

Mas não vou desistir do casamento. Tenho que encontrar uma forma de melhorar as coisas, mas não estou pronta para desistir. Imagine como Alexa ficaria se tudo acabasse.

Acontece que era sobre isso que eu ia consultá-la. Telefonei para você. Não depois das primeiras vezes, porque eu estava profundamente constrangida, mas depois que as coisas continuaram as mesmas durante meses e nada parecia melhorar. Hugo estava tão satisfeito consigo mesmo. Tentei mais uma vez tocar no assunto, mas tive a impressão de que ele realmente achava que eu estava gostando! Tentei explicar a ele que eu preferia algo mais semelhante a fazer

amor, mas ele perguntou se eu estava criticando sua performance e é claro que eu não podia dizer que sim. Sugeri que talvez eu tivesse algumas coisas a aprender, mas que podíamos tentar uma ou duas abordagens alternativas. Ele simplesmente dobrou o jornal com um suspiro e disse algo como: "Laura, você realmente precisa confiar em mim nesse quesito. Não somos adolescentes, e você precisa superar isso. Precisa entender o que é o sexo entre adultos. Prometo que vai aprender a gostar com o tempo." Não vou mesmo! Mas ele é tão persuasivo, e por isso eu queria falar com você.

Esperei até um momento em que achei que Hugo estivesse ocupado no escritório e telefonei para você do quarto. Sei que foi incoerente; era tão difícil falar sobre isso, até mesmo com você. Eu precisava encontrá-la e queria mostrar a lingerie.

Por um terrível instante, achei que Hugo tivesse escutado nossa conversa. Fiquei muito assustada. Mas não é possível.

Ele não convidaria vocês dois para jantar se tivesse sido o caso, e nunca tocou no assunto. Não tivemos tempo para conversar antes do jantar, mas achei que na manhã seguinte teríamos pelo menos uma hora.

E foi quando aconteceu aquela coisa horrível com você e Sebastian. Como pôde, Imogen? Coitado do Will. Ele está com o coração partido. Nem posso culpar Hugo por tê-la expulsado de casa. Mas é uma grande perda para mim.

E Will está completamente fora de si de tanta tristeza.

E agora você me ligou para dizer que Hugo te drogou. Imogen, você só pode estar errada! Por que diabos ele faria isso? Ele não teria motivo algum para querer separar você eWill, teria? E ele sabia que você era minha melhor amiga.

Não posso, e não vou, acreditar que meu marido fez isso. E loucura.

Desde aquela terrível noite, me sinto muito sozinha. No meio de tanta tristeza, só me restou pensar na redecoração da casa. Fiquei um tempão planejando tudo, depois apresentei quatro opções diferentes a Hugo. Ele mal olhou para elas e logo me disse que aquela era a casa da mãe dele e nada podia ser modificado.

Mas eu não estava preparada para desistir. Decidi que redecoraria a casa da Egerton Crescent como surpresa.

Minha antiga empresa foi vendida — acho que não ficou sabendo — e eu ganhei uma quantia considerável com as ações. Então pensei em gastar parte do dinheiro em uma espécie de presente para Hugo. Eu redecoraria o apartamento, só para demonstrar o que era capaz de fazer. Esperei de sair. Tudo estava encomendado e pronto para ser entregue. Adeus mobília antiga e pesada, olá peças estilosas e contemporâneas. O carpete verde horroroso que cobria todo o piso foi arrancado, e outro carpete denso, cor de damasco, ficou em seu lugar. As paredes foram pintadas de uma linda cor creme. Ficou maravilhoso, e eu mal podia esperar que Hugo visse o apartamento.

Ele não gostou.

"Laura, aprecio a intenção e a consideração. Mas achei que nos últimos meses você já tivesse entendido que seu gosto ainda precisa se desenvolver um pouco. Onde está a mobília antiga?"

Tive que admitir que havia armazenado os móveis em um dos galpões de Oxfordshire. Mas o carpete horroroso tinha sido queimado. Com um suspiro, Hugo instruiu Jessica, que havia testemunhado essa enorme humilhação, a organizar a devolução da nova mobília para as lojas e o retorno dos móveis antigos o carpete podia ficar.

Eu me sinto tão idiota, e sinto sua falta.

bjs. L

23.

— Imo, você estava chorando! Sinto muito. Eu não devia ter pedido que lesse as

cartas. Devia ter simplesmente contado tudo.

Laura tinha ido procurar Imogen e a encontrara sentada na beirada da cama, secando os olhos com uma toalha. Ela se sentia constrangida por fazer a amiga dormir naquele quarto, que era escuro e sombrio, mas era o melhor cômodo disponível naquela casa enorme.

— Está tudo bem. Fico feliz em ter lido. Ah, querida. Eu sinto muito. Deve ter sido terrível para você. Mas é uma pessoa tão forte! Não entendo como permitiu que tudo isso acontecesse.

Laura deu um sorriso torto.

— Não sei como explicar. Na época, só conseguia pensar que queria que meu casamento desse certo. — Ela se sentou ao lado de Imogen sobre a colcha de chenile verde-escuro e apoiou a cabeça no ombro da amiga.

— Você precisa entender como é viver com alguém controlador. Eles são espertos. Não sei se planejam cada movimento ou se tudo vem naturalmente. No caso de Hugo, ele nunca gritou, me xingou ou bateu. Se alguém tranca uma pessoa no porão durante dias sem água ou vive deixando-a com o olho roxo, dá para saber sem sombra de dúvida que se trata de violência. Mas quando alguém parece ser atencioso, nunca levanta a voz e dá a impressão de que só pensa no bem da outra pessoa, como podemos chamar de violência?

Imogen envolveu os ombros de Laura com o braço e os pressionou de leve.

— Mas vocês eram tão infelizes. Não era óbvio que havia algo errado?

— Eu era infeliz, mas era difícil entender o motivo *exato*. Deixando um pouco de lado as estranhas preferências sexuais de Hugo, eu não podia me queixar de nada específico. Queria conseguir descrever para você como eu me sentia.

Laura fez uma pausa e ficou olhando para a pintura que retratava a morte de um cervo, pendurada ao lado da penteadeira. Sua mente viajava. Quem tinha pensado que era apropriado colocar um quadro daqueles em um quarto? Mas combinava com seu humor atual, Ela voltou a se concentrar na pergunta de Imogen. Não tinha palavras, apenas pensamentos, imagens e sentimentos. A sensação de vazio ao saber que Hugo estava descontente sem que ele dissesse uma palavra e a alegria desproporcional que vivenciava quando ele sorria para

ela com algum grau de afeição. Ações e atitudes que pareceriam normais na maioria dos relacionamentos ganhavam um significado monumental e a inundavam de esperança. Mas o mestre íitereiro sabia exatamente quando seu grau de desespero estava no máximo e sempre a recompensava com uma palavra gentil e um beijo carinhoso. É claro, com o tempo esses momentos foram ficando mais raros e infinitamente mais preciosos.

— Não consigo descrever como eu me sentia, nem mesmo para você. Percebo que fui teimosa, para começar, mas fui forte, ou achei que fui. Eu não pretendia ceder e admitir que meu casamento idílico havia fracassado em menos de um ano. Ninguém desiste com tanta facilidade. Então eu precisava dar tempo ao tempo e ter paciência. A questão é que naqueles primeiros meses, fui mais fraca, e minha autoconfiança ruiu. Talvez ele *soubesse* melhor do que eu como as pessoas deveriam se comportar. Talvez eu *estivesse* tendo uma reação exagerada a coisas perfeitamente normais, só porque não eram como eu queria. O problema era a falta de algo *tangível*, Ele sempre dava a entender que estava me colocando em primeiro lugar, mas o que realmente fazia era acabar com todos os meus pensamentos. Eu não tinha ninguém. Não estava mais trabalhando, eu e você não estávamos nos falando. Will estava fora, e eu não conseguia suportar a ideia de contar à minha mãe. Então eu só me via através dos olhos de Hugo, e a pessoa que eu via era um fracasso.

Laura nunca havia expressado esses sentimentos em voz alta, e a sensação era de extrema vergonha. Ela podia ouvir os galhos de uma árvore mal podada arranhando a janela, e o ruído remetia às noites em que tinha ficado acordada, perguntando-se o que fizera de errado. Àquela altura, já havia sido condicionada a pensar que todos os problemas eram resultado de suas próprias imperfeições.

— Mas e o sexo? — perguntou Imogen. — Sinto muito por tocar nesse assunto, mas acabei de ler sobre a primeira noite de vocês naquele quarto. Na minha opinião, foi praticamente um estupro!

Laura se recostou na cama com as mãos na nuca e fixou o olhar em uma elaborada rosa no teto.

Ela sempre achou fácil conversar sobre sexo na época em que o assunto era divertido. Agora era incrivelmente difícil.

— Eu sei. É algo concreto que eu poderia rotular como violência. Mas era

mesmo? Não era o que eu queria, mas era tão errado assim? Ele gostava de ser amarrado. Isso era mesmo estranho ou eu estava sendo pudica? E ele gostava de ser bruto. Mas o que eu considerava brutalidade, ele dizia ser paixão. Eu me convenci de que tinha uma ideia idealizada de sexo romântico, de abalar o mundo.

Li muito sobre o assunto e fiquei chocada ao descobrir como bondage é comum e como tem muita gente por aí que gosta de exercer poder e controle durante o sexo. Fui ignorante o bastante para acreditar que todos os casais casados vivenciam intimidade verdadeira e alegria no sexo. Quando descobri que não estava sozinha em minha insatisfação quando fazíamos amor, se é que era possível chamar assim, comecei a inventar desculpas. Talvez fosse a única forma que ele conhecia, e eu teria que ajudá-lo a entender uma abordagem mais amorosa do sexo. Eu vivia fazendo concessões e me enganando, achando que poderia mudá-lo. De certa forma, minha força e autoconfiança me faziam pensar que eu poderia consertar as coisas. Não é uma situação particularmente rara para uma mulher, é?

— Você nunca se rebelou? Nem um pouco?

— Houve uma ocasião, quando estávamos casados há alguns anos. Hugo estava fora, e eu aproveitei a oportunidade para almoçar com meu antigo chefe, Simon. Aquele intervalo de apenas duas horas me devolveu um pequeno fragmento de minha autoestima. Na noite que Hugo retornaria, tínhamos que ir a um evento beneficente no hotel Dorchester, e eu o encontraria lá.

Decidi mostrar um pouco de personalidade, provavelmente o último bocado que me restava, e não usei o vestido que ele havia escolhido para mim. Achei que não era mais a mulher por quem ele havia se apaixonado. Então fui às compras sozinha e encontrei um vestido lindo. Era de um azul bem escuro, feito com o veludo mais macio que você pode imaginar. A parte de cima era um corpete sem alças que ficou perfeito no meu corpo e ia quase até os quadris. E na época eu ainda tinha quadris. A saia era do mesmo tecido, mas descia reta até o chão, com uma fenda até o joelho.

Usei uma gargantilha prateada simples no pescoço e tingi meu cabelo com a cor natural, me livrando do ruivo. Era um castanho natural, mas ficou incrível com o vestido, e de repente voltei a me sentir eu mesma.

“Eu ia me encontrar com Hugo lá, então entrei em um táxi e pensei em chegar alguns minutos atrasada para poder fazer uma entrada impactante. E foi o que fiz. Abri caminho pelas mesas até onde Hugo estava sentado com alguns dos filantropos mais ambiciosos. Todos os homens levantaram imediatamente da mesa, e até as mulheres sorriram para mim. Eu sabia que estava fabulosa.”

Laura se lembrava de procurar admiração nos olhos de Hugo, c quando não encontrou, sentiu-se ansiosa de repente. Tinha certeza de que ele se apaixonaria por ela de novo.

— Como sempre acontecia nesses eventos, Hugo e eu não estávamos sentados perto um do outro, mas ele se levantou imediatamente e deu a volta para puxar minha cadeira. Quando eu me sentei, ele se inclinou para sussurrar no meu ouvido. Todos que estavam à mesa acharam que ele estava sussurrando algum elogio, porque todos sorriram. O que ele realmente disse foi: “Você está parecendo uma grande puta.” Foi a única vez que escutei Hugo falar assim em público. Tive que

passar todo o jantar sorrindo e sendo educada, enquanto por dentro eu sentia que estava morrendo.

Imogen olhou para Laura com desânimo.

— Por que não contou a ninguém?

— Porque a essa altura eu estava muito envergonhada e constrangida e não sabia o que havia feito de errado. Foi nessa noite que passei do limite. Sinceramente comecei a acreditar que tudo era culpa minha. Eu me desculpei com Hugo por minha falta de discernimento. Ele me perdoou, e eu me conformei em ser uma boa esposa e madrasta de Alexa, embora essa parte não fosse nenhum sacrifício. Mas nunca mais tingi o cabelo de ruivo e nunca mais tentei parecer sensual ou atraente.

Cultivei a aparência de uma mulher que não se importava mais. Desse jeito, talvez ele me deixasse em paz.

Laura levantou da cama e caminhou até a janela. Não suportava mais o olhar de pena de Imogen.

E ela sequer havia contado à amiga que daquele dia em diante algo foi

acrescentado aos presentes sobre a cama, uma coisa que ela considerou ainda mais alarmante.

24.

Tem tentou voltar a Oxfordshire, mas seus esforços foram frustrados por um fluxo aparentemente infindável de questões, e qualquer uma delas poderia ter se transformado em um grande avanço.

O retrato-falado da mulher vista saindo da casa de Hugo Fletcher havia aparecido em vários jornais, e eles já tinham recebido alguns telefonemas. O que pareceu mais plausível foi o de uma pessoa que viu uma mulher que correspondia à descrição indo da Egerton Crescent para a estação de metrô de South Kensington. Infelizmente, dali eía poderia ter pegado as linhas Piccadilly, District ou Círcie para qualquer direção. Mas o horário batia, então agora deveriam combinar essa informação com outros relatos e registros do circuito interno de TV para ver se era possível ter uma ideia de seu destino. E claro, ela podia ter mudado de linha várias vezes, mas de repente poderiam dar sorte.

Alguns membros da equipe analisavam todos os detalhes da instituição beneficente de Hugo, e Tom estava ansioso para ter acesso ao relatório. Estavam deixando passar alguma coisa. Ele simplesmente sabia. Enquanto isso, Ajay ficara com a tarefa de rastrear a garota desaparecida, Danika Bojin, e havia acabado de dar a Tom a boa notícia de que tinha conseguido o endereço da amiga de Danika, Mirela Tinescy, quando a informação tornou-se supérflua. Ele se lembrou que Ajay havia falado com Peter Gregson, o homem que deixara a mensagem na secretária eletrônica de Laura. E agora o Sr. Gregson havia aparecido inesperadamente e estava aguardando na recepção, pedindo para falar com um oficial superior.

Tom pediu para Ajay acompanhar Gregson até uma sala de interrogatório e lhe oferecer algo para beber. Ele se juntaria a eles em alguns minutos. Ainda não tinha conseguido falar com Laura sobre a visita de Danika nem verificar se a primeira garota que desapareceu, Alina Coz-ma, havia sido encontrada. No momento, contudo, ele precisava descobrir o que o Sr. Gregson tinha a dizer.

Danika estava no topo da lista de suspeitos.

Ele abriu a porta da sala de interrogatório e ficou surpreso ao ver que Peter Gregson não estava sozinho. Havia com ele uma jovem, tão magra que parecia

não ter mais de 14 anos. Gregson se levantou para apertar a mão de Tom.

— Inspetor-chefe Douglas, desculpe aparecer de repente, mas, como pode ver, Danika voltou para casa, e acho que vai querer ouvir o que ela tem a dizer.

Tom ficou mais do que surpreso ao saber que a garota que acompanhava Peter Gregson era Danika Bojin, que, segundo seus registros, tinha quase 19 anos.

— Fico feliz em ver que está em segurança, Danika — disse Tom. — Você nos deixou um pouco preocupados por aqui.

— Talvez seja melhor eu fornecer um panorama geral — afirmou Peter Gregson. — Quando falei com seu colega outro dia, expliquei sobre as regras um tanto rígidas de Sir Hugo que determinam que as meninas não podem continuar mantendo contato umas com as outras. Ele informou ao senhor?

Tom fez que sim com a cabeça.

— Bem, Danika desobedeceu à regra. Foi assim que ela e Mirela Ti-nescy perceberam que Alina Cozma estava desaparecida: ela não compareceu aos encontros regulares. Sir Hugo ficou furioso quando descobriu que elas estavam se comunicando, e apesar de nunca terem descoberto o que havia acontecido com Alina, Danika prometeu que não o desobedeceria novamente. E não desobedeceu, até agora. Infelizmente, ela descobriu que Mirela agora está desaparecida. Acho que é melhor ela mesma explicar.

Tom sentiu uma descarga de adrenalina quando Danika assumiu a história.

Como prometido, ela e Mirela não estavam mais se falando; ela acreditava que devia a vida a Sir Hugo,-então, por mais doloroso que fosse, sabia que devia respeitar suas regras. Mas agora tudo havia mudado.

— Na quinta-feira passada, fui ao parque e ouvi uma menina falando romeno com um garotinho. Converso com ela, e ela diz que é uma das garotas da Allium. Está morando com uma boa família, mas só porque a última garota da Allium voltou a ser mulher da vida. Ela diz, em romeno, é claro: “Valeu, Mirela. Você perde, eu ganho .” Faço mais perguntas, é claro, e é a minha Mirela. Sei que é. Ela diz que Mirela foi embora há mais ou menos oito semanas. Deixou um bilhete.

Diz que tem grande chance de ser garota de programa de luxo e ganhar muito dinheiro. Não foi certo eu procurar por ela sem contar a Peter, mas se ele sabe, teria me impedido. Hoje, quando voltei, Peter diz que devemos vir aqui contar para você,

Tom olhou com compaixão para a menina que obviamente estava preocupada com a amiga.

— Por que tentou encontrá-la, Danika?

— Porque não acredito que Mirela faria isso. Ela estava... como se diz... enchida? Sim, enchida da vida de prostituta.

Ninguém corrigiu o que ela disse, pois o sentido estava perfeitamente claro.

— Ela chora sempre e diz que os homens a machucavam. Que nunca mais quer fazer aquilo. Só com um marido ou um homem bom que cuide dela e dê amor. Não acredito que ela voltou a trabalhar com isso. Então tentei encontrar ela. Tinha que tentar, Peter. Você entende?

Danika virou o rosto confuso para Peter, certamente muito preocupada por ter quebrado sua confiança novamente.

Tom falou calmamente com a garota que, no fim das contas, só estava pensando no bem da amiga.

— Para onde você foi, Danika? Como tentou encontrá-la?

— Primeiro tento encontrar Sir Hugo. Não posso ir ao escritório porque a moça que fica lá não foi boa comigo da outra vez. Espero ele chegar, mas não vejo ninguém, então tento outra coisa.

Tento descobrir como conseguir emprego de prostituta de luxo, como diz Mirela. Não acho que sou feia. Os homens sempre falam que gostavam do meu corpo. E falo a língua daqui. Não muito bem, mas ok.

Tom infelizmente sabia que seu corpo magro e infantil teria muito apelo entre alguns homens.

—- Bom, eles me recusam. Nunca posso ser prostituta de luxo. Dizem que todo

mundo sabe que somos sujas, e ninguém tocaria na gente. Eles não conseguem muito dinheiro com garotas do Leste Europeu.

— Por que diriam que você é suja, Danika?

Danika olhou para baixo e corou.

— Os homens tinham permissão para nos usar sem proteção. Dizem que gostam mais. Nós não queremos, mas não temos escolha. Mas fiz todos os exames. Peter arranjou tudo para mim. Não sou suja, não sou mesmo.

Tom sentiu uma profunda sensação de vergonha pelo fato de homens — possivelmente que ele conhecia — tratarem uma garota tão doce de maneira tão atroz. Não conseguia deixar de sentir certo desapontamento também. Antes de conhecê-la, ela estava no topo de sua curta lista de suspeitos.

Hugo morre, garota desaparece. Parecia coincidência demais.

— Tenho certeza de que você não é suja, Danika. Mas isso significa que não encontrou nenhum rastro de Mirela?

— Não. Até procurei onde costumamos ficar, mas tive medo de ser pega de novo. Mas as roupas que Grace comprou para mim são boas. Ninguém sabia que eu era prostituta.

Tom presumiu que Grace fosse a esposa de Peter Gregson. Pelo menos algo bom havia acontecido na vida dessa jovem. Mas se considerassem que a mulher que foi vista deixando a casa de Hugo em Londres era a assassina, não tinha como ser Danika. Mesmo com muita maquiagem, ela

nunca pareceria uma mulher. Tinha os braços finos como gravetos e não devia pesar muito mais do que Lucy, que tinha apenas 5 anos.

No fim das contas, ele deixou que ela fosse interrogada por um de seus colegas. Danika podia não corresponder ao perfil, mas talvez a outra menina, Mirela, correspondesse.

No momento, precisava voltar para Oxfordshire. Havia um número cada vez maior de perguntas para fazer a Laura. E sabia que Brian Sme-dley, diretor financeiro da empresa de administração imobiliária de Hugo e um de seus

executores testamentários, estaria em Ashbury Park. Tom queria saber detalhes sobre o testamento, além de estar por perto para avaliar as reações de Laura aos últimos desejos de Hugo.

*** * * ***

Por volta das duas e meia da tarde, ele finalmente estacionou na penumbra do pátio escuro de Ashbury Park e subiu os degraus que levavam à imponente porta de entrada. Becky o estava esperando, pois ele havia telefonado do caminho, e ela abriu a porta antes que ele tivesse tempo de tocar a campainha.

— Você trouxe aquelas listas de passageiros? Estou ficando muito entediada aqui.

— "Oi, Tom, que bom ver você" — zombou ele. — Sim, eu estou com as listas, e considerando o número de passageiros no período relevante, logo ficará ainda mais entediada. Aconteceu alguma coisa por aqui?

—-Nada desde hoje de manhã. Nós almoçamos todas juntas, mas Stella falou a maior parte do tempo. Parecia que Imogen tinha chorado, na verdade. Ninguém falou comigo. Eías ficam trancadas no quarto ou cochichando pelos cantos. Muitos olhares significativos, mas nada palpável. E quanto a você?

Tom a atualizou com o que estava acontecendo na sede da polícia, o tempo todo pensando que nada havia sido realmente significativo.

— Acha que Danika teve alguma coisa a ver com isso? — perguntou Becky.

— Tenho certeza de que não, mas Mirela Tinescy está desaparecida. Ela pode estar envolvida.

Acho que teremos que entrevistar todas elas. pelo menos aquelas que Hugo ajudou nos últimos 12

meses. E todos os funcionários da Fundação, para ver se sabem de alguém que pudesse ter alguma antipatia por ele. Todas as meninas, aparentemente, juram que amam Hugo, mas passaram por dificuldades, e é possível que alguma delas tenha ficado tentada por um bom dinheiro. Tem uma equipe agendando todos os interrogatórios, e precisamos descobrir tudo o que for possível sobre Mirela Tinescy. Ajay está cuidando disso.

— Você acha que o velho Hugo dormia com as prostitutas?

— Bem, muitos homens dormem, embora eu, pessoalmente, nunca tenha experimentado. Talvez Hugo considerasse um bônus de seu trabalho.

— Tom, isso é asqueroso e desprezível. Não acredito que seja tão cético.

Ele olhou para o nariz arrebitado de Becky, franzido de desgosto. Se ela soubesse o que ele sabia sobre a inclinação de Hugo para o comportamento depravado, Tom refletiu, acharia que dormir com as prostitutas da fundação era uma coisa praticamente normal. Os acontecimentos das noites anteriores com Kate haviam desviado temporariamente a conversa com Annabel de sua mente, mas agora estava voltando com tudo, e aquilo tinha que ter algum significado.

Becky acompanhou Tom até a sala de jantar, onde havia montado um escritório temporário com a permissão de Laura. O cômodo era revestido com papel de parede flocado em tons semelhantes aos de lama, até onde Tom conseguia distinguir, e uma parede estava praticamente toda coberta por uma enorme tapeçaria desbotada, e ele imaginou que, com um pouco de cuidado, ela poderia ser bem bonita. No centro da sala ficava a maior mesa de jantar que Tom já havia visto, que facilmente

acomodava cerca de trinta pessoas. Não havia nenhuma outra mobília na sala, apenas uma grande lareira de pedra e pesadas cortinas de veludo. Outro cômodo acolhedor.

— Minha nossa, Becky. Não podia ter encontrado um lugar um pouco mais alegre? E por que escolheu se sentar na ponta da mesa? É uma caminhada de 3 quilômetros até a porta.

— Exatamente. Significa terei uma boa oportunidade de esconder o que estiver na minha tela antes que elas cheguem até mim. Não confio nelas, Tom. Eu gosto delas, mas mesmo se forem inocentes no assassinato de Hugo, estão escondendo alguma coisa. Principalmente Imogen. Ela sabe muito mais do que está deixando transparecer. Posso ver em seus olhos.

Ela estava certa, é claro, e Tom sabia disso. Becky estava com um olhar de buldogue, seu belo rosto mostrando determinação e avidez. Ele sabia o que ela achava: que ele estava indo devagar. Mas não tinham nenhuma evidência para seguir em frente, e certamente nada concreto que comprometesse Laura ou

Imogen. Não era nem o caso de ter uma prova circunstancial.

Simplesmente não havia prova alguma.

— Não vejo sentido em nada disso, para ser sincero — confessou ele.

— Preciso provocá-las um pouco mais. Está muito frio aqui. O aquecimento não está ligado?

Tom havia tirado o paletó para dirigir e rapidamente enfiou os braços de volta nas mangas. Não era muito habituado a ternos, mas combinava com o ambiente, e no momento ele precisava de todo o calor que pudesse ter.

— Você logo se acostuma. Achei que vocês do norte fossem mais resistentes. — Becky deu um sorriso forçado. — De qualquer modo, enquanto estive aqui sentada, pirando, pesquisei um pouco sobre o Rohyp-nol. Como sou nova, achei que o medicamento existisse desde sempre, mas o primeiro registro que encontrei na internet data de 1999. Aparentemente esteve disponível por muito mais tempo como medicamento controlado, mas logo foi identificado como a droga do estupro. O estu-prador em série, Richard Baker, foi o primeiro usuário registrado nesse país. Ele foi pego depois que sua descrição apareceu em um programa de TV. De qualquer forma, é a marca dada ao flunitrazepam, que é dez vezes mais potente do que o Valium. Comumente conhecido como

“Boa noite Cinderela”, é claro. Segundo a internet, e é melhor eu ler essa parte, é uma “droga hipnótica altamente potente com fortes propriedades sedativas, ansiolíticas”, o que quer que seja isso, “e amnésicas, causando também relaxamento esquelético-muscular”. Laura disse achar que ele usou nela também, mas não para fins de estupro. Você precisa investigar isso, Tom.

— Farei isso quando achar que ela vai me dizer a verdade. Laura é muito boa em se esquivar das perguntas, e bombardeá-la simplesmente não vai funcionar.

Becky olhou para ele com severidade. Ele sabia que ela estava impaciente, mas a sargento queria encarar o caso do mesmo modo que encarava o trânsito: sem restrições e sem medo de irritar algumas pessoas pelo caminho. Ele tinha certeza de que isso não funcionaria com Laura. Ela não seria intimidada. Ele precisava conquistar sua confiança.

— E melhor me contar exatamente o que escutou de manhã — pediu Tom. —

Vamos tentar ter algo concreto sobre o que questioná-las.

Becky pegou o notebook na ponta da mesa e se sentou.

— Escrevi tudo depois: palavra por palavra, na medida do possível. Você precisava ter ouvido elas falarem; a tensão era cortante. — Becky inclinou-se avidamente sobre as anotações rabiscadas e reproduziu partes da conversa que havia escutado. — Tom, só as palavras não bastam. Você precisava ter escutado o tom de voz de Laura. Foi tão frio. Ficou totalmente claro para mim que ela odiava Hugo. Quase tanto quanto Imogen.

*** * * ***

Toda a conversa sobre drogas e ódio foi interrompida abruptamente quando a campainha tocou,

anunciando a chegada de Brian Smedley e um advogado. Becky pegou suas listas na mesa de trabalho improvisado, e Tom foi até o saguão onde Laura estava recebendo as visitas. Ele não conseguia deixar de notar que a aparência de Laura melhorava dia após dia. Ela estava usando jeans escuros e uma malha cor de framboesa com decote redondo, e a cor alegre se destacava como um feixe de luz contra as paredes beges e encardidas do saguão.

Ela se virou para ele e pareceu assustada ao vê-lo ali parado.

— Tom? Desculpe. Não percebi que você tinha chegado. Alguém já te ofereceu uma xícara de chá ou de café?

Uma coisa que não parecia faltar nessa casa era um suprimento quase constante de bebidas quentes, mas Tom sabia que isso era relativamente comum em lares destroçados pela tragédia. Pelo menos servia para ocupar as pessoas.

— Sinto muito, Laura. Eu devia ter avisado que estava aqui. Becky abriu a porta para mim, e eu não quis atrapalhar. Você se importa se eu ficar para ouvir os termos do testamento? Pode ser útil para nossa investigação.

Tom olhou intensamente para Laura. Ela havia deixado os cabelos soltos e ondulados novamente. Dava para ver o início das raízes escuras, e ele se perguntou por que alguém tingiria os cabelos em tons de pelo de rato. Ela tinha um pouco mais de cor no rosto também, e sua autoconfiança parecia estar

aumentando. Mas ao mesmo tempo aparentava ter chegado ao limite.

Sem dúvida se perguntava que surpresas Hugo havia reservado em seu testamento. Com base em tudo o que tinha escutado nas últimas horas, ele não a culpava.

Aparentemente alheia ao olhar examinador de Tom, Laura conduziu os presentes até a sala de visitas, pedindo para a Sra. Bennett preparar chá para todos e oferecendo algo mais forte a qualquer um que desejasse. Apenas o advogado aceitou a oferta, e Tom notou que ele parecia estar precisando.

Quando todos finalmente se sentaram e as bebidas haviam sido servidas, Brian tossiu com certo nervosismo. Como executor, ele tinha ficado com a “agradável” tarefa de dar as notícias. Laura deu um sorriso indiferente.

— Tudo bem, Brian. Eu conhecia Hugo muito bem, e qualquer coisa que ele tenha colocado no testamento dificilmente será surpresa para mim. Só me dê um panorama geral, é só disso que preciso.

— Obrigado, Laura — respondeu Brian. — Como sabe, Hugo erà um homem extremamente rico, mas teve a perspicácia de colocar a maior parte de sua riqueza em vários fundos. Eles rendiam cerca de 1 milhão por ano para despesas de subsistência, embora, é claro, uma porcentagem significativa fosse gasta com impostos. Mas como Ashbury Park pertence a um fundo fiduciário, que paga todas as despesas de manutenção e serviços dessa casa e da propriedade na Egerton Crescent, a sobra ficava realmente apenas para suas despesas gerais.

Tom não pôde deixar de se perguntar como eles conseguiam gastar centenas de milhares de libras por ano, principalmente não tendo contas para pagar. Pelo olhar no rosto de Laura, ela certamente estava pensando o mesmo.

— E todo o dinheiro era gasto a cada ano, ou uma parte era poupada?

— As despesas de subsistência ficavam em cerca de 30 mil libras por mês. Roupas, alimentação, viagens, manutenção da casa na Itália. E, é claro, Sir Hugo retirava 20 mil em dinheiro todo mês.

— Vinte mil libras por mês em dinheiro? Tem certeza de que eram vinte?

Tom olhou para Laura com ar de interrogação, mas ela fitava os dois homens

com uma expressão confusa.

— E o sustento de Alexa e Annabel? — questionou Laura. —~ Era retirado dessa quantia?

— Não. Quando Hugo se divorciou de Annabel, separou alguns fundos, de modo que um deles sustentasse Alexa pelo resto da vida, e o outro suprisse os gastos de Annabel.

Laura ainda parecia desnorteada, mas permaneceu em silêncio.

— Agora, voltando ao testamento, ele fez algumas provisões para você, embora os termos sejam um pouco complexos. Basicamente, poderá morar aqui até Alexa completar 21 anos, quando ela passará a ter o usufruto legal de Ashbury Park. Se permanecer aqui durante esse período, a propriedade na Itália passa para o seu nome. Atualmente está no nome de Hugo, sendo transferida para a empresa. A essa altura, poderá vender a casa e comprar outra para viver em Londres, ou poderá morar lá. Se decidir se mudar dessa casa antes de Alexa completar 21 anos, perde a casa na Itália e é proibida de ter qualquer contato com a menina. Caso isso aconteça, Annabel deve seguir rigidamente os desejos de Hugo a esse respeito. Se não seguir, perderá uma porção significativa da herança também. Pelo que conheço da ex-esposa de Hugo, imagino que será rigorosa no cumprimento desses termos. Enquanto isso, você deve passar pelo menos dez meses por ano nessa casa e garantir que a propriedade esteja em condições para Alexa se mudar para cá quando chegar a hora.

Tom observava atentamente a expressão de Laura. Havia escolhido propositalmente um assento que lhe permitia verificar as reações dela sem ser notado. Mas além da reação às retiradas mensais de dinheiro, os termos estritos do testamento não pareceram surpreendê-la ou irritá-la. Não se tratava do testamento cuidadoso de um marido amoroso, e aquilo já estava evidente a todos naquela sala.

— O fundo pagará todas as contas da casa, e você receberá uma pensão adicional de 50 mil libras por ano para despesas, corrigidos pela inflação, contanto que cumpra os termos mencionados anteriormente. Caso saia da casa antes do 21° aniversário de Alexa, também perde sua renda anual.

Os termos do fundo são específicos. Esse dinheiro só pode ser gasto com alimentos, roupas e viagens esporádicas. Com a permissão dos consignatários,

você também pode receber somas adicionais para itens específicos, como por exemplo um carro novo, se for necessário.

— Tem algum dinheiro disponível para a redecoração da propriedade ou para um replanejamento dos jardins? — indagou Laura, sem dúvida contemplando a ideia de viver nesse mausoléu pelos próximos dez anos.

— O fundo cuidará disso, e tem instruções específicas para que qualquer obra executada seja de reparo e restauração e mantenha exatamente os mesmos padrões e estilo atuais.

Laura parecia horrorizada com a possibilidade, e Tom não podia culpá-la. Para transformar a casa em um lar do século XXI, seria preciso fazer uma grande reforma.

— Tem alguma coisa que me impeça de gastar meu próprio dinheiro para mudar a aparência dessa casa? — Ela se inclinou, para a frente com avidez.

Brian Smedley parecia ainda mais desconfortável.

— Não sei ao certo se entendeu. O único dinheiro que você tem é a soma anual paga pelo fundo, e ela só pode ser gasta com os itens especificados por Hugo.

—- Mas e se eu tiver meu próprio dinheiro, Brian? Dinheiro que eu já tinha antes de me casar com Hugo?

Uma expressão de esperança iluminava o rosto dela, desfazendo & máscara de mulher controlada que Tom tinha certeza de que ela cultivava desde a autópsia. Ele não pôde deixar de pensar que Laura parecia uma pessoa adorável.

Brian olhou para o advogado, que não havia dito nada além de pedir uma pequena dose de uísque desde que chegara.

— Sir Hugo sabia desse dinheiro, Lady Fletcher? — perguntou ele.

— Contei a ele quando vendi minhas ações da empresa em que eu trabalhava. Mas ele não ficou interessado porque, para ele, tratava-se de uma quantia insignificante. Depois nunca mais toquei no assunto e investi o dinheiro. Com quase nada para fazer, comecei a me interessar por compra e venda de ações, então corn certeza tenho dinheiro suficiente para redecorar a casa, e mais de uma

vez. Seria permitido?

O advogado verificou suas anotações.

— Trata-se de um testamento longo e complexo. Lady Fletcher. Verificarei todos os detalhes, e

os termos do fundo proprietário da casa. Certamente não era a intenção de Sir Hugo que nada fosse modificado, isso eu posso afirmar. Mas está claro que ele não fazia ideia, ou simplesmente não se lembrava, de que você tinha seu próprio dinheiro. Também devo mencionar que qualquer novo casamento ou coabitação segue exatamente os mesmos termos: você terá que sair da casa. perderá a propriedade na Itália e será proibida de ter qualquer contato futuro com Alexa.

A crueldade inata de Hugo deve ter ficado óbvia para todos os pre-sentes, assim como para Tom. Ele sentiu uma compaixão profunda por Laura, mas viu que ela estava sorrindo com ironia. O

advogado não havia terminado.

— Acha que agirá de acordo com os desejos dele. Lady Fletcher?

— Não tenho outra escolha — respondeu ela.

— Creio que Sir Hugo achou que a casa na Itália serviria como garantia disso.

— Bem, então é uma pena que ele não esteja aqui — retrucou ela, recostando na cadeira. —

Porque eu ficaria muito satisfeita em dizer a ele que não tem nada a ver com a casa. Não é por isso que eu vou ficar. Vou ficar por Alexa.

*** * * ***

Tom ficou surpreso com a compostura dela, e só conseguia pensar no cretino que Hugo havia se revelado; nem um pouco parecido com a personalidade pública que o mundo amava e respeitava. A máscara de Laura já estava de volta ao lugar enquanto ela escutava os termos restantes.

Depois de conhecer Annabel, Tom podia entender o desejo de Laura de proteger

Alexa. Mas ditar que ela não poderia se casar nem morar com um homem por pelo menos dez anos, quando ela já teria praticamente passado da idade de ter filhos, era cruel ao extremo.

O advogado estava começando a falar sobre outros aspectos do testamento. Simplesmente queria passar rapidamente pelos bens menores, e como Laura não o pressionou, ele suspirou com alívio e passou aos termos relativos a Annabel. Mas estava claro que havia algo ah que o advogado considerava constrangedor. Ele precisava ver uma cópia do testamento. Talvez mais alguém estivesse se beneficiando, mas se Laura ainda figurasse como suspeita, certamente não o teria matado por dinheiro.

Annabel definitivamente não ficaria feliz. Para receber a generosa pensão, teria que concordar que Alexa ficasse com Laura em Ashbury Park pelo menos três meses por ano, o que poderia incluir fins de semana e feriados escolares, conforme combinado conjuntamente entre as duas mulheres.

Como ela estudava durante a semana em um colégio interno em Oxfordshire, na prática isso significava que ela quase não passaria quase tempo algum com a mãe. Tom tinha a desconfortável sensação de que Annabel não daria a mínima, contanto que recebesse o dinheiro.

Também estava determinado que, se os termos do testamento fossem cumpridos, a casa em Portugal passaria para o nome de Annabel quando Alexa completasse 21 anos.

No entanto, foi a última seção que Tom achou mais interessante. Hugo Fletcher havia visitado seu advogado um dia antes de morrer e acrescentado um codicilo. Ele havia insistido em permanecer na sala do advogado até o codicilo ser redigido e assinado. Nele, constava que Annabel perderia tudo se fosse responsável por qualquer declaração difamatória sobre Hugo ou sua família que fosse tornada pública em qualquer meio de comunicação, agora ou no futuro.

Tom suspirou aliviado. No dia anterior,'Annabel havia confidenciado coisas sobre Hugo em um nível de detalhes que certamente poderia ser considerado difamatório. Felizmente, ele só havia contado ao superintendente. Confiava em sua equipe, mas a questão tinha tanto potencial para atrair a imprensa marrom que o mais provável era que a herança de Annabel desaparecesse como fumaça.

*** * * ***

O advogado e Brian Smedley saíram logo depois, e apesar da intenção original de Tom ter sido ir com eles e avaliar a reação de Annabel, decidiu que a conclusão seria mais ou menos óbvia e pediu que Becky fosse em seu lugar. Ele não havia tido tempo para conversar com Laura, e era cada vez maior o número de enigmas desconcertantes que ele precisava resolver.

Laura havia acompanhado os dois advogados até a porta, e quando retornou à sala, Tom já se convencera de que ela estaria seriamente perturbada por tudo o que escutara. Se havia alguma ilusão a respeito dos sentimentos de Hugo em relação a Laura, ela tinha sido publicamente arruinada, e o inspetor estava preocupado com ela. Mas também era seu trabalho investigar a fundo e descobrir todos os segredos que essa família escondia. Quanto mais ele entendesse a respeito das emoções turbulentas das pessoas que cercavam a vítima, maiores as chances de entender o homem. E como resultado, ele esperava, maiores as chances de encontrar o assassino. Um ouvido amigo nesse momento emocionalmente complicado poderia romper algumas das defesas de Laura.

— Você está bem, Laura? Sei que não é da minha conta, mas aquilo foi muito duro.

Ele ficou surpreso ao ver um sorriso genuíno no rosto dela enquanto se sentava à sua frente. Ela parecia quase entretida, o que ficava além da compreensão de Tom.

— Obrigada pela preocupação, Tom, mas está tudo bem. Eíe pensou mesmo em tudo, não é?

Não há a menor possibilidade de eu deixar Alexa à mercê da indiferença de Annabel. A pobrezinha já tem que suportar muita coisa. Mas ele cometeu um erro — acrescentou ela, com um brilho perverso no olhar. — Vou aguardar a confirmação dos consignatários, depois vou despedaçar esse lugar, e isso vai me dar um enorme prazer. Passei anos pensando no que faria. Sei que estarei usando meu próprio dinheiro para algo que, no final, não será meu, mas não posso continuar vivendo aqui por mais dez anos desse jeito. Alexa merece coisa melhor, e ainda vai sobrar bastante para quando eu estiver sem teto.

Ela realmente não se importava, Tom pensou, admirado. Mas não era apenas aquela espécie de prisão domiciliar que era crueh

— E quanto a não poder se casar nem morar com ninguém? É um pouco cruel,

não é?

Laura riu e pareceu falar com sinceridade.

— Não, obrigada. Nunca mais. Do meu ponto de vista, isso nem é castigo.

— Mas está claro que você ama Alexa. Nunca quis ter um filho?

Tom ficou arrependido por ter estragado o clima, uma vez que Laura fechou a cara.

— Sim, eu adoraria ter tido um filho. Mas essa não era uma opção.

Nesse exato momento, o telefone celular de Tom tocou e ele praguejou. Era o mais próximo que ele tinha chegado da verdadeira Laura. Mas quando viu que quem estava ligando era Kate, soube que precisaria atender. Ele pediu licença e se levantou, caminhando na direção da janela com as costas viradas para Laura. Falou por um ou dois minutos, mantendo a voz baixa, e depois desligou.

— Sinto muito por isso. Não foi a melhor hora para ser interrompido, mas eu precisava atender.

O clima havia se perdido, e Tom estava frustrado. Kate sempre escolhia a melhor hora! Laura o observava com ar inquisitivo, certamente se perguntando se eram novidades sobre o caso, mas talvez sem saber se o protocolo lhe permitia fazer perguntas sobre isso.

— Era só um assunto pessoal que eu precisava resolver. Nenhum grande salto na investigação sobre o assassinato de seu marido, infelizmente.

Laura pareceu curiosamente aliviada. Talvez fosse bom para ela saber que não era a única com problemas.

— Bem, os sentimentos do meu marido por mim acabaram de ser expostos ao mundo, então se eu puder ajudar em alguma coisa, pode dizer. Pode distrair minha mente da bagunça terrível que minha vida parece ter se tornado.

Quando Tom voltou a se sentar, foi fortemente golpeado pela percepção de que estava sozinho.

Nunca havia parado para pensar nisso antes» Nunca se importou de se sentir assim, mas desde que se mudara para Londres, não tinha ninguém com quem compartilhar nada além de uma ou outra

cerveja ou um jogo de squash. Ele trabalhava muitas horas; via Lucy o máximo possível e passava o resto do tempo em seu apartamento extravagante, porém sem alma. Seus verdadeiros amigos estavam a mais de 300 quilômetros de distância, mas nos últimos dois anos havia perdido a esposa e o melhor amigo de todos: seu irmão.

Agora Laura fitava Tom com interesse genuíno, e ele se deu conta de que a maioria das pessoas com quem falava atualmente tinha expressões que não iam além da indiferença educada. Eie não podia ignorar completamente a oferta de ajuda, e descobriu que nem queria fazer isso.

— Era minha ex-mulher, Kate. Estamos divorciados. Foi um momento muito triste para mim porque, quando ela me deixou, levou nossa filha junto. Mas agora parece que as coisas não vão bem em seu novo relacionamento, e ela decidiu que me quer de volta — esclareceu Tom, sem dar muitos detalhes e olhando para a lareira, como se a solução de seus problemas estivesse nas chamas.

— Você ainda a ama? — A pergunta feita por Laura com suavidade escondia uma emoção que Tom não conseguia identificar. Ele virou a cabeça na direção dela e notou seus olhos levemente semicerrados. Sem saber ao certo o que isso significava, ele respondeu a pergunta.

— Não. Amei por um bom tempo, mas não é por isso que ela quer voltar comigo. Kate ama dinheiro... bem, ama gastar dinheiro. Isso é irônico, na verdade, depois de acompanhar a leitura do testamento de Hugo e ver como você reagiu. Kate, nesse momento, estaria berrando sobre a injustiça de tudo isso.

— Aprendi há muito tempo a não berrar diante das injustiças de Hugo. Se não fosse assim, provavelmente já não teria mais cordas vocais. —- Ela sorriu para tirar a incisividade das palavras.

— Então, para Kate, você é o homem do dinheiro agora, não é?

— Sim, mas não por meio dos meus próprios esforços. Um inspe-tor-chefe não ganha mal, mas meu irmão me deixou muito dinheiro... em seu testamento —

explicou com dificuldade.

Laura pareceu sinceramente aflita com a notícia.

— Meus pêsames. Não vejo muito meu irmão, mas ficaria arrasada se alguma coisa acontecesse com eie. Como ele morreu? Se não se importa que eu pergunte.

Tom fez uma pausa. Mesmo depois de todos esses meses, ainda achava difícil falar sobre isso.

— Ele era esperto, mas não nos moldes tradicionais. Não se interessou em fazer faculdade, e desde os 14 anos estava sempre mexendo com aparelhos eletrônicos em seu quarto. Eu era o irmão sensível e estudioso. O primeiro computador dele era uma coisinha chamada ZX Spectrum; tenho certeza de que nunca ouviu falar disso. Apesar das limitações, ele conseguia programar o computador para fazer coisas incríveis. Aos 18, estava sendo pago para escrever programas para todo tipo de gente, e aos 15 já havia juntado seu primeiro milhão. Ele fundou uma empresa multimilionária de segurança de internet e a vendeu alguns meses antes de morrer.

Tom parou e olhou para Laura para ver se não estava falando demais. Mas ela estava inclinada para a frente, com os cotovelos sobre os joelhos, queixo apoiado sobre as mãos cruzadas, e parecia realmente interessada.

— Ele teve um atípico ataque de compras e, entre outras coisas, se presenteou com a lancha mais rápida que podia comprar. E foi isso. Houve um acidente, muito incomum segundo os fabricantes do barco, e ele morreu. Seu corpo nunca foi encontrado.

Ele falou em um tom de voz trivial, tentando disfarçar as emoções, mas imaginou que Laura não seria enganada. Deu a si mesmo um momento, e ela manteve um silêncio respeitoso.

— Então, agora que estou cheio da grana, Kate quer que eu volte. Se eu não concordar, ela está ameaçando levar Lucy de volta para Manches-ter. Eu só me mudei para cá para ficar perto delas, e agora estou sendo feito de refém novamente. Aí está o dilema. Devo ceder pelo bem de Lucy? —

Ele olhou para Laura. — Você parece feliz em fazer sacrifícios extremos por

uma criança que nem é sua filha, então eu não deveria ser capaz de viver com Kate pelo bem da minha?

Tom observou Laura com cuidado para avaliar sua reação. Ela fez uma breve pausa antes de falar.

— Sabe, não sou a melhor pessoa para dar conselhos sobre relacionamentos. Mas me lembro de ter crescido em um lar e que eu amava meu pai e minha mãe. O problema era que meus pais não se amavam. Ah, eles tentaram. E não eram grosseiros um com o outro, embora discutissem às vezes.

Mas simplesmente não existia amor. Will e eu tínhamos uma vida estável, mas acho que eu descreveria minha casa como um lar desprovido de alegria. Acho que crianças precisam de alegria na vida. Se estão em um mundo em que sempre veem os pais pisando em ovos quando estão perto um do outro, mesmo se não brigam, acabam criando um falso conjunto de valores. Vendo em retrospecto, eu teria preferido ficar com um dos pais genuinamente feliz do que com dois que tinham tantos machados guardados que era possível ouvi-los sendo afiados.

Tom achou a resposta deSa muito sensata. Por ter crescido em um lar feliz de classe operária, com pais que trabalhavam muito, mas faziam o companheiro rir mais do que chorar, esse era o tipo de relacionamento pelo qual ansiava.

Mas a conversa já estava ficando muito comprida. Ele não tinha tempo para perder com seus próprios problemas. Maldita Kate. Ele achou que os dias em que ela invadia seus pensamentos tinham terminado há muito tempo. Mas havia feito muitas descobertas nos últimos cinco minutos.

Ele se recompôs.

— Sinto muito, não estamos aqui para falar de mim. Peço desculpas, Latira. Realmente não devia ter deixado meus problemas pessoais interferirem.

*** * * ***

Laura lamentou quando o momento passou. Ouvir Tom fez com que se lembrasse de que as outras pessoas também tinham problemas, embora talvez não fossem da mesma magnitude. Sentiu uma pontada de inveja quando ele começou a falar da ex-mulher, imaginando como seria estar casada com um homem um pouco brusco, porém indubitavelmente sensível, Mas agora ele havia

voltado a ser um policial, e ela precisava se concentrar.

— Preciso conversar com você sobre várias coisas, mas depois das notícias do testamento, não sei ao certo se está disposta. Como está se sentindo? — perguntou Tom,

— Estou muito bem. Pode perguntar. — Laura sabia que precisava dar a si mesma um instante para deixar de ser a amiga compassiva e voltar ao papel de esposa de luto. — Só vou abrir uma garrafa de vinho, que eu acho que mereço, supondo, é claro, que o senhor meu marido não tenha decretado que não posso mais tomar vinho. Gostaria de uma taça?

— Eu não deveria, mas acho que uma tacinha não vai fazer mal. Parece uma ótima ideia.

Obrigado.

Laura deixou Tom folheando seu bloco de anotações. As perguntas eram inevitáveis, e ela tinha certeza de que ele não entendia sua indiferença ao testamento de Hugo, Como podia explicar que já sabia que seu marido não seria bom com ela sem ficar parecendo ainda mais frágil aos olhos do policial?

Ela voltou para a sala com uma garrafa de vinho e duas taças, depois serviu a bebida, deixando Tom com seu bloco. Entregou uma taça a ele e propôs um breve, porém irônico, brinde a Hugo.

Não deixou de notar que Tom mal tomou um gole e sentiu uma pontada de culpa.

— Desculpe — falou ela. — Esqueci que você está trabalhando. Foi um descuido da minha parte.

Tom deu um sorriso bem-humorado.

— Não se preocupe. Eu não poderia deixar você beber sozinha, não é?

Com consentimento silencioso, porém mútuo, eles voltaram a se sentar, e Laura se preparou para as perguntas, lembrando a si mesma que, por mais atencioso que fosse. Tom Douglas ainda era um policial.

— O que pode me dizer a respeito da família de Hugo? — perguntou ele. — Sabemos que a mãe dele morreu no ano anterior ao casamento de vocês, mas o que sabe sobre eles como família?

Que pergunta estranha. Que peso Tom achava que isso tinha no assassinato de Hugo? Laura pensou e respondeu da forma mais simples possível.

— Não sei muita coisa, na verdade. Essa casa é cheia de retratos de ancestrais há muito tempo esquecidos, mas eu nunca soube muita coisa sobre os pais dele. Ele era muito próximo da mãe. Isso eu sei, mas ele nunca me mostrou fotos dela. Ela morreu de câncer pouco antes de nos conhecermos, e acho que foi bem difícil no final. Ela ficou acamada por alguns anos. Parece que ficou de cama assim que o pai de Hugo morreu e raramente saía. Annabel foi enfermeira dela por um tempo, mas disse que, na verdade, não havia nada de errado com ela, e se tivesse nascido em outra classe social, teria simplesmente se levantado e seguido com a vida. Não sei se é só o jeito de Annabel falar. Depois de um tempo, ela ficou realmente doente, e acho que sofreu muito com a quimioterapia.

— Você disse que o pai dele morreu. Sabe o que aconteceu com ele?

Hugo havia falado apenas brevemente com ela antes de se casarem, e com tanta contrariedade na voz que ela devia ter se dado conta de que empatia não era o seu forte. Mas ela havia atribuído o desgosto ao sofrimento pelo acontecido — como sempre, arrumando desculpas para as características menos benignas de Hugo.

— Ele cometeu suicídio. Enforcou-se no meio do mato. Hugo culpa a irmã, Beatrice, porque aparentemente ela fugiu quando tinha apenas 15 anos, e o pai ficou arrasado. Então,, alguns meses depois, eie foi para o bosque com uma corda.

— E Beatrice? Não conseguimos encontrar nenhum rastro dela; você sabe se eia voltou a aparecer?

— Hugo só falou sobre isso uma vez. Disse que queria encerrar o assunto. Nunca mais se ouviu falar dela. Faz tanto tempo que acho que ninguém mais vai encontrá-la, a menos que queira ser encontrada, é claro.

Tom parecia estar lendo as anotações, mas Laura podia ver que não. Ele encarava a página, e ela soube que ele estava tentando encontrar as palavras

certas para a pergunta seguinte. Sentiu um arrepio frio nas costas.

— Vou precisar avançar para aspectos mais pessoais de sua vida, Laura. Pode não parecer relevante para você, mas eu gostaria de entender um pouco mais sobre sua doença. Espero que não seja muito doloroso falar sobre isso.

Como não era uma pergunta direta, Laura não sabia muito bem como responder. Mas Tom ainda não tinha terminado, e suas próximas palavras quase a deixaram sem. fôlego.

— Becky também me disse que ouviu por acaso uma conversa de vocês hoje de manhã. Ela não pretendia espionar, mas teve a impressão de que você não está triste com a morte de Hugo. Ela também ouviu alguém mencionar Rohypnol. Podem ser áreas delicadas, mas precisamos discuti-las.

Laura pôs uma máscara de pedra no rosto e disse a si mesma para se acalmar. Sua salvação veio de uma fonte inesperada, quando o celular de Tom tocou novamente.

Ela o ouviu soltar um xingamento baixo, mas depois de olhar quem estava ligando, desculpou-se com Laura e atendeu. Laura só pôde ouvir um lado da conversa, mas Tom de repente pareceu muito mais animado.

— Obrigado, Ajay, isso é muito interessante. Falo com você mais tarde, Por favor, me mantenha informado. — Ele desligou o telefone e se virou para Laura com os olhos brilhando de empolgação.

— Sinto muito por isso. Gostaria de retomar aqueles tópicos depois, se for possível.

Ele sorriu como se tivesse boas notícias para dar.

— Conseguimos um resultado. Encontramos um fio de cabelo ruivo na casa da Egerton Crescent. Cabelo humano, mas de uma peruca. Um dos peruqueiros nos disse que a mãe de Hugo foi sua cliente nos últimos anos de vida, quando perdeu o cabelo por causa da quimioterapia. Ele

veio até aqui várias vezes tirar medidas para suas novas perucas, e disse que, ao todo, fez cinco modelos para ela.

Tom fez uma pausa, mas Laura sabia exatamente o que ele diria em seguida, e seu corpo ficou tenso.

— Ele também disse que todas elas foram feitas com cabelo ruivo verdadeiro.

25.

Depois de dizer a Tom que fazia uma boa ideia de onde podia estar a caixa de perucas, Laura fugiu para o sótão. Ela precisava de um pouco de espaço para respirar; de tempo para desacelerar o coração.

E precisava pensar. Não apenas nas perucas, mas também em como responder às perguntas de Tom a respeito de sua saúde mental sem contar sobre o Rohypnol. Como haviam sido tão descuidadas? Ela sabia que sua depressão viria à tona e estava preparada para isso. Mas, aparentemente, Becky havia escutado demais. Tom *já* sabia que Hugo estava longe de ser perfeito depois de ouvir os termos do testamento. Mas o verdadeiro Hugo nunca poderia ser revelado.

Nunca.

Um grito veio de baixo.

— Laura? Você está aí em cima?

— Sim, estou fingindo que procuro algo para a polícia.

O rosto de Imogen apareceu no vão da escada, seguido por seu corpo. Laura sabia que ela estava trabalhando desde a hora do almoço, mas ficou contente por ter seu apoio naquele momento.

— Como foi a reunião com os advogados? Agora é uma mulher rica?

Laura zombou dela.

— Não seja tola. Estamos falando de Hugo. Depois eu explico, tenho outras coisas com que me preocupar agora.

— O que está vasculhando aqui em cima?

— Perucas. Bem. não estou vasculhando, Sei onde estão. Mas estou fingindo que

procuro.

— O *quê?* Meu Deus, eu sabia que não devia ter deixado você sozinha. Que diabos aconteceu? O

que você disse?

Ás vezes, Laura refletiu, Imogen a tratava como se ela não tivesse um único neurônio. Ela explicou rapidamente tudo o que Tom havia lhe contado sobre as perucas. Depois apontou para uma grande caixa redonda no chão.

— Bem, aqui está a caixa de perucas.

Ela ficou olhando, mas não tinha desejo algum de tocar nela. Sabia que seria como a caixa de Pandora — assim que a abrisse, o mal e todas as lembranças associadas a ele viriam à tona com toda a força. Mas não tinha outra escolha. Respirando fundo, ela se inclinou e tirou a tampa e o que havia dentro. Enfiou a mão na caixa, separando as perucas várias vezes. Tinha alguma coisa errada. O

cabelo estava todo emaranhado. Talvez ela estivesse errada. Tinha que estar errada. Separou-as novamente, contendo o pânico até ter certeza. Olhou para Imogen.

— Droga, Imo. Só tem três.

Laura se sentou sobre um velho baú. Sua mente estava vazia. Ela não tinha explicação. Também não tinha resposta para a polícia. Imogen foi até o outro lado e colocou o braço em volta dos ombros de Laura.

— Com o que está preocupada? Tente encarar com racionalidade. Não deixe algo tão trivial desestabilizá-la. Ninguém pode ter tirado uma peruca daqui em momento algum. A Sra. Bennett pode ter levado uma para vender em algum bazar, até onde eu sei. Além disso, se a bruxa velha ficava encomendando perucas, é de se esperar que alguma das outras tenha se estragado e ido para o lixo. Duas perucas desaparecidas não precisam significar nada.

— Não, talvez não. Mas a polícia vai pensar o mesmo?

Ela realmente não tinha ideia do motivo de apenas três perucas estarem na caixa, e isso a deixou trêmula.

Elas ficaram em silêncio enquanto Laura tentou se recompor. Depois de alguns instantes, ela se levantou resolutamente do baú.

— Certo, é isso que vou dizer, e espero que ele acredite em mim. Quando Alexa era pequena, costumávamos brincar com roupas de festa e usávamos uma peruca. Ela era muito nova para se lembrar, é claro. Direi que não tenho ideia do que aconteceu com ela. E agora que parei para pensar, acho que me lembro de Hugo ter dito que sua mãe foi enterrada com uma de suas perucas. Isso justifica todas elas, pois as outras três estão aqui. Acha que vai parecer razoável? — Ela olhou para Imogen com esperança.

— Brilhante. Com sorte isso acabará com a empolgação do inspe-tor-chefe, embora eu realmente não saiba por que você precisa de uma justificativa. — Imogen se levantou. Mas Laura estava bem consciente de que inventar uma história para a polícia não acabaria com o problema fundamental. A caixa devia conter mais de três perucas, e isso não fazia nenhum sentido.

Ela achou que seria melhor contar à amiga as outras más notícias.

— Espere um pouco, Imo. Antes de descer correndo, temos um problema. Tom quer que eu explique minha doença a ele, o que aconteceu e por que eu fiquei internada por tanto tempo. O que acha que devo dizer?

Imogen olhou para Laura e deu de ombros.

— Você precisa contar a ele as evidências. Não precisa explicar a causa.

— Mas ele não é idiota, é? Vai querer saber o que aconteceu comigo para ser internada. — Laura achou que estava preparada para isso, mas não para Tom Douglas e sua capacidade de mexer com seus nervos e ler sua mente.

— Talvez devesse dizer a verdade a ele.

Laura levou as mãos à cabeça, frustrada com o que devia ser a afirmação mais idiota que já tinha ouvido de Imogen.

— O quê} Você está louca? O que espera que eu diga? Bem, sabe, Tom, meu marido quis me dopar, mas fui esperta o bastante para não beber meu vinho aquela noite. Então eu o peguei fazendo seus joguinhos repugnantes, vomitei todo o meu nojo e aversão ao que ele estava fazendo, e minha punição foi ficar

presa por dois anos em uma instituição para doentes mentais.

— Laura, do que você está falando? Dopar? Achei que já tínhamos conversado sobre isso.

— Eu me dei conta há muito tempo que ele havia drogado você, Imogen. Mas apesar disso, demorei muito para reconhecer que ele estava fazendo o mesmo comigo. — Laura estava confusa.

— Você não leu as cartas?

Imogen abaixou a cabeça.

— Desculpe. Estou lendo aos poucos. Sei que quer que eu leia tudo, mas me sinto uma voyeur, de certo modo.

— Sei que estou pedindo muito. Não queria que você as lesse no começo, mas agora você precisa ler. Vá, Imogen. Vá ler. Se nem consigo contar para você cara a cara, certamente não conseguirei contar a Tom. Apenas leia a próxima. Eu espero você aqui.

Laura se sentou novamente e apoiou a cabeça nas mãos. De repente, deu-se conta de que havia se esquecido de contar a Imogen que a polícia sabia da conversa que tiveram pela manhã, mas a importância daquilo diminuiu conforme as lembranças foram voltando.

*** * * ***

MARÇO DE 2004

Querida Imogen,

Vou começar s escrever para você novamente, mesmo que não possamos nos ver nem nos falar. Isso me permite fingir que a vida é normal. Parei de escrever alguns anos atrás, porque sinceramente não tinha nada a dizer.

Todos os dias eram iguais. Todas as noites eram iguais. Só Alexa me trazia alguma alegria, Eu amo tanto aquela menina, mas não sei o que fazer para ajudá-la. A mãe é inútil, é claro. Mas estou divagando novamente.

Talvez eu esteja louca. Talvez eles estejam certos.

Estou em uma instituição psiquiátrica, sabe. Ah, eles disfarçam com belas palavras — uma casa de saúde para pessoas com desequilíbrio mental (eles não dizem realmente isso, é claro). Hugo me colocou aqui. E o único jeito de garantir que tudo permaneça em segredo. Qualquer coisa que eu disser agora será considerada parte de minha doença.

Cretino. Não sei se consigo escrever sobre como vim parar aqui. Vou tentar, mas já estou aqui há meses, e ainda não consegui aceitar. E por isso que estou escrevendo para você de novo. Talvez ajude.

E claro, preciso começar do começo e ver até onde tenho estômago para continuar. Sei que vai chegar um ponto em que não vou aguentar. Não vou ms ater aos anos entre a última carta e essa. Basta dizer que foi mais do mesmo. Na superfície, tudo estava bem; por baixo, era o oposto. Nenhum a palavra de raiva, porque chegava um ponto em que eu sempre fazia o que me mandavam.

Mas Hugo cometeu um erro. Ele acha que, me colocando aqui, eu ficam ainda mais obediente. Mas está errado.

Estou aqui porque descobri uma coisa, e tudo começou com uma taça de vinho. Uma taça que não bebi. Eu acordava com a cabeça pesada, nem um pouco descansada. Pensei que talvez fosse por estar tomando muito vinho, mas quando Hugo me serviu a enorme taça de sempre, são pude recusar. Ele consideram um insulto pessoal ao vinho que escolheu, e qualquer chance de um jantar harmonioso seria destruída. Ele quase sempre encontrava uma forma sutil de me punir por qualquer coisa que enxergasse como ofensa. Então, em vez de recusar, mal toquei no vinho durante a entrada. Quando levantei para levar os pratos para a cozinha, ele notou. "Você não tomou seu vinho. Tem algum problema? Minha escolha é inaceitável para você?"

"Não, Hugo. Está delicioso, como sempre. Na verdade, acho que vou levar para a cozinha enquanto dou os últimos retoques no peixe. Só vai demorar um ou dois minutos."

A essa altura, eu sempre respondia de forma bajuladora. Hugo adorava.

Eu realmente não queria tomar mais vinho, então joguei na pia e enchi a taça com uma mistura repulsiva de suco de maçã com água — só para acertar a cor.

Melhor do que tomar o vinho.

Depois do jantar, notei que Hugo estava me observando com atenção. Com atenção até demais. Eu me dei conta de que, de alguma forma, eu estava agindo de forma atípica. E claro! Normalmente, àquela hora, eu começava a me sentir muito sonolenta. Hugo quase sempre sugeria que eu fosse me deitar cedo, e eu sempre pegava no sono em segundos. Foi um momento repentino de clareza, porque uma taça grande de vinho não faria muita diferença. Ele estava me drogando! O cretino estava colocando alguma coisa no meu vinho! Mas por quê? Não fazia sentido, porque certamente eu não estaria disposta a participar de seus joguinhos quando me sentia assim. E aquelas ocasiões estavam se tornando cada vez mais raras. Ele não gostava da minha falta de entusiasmo.

Então fingi um ou dois bocejos.

“Acho que já vou me deitar, se não se importar.”

“Não tem problema algum. Espero que durma bem.”Hugo sorriu, mas não havia nem um traço de ternura em seu sorriso.

É claro que não consegui nem pregar o olho. Fiquei revirando na cama por algumas horas, e depois escutei um ruído. Um ruído raro naquela casa, e parecia estar vindo do quarto ao lado. Era abafado por um inconfundível som de risadas. Escutei com atenção. Eram risadas, ou será que Hugo estava escutando rádio lá dentro? As paredes da casa eram grossas, mas dava para distinguir a ressonância da voz grave de um homem, e uma risada aguda. Peguei meu roupão de banho e abri a porta para o corredor. Naquele momento, eu já desejava ter tomado o vinho, porque estava diante de um daqueles terríveis momentos de indecisão.-Sabia que não queria ver o que havia atrás daquela porta porque a informação teria conseqüências inevitáveis. Mas, ao mesmo tempo, eu sabia que não podia simplesmente ignorar.

Girei a maçaneta e abri a porta com cuidado.

Os momentos seguintes foram terríveis demais para colocar em palavras. Perdi o fôlego de tanto horror. É claro,

Hugo me escutou. Ele não mostrou nenhum sinal de constrangimento ao se virar na minha direção, nu e ereto.

Em vez disso, zombou de mim.

“Ah, Laura. Como sempre, vejo que veio estragar a diversão. Ou você gostaria de se juntar a nós, minha querida?”

Não posso dizer o que vi, Imo. Ainda não. Mas o horror dos últimos anos pareceu insignificante se comparado ao que havia diante de mim. Todo o meu corpo tremia, e eu tinha certeza de que ia vomitar. Nunca senti uma emoção tão bruta — e aquela emoção era ódio. Ódio puro e completo. Amor é uma emoção poderosa, mas não é nada em comparação ao rebote físico do ódio.

Lutei para controlar o ímpeto de gritar, mas de algum modo consegui encontrar minha voz. Precisava tentar manter tudo sob controle — ainda não posso dizer o que era, mas eu precisava fazer isso.

“Hugo, quero falar com você agora, por favor. No meu quarto. Posso ter passado os últimos cinco anos cedendo em relação a tudo, mas isso não, Hugo. Isso nunca.”

“Bem, como pode ver, Laura, estou um pouco ocupado. Falo com você mais tarde, já que insiste.”

Tremendo de raiva e repulsa, simplesmente o encarei. Ele leu minha mente. Sabia exatamente qual seria meu próximo passo. Sabia que, com uma única ação, eu poderia fazer seu mundo ruir. E era o que eu faria. Mas primeiro eu precisava tirá-lo daquele quarto.

Ele suspirou de maneira dramática. “Você é tão tediosa e provinciana, Laura. Não reajo bem à chantagem, mas vejo que às vezes não tenho escolha. Estarei em seu quarto em dez minutos, se você puder resistir a ser previsível por tanto tempo.”

Sem dizer mais uma palavra, dei meia-volta e saí do quarto. Estava tremendo tanto que achei que minhas pernas cederiam. Enquanto esperava por Hugo, minha fúria e repulsa iam crescendo. Durante anos ele me fez questionar todos os pensamentos que eu tinha. Mas dessa vez — só dessa vez — eu sabia que estava certa. Pensei em ir embora, mas não podia. Não aquela noite. Eu tinha um trabalho a fazer. Nada de dormir. Então vesti rapidamente as primeiras coisas que encontrei.

Eu exporia Hugo exatamente como era. E ele sabia. Finalmente, ele abriu a porta de meu quarto. Agora vestindo calças pretas e uma camisa muito branca, ele obviamente havia decidido que o ataque era a melhor forma de defesa. Se eu esperava justificativas e desculpas, não receberia nada disso Já devia saber.

“O que acha que está fazendo, Laura, intrometendo-se onde não é chamada? Não vou tolerar isso.”

Eu estava furiosa. E não voltaria atrás. Andei na direção dele até ficar a apenas alguns centímetros de distância.

Queria dar um tapa na cara do miserável ou cortá-lo com uma faca se tivesse alguma à mão. Mas só tinha minhas palavras.

“Foi a coisa mais revoltante e repulsiva que eu já vi. Você é um cretino doente, Hugo Fletcher. Sei que tem um problema sério com sexo, mas fazer o que você faz é simplesmente... não tenho nem palavras.”

Eu me virei e me afastei dele, zangada por não encontrar palavras que expressassem adequadamente meu horror.

Então voltei a olhar para ele.

“Não, não estou sem palavras. Pervertido. Aí está a palavra. Uma boa palavra, na verdade.Você me dá nojo.”

Praticamente cuspi isso em cima dele.

Ele avançou na minha direção. Se suas mãos não estivessem nos bolsos na tentativa de parecer casual e controlado, eu teria achado que, pela primeira vez, ele poderia me bater. Mas não me importava. Eu bateria nele também. Até poderia perder, mas cairia lutando, e teria sido um jeito de extravasar minha emoção contida.

Mas eu devia saber que ele não sentiria remorso.

“O que você quer dizer com isso? Eu tenho problema com sexo? Não sou eu, sua vadia suburbana idiota.Você é frígida! Não sabe como relaxar e não sabe do que os homens gostam. Sabe por quê? Porque nunca recebeu instrução apropriada. Imagino que tenha feito sexo pela primeira vez com um garoto da

escola, provavelmente por volta dos 16

anos. Sim, posso ver que estou certo. Os dois ficaram se apalpando e foi tudo inútil, mas você perseverou. Então ficou adulta e se acostumou com o sexo, mas nunca entendeu realmente a arte. Sem mim, você teria passado o resto da vida fingindo que sabe fazer sexo, mas não tem a mais remota ideia. Só quer saber de abraços, beijos e apalpação aleatória", zombou ele.

Eu ri bem na cara arrogante dele. Mas eu queria acabar com aquela expressão presunçosa.

"Acha mesmo que eu me preocupo com o que você acha da minha performance, Hugo? Depois do que eu acabei de ver? Graças a Deus não tenho que fingir mais para você. E sabe do que mais, Sir Hugo? Ninguém mais chegará a um quilômetro de distância de você. Você vai ficar fora daquele quarto hoje à noite e eu farei uma ligação, farei todo o possível para garantir que você vá para o inferno por isso, Hugo. Então...

O que aconteceu em seguida foi um borrão. Só me lembro de Hugo avançando sobre mim e agarrando meu braço direito com a mão esquerda. Depois tirou algo do bolso. Era uma seringa.

*** * * ***

Quando finalmente voltei a mim, senti-me terrível. Meus olhos estavam grudentos e o corpo dolorido. Não tinha ideia de quanto tempo havia se passado, e não sabia onde estava. Não reconheci o cômodo. Estava completamente vazio. Sem móveis, sem carpete, e o piso e as janelas estavam imundos, cobertos de poeira. Não tinha forças para me levantar. Sentia-me desprovida de energia. E logo notei que estava nua. Não conseguia imaginar como havia chegado ali, e não tinha ideia de onde estavam minhas roupas.

Para começar, eu só tinha uma vaga lembrança do que havia acontecido, mas bastava para eu me dar conta de que havia fracassado. Então chorei. Fortes soluços chacoalhavam meu corpo, porque eu sabia que não teria poder algum a partir daquele momento. Havia perdido a efêmera vantagem que ganhara, e a desperdiçado sem saber como.

Minha preocupação havia se atido ao momento, mas eu devia ter pensado no futuro. Não sei por quanto tempo chorei daquela primeira vez, mas não seria a

última.

A pouca força que me restava foi consumida pelo choro, então engatinhei até a porta e comecei a bater, gritando por ajuda. Estava trancada, é claro. Eu devia estar em uma das alas vazias da casa. Havia explorado toda a propriedade de .Ashbury Park uma vez, quando Hugo estava fora, mas tinha ficado completamente assustada —

todos aqueles cômodos vazios, escondendo histórias desconhecidas do passado.

No fundo, eu sabia que ninguém me ouviria, então me arrastei de volta para o meu canto. Hugo obviamente sabia onde eu estava, e ele só viria quando quisesse. Deitei de lado e me enrolei feito uma bola. Não conseguia parar de tremer, mas era o medo que enchia meu corpo de tremores, não o frio.

Não sei quanto tempo esperei — a impressão é que haviam se passado algumas horas. Então a porta se abriu.

Eu sabia que seria Hugo, e não conseguia suportar olhar para aquele homem. Só queria esconder minha nudez do olhar dele, depois sair dali e de sua vida. Mas não antes de garantir que aquilo que eu testemunhara na noite anterior nunca mais se repetiria.

“Olá, Laura.”

Eu podia ouvir passos vindo de maneira ameaçadora em minha direção sobre as tábuas lisas, mas não queria olhar.

“Laura, estúpida e inútil. Eu vim trazer uma bebida. Sei que está com sede. Vamos, pegue o copo.”

Afastei a cabeça. Diria não a tudo que ele tivesse a oferecer. Ele agarrou meus cabelo e puxou **min** *ha cabeça para trás com violência. Rosnou para mim em um tom que eu nunca o havia escutado usar.*

“Beba! Beba agora se quiser sair desse quarto viva. Ninguém sabe onde você está, e ninguém nunca precisará saber.”

Eu acreditei nele. Como fui burra. Ê claro que ele não podia arriscar que eu fosse embora. Eu devia ter percebido que era perigosa demais. Ele devia ter um

plano. Ele sempre tinha um piano. Eu devia ter adivinhado que ele não estava me dando apenas água, e bastaram alguns minutos para que eu voltasse a dormir. Da segunda vez que acordei, ele veio novamente e me forçou de novo a beber. Meu corpo ficou mole, e eu gradualmente voltei a ficar inconsciente.

Teve uma vez, depois que tomei o líquido e mal conseguia permanecer acordada, que ele afastou meus braços do peito e esticou minhas pernas. Ele as separou bem e ficou lá olhando para mim. Eu sabia o que ele estava fazendo, mas estava fraca demais para me mexer. Aí ele riu. Depois disso, cada vez que ia até mim, colocava meu corpo indefeso em uma posição diferente, como se eu fosse sua boneca. Meus membros imundos, cobertos de poeira, eram colocados em todo tipo de posição degradante que ele conseguisse imaginar, expondo-me a seus olhos depravados e, em algumas ocasiões, a seus dedos. Mas foi só isso. Graças a Deus. Ele não estava interessado em mim. Só queria testemunhar minha

humilhação e meu medo. Medo do que ele poderia fazer enquanto eu estava comatosa.

Em um raro momento de lucidez parcial, fiquei horrorizada ao perceber que minha bexiga estava cheia. Deve ter sido o que me acordou. Engatinhei até o canto mais afastado; o mais longe possível da porta. E me agachei ali, com lágrimas escorrendo pelo rosto sujo. Não conseguia suportar que Hugo presenciasse minha vergonha mais do que já estava fazendo.

Depois do que me pareceram semanas, ouvi um grito. Não era a voz de Hugo.

"Sir Hugo, encontrei ela! ” A porta foi aberta, e Hannah entrou correndo. Por mais que despreze aquela garota, fiquei feliz em vê-la. Ela parou de repente, uma expressão de nojo tomou conta de seu rosto, provavelmente por causa do cheiro que emanava do canto úmido. Ele parou atrás dela na porta, com um sorriso triunfante. Quando Hannah se virou para olhar para Hugo, no entanto, ele mudou imediatamente para uma expressão de preocupação.

“Ah, minha querida, estávamos tão preocupados com você. O que aconteceu? Ninguém vem até essa parte da casa, você sabe disso. Nunca pensamos em procurar por você aqui. E onde estão suas roupas? Deve estar aqui há quase dois dias. Procuramos em toda parte. Hannah, ligue para um médico. Ligue para o Dr. Davidson; vai encontrar o número na agenda que está sobre minha mesa. Diga para ele vir logo.” Com um último olhar de horror e repulsa,

Hannah se virou e saiu correndo do quarto.

Hugo voltou a olhar para mim. Ele sorria com crueldade.

“Agora só preciso fazer uma coisinha com a maçaneta da porta...” Ele riu com malícia e tirou uma chave de fenda bem pequena do bolso. Observei com olhos vidrados, sem saber se estava realmente vendo aquilo ou se era parte de algum sonho induzido por drogas. Fui puxada novamente para o limbo e não registrei muito bem a chegada do médico.

Não demorou quase nada para ele declarar que eu estava sofrendo de uma forma crônica de depressão, depois me ajudou a vestir uma camisola e pediu uma maca para me levar para a ambulância particular que me aguardava.

Tentei protestar, dizendo que havia sido trancada, mas vi Hugo demonstrar com tristeza que a porta abria facilmente por dentro e por fora, e que na verdade nem havia tranca. Hannah observou, concordando com a cabeça e tentando não parecer presunçosa. Eu sabia que ele tinha dado um jeito de soltar a maçaneta por dentro, mas também sabia que não tinha como provar isso.

Então agora estou aqui. E entendo exatamente por que Hugo escolheu esse lugar. Enquanto eu estava

“desaparecida”, ele deve ter feito uma pesquisa e encontrado uma instituição prestes a falir, necessitando desesperadamente de fundos. Eu efetivamente comprei a continuidade de sua existência.

E claro, Hannah foi de grande ajuda na minha internação. Sei que ela descreveu nos mínimos detalhes o que havia encontrado — que eu estava nua e imunda; que poderia ter saído se quisesse; que eu havia usado o chão como vaso sanitário, apesar de haver um banheiro — embora não utilizado há anos — bem do lado de fora. Sei de tudo isso porque o bom médico me fez perguntas que só podiam ter sido baseadas nesse conhecimento.

E a outra coisa são as drogas. Hugo tentou impedir que eu recebesse qualquer visita, mas banir minha mãe foi difícil demais até para ele. Ela não estava engolindo essa história. Então o médico me droga sempre que ela vem me visitar. Ela acredita, disso tenho certeza, que eu estou doente. E eu não posso dizer a ela o que sei, porque as drogas me transformam em um zumbi. Só consigo pensar quando estou sozinha e livre de drogas.

Não sei por quanto tempo vão me manter aqui. Hugo pode subornálos pelo tempo que quiser, eu acho. Tenho que sofrer a afronta das sessões em grupo, da terapia individual e de tudo o mais que você pode esperar — mas me sinto segura aqui. Mais segura do que em casa. Na verdade, se não fosse por uma coisa, ficaria feliz em permanecer aqui. Mas o tempo está passando. Preciso de um plano.

Agora não tenho mais dúvidas de que você estava certa sobre o Rohypnol, Imo. E se eu tivesse acreditado em você, o que teria acontecido com todos nós? Só posso dizer que sinto muito, muito mesmo.

Com amor, sempre.

Laura

*** * * ***

Tom estava feliz por ter alguns minutos para organizar seus pensamentos enquanto Laura procurava perucas, embora ela não parecesse estar preocupada em encontrá-las logo. Assim que ela deixou a sala, ele recebeu um telefonema frenético de Annabel, arrependida de tudo o que havia contado a ele no outro dia, diante do duro impacto financeiro caso a informação se tornasse pública.

Tom garantiu a ela que trataria as conversas com o máximo de confidencialidade possível, mas não podia prometer nada.

Depois que desligaram, ele foi se sentar no lugar de Becky, na ponta da mesa da sala de jantar.

Ela já tinha dito a ele que a lista de passageiros do Eurostar não havia revelado nada interessante, o que era decepcionante, mas não inesperado. O possível trajeto da moça de cabelo ruivo não havia progredido muito, uma vez que pessoas alegavam tê-la visto de West Ruislip a Lewinsham. Mas se a teoria de Becky sobre o Eurostar estivesse correta, o mais provável é que tivesse trocado de trem em Green Park para chegar a St. Pancras, embora existissem outras opções. Alguns dos relatos de testemunhas correspondiam a isso, mas havia outros que diziam que ela esteve em um trem de Paddington a Plymouth, e Tom sabia que estava procurando uma agulha em um palheiro.

Becky tinha deixado o laptop ali, e ele estava aberto. Ele ficou olhando para o

protetor de tela, tentando reunir seus pensamentos. Sentiu que estava perdendo seu tempo em Oxfordshire. Sabia que Becky acreditava que Imogen Kennedy era uma séria suspeita, mas até descobrir o que havia acontecido com Mirela Tinescy — a garota da fundação que tinha desaparecido recentemente — ele não sossegaria. Esperava que sua equipe tivesse feito progressos nessa área. E com Jessica Armstrong — candidata mais provável a amante de Hugo.

Mas ele precisava de um panorama geral da vida da vítima, algo que apenas Laura poderia lhe dar, e havia muitas lacunas a preencher. Quanto mais descobria sobre Hugo, menos gostava dele.

Então por que alguém como Laura ficou com ele? Tom não conseguia entender.

Embora sua mente estivesse vagando por todas as direções, Tom decidiu fazer um pouco de pesquisa para ver se podia descobrir mais alguma coisa sobre essa família. Usando o laptop de Becky para entrar na internet, digitou o nome completo de Hugo no Google. A lista de resultados era enorme, é claro, devido aos acontecimentos dos últimos dias. Tom refinou a busca mais de uma vez, apenas rabiscando enquanto refletia sobre os fatos e teorias, até que um título chamou sua atenção.

Ele se inclinou na cadeira, deixando todos os pensamentos sobre perucas, garotas do Leste Europeu e doenças mentais de lado quando encontrou o que eqüivalia a uma biografia não autorizada de Sir Hugo Fletcher. Para sua surpresa, havia um relato da morte do pai de Hugo.

Embora fosse praticamente como Laura havia contado, era possível identificar algumas divergências.

Na verdade, o caso foi considerado inconclusivo porque, por mais que um bilhete tenha sido encontrado, certos aspectos da morte eram difíceis de explicar. Com a expertise forense atual, Tom sabia que se teria chegado a uma conclusão mais definitiva, mas ainda assim a leitura era interessante.

Vendo que o nome de Lady Daphne Fletcher estava sublinhado como hiperlink, Tom clicou.

Lembrou-se de ter ouvido que a mãe de Hugo era filha de um conde, daí o título de Lady, enquanto seu pai não passava de um simples plebeu, apesar de muito rico. Talvez isso explicasse por que Hugo fazia tanta questão de ter seu próprio

título. Tom continuou a seguir os links até que achou um site com imagens. Entre elas, havia uma fotografia formal, colorida, de Daphne Fletcher usando um vestido de noite.

Ele clicou para aumentar a imagem. Ficou olhando para a tela. Sem saber se sua memória o estava enganando, recorreu à pilha de arquivos de Becky. Extraindo uma fotografia, segurou-a junto à tela.

— Minha nossa — sussurrou ele para si mesmo. Agora não sabia o que pensar, mas por qualquer ângulo que olhasse a situação, não conseguia encontrar nenhuma forma de interpretar sua descoberta de forma aceitável.

*** * * ***

Stella estava na cozinha, ocupada preparando o jantar para todos. Achava que picar vegetais era muito terapêutico e estava trancada em seu próprio mundo quando Becky voltou da casa de Annabel.

— Que cheiro delicioso, Stella!

Ela ergueu os olhos e sorriu. Becky não a enganava com seu ar inocente, mas era uma boa moça e estava apenas fazendo seu trabalho.

—Vai jantar conosco, Becky?

— E muita gentileza sua, mas não quero me intrometer, então trouxe um sanduíche, Vou ficar em uma pousada no fim da rua, de modo que se acontecer alguma coisa, posso voltar a qualquer hora durante a noite.

—Você não está se intrometendo. E mais do que bem-vinda.

— Obrigada, mas ainda assim, não acho certo. Laura tem seu apoio e o de Imogen, senão eu não a deixaria sozinha, é claro.

— E Tom? Ele ainda está por aqui?

— Não. Recebeu um telefonema e teve que voltar. Encontrei com ele apenas por alguns minutos antes de sair. Apareceu alguma coisa. Estou esperando para ter uma conversa rápida com Laura para explicar por que ele foi embora, e então também devo ir. Pelo visto ela estava respondendo algumas perguntas dele, mas

sei que podem esperar. Laura tem sorte de ter você para cuidar dela e garantir que ela coma direito,

— Bem, Laura cozinha muito bem, então não posso simplesmente servir um prato de ovo com batata frita. De qualquer modo, ela precisa retomar o vigor. Nem sempre foi tão magra, sabe. Ela costumava ser bem curvilínea. Laura Kennedy e Imogen Dubois: elas já foram o sonho de todo jovem. Podiam até escolher. Mas Will sempre foi o rapaz ideal para nossa Imogen.

Stella continuou a falar, mas olhando para o rosto de Becky, podia ver que ela estava a quilômetros de distância e parecia claramente preocupada. Como não podia ter nada a ver com o que ela estava dizendo, deixou Becky com seus pensamentos e continuou preparando a refeição.

*** * * ***

A menina não ficava mais olhando pela janela. Sua força estava se esvaindo rapidamente. Havia dias que começara a racionar a água, mas ela já estava quase no fim. Não conseguia se lembrar da última vez que comera alguma coisa, e seu corpo magro tinha poucas e preciosas reservas de onde tirar energia.

Ela não conseguia acreditar que ele a havia deixado ali por tanto tempo. Ele dissera que ia lhe ensinar uma lição, mas quando deixou um mísero suprimento de biscoitos secos e água, ela pensou que ele ficaria fora por dois, talvez três dias. Mas não tanto tempo.

Ela estava com tanto frio. Enrolou a seda fina do penhoar creme em volta de sua forma esquelética e tentou se encolher sob os lençóis. Queria tirar as meias —- a cinta-liga apertava dolorosamente sua carne. Mas precisava do calor. E estava com medo de dormir. Com medo dos sonhos. Sabia que começava a delirar.

Era uma sensação terrível, e estava acontecendo com uma frequência cada vez maior. Ela se sentia acordada, mas estranhamente não era capaz de responder a nenhum estímulo à sua volta. Tinha certeza de que havia alguém aü com ela. Podia sentir a presença dele, mas não conseguia obrigar seus olhos a se abrirem ou o corpo a funcionar. Então teve certeza de que ele estava parado na beirada do colchão onde ela se encontrava. Ele avançava bem lentamente na direção dela, agigantando-se sobre seu corpo. Ela tentou erguer o braço para afastá-lo, mas seus membros não obedeciam a seus comandos. Tentou gritar,

mas não conseguia produzir som algum. Finalmente, acordou, com o corpo encharcado por um suor muito frio, com medo de olhar para o que a esperava.

Em um raro momento de lucidez, reconheceu a fonte do seu medo. Nada mais sinistro do que uma peruca ruiva, de cabelos longos, posicionada em uma cômoda distante.

O delírio voltou, e ela afundou outra vez no abismo de seu terror.

26.

Tom ficou decepcionado por não poder terminar a conversa com Laura. Também ainda não havia tido chance de questioná-la sobre Danika; foram muitas as interrupções, Tinha recebido algumas notícias interessantes, no entanto, A família que acolhera Mirela Tinescy havia sielo interrogada e confirmara a história de Danika. Mirela tinha mesmo deixado um bilhete ao sair de casa, dizendo que haviam lhe oferecido uma grande oportunidade. Mas parecia que Danika tinha entendido errado uma parte importante, Na carta, Mirela não dizia que tipo de oportunidade, Tom se lembrou que Danika ficara sabendo da notícia pela substituta de Mirela, e essa nova garota da Fundação Allium claramente havia concluído que essa oportunidade só poderia estar relacionada à prostituição. Mas e se fosse algo completamente diferente? E se a grande oportunidade envolvesse matar Hugo Fletcher em troca de uma boa quantia de dinheiro?

Era uma boa teoria, mas não foi o que fez corri que ele voltasse correndo para a sede da polícia, Algumas pessoas estavam destrinchando o testamento de Hugo nas últimas horas, e haviam descoberto algo inesperado e potencialmente instigante.

Assim que passou pela porta, ouviu um grito.

— Chefe, você precisa ver isso! Precisamos trazer Jessica Armstrong até aqui. Com o que Hugo deixou para ela em seu testamento, não tem como ela ser apenas sua assistente pessoal.

Tom pegou o pedaço de papel que ele estava balançando no ar, Leu os parágrafos marcados e arregalou os olhos de espanto.

— Minha nossa, é mais do que a própria *esposa* recebeu! Por isso Brian

Smedley parecia tão desconfortável Certo, concordo com você, precisamos falar com ela, Mas queria que pesquisássemos um pouco mais antes de arrastá-la para cá. Precisamos de muito histórico: extratos bancários, cartões de crédito, estilo de vida, você conhece a lista. Vamos juntar tudo, ver o que conseguimos pela manhã, e depois a chamamos aqui. Acho que ela não vai a lugar algum, ou já teria ido. Todos concordam?

Certamente não concordavam, pois estavam empolgados com a possibilidade de conseguir um resultado, mas fazia sentido, e embora Tom se sentisse culpado por acabar com o entusiasmo de todos, precisavam fazer do jeito certo.

— Mais uma coisa — acrescentou Tom. — Becky telefonou para dizer que Laura verificou a caixa de perucas. Apenas três foram encontradas, embora ela tenha apresentado motivos plausíveis para o destino das outras duas. E, é claro, também podem ter sido jogadas fora ou doadas. Mas alguém com acesso à casa pode ter pegado uma, e essa pessoa pode ser nossa assassina. O fato de antes existirem cinco perucas ruivas feitas à mão e agora só existirem três é muita coincidência.

Vamos pensar e ver se temos alguma ideia. Perguntas?

Ninguém perguntou nada, e Tom foi deixado sozinho para refletir sobre algumas das descobertas mais improváveis do dia e para onde levariam.

*** * * ***

— Ela mora na Lowndes Square! Tem ideia de quanto custa um apartamento lá? Milhões!

Tom foi recebido com essa notícia ao entrar na reunião matutina. Certamente estavam falando de Jessica.

— Esperem, rapazes. Ela vem de família rica. O que mais descobrimos?

Tom tomou um gole de café puro e forte. Apesar de ter ido cedo para casa, dormir era uma ilusão. Sempre que ameaçava pegar no sono, o rosto suplicante de Kate surgia em sua mente,

estranhamente substituído pelo de Laura, quando ele chegava a dormir, rindo da crueldade abjeta de Hugo. Por isso, precisava de um empurrão e esperava que o

café fizesse isso.

— O apartamento custou 900 mil. Ela comprou há dois anos, e tem uma hipoteca colossal de 700 mil. Conseguem imaginar?

Ajay parecia inconformado por alguém como Jessica viver com tanto luxo.

— Sabemos quanto ela ganha? — perguntou Tom.

— Sim: a generosa, porém não tão generosa a ponto de se ter um apartamento em Lowndes Square: quantia de 70 mil por ano. Para uma simples secretária!

— Certo, não vamos nos precipitar. Independentemente do que pensamos a respeito das finanças dela, isso não a transforma em uma assassina. Precisamos saber como ela paga a hipoteca; deve haver uma explicação razoável. E precisamos também saber por que Hugo deixou tanto dinheiro para ela em testamento. Nunca se sabe, ele simplesmente podia estar se sentindo generoso.

— Ignorando os vários expletivos e resmungos da equipe, Tom continuou: — Estou mais interessado no fato de os termos do testamento calarem Jessica da mesma forma que calaram Annabel. Qualquer observação depreciativa a respeito de Hugo, e ela perde tudo. Então o que ela sabe? O que vale mais do que meio milhão de libras?

Ele olhou em volta, mas estava claro que ninguém tinha a resposta.

— Certo. Vamos chamá-la.

*** * * ***

Vestindo roupas impecáveis e visivelmente caras, Jessica foi acompanhada até a sala de interrogatório. Seus cabelos castanho-claros estavam esticados e presos atrás, revelando um rosto anguloso com nariz acentuado e lábios finos. Seus modos altivos remetiam Tom a coisas negativas, mesmo depois que começou a interrogá-la. Mas, é claro, tinha que ser educado.

— Jessica, obrigado por concordar em responder algumas perguntas. Entendo que não queira representação legal, mas se mudar de ideia a qualquer momento, basta avisar.

Jessica pareceu vagamente surpresa com a sugestão.

— Por que diabos eu precisaria de representação legal? Só estou aqui para responder perguntas sobre Sir Hugo, presumo.

Tom não conseguiu tranquilizá-la.

— Não, não foi só por isso que a chamamos. Investigamos seu estilo de vida e demos uma olhada em seus ganhos. As duas coisas não batem, sinto dizer. Precisamos entender como pode morar em Lowndes Square, tendo em vista seu atual salário.

Jessica deu um suspiro dramático, forçado, para deixar bem claro o seu tédio. Fechou os olhos levemente maquiados como se aquela fosse a pergunta mais ridícula que já havia escutado.

— Veja só, inspetor, você deve saber que meus pais são muito ricos. Dinheiro não é problema nenhum para eles.

Tom realmente não se importava com títulos, mas nessa ocasião não pretendia deixar passar o que certamente era um descaso intencional.

— E investigador-chefe. E é claro que conhecemos as condições financeiras dos seus pais, mas também tivemos acesso a seus extratos bancários, e não há evidências de dinheiro entrando por nenhuma fonte. O único dinheiro que entra em sua conta é o seu salário, que depois da dedução dos impostos é usado quase que totalmente para o pagamento da hipoteca.

— Bem — respondeu ela com um sorriso de superioridade —, aí está sua resposta, não está?

Meu salário cobre a dívida.

-— Sim. Mas, Jessica, você dirige um Mercedes SLK novinho e ainda precisa comer. E eu notei que suas roupas não são de uma marca qualquer. Então, como banca tudo isso?

— É muito simples. Meu pai complementa meus ganhos regularmente. Só preciso pedir. —

Jessica estava recostada confortavelmente na cadeira. Tirou um fiapo imaginário da camisa xadrez preto e branco.

— Então se eu falasse com seu pai e fizesse essas perguntas, ele responderia conforme você está esperando?

— E claro que sim. Meu pai nunca foi mesquinho com dinheiro.

Tom não estava disposto a desistir.

— Pelos meus cálculos, só para pagar as contas da sua casa, comprar comida, abastecer o carro, que sabemos, por sinal, estar sendo pago em 12 prestações mensais bem pesadas, sem contar roupas, férias e lazer, você precisaria de muitos milhares por mês. Se perguntássemos ao seu pai se ele te dá, digamos, mais de 5 mil libras por mês, ele confirmaria?

Pela primeira vez, Tom podia ver que Jessica estava desconfortável. Ele aproveitou o momento a seu favor.

— Ele pagou, por exemplo, por suas férias no Saint Geran, na Ilha Maurício, ano passado? Não é o hotel mais caro da ilha?

— Não necessariamente. Muitos acham que é o mais sofisticado, mas agora existem vários outros bons hotéis por lá — respondeu Jessica, escondendo-se atrás de sua arrogância natural.

— Você não está respondendo minha pergunta. Como pagou por essas férias?

— Na verdade, paguei com meu bônus.

— Que bônus? Um bônus não seria recebido na conta, juntamente com o salário? — Não que Tom *já* tivesse recebido algum bônus, mas o tom arrogante e o comportamento condescendente dessa mulher o estavam irritando.

Ela respondeu com um falso sorriso de satisfação.

— Sir Hugo às vezes me dava um bônus em dinheiro.

Tom bateu as mãos sobre a mesa e se aproximou com o que esperava que ela considerasse um olhar de descrença.

— Está me dizendo que Sir Hugo Fletcher, homem importante da sociedade, pagava os funcionários por fora? Não acredito nisso, Jessica. Tente novamente.

Jessica teimosamente se recusou a dizer qualquer coisa, então Tom mudou a abordagem apenas temporariamente.

— Pode me dizer se já esteve no andar de cima do apartamento da Egerton Crescent, Jessica?

Parecendo aliviada, ela voltou a seu estado atrevido.

— E claro que sim. Sir Hugo costumava ficar muito em Londres, e eu sempre achei que de gostaria de encontrar a sala de estar preparada para a noite... você sabe: jornal à mão, luminárias acesas, todos os *decanters* cheios, baldes de gelo. Só para garantir que ficasse confortável.

Normalmente ia só à sala e à cozinha, mas às vezes levava a roupa lavada até o quarto. Mas não a guardava, não sabia ao certo se ele gostaria que eu fizesse isso.

“Minha nossa”, pensou Tom. A obsessão dela com Hugo parecia não ter fim?

Vendo-a mais relaxada, ele voltou rapidamente para sua antiga linha de interrogatório.

— Ele já te deu algum presente. Jessica, ou apenas dinheiro? Seus “bônus”?

Jessica pareceu confusa.

— Ele nunca me deu presentes. Por que você quer saber essas coisas?

— Teria alguma objeção se alguns dos meus colegas a acompanhassem até seu apartamento para dar uma olhada? Poderíamos arrumar um mandado de busca, mas não há necessidade se estiver disposta a colaborar.

Tom duvidava seriamente que tinha base para consegui-lo um mandado, mas esperava que Jessica não soubesse disso. Como sempre, ele a subestimou.

— Imagino que seria muito difícil de conseguir, inspetor-chefe. Mas não tenho nada a esconder.

Fique à vontade. —- Jessica abriu a bolsa e tirou um chaveiro, balançando-o diante do rosto de

Tom. Ela chacoalhou as chaves. — Aqui estão, pode pegar.

— Gostaríamos que nos acompanhasse, por favor.

— Não tem necessidade. Vou ligar para minha faxineira e pedir que esteja lá. O apartamento está impecável e espero que continue assim. Prefiro ficar aqui e terminar logo esse interrogatório tedioso para poder voltar ao trabalho.

Tom pediu que Ajay organizasse a busca e trouxesse alguns refrescos. Não queria irritar muito Jessica até que a busca fosse conduzida, para não correr o risco de que ela retirasse a permissão. Mas devido à facilidade com que ela concordou com o pedido, ele não tinha esperanças de que fossem achar alguma coisa. Era improvável que ela tivesse deixado uma peruca ruiva ou um frasco de nicotina líquida à vista.

Depois do rápido intervalo, Tom estava determinado a tirar o sorriso da cara daquela garota.

Começou devagar, mas não seguiu essa linha por muito tempo.

— Certo, Jessica. Você já nos contou que Sir Hugo te dava algum dinheiro de tempos em tempos. O que quero saber é: quanto e com que frequência?

— Acredito que não seja da sua conta.

Tom estava perdendo a paciência. Já tinha lidado com criminosos de verdade, mas não conseguia se lembrar de ninguém tão frustrante quanto a maldita Jessica Armstrong. Ele se debruçou na mesa.

— Está se recusando a responder a pergunta?

— Sim. Como já disse, não é da sua conta.

— E ele pagava exatamente pelo quê, Jessica? Seu corpo ou seu silêncio?

Jessica pareceu aturdida. Seus olhos ficaram marejados, e ela engoliu em seco. Tom certamente havia tocado em um ponto delicado.

— Nenhum dos dois. Como se atreve a dizer isso?

A paciência de Tom já havia passado dos limites. Ele empurrou a cadeira para trás, provocando um ruído irritante, levantou-se e caminhou até a porta, virando-se ao sair para fazer um último comentário.

— Minha nossa, isso é ridículo. Ajay, pode, por favor, continuar o interrogatório, porque não estamos chegando a lugar algum.

*** * * ***

No final, decidiram deixar Jessica ir para casa, com instruções estritas para retornar no dia seguinte. Tom achou que faria bem dar a ela um pouco de tempo para pensar. Ou talvez para se preocupar.

No dia seguinte, parte de sua irritação havia se dissipado, mas ele ainda precisava de algumas respostas.

Como esperado, nada de interessante havia sido encontrado no apartamento, mas isso era inconclusivo. Ela era uma mulher inteligente, e agora que ele a conhecia um pouco melhor, tinha certeza de que ela não deixaria nenhuma prova útil para trás.

Tudo se resumia ao dinheiro. Por que homens davam dinheiro a mulheres? Tom só conseguia pensar em um motivo. Ela devia ser amante dele, mas isso significaria que o assassinou? Teria sido fácil — ela tinha acesso ao apartamento, e suas digitais estariam por todo lado de qualquer modo.

Mas não estavam no quarto, embora ela tenha admitido que subia lá com a roupa limpa. Mas isso também não queria dizer nada. Ela podia muito bem entrar e colocar tudo sobre a cama sem tocar em nada.

Tom estava preparado para ela. Não seria derrotado pela. insolente Jessica Armstrong.

— Certo, Jessica, vamos começar do início. Você está sendo gravada, e se depois descobrirmos que mentiu para nós, vou processá-la por falso testemunho. Entendeu?

Ela pareceu momentaneamente alarmada, mas confirmou com a cabeça.

— Você precisa responder, Jessica. Para ficar gravado. Vou repetir: você entendeu?

— Sim.

— Certo. Quando comprou sua casa?

— Há dois anos.

— Como conseguiu os 200 mil dólares que compõem a diferença entre sua hipoteca e o preço final?

— Meu pai me deu, Não me olhe assim. É verdade. Pode perguntar a ele, se não acredita em mim.

— Como ele achou que você pagaria a hipoteca?

— Não quero parecer grosseira, inspetor-chefe, mas você tem um pai rico? O meu é muito rico mesmo, e na verdade ele não tem nenhum outro objetivo além de ganhar dinheiro. Eu simplesmente disse a ele que Sir Hugo me considerava inestimável e tinha dobrado meu salário, Ele não ficou suficientemente interessado no que faço nem para questionar. Só disse algo como “Que bom, querida” e continuou lendo a Economist.

Tom tinha uma ideia clara da cena na cabeça, mas aquilo ainda não respondia sua pergunta.

— Então como você achou que conseguiria pagar a hipoteca?

— Sir Hugo tinha dito que estava muito impressionado comigo. Queria que eu fizesse um trabalho pessoal, altamente confidencial, para ele. Disse que me pagaria um pouco a mais todo mês.

Em dinheiro.

— O que ele quis dizer com “um pouco a mais”?

— Alguns milhares de libras.

Era como arrancar um dente. Ela já não tinha percebido que ele descobriria —

independentemente do quanto demorasse?

— “Alguns” quantos?

Jessica teve a dignidade de parecer um pouco envergonhada, Ela se mexeu um pouco na cadeira.

Depois ergueu o queixo com despeito.

— Ele perguntou se 8 mil seria o suficiente.

— Oito mil libras! Por mês?

— Sim.

O queixo de Jessica ainda estava erguido, mas suas bochechas estavam coradas, e Tom imaginou que fosse por constrangimento. Está certo, ele pensou.

— O que você tinha que fazer para receber esse dinheiro, Jessica? Você terá que me dizer. Era amante dele?

— Eu já disse que não. Se ele tivesse proposto isso, principalmente no início, eu teria aceitado com prazer, E posso garantir que não esperaria receber nada em troca. Mas infelizmente, ele nunca fez essa proposta.

— Então o que você fazia?

— Prefiro não dizer. Sinto muito, mas era confidencial. — A expressão obstinada de Jessica estava deixando Tom exasperado.

— Jessica, Sir Hugo está morto. O que fazia para ele por tanto dinheiro deve ter alguma influência em sua morte.

— Não tem.

— Como pode ter tanta certeza?

— Simplesmente não tem.

Era em momentos assim que Tom entendia por que alguns policiais perdiam a cabeça. Então ele se deu conta, Havia outra razão pela qual um homem poderia

pagar muito dinheiro a uma mulher com regularidade,

— Certo, você não quer dizer o que fazia. É por causa dos termos do testamento?

— Do que está falando? — indagou Jessica, franzindo a testa.

— Você sabe que ele deixou dinheiro para você?

— Brian mencionou. Ainda não tenho os detalhes, mas ele disse que eu poderia ficar bem feliz.

Jessica corria o risco de voltar a agir com presunção.

— Brian contou também que existem algumas condições?

Tom ficou satisfeito ao ver que a notícia tirou o sorriso do rosto dela.

— Que condições?

— O dinheiro, uma soma bem generosa, será pago a você durante um tempo, e durante esse período você não pode dizer nada que desprestigie o nome de Sir Hugo.

Ajay olhou para Tom com aspereza. Obviamente estava se perguntando por que ele havia contado aquilo a Jessica, uma vez que essa condição poderia impedir que ela desse informações. Mas Tom tinha um plano, e achou que estava começando a entender Jessica muito bem. Podia sentir um formigamento de empolgação.

— Bem. essas condições não serão problema algum. Nada que Sir Hugo fez. poderia desprestigiar seu nome.

Tom estava se inclinando na cadeira. Era isso. Ele simplesmente sabia.

— O que você sabe, Jessica? — perguntou ele com a voz suave. — O que sabe sobre Sir Hugo e prometeu não revelar?

— Não sei de nada! Quantas vezes terei que dizer?

O rosto de Jessica apresentava traços de resistência, e Tom sentiu sua

empolgação desaparecendo.

— Então por que não quer dizer para que era o dinheiro? Por que isso tem que permanecer em segredo se não tem nada a ver com os termos do testamento?

— Porque não é da sua conta, e nem um pouco relevante para as investigações. Ele não queria que ninguém soubesse. Era um homem modesto no que dizia respeito a sua generosidade, sabe.

Tom conseguiu manter o rosto indiferente.

— Então quando começou? E houve algo específico que desencadeou essa... generosidade?

— Vou dizer quando começou. Mas não vou dizer o que eu fazia. Não sou terrorista, então acredito que tenho direito a permanecer em silêncio.

Tom suspirou. Deus nos proteja dos suspeitos instruídos, ele pensou.

— Vamos começar por aí, então. Podemos? Me diga quando começou e o que desencadeou tudo.

Jessica estava segurando uma bolsa de camurça verde sobre o joelho, e não parava de girar a alça entre os dedos. Duas linhas de expressão apareceram entre suas sobrancelhas, e Tom soube que a havia abalado — mas se a havia abalado o suficiente, ainda não estava claro.

— Bem, aconteceram algumas coisas mais ou menos ao mesmo tempo há alguns anos. Começou quando duas das garotas resgatadas apareceram no escritório, procurando por uma amiga que aparentemente havia desaparecido. Eu as mandei embora, é claro. Sabia que Sir Hugo encarava com rigidez a regra que não permitia que as garotas mantivessem contato umas com as outras, e eu fiquei muito zangada com elas.

— Não achava essa regra um pouco estranha?

— Nem um pouco. Ele só pensava nos interesses delas, e se achava que era melhor assim, eu apoiava sua decisão. Bem, depois de um ou dois dias, a campainha tocou. Eu estava sozinha no escritório, à exceção de Sir Hugo. Rosie tinha saído, aparentemente para comprar canetas, ou algo assim, embora ela

tenha demorado muito tempo, se me lembro bem. Abri a porta e essa jovem foi entrando, passando por mim. Ela disse que queria falar com o “Hugo”, não “Sir Hugo”. Achei aquilo muito estranho. Então a reconheci. Estava vendo a ficha dela naquele mesmo dia. Ela parecia muito bem-vestida, no entanto, e me enganou por alguns instantes. Tentei impedir que ela entrasse, mas ela me empurrou, foi direto para a sala de Sir Hugo e bateu a porta. Fui atrás dela, é claro, mas

ele me disse que estava tudo bem e que eu podia ir.

Jessica fez uma pausa e tomou um gole d’água. Ninguém disse nada. Tom notou que ela estava revivendo o momento, e embora estivesse louco para fazer a pergunta que não saía de sua cabeça, tinha que deixá-la terminar de falar. Ela o fitava; segurava o copo e tinha o olhar distante, como se estivesse relembrando as cenas daquele dia.

— Ouvi gritos saindo da sala. Gritos. Sir Hugo nunca gritava, mas dava para ver que estava extremamente zangado com alguma coisa. Mas não durou muito. Depois de alguns instantes, ela saiu sorrindo e foi embora. Ele me pediu para nunca mencionar que ela havia estado lá, e quis saber se eu havia escutado alguma coisa.

Por mais que não quisesse interromper a história, Tom precisava saber.

— E você escutou?

— Na verdade não. Nada significativo. Ela parecia estar falando sobre um bule. Ouvi essa palavra duas vezes, mas não fazia sentido algum. Bem, Sir Hugo me disse que estava indo para sua casa em Oxfordshire e demoraria alguns dias para voltar. Ele não queria ser contatado. Achei que era só isso, mas quando Rosie finalmente se dignou a voltar ao escritório, disse que havia visto Sir Hugo indo embora de carro, junto com uma garota. Ele deve ter resolvido dar uma carona a ela, mesmo que ela tenha sido extremamente grosseira. E foi isso. Foi quando tudo começou.

— Quem era a garota?

— Acho que o nome dela era Alina Cozma.

Tom respirou fundo. Era exatamente a menina que Danika Bojin foi procurar da

primeira vez. E

ele não acreditava em coincidências.

— O que Sir Hugo disse? Ele deu alguma explicação?

— Sir Hugo não precisava me explicar nada, inspetor-chefe.

Por que essa garota não podia dar uma resposta direta?, pensou Tom.

Mas, pela primeira vez, ela forneceu informações voluntariamente, sem ser solicitada. /

— Não sei se é relevante, mas isso aconteceu pouco depois que Sir Hugo me pediu para pesquisar empresas de segurança pessoal para ele. Ele nem sempre teve guarda-costas. E poucos dias mais tarde, tivemos outra visita inesperada. Lady Fletcher foi até o escritório. Era muito raro isso acontecer, mas ele ficou extremamente satisfeito com o modo com que lidei com a situação. Disse que demonstrei lealdade, comprometimento e discrição.

Deve ter sido depois que Danika foi à casa dela, Tom imaginou.

— Qual o propósito da visita?

— Ela queria ver os registros da instituição, uma lista de todos os lares para os quais as meninas haviam sido mandadas nos últimos cinco anos. Queria telefones de contato e tudo mais. Também queria saber se eu tinha registros sobre as meninas que haviam voltado para as ruas ou para o país de origem. Sou muito boa em prever o que Sir Hugo gostaria que fosse feito, e não achei que ele ficaria feliz se ela vasculhasse as fichas, então me recusei a fornecer as informações a ela.

— Como Lady Fletcher reagiu a isso?

— Ela afirmou categoricamente que estava fazendo um trabalho em nome do marido e que os registros precisavam ficar disponíveis para consulta. Sei que ele não pediria para ela fazer isso sem me informar, então me recusei a colaborar e ela foi embora.

— Você contou a Sir Hugo sobre a visita dela? — Ele já sabia a resposta, mas

achou que seria melhor confirmar.

— E claro. Ele ficou muito zangado por ela ter aparecido lá, mas extremamente satisfeito comigo. Alguns dias depois, ofereceu o trabalho extra. E o dinheiro. Disse que a confidencialidade no trabalho de uma assistente pessoal era algo de extrema importância, e ele precisava saber se podia confiar a mim seus segredos mais obscuros. Foi uma coisa estranha de se dizer, porque eu teria feito o trabalho de graça, mas ele disse que a confiança que tinha em mim valia 8 mil libras por mês. —

Jessica fez uma pausa. — Então saí para procurar casas.

Tom refletiu por alguns minutos.

—Jessica, você precisa pensar com muito cuidado nisso. Sei que não é burra, e deve ter lhe ocorrido que estava recebendo uma grande quantia em dinheiro por sua confidencialidade. E agora ele parece ter comprado seu silêncio permanente. Não parece estranho?

—Você realmente não entende, não é, inspetor-chefe? Ele era um homem incrível, de uma profundidade que você não seria capaz de compreender.

Diferentemente do que Jessica pensava, Tom achava que estava começando a entender essa profundidade muito bem — e era muito mais obscura do que ela imaginava. Mas nada era capaz de deter seu discurso elogioso.

— O que eu jurei manter em segredo é apenas mais um exemplo da enorme filantropia desse homem. E não vou contar a você. Foi uma promessa solene.

Reconhecendo que, pelo menos por enquanto, não conseguiria mais nada, Tom seguiu em frente.

— Sobre o testamento, Jessica. Em troca de seu silêncio permanente, sua hipoteca será totalmente quitada no período de um ano. Sabia disso?

Jessica fez que sim com a cabeça, sem dizer nada. Ela podia não conhecer os termos específicos do testamento, mas sabia o valor.

— Isso configura um motivo bem claro para assassinato, eu diria. Você não nos disse onde estava na hora em que Sir Hugo foi morto. Acredito que tenha

considerado “desnecessário relatar seus movimentos”. Não foi isso? Não sabemos o que fazia em troca do dinheiro, e você não quer contar. Posso, dessa forma, presumir apenas que o estava chantageando. Faria sentido, não faria?

Então sugiro que vá para casa e pense um pouco. Quero que volte amanhã de manhã. Ajay, cuide de tudo, por favor.

Tom se levantou abruptamente e saiu da sala. deixando Jessica aturdida e um tanto assustada.

*** * * ***

Estava visível para Tom que Jessica realmente idolatrava Hugo Fletcher. Aquilo, é claro, poderia configurar motivo para assassinato, mas ele não achava provável, nesse caso. Ela estava inflexível na decisão de não revelar por que recebeu tanto dinheiro, mas Tom estava igualmente determinado a descobrir. O problema era que quase nada a intimidava, e mantê-la em uma sala de interrogatório durante 24 horas não resultaria em nada.

Mas a notícia sobre Alina Cozma era realmente interessante. Tom tentou organizar tudo na cabeça. Alina desaparece. Danika e Mirela vão procurar Jessica e ela as manda embora. Ele podia imaginar perfeitamente a cena! Danika vai procurar Laura. Alina aparece e discute com Hugo. Isso, por si só, já era muito estranho. Depois. Laura vai tentar saber sobre as meninas, e é igualmente enxotada por Jessica. Hugo descobre, contrata um guarda-costas e dá a Jessica um trabalhinho para fazer. Um traba-lhinho que vale 8 mil libras por mês em dinheiro. E agora Mirela está desaparecida.

No dia seguinte, ele conversaria sobre essas meninas com Jessica. Tinha que ser prioridade.

Tom estava prestes a guardar suas coisas e ir para casa quando Becky telefonou de Oxfordshire.

Ela parecia hesitante.

— Tom, eu queria mencionar uma coisa. Não sei muito bem se é relevante, mas está me corroendo há algum tempo, e achei que deveria pelo menos verificar com você.

— Continue, Becky. Não importa se é bobagem, você sabe disso. Qualquer sugestão é bem-vinda.

— Bem, eu estava na cozinha conversando com Stella, e ela acabou mencionando como Laura e Imogen eram lindas na escola. Depois ela mencionou o nome completo das duas: Laura Kennedy e Imogen Dubois. Não dei importância por um tempo, até que me lembrei de uma coisa. Minha

memória fotográfica entrou em ação, mesmo que meio devagar. Quando eu estava vendo os nomes dos passageiros do Eurostar de Londres para Paris, havia uma Imogen Dubois. Eu sabia que estava certa, e obviamente uma pessoa chamada Imogen teria me chamado mais a atenção do que o resto da lista. Voltei a verificar, e lá estava. Sei que pode não significar nada, porque o nome que consta no passaporte dela é Kennedy. Mas pareceu muita coincidência.

— É uma enorme coincidência, Becky. Muito bem. Chegou mesmo a ver o passaporte e verificar o nome?

— Sim. Foi a primeira coisa que eu fiz. O nome na passagem sempre tem que estar como no passaporte, é claro, e o passaporte dela com certeza está em nome de Imogen Kennedy. Entrei em contato com as autoridades britânicas responsáveis pela emissão de passaportes, só para garantir, mas não existe nenhum passaporte britânico em nome de Imogen Dubois. Também estou verificando as passagens, para ver podemos descobrir quando foram compradas e qual é o nome no cartão de crédito. Estou esperando que retornem com as respostas.

— Certo. Bem pensado, Becky. E uma pena essa coisa do passaporte, mas continue investigando. Não gosto de coincidências. Estou resolvendo umas coisas por aqui, mas tentarei voltar para aí amanhã.

— Bem, quando vier, prepare-se para ficar impressionado.

— O que isso quer dizer?

— Espere e verá.

Percebendo que aquela observação podia não ter nada a ver com o caso, ele ficou bastante intrigado. E mal sabia que, na próxima visita, “ficar impressionado” seria a última coisa que passaria por sua cabeça.

*** * * ***

Na manhã seguinte. Tom decidiu tentar intimidar Jessica mais uma vez mudando completamente a linha de raciocínio.

— Acho que chegou a hora de você disponibilizar para mim aquelas fichas que tanto interessavam a Lady Fletcher, não é? Àquelas que dizem respeito às garotas da fundação e que você se recusou a mostrar a ela.

Para surpresa de Tom, Jessica sorriu.

— Infelizmente não será possível.

Tom se curvou para a frente. Ele tinha a sensação de que havia sido passado para trás.

— O que quer dizer, Jessica?

— Logo após o incidente com Lady Fletcher, Sir Hugo resolveu que era necessário *íazer* uma limpeza geral. Ele me pediu para destruir todos os detalhes das garotas que haviam deixado as famílias. Mantivemos apenas os registros de quem a fundação ainda está mantendo.

— Então como a fundação presta contas de seu trabalho?

— Nós temos números, mas não identidades. Dei as fichas para Rosie picotar na fragmentadora cie papéis. Não estou tentando dificultar nada. Simplesmente não posso ajudar.

Tom ficou extremamente decepcionado. Á combinação do silêncio de Laura quando Danika foi mencionada, o fato de Alina e Mirela terem desaparecido, a relutância de Jessica em fornecer informações a Laura e a insistência de Hugo para que os registros fossem destruídos lhe davam ainda mais certeza de que havia algo importante por trás daquilo tudo.

— Jessica, quero que pense no que discutimos e que reconsidere seu voto de silêncio. Pode achar que o que sabe é insignificante, mas está errada. E ainda precisa me convencer de que não estava subornando Sir Hugo.

— Não estou certa em dizer que o ônus da prova cabe a. você, inspetor-chefe?

Mais do que tudo, Tom queria apagar o sorriso presunçoso do rosto dessa mulher. Mas algo havia lhe escapado por um tempo — algo que ele logo se lembrou. A surpresa de Laura com as 20

mil libras que Hugo retirava todo mês. Obviamente estava esperando algo do tipo, mas não essa quantia. A parte de Jessica era menos da metade, então para que era o resto, e o que Laura sabia sobre isso?

— Você mencionou anteriormente que Sir Hugo era um homem muito generoso. Podemos ver pelo modo como tratava você. Diga, Jessica, seu segredo tem alguma coisa a ver com dar dinheiro a outras pessoas regularmente? Pessoas que podiam estar fazendo chantagem com ele?

A boca de Jessica ficou imóvel, formando uma linha firme, assinalando sua recusa em responder.

Mas Tom não havia deixado passar o vislumbre de surpresa em seus olhos.

*** * * ***

Deixando Jessica de lado, Tom foi procurar o superintendente. Bateu rapidamente na porta do chefe e enfiou a cabeça pela fresta. James Sinclair estava ao telefone, mas quando viu Tom fez sinal para ele entrar, despediu-se e desligou.

— James, você tem um minuto?

— E claro. Adoraria um relatório com algum progresso. O que você descobriu?

Tom puxou uma cadeira e se sentou, cruzando as pernas confortavelmente. Para ele, não havia nada melhor do que remoer os detalhes do caso com alguém tão experiente quanto seu chefe.

Tom o atualizou a respeito da conversa insatisfatória com Jessica.

— Acha que ela o estava chantageando? — perguntou James.

— Bem que gostaria! Mas não, acho que não. Ela realmente achava que ele era uma pessoa extraordinária, e não é normal alguém deixar uma pilha de dinheiro em testamento para uma chantagista, mesmo atrelada a seu silêncio permanente.

Mas tudo parece remeter a essas garotas resgatadas.

Tom descruzou as pernas, inclinou-sè para a frente na cadeira e apoiou o antebraço sobre a mesa.

— Mas estou investigando. Aviso quando tiver algumas respostas.

Tom sabia que James estava lhe dando total atenção, apesar de estar rodando de um lado para o outro na cadeira giratória.

— A principal questão que eu queria discutir tem a ver com a conversa que tive com Annabel, sobre a qual já contei. Queria que olhasse para essas imagens.

Tom colocou as imagens sobre a mesa. James parou de rodar e voltou a cadeira para a posição normal. Puxando os óculos de leitura do alto da cabeça, ele olhou para as fotografias que Tom havia posto na sua frente.

— Quem é essa? Humm. É uma mulher muito atraente, não é?

— Era, na verdade. E a mãe de Hugo. Lady Daphne Fletcher.

Sem di2er uma palavra, Tom revelou a segunda fotografia. James olhou para a foto. depois para Tòm. Seu tom de voz era sério e um tanto triste.

— Quando foi tirada?

— *Há* uns dez anos. Logo que eia conheceu Hugo e bem antes de adoecer.

— Isso é sinistre, Tendo em vista tudo o que sabemos, principalmente o que Annabel nos contou, é um pouco repugnante também,

— Eu concordo, E importante entender que Laura nunca viu uma fotografia da sogra. Disse que Hugo tinha algumas, mas gostava de man-tê-las em segredo. Que nunca procurou encontrá-las porque ele pediu que não fizesse isso. Pode não ter nem ideia...

James balançou a cabeça com tristeza.

— Coitada. Bem, acho que isso confirma que o cara tinha complexo de Édipo, não é?

— É um argumento interessante — declarou Tom. — Porque, pelo que sei, um complexo de Édipo não é apenas uma obsessão pela mãe, mas também um desejo de matar o pai. Como agora sabemos que a morte do pai dele pode não ter sido suicídio, certamente se trata de uma ideia intrigante.

O superintendente parecia pensativo. Ao apoiar o rosto em uma das mãos, ele realinhou seus traços e, por um instante, seu rosto pareceu quase simétrico. Logo ele tirou a mão para falar e a pele relaxou, voltando à assimetria habitual.

— Acha que isso pode nos levar a algum lugar?

— Não. Mas acho que confirma que Hugo Fletcher estava longe de ser o santo que o mundo acredita que ele seja. Se casou com Laura porque ela era praticamente idêntica à sua mãe, a coitada deve ter passado por um inferno.

— Acha que é motivo suficiente para matá-lo?

— Eu diria que Laura é uma mulher muito racional, apesar dos problemas de saúde mental; aliás ainda preciso investigá-los melhor. Acho que sua vida com Hugo deve ter sido terrível. Quanto mais descubro sobre ele, mais indignado fico. Se ela fosse do tipo assassina, acho que teria razões mais do que suficientes para matá-lo.

Tom parou por um momento e pensou na Laura com quem havia conversado depois da leitura do testamento.

— Ela certamente não estava preocupada com o dinheiro, como ficou claro pela reação à leitura do testamento. E, de qualquer modo, verificamos seu paradeiro nas 24 horas antes do assassinato, apenas para ter certeza absoluta. Pedimos ao policial Massi, que tem ascendência italiana, para falar com os habitantes locais. A propriedade fica bem perto de uma cidadezinha onde todo mundo sabe da vida de todo mundo. Ela foi vista na sexta-feira colhendo azeitonas, e o colega carabinieri de lá passou pelo carro dela a caminho do aeroporto no sábado e acenou. Como se não fosse o bastante, verificamos a mensagem deixada no telefone em Oxfordshire. Está confirmado que a ligação veio da casa na Itália e foi feita no sábado de manhã. A voz era de Laura.

— E a amiga, Imogen Kennedy? Ela tinha algum motivo?

— Becky acha que sim. E veja só, ela também se recusa a descartar Laura. Acha

que tem alguma coisa errada. Achamos que Hugo teve algo a ver com o término do casamento de Imogen, mas isso foi há muito tempo. E acreditamos que as duas não se comunicavam há anos, mas Becky descobriu que era mentira. Outra coisa interessante é que, aparentemente, o nome de solteira de Imogen é Dubois, e Becky descobriu que alguém de nome Imogen Dubois pegou o Eurostar da estação de St.

Pan-cras a Paris no início da tarde de sábado. Porém, verificamos o passaporte dela, e está com o nome de Imogen Kennedy. Ela nunca voltou a usar o nome de solteira.

James Sinclair se curvou na cadeira.

— Mas algumas pessoas podem, legitimamente, ter dois passaportes. Pessoas que viajam para Israel e para os países inimigos, por exemplo, ou aqueles que viajam tanto que precisam de um passaporte extra porque o outro pode estar retido para solicitação de visto justamente quando precisam viajar, Isso está parecendo muito promissor.

— Bem, não tão promissor, na verdade. Verificamos com as autoridades britânicas responsáveis pela emissão de passaportes, e não existe nenhum documento com esse nome, então caímos em outro beco sem saída.

— Dubois é um nome bem incomum para alguém de Manchester, não é?

Tom riu.

— E porque ela não nasceu em Manchester, eia é... Ah, que *merda*. Como posso ter sido tão burro?

Tom se levantou e correu para fora, tirando o celular do bolso enquanto corna.

— Becky? Imogen Kennedy saiu de Cannes na sexta-feira, certo?

Com a memória incrível de Becky, ele sabia que ela confirmaria suas lembranças, e foi o que ela fez.

— Mas o voo não saiu de Paris até o fim da tarde de sábado?

Novamente, Becky confirmou, berrando “por quê, por quê?” no telefone. Mas

Tom não podia se distrair.

— Quero que descubra quanto tempo Imogen poderia ter levado para dirigir de Cannes a Paris, e depois quero que olhe os registros do Eurostar no sentido contrário. Sabemos que uma Imogen Dubois pegou o Eurostar de Londres para Paris bem a tempo de pegar aquele avião. Mas ela teria que ter ido primeiro a Londres. Veja se ela pode ter viajado durante a noite anterior, ou de manhã bem cedo no Eurostar. Caso contrário, teremos que voltar a verificar os voos.

Tom já tinha saído e estava a caminho do carro. Becky ainda gritava em seu ouvido, empolgada porque algo finalmente parecia estar acontecendo.

— O quê? Desculpe, não ouvi. E bem possível. Aposto que ela também tem um passaporte canadense. Não, não faço ideia do motivo, mas vamos pensar em uma coisa de cada vez. Vejo você em uma hora.

27.

Imogen se sentia satisfeita em ver Laura com uma aparência muito melhor Vestia roupas informais mais uma vez, usando jeans e uma malha, mas a rigidez parecia ter deixado seus ombros, e ela aparentava estar menos tensa. Exceto quando a campainha do portão tocou. Ela dava um salto sempre que isso acontecia, como se estivesse esperando outras más notícias. Talvez pensasse que era a polícia retornando. Fazia três dias que Tom Douglas estivera lá, e Imogen tinha certeza de que ele estava trabalhando ativamente na investigação, embora Becky não tivesse tocado no assunto.

Talvez a melhora de Laura se devesse, em parte, à descoberta de que Hugo havia de fato ignorado o dinheiro que ela tinha guardado, e não havia nada que a impedisse de fazer algumas das mudanças que ela planejava há anos para aquela casa. Já havia chamado uma equipe de jardineiros que começou a podar as árvores e arbustos, de modo que tanto a casa quanto Laura pareciam consideravelmente mais alegres. Até o arminho empalhado havia desaparecido da noite para o dia, embora para tirar alguns daqueles outros animais mortos fosse necessária a ajuda de um homem forte e de uma chave de fenda grande.

Alexa havia passado o dia anterior com elas, e Imogen observara maravilhada o amor e a afeição que Laura mostrava pela menina. Mesmo tendo 12 anos, ela parecia ainda mais nova. Tinha um corpo muito delicado, e lhe faltavam os primeiros sinais de maturidade. Laura havia passado horas falando das mudanças

que gostaria de fazer, e as ideias pareciam distrair Alexa da ideia da morte de seu adorado pai.

Imogen resolveu que precisava retomar a leitura das cartas de Laura. Não era fácil. Ela odiava ver a infelicidade da amiga e sentia aquilo pesar sobre seus ombros. Entendeu o motivo de Laura nunca ter lhe contado tudo. Mas muitas coisas ainda não tinham sido explicadas.

JUNHO DE 2005

Minha querida Imo,

Esses são os delírios de uma louca!

E assim que me sinto. Passei um ano e meio como uma mulher louca e é dessa forma que todos me veem.

Todos os dias começam do mesmo jeito. *A* equipe de enfermeiros trabalha muito, e eles estão sempre alegres. Todas as manhãs, entram em meu quarto — que, devo dizer, é muito elegante —

com um animado: “Bom dia! Como nós estamos hoje?”

Não entendo por que as pessoas dizem “nós” nesse contexto. Estou deixando passar alguma coisa?

Bem, o café da manhã é servido no quarto — adorei a rotina de sempre comer a mesma coisa.

Não sei se eles veem isso como mais um sinal de loucura. Será que significa que me sinto mais segura não tomando decisões? Não é nada disso. E que eles *têm* chefes de cozinha muito bons aqui, e nada supera os ovos mexidos que eles fazem!

A instituição é muito exclusiva. Trata-se de um lugar para esconder membros loucos de famílias extremamente ricas. Acho que não souberam prever quantas pessoas realmente ricas ficariam doentes de cada vez, e deve ser por isso que tiveram problemas financeiros. Suspeito de *que* Hugo esteja fornecendo fundos significativos. Tudo para me manter calada.

Todos os dias, preciso passar por uma consulta particular para verificar se ainda estou louca e

participar de outra sessão de terapia em grupo. Depois temos aulas. Eles chamam de terapia ocupacional. Agora soa boa em fazer arranjos de flores, e *a* aula de ioga é excelente — embora as sessões de meditação não deem muito certo com alguns dos pacientes mais perturbados. Muito silêncio e intros-pecção é um pouco contraproducente, pelo menos é o que *parece.*

As outras refeições são servidas na sala de jantar. Eles dizem que *devemos nos* misturar com os pacientes mais estáveis. Alguns, é claro, não podem sair do quarto por causa dos surtos *de* violência.Tenho meu próprio terapeuta. Apesar da alegria persistente dos funcionários, não se trata de um lugar feliz. Doença mental *é* uma coisa de partir o *coração.* De esquizofrenia a distúrbios de personalidade, todos estão passando por um período triste *da vida. E, para* alguns, *esse é também seu* futuro.

Tento encontrar tempo todos os dias para conversar com pessoas que tenham uma ou outra forma de demência — aquelas que não conseguem se comunicar. Leio os jornais todas as manhãs e conto histórias sobre o que está acontecendo no mundo, Mas só as coisas boas. Nada de guerras e assassinatos. Essa gente já tem um fardo muito grande para carregar. Não sei se podem me ouvir, mas isso não é desculpa para não falar com eles. Imagine se, na verdade, sabem tudo o que está acontecendo à sua volta e apenas não conseguem se comunicar? Como seria terrível se ninguém falasse com eles?

Há também as visitas de Hugo. Os enfermeiros acham que é o ponto alto da minha semana! E, é claro, eles o consideram um marido comprometido (se é que posso usar essa palavra nesse contexto) e dedicado que nunca perde uma visita. Não sou dopada nessas ocasiões. Ele quer me avaliar. Quer saber se estou cheia de remorso. Quer saber se fui amansada. Não fui, é claro. Estou muito menos mansa do que quando entrei aqui. Mas ele não precisa saber disso.

E ele traz Alexa com frequência. Ela está crescendo, mas eu me sinto tão culpada estando aqui quando deveria estar lá fora lhe dando o amor que ela merece. Ele a traz para me provocar. Acha que me vendo aqui, ela se voltará contra mim. Ou que vou tentar usá-la para descobrir o que está acontecendo “lá fora”. Não vou. Nunca faria isso. Nunca diria nada negativo a respeito de seu pai, porque sou a única que sairia perdendo. Ela merece acreditar que o pai é

maravilhoso, independente **da** verdade.

Ele veio me visitar ontem, e as coisas foram um pouco diferentes. Ele me deixou sozinha com Alexa por um bom tempo, mas não sei muito bem por que fez isso. Acho que foi mais um teste.

Eu a abracei com força, mas ela parecia meio dura. Não estava afetuosa como sempre. Tentei quebrar o gelo aos poucos.

“E tão bom ver você, Alexa. Como vai a escola?”

“A escola vai bem, obrigada por perguntar, Laura ”

Aos 9 anos, Alexa ainda é a criança mais educada que já vi, mas ainda assim a resposta pareceu um pouco exagerada.

“Você está bem, bonequinha? Fiz alguma coisa que a chateou?”

Alexa olhou para mim com um olhar muito solene.

“Por que você ainda está aqui, Laura? Por que não está em casa com a gente?”

“Porque eu não estou bem, querida, e o papai e os médicos precisam decidir quando é a hora certa de eu ir para casa.”

“Você quer ir para casa, não quer?”

“Ah, Lexi. E claro que eu quero. Mai posso esperar para ver você toda semana.”

“Papai diz que você gosta daqui e que está nesse lugar porque inventa *histórias* ruins sobre as pessoas.”

Eu não sabia como responder. Criticar Hugo *não era uma* opção, “Bem, certamente não tive a intenção de dizer nada *para chatear* ninguém. Nunca quis fazer isso, meu amor, e *se* fiz, sinto muito.”

‘‘Podemos falar sobre outra coisa, por favor? Quando ficamos alguns minutos sozinhas, papai sempre me pergunta sobre o que conversamos e se você me contou algum segredo.”

“Podemos falar sobre o que você quiser, e eu não diria nada para você que fosse

segredo para o seu pai,"

“Bem, o papai e eu temos muitos segredos, mas ele *diz* que não tem problema. Que *papai* e suas filhinhas *sempre têm* segredos.1’

Meu sangue gelou. “Sabe, bonequinha, normalmente não tem problema você falar *com a* sua mãe ou comigo sobre os segredos do seu pai.Tenho certeza de que ele não guardaria nenhum segredo *de mim.”*

Alexa deu um sorriso tímido. “Ele me disse que *você* era a última pessoa com quem eu deveria falar, porque não é esperta como eu. Mas eu te amo mesmo assim, Laura.Você sempre foi boa comigo. Podemos falar sobre outra coisa agora, por favor *?”*

A conversa passou para um tópico mais seguro, mas fiquei realmente preocupada. Hugo demorou mais meia hora, e eu só conseguia especular que ele estivesse tramando algo com o médico. *A* julgar por seu sorriso de superioridade quando voltou para o quarto, era algo de que eu não gostaria.

“Alexa, querida, a enfermeira vai levar você lá fora um pouco. Preciso conversar sozinho com a Laura. Despeça-se dela e daqui a pouco eu encontro você.” *Alexa* me deu um abraço *apertado* que quase partiu meu coração, *depois* saiu com *a* enfermeira.

“Lama, você parece bem melhor, *e eu* falei com *o* médico. Concordamos que .linda precisa passar mais um tempo aqui, provavelmente uns seis meses, *s durante esse período eu* preciso prepará-la *para voltar ao* mundo.”

Eu sabia que não era apropriado demonstrar nenhum tipo *de* entusiasmo recém-descoberto, mas precisava esclarecer o que ele pretendia.

“Não sei se entendo bem *para o* que preciso ser preparada, Hugo, embora fique feliz em sair daqui.”

Não era totalmente verdade se isso significasse que eu teria que voltar para minha antiga vida.

Mas eu também não pretendia fazer isso.

‘Você precisa escutar e entender bem. Eu já me divorciei uma vez e não tenho

nenhuma intenção de me divorciar de novo. Uma vez pode ser considerado erro. Duas significa falta de discernimento. Você não vai se divorciar de mim, nem fazer qualquer ameaça ou divulgar informações sobre nossa vida juntos que possam se provar constrangedoras para mim. Permanecerá sendo minha fiel esposa pelo tempo que eu desejar. O que acontece debaixo do meu teto fica debaixo de meu teto. Entendeu, Laura?"

Tive que me esforçar muito para manter o autocontrole. Não ganharia nada revelando todas as cartas de uma vez, mas não podia simplesmente aceitar. Olhei pela janela e tentei parecer indiferente.

"E se eu não concordar? O que acontece?" "Ah, é muito simples." Hugo fez uma pausa. "Você morre."

Virei a cabeça em um impulso e simplesmente fiquei olhando para Hugo, chocada demais **para** falar de imediato. Depois minha voz voltou.

"Não acredito no que você acabou de dizer. Simplesmente fez uma ameaça de **assassinato!"**

Ele riu. Riu de verdade!

"Não é assassinato. E um ato de autopreservação. Não estou preparado para ser envergonhado por você. Você é conhecida por ter um histórico de **depressão extrema. Sua** morte por overdose de qualquer medicamento prescrito a você depois de sair daqui seria facilmente explicada, e tenho certeza de que nunca seria questionada. Sua ficha mostrará um histórico de tentativa de suicídio — o médico e eu já combinamos os termos — então a escolha cabe apenas a você." De todas as coisas que eu podia esperar, nunca imaginei isso.

Só sabia sem sombra de dúvida que ele estava falando sério.

"E o que significa exatamente viver com você?"

O sorriso dele não foi nem um pouco sincero.

"Ah, não se preocupe. Não vou pedir para você retomar seus serviços um tanto quanto tediosos na cama. Posso muito bem encontrar uma substituta mais receptiva."

Eu não podia simplesmente deixar passar. Ele estava **se** referindo ao que eu imaginava?

“Quando eu vim para cá, foi por causa-,.. ”

Mas eu fiquei paralisada quando vi a fúria nos olhos de Hugo.

“Eu sei o que trouxe você para cá. Sua reação exagerada e absurda a um acontecimento perfeitamente normal. Seu comportamento tornou minha vida muito difícil, e isso é uma coisa que não consigo esquecer ou perdoar. Mas é assim que vamos fazer.”

Então discutimos os termos como se estivéssemos negociando a compra de um carro usado. Eu estive pensando nisso por muito tempo. Sejamos realistas, tive muito tempo para pensar! Não posso deixá-lo e ignorar tudo o que sei. As conseqüências seriam muito devastadoras. Meu histórico de doença mental faria que as pessoas acreditassem em mim se eu contasse sobre as predileções de Hugo. Mas não posso ir embora. Tenho que fazer algo positivo. Algo proativo. Então eu apresentei minhas condições a ele. Fiz um pacto com o diabo. Minha cumplicidade em troca de algumas concessões — uma delas foi a compra da casa na Itália. Um lugar para escapar, para me sentir segura, um lugar que de odiaria. Diante disso, podemos parecer um casal normal, mas durante a semana, quando não estivermos com Alexa, posso fugir do clima opressivo de nosso casamento. Essa foi uma concessão que ele considerou fácil. Mas não era, de modo algum, a mais importante.

*** * * ***

Laura gritou da escadaria para Imogen. Sabia que não deveria pertur-bá-la, mas alguém estava tocando a campainha. Ela não sabia como haviam passado do portão, mas talvez os jardineiros o tivessem deixado aberto. Independentemente do motivo, queria que a amiga estivesse com ela caso fosse um repórter.

Becky havia surgido de seu “escritório55, mas ao ver que Imogen estava descendo rapidamente as escadas, Laura sorriu, fez um sinal dispensando a ajuda da sargento e foi abrir a porta para o recém-chegado. Ela demorou um instante para registrar quem estava parado na entrada.

Ficou em silêncio, com a boca meio aberta, enquanto olhava para o rosto bronzeado e os brilhantes olhos azuis de uma das poucas pessoas que ficaria

feliz em ver. Viu angústia naqueles olhos, mas não sabia se era sinal de empatia por ela ou pela tristeza em sua própria vida. A tentativa de leveza o fez quebrar o feitiço.

— Feche a boca, irmãzinha. Isso não é muito apropriado.

— Ai, meu Deus! É você mesmo. Sei'que disse a Imo que viria, mas não achei que seria tão rápido. Ah, Will! E tão bom ver você.

Laura jogou os braços em volta da cintura do irmão e o abraçou bem forte, adorando o calor de seu corpo largo e familiar. Ela sentiu os braços dele envolvendo-a, e recebeu com prazer a sensação de segurança que só um abraço de alguém próximo pode proporcionar. Mas não duraria muito. Por cima de sua cabeça, ouviu o irmão falar em voz baixa:

— Olá, Imogen.

Silêncio.

Ela ficou feliz por sua cabeça estar enterrada no peito do irmão, porque não queria ver os olhares trocados entre eles. Nenhum dos dois encontrara outra pessoa para amar, e ela tinha certeza absoluta de que era culpa de Hugo. Não sabia o que fazer para consertar o que ele havia destruído com tanta indiferença, mas sabia que podia tentar.

Afastando-se, ela sugeriu que eles fossem para a sala de estar. Não se cansava de olhar para Will.

Seus cabelos loiros haviam se transformado em dourados pelo sol, e seus traços ásperos estavam bronzeados. Os ombros, sempre largos, o faziam parecer um gigante do alto de seu l,95m de rocha sólida. Ele parecia o porto mais seguro em qualquer tempestade.

Ficou claro que Imogen e Will não sabiam muito bem como se comportar. Deviam se abraçar, uma vez que dava para ver que era o que queriam, ou permanecer afastados? A última opção pareceu a mais segura para ambos.

Laura estava ciente da tensão presente na sala, e os três pareciam um pouco desconfortáveis, como se um deles não devesse estar ali, mas não sabiam quem. Eles preencheram um intervalo de dez minutos com conversa fiada sobre o

trabalho de Will, a vida de Imogen no Canadá e as melhorias que Laura estava fazendo na casa. Então Will cortou o papo furado.

— Certo, vocês duas. Chega de conversa mole. E melhor me contarem o que está acontecendo.

Não vou fingir que gostava do seu marido, Laura, mas não consigo imaginar por que alguém desejaria matá-lo.

— E uma longa história — começou Laura. — Os últimos dias foram um inferno. Antes de falarmos sobre isso, vou dizer à mamãe que você chegou. Ela deve estar na cozinha. Parece ser da opinião de que todos nós precisamos engordar e de que bolo de chocolate cura tudo.

Ao se levantar, ela olhou pela janela e ficou surpresa ao ver Tom Douglas parado ao lado de um carro da polícia. Dois policiais uniformizados estavam saindo. Laura sentiu um aperto no peito.

— O que está acontecendo? Tom está aqui e trouxe guardas uniformizados com ele. O que acha que significa, Imo? — Laura lançou um olhar ansioso na direção de Imogen.

— Calma, Laura. Não deve ser nada. Devem íer esquecido de olhar alguma coisa durante a busca, então vieram dar mais uma olhada. Deixe-os entrar, ou eu posso ir até eles, se preferir Laura saiu antes de Imogen ter tempo de se levantar. Becky já estava abrindo a porta da frente, e ao olhar rapidamente nos olhos de Laura, desviou o rosto.

Tom parou na soleira da porta e fitou Laura.

— Sinto muito incomodá-la, Lady Fletcher. Fosso entrar? — Ele olhou com desconfiança para Will, que a havia seguido pelo corredor, com Imogen bem atrás.

Laura não demorou a notar a formalidade nem a expressão severa no rosto de Tom. Tentando aliviar o clima» ela respondeu com gentileza,

— E claro, inspetor-chefe. Deixe-me apresentar meu irmão, Will Kennedy. Ele acabou de chegar. Posso lhe oferecer alguma coisa para beber? Talvez a onipresente xícara de chá?

Tom deu alguns passos no corredor, mas não seguiu em frente.

— Não, obrigado. Desculpe, mas preciso fazer algumas perguntas para a Sra. Kennedy. — Ele se virou para Imogen, que ainda estava observando da porta da saia de estar. — Sra. Kennedy, estou com dois policiais uniformizados. Eles vão acompanhá-la até a Scotland Yard para um interrogatório. O superintendente James Sinclair, que conheceu rapidamente na noite da morte de Sir Hugo, conduzirá a primeira parte do interrogatório. Receberá uma advertência formal quando chegar. Eu vou mais tarde, depois de fazer mais algumas perguntas para Lady Fletcher.

Imogen ficou imóvel. Seu rosto não se alterou.

Will havia avançado um pouco mais no corredor, inicialmente para apertar a mão do inspetor, mas depois assumindo uma postura beligerante.

— Posso perguntar por que está levando minha mulher para interrogatório, inspetor-chefe? E se ela ficará sob custódia, quer dizer que a está *prendendo*?

-—Temos novas provas, senhor, e elas têm relação com sua ex-esposa. Não tenho autorização para discutir isso com ninguém até falar com sua ex-esposa.

Laura percebeu que Tom estava determinado a fazer uma diferenciação entre ex e atual esposa, Will se virou para Imogen, franzindo o cenho de preocupação.

— Imo, do que se trata tudo isso? Quer que eu chame um advogado?

Ficou óbvio que a menção ao advogado fez Imogen reagir. Ela soltou um suspiro exagerado.

— Will, fique quieto. Você não sabe de nada, então apenas não se meta.

Laura estava perturbada. Sua voz era baixa, mas tremia.

— Imo, você não precisa passar por isso. Não deve. Não está certo. Vou falar com Tom. Vou dar um jeito, está bem?

Imogen pegou sua jaqueta, que estava em uma cadeira no fim da escadaria, e se virou rapidamente para Laura.

— Laura, não quer calar a boca também? Eu não matei Hugo. Você sabe disso, e eu sei disso, e espero que você também saiba, Will. Então não se preocupem. É só um interrogatório. Se eles me prenderem e acusarem, terão problemas porque nunca conseguirão provas de uma coisa que não fiz, não é? Então se acalmem, tomem uma dose de gim, e eu vejo vocês depois. Não preciso de advogado. Está tudo bem.

Imogen se virou para Tom, que parecia estar ouvindo a conversa com atenção.

— Estou pronta para ir, inspetor-chefe.

*** * * ***

Havia algo implícito naquela troca de palavras, mas Tom não conseguiu captar. Depois que os policiais uniformizados saíram com Imogen e fecharam a porta, ele se virou para Laura e sorriu com simpatia.

— Sinto muito, Laura. Tive que ser bem formal nessa ocasião. Sei que vai entender.

Will interrompeu antes que ela pudesse responder.

— Bem, mas eu não. A menos que tenha provas, não pode levá-la desse jeito para ser interrogada. Se eram apenas algumas perguntas, por que não perguntou aqui mesmo?

Uma força a se considerar, pensou Tom, notando a pose agressiva de Will, com as pernas afastadas e as mãos enfiadas nos bolsos do jeans.

— Sr. Kennedy, temos provas que sugerem que sua ex-esposa estava em Londres na manhã do assassinato. Agora, se não se importar, gostaria de falar com sua irmã.

-— Vou ficar com ela — respondeu Will. — Certamente ela precisa do meu apoio.

Tom podia ver que Laura estava visivelmente trêmula, embora não soubesse muito bem que parte da conversa havia provocado aquela reação.

— Will, Tom e eu temos um bom relacionamento. Sei que suas intsnções são

boas, mas. por favor; vá falar com a mamãe. Ela vai ficar muito feliz em vê-lo, e alguém precisa contar a ela sobre Imogen, Eu me sinto à vontade para conversar sozinha com Tom. Por favon Will?

Nada feliz, ele acabou concordando e, de má vontade, deixou o corredor. Laura indicou que eíes deveriam ir para a sala, e Tom esperou até se sentarem para falar.

— Obrigado, Laura. Tenho muitas coisas para perguntar, e algumas são bastante delicadas.

Ele podia ver que ela estava inquieta, mas precisava que ela relaxasse se quisesse obter alguma informação.

— Como passou esses dias, por sinal? Notei que andou fazendo umas mudanças, definitivamente para melhor.

Tom esperava que ela achasse que ele estava se referindo às alterações na casa e nos jardins, mas não havia deixado de notar as mudanças na própria Laura. Agora ela tinha alguma cor no rosto, e mais uma vez havia escolhido uma malha vibrante, dessa vez azul-petróleo — muito melhor do que o bege desbotado que usava quando se conheceram. Era difícil acreditar que se tratava da mesma pessoa que ele havia visto pela primeira vez há apenas alguns dias. E ela parecia estar mais confiante.

Mas ela estava claramente chateada por Imogen ter sido levada para interrogatório, e apesar da confiança que Laura demonstrou ao irmão, o inspetor podia dizer pelo tom de voz dela que ele não era sua pessoa preferida naquele momento.

— Esqueça um pouco os jardins. Apenas me diga o que pode ter encontrado que relacione, de alguma forma, Imogen ao assassinato de Hugo?

— Sinto muito, mas não posso dizer nada por enquanto. Assim que puder, prometo que explicarei tudo.

Tom sabia que isso não satisfaria Laura, então decidiu que era melhor seguir logo em frente.

— É difícil, eu sei... Mas acha que poderia falar um pouco sobre sua doença?

Perguntei naquele outro dia, mas aconteceram muitas coisas. Sei que pode não parecer relevante, mas estou apenas tentando traçar um panorama geral. Tudo bem?

Laura havia perdido o tom de voz duro, mas estava tensa.

— Na primeira vez que fui interditada... a palavra é terrível, eu sei... fui diagnosticada com depressão severa. Hannah, a babá de Alexa, e Hugo me encontraram encolhida em um cômodo nas áreas desocupadas da casa.

— Sabe o que desencadeou esse episódio? Houve algum incidente específico?

— Pelo que aprendi sobre depressão clínica, pode atingir qualquer um a qualquer hora sem motivo aparente.

Reconhecendo que aquilo não era uma resposta e nem pretendia ser, Tom sondou um pouco mais.

— Você estava trancada no quarto quando foi encontrada? — perguntou ele calmamente.

— Aparentemente, a porta podia ser aberta pelo lado de dentro, o que sugere que eu não estava trancada.

Ela era realmente boa em não mentir, mas tampouco respondeu a pergunta. Tom precisava fazer com que ela olhasse para ele. Desde que perguntara sobre Imogen, ela estava fixando o olhar em tudo, menos nele. Dava para entender que se tratava de um assunto difícil, mas ele já tinha perdido tempo demais.

— Laura, não nos conhecemos há muito tempo, mas eu acho que já desenvolvemos um respeito mútuo um pelo outro, e tem alguma coisa que está escondendo de mim. A ex-esposa de seu marido está quase em estado de pânico devido a informações que me deu. O testamento mostrou Hugo como ele era, e só posso concluir que existiam aspectos dele que não correspondiam à sua imagem pública. Becky também escutou vocês falando sobre Rohypnol. Tudo isso tem alguma ligação, e eu realmente gostaria que me explicasse.

Finalmente ela o encarou, e era impossível não notar a dor refletida em seus olhos. Ele a viu engolir em seco e soube que havia tocado em uma questão delicada. Sentiu uma pontada de culpa, mas as perguntas precisavam ser feitas, e

ele preferia fazê-las a pedir a alguém que não tivesse qualquer conexão com Laura.

— Tom, isso é difícil e doloroso para mim. Meu marido está morto, e nosso casamento estava longe de ser o sonho perfeito em que todos deviam acreditar. Mas acho que não há nada a se ganhar investigando suas tristes profundezas, não é?

Ela precisava de tempo. Tom decidiu, e talvez analisar seu casamento não fosse tão produtivo a curto prazo quanto entender algumas outras peças do quebra-cabeça.

— Não concordo totalmente, mas por enquanto podemos avançar para alguma outra coisa e voltar a isso mais tarde. Queria falar com você sobre Danika Bojin.

Tom não se surpreendeu ao ver que Laura ficou ainda mais agitada com a mudança de assunto.

— Você ouviu a mensagem cie voz sobre Danika Bojin outro dia. Não imagino por que não mencionou que a conhecia. Ela agora apareceu e está em segurança, ainda bem, mas sabemos que ela veio falar com você há uns dois anos. Quer me contar o que aconteceu?

As expressões que passaram pelo rosto de Laura durante essa rápida troca de informações foram indecifráveis. Tom não conseguia afirmar se estava testemunhando alívio ou medo. O rosto dela não havia se alterado, mas os olhos eram muito expressivos.

— Fico muito satisfeita em saber que Danika está em segurança — afirmou ela, — Fiquei

preocupada quando ouvi a mensagem, mas estou tão afastada da fundação que não me senti em posição de ajudar. Danika veio procurar Hugo, mas ele não estava aqui, ainda bem, Ele teria ficado furioso. Bem, ela me disse que uma de suas amigas havia desaparecido e eu disse que tentaria conseguir informações a respeito.

Tem achou que ela estava passando por cima do assunto com muita facilidade.

— Infelizmente, pouco depois eu adoeci de novo, então nunca pude ajudá-la. Por

isso fiquei tão chateada ao ouvir a mensagem.

-—Você não pediu ajuda a Hugo?

Tom notou que, mais uma vez, Laura não conseguia encará-lo, o que sempre acontecia quando ela queria disfarçar seus pensamentos.

— Sim, claro que pedi. Ele disse que resolveria e que eu não devia meter o nariz nos assuntos da fundação.

— E você nunca mais se meteu com isso?

Laura ergueu o queixo com despeito e olhou diretamente nos olhos de Tom.

— É claro que não.

Tom não acreditou nela nem por um segundo.

28.

Imogen não conseguiu conter o nervosismo quando foi levada à sala de interrogatório. Talvez todo mundo, inocente ou culpado, se sentisse assim. Mas ela sabia que deveria disfarçar as emoções.

Elas sempre pareciam indicar culpa. Ela havia recusado um advogado por dois motivos, Esperava que isso a fizesse parecer confiante de sua inocência e, o mais importante, não queria ter mais ninguém sondando seus últimos movimentos. Ela desejava de todo coração que Will não estivesse lá. Não o via há anos, e de repente ele estava lá. E em poucos momentos ela teve que passar pela indignidade de ser detida pela polícia — ou pelo menos levada para interrogatório. Ela só queria estar no mesmo lugar que ele, só mais uma vez.

Imogen havia aproveitado a viagem de uma hora de carro para decidir qual abordagem adotaria, e apesar de uma sensação de vazio e de um leve embrulho no estômago, estava determinada a parecer segura de si. Eles só tinham provas circunstanciais. E ela estava seriamente preocupada com Laura. Tom Douglas tinha conseguido mexer com ela. E havia coisas que ele não podia saber.

Ela se sentou diante do superintendente Sinclair e de um de seus homens e fez o melhor para parecer calma enquanto lutava para aceitar o fato de que estava

sendo oficialmente interrogada em uma investigação de assassinato e havia até mesmo sido advertida formalmente. Olhou para o rosto ilusoriamente gentil do oficial mais experiente, mas não se deixou levar nem por um instante pela aparente benevolência. De qualquer modo, era muito difícil decifrar a expressão dele, uma vez que ele parecia franzir o cenho enquanto sorria, Ela decidiu se concentrar na parte sisuda para garantir que não fosse induzida a uma falsa sensação de segurança.

— Superintendente, eu entendo seu ponto de vista. Se diz que havia uma Imogen Dubois no Eurostar de Paris para Londres, e depois de Londres para Paris, não posso discutir. Mas sei que podem verificar o cartão de crédito usado no pagamento, reservas online ou algum outro registro que se faz para conseguir uma passagem do Eurostar e provar que se trata de **outra** Imogen Dubois.

James Sinclair concordou com prudência, como se ela tivesse feito um sábio comentário.

— Sra. Kennedy, é claro que essa seria a primeira coisa a fazer. Mas, por acaso, as passagens foram compradas com dinheiro, no ponto de vendas da Regent Street. É bem incomum as pessoas pagarem em dinheiro nos dias de hoje, sabe? Na verdade, é **extremamente** incomum. Tão incomum que me fez parar para pensar em por que alguém faria isso.

Havia um leve tom de sarcasmo na voz dele, algo que Imogen nunca havia encontrado em Tom Douglas. Ela teria que tomar cuidado.

— Como saber, superintendente? Talvez alguém tenha dado sorte nos cavalos ou algo parecido.

E se você acha que fui eu, está sugerindo que eu estava em Londres quando as passagens foram compradas, não é? Imagino que já tenha verificado isso também.

Imogen se sentia satisfeita consigo mesma, mas o policial mudou de assunto abruptamente, deixando-a insegura de novo.

— Sei que trouxe seu laptop para a casa de Oxfordshire. Gostaríamos muito de dar uma olhada nele, com sua permissão. É claro, podemos dar entrada em toda a burocracia e arrumar um mandado, mas se não tem nada com que se preocupar, não vai se importar, não é?

Imogen se esforçou muito para controlar o medo. Pelo modo como ele apertou os olhos de leve, ela suspeitou de que o policial não havia ignorado sua reação. Ela respondeu com a maior calma possível.

— É claro. Não tem problema. Pode pedir para Laura trazer, está no meu quarto. Ela saberá onde procurar.

O superintendente fez sinal para o policial que estava parado na porta e ele saiu imediatamente

da sala. Dessa vez, quando ele sorriu, os dois lados da face se ergueram. O rosto estava harmonioso.

— Espero que não se importe, mas pediremos que a sargento Robin-son traga para nós. Nos poupa qualquer desconfiança de contaminação de provas. Sei que sabe como é. Agora, o que realmente preciso saber, e lembre-se de que está sob advertência, é quando viu Hugo Fletcher pela última vez.

— Foi em dezembro de 1998, Acho que consigo dizer a data e a hora exata, se parar para pensar.

— E por que foi tão memorável, Sra. Kennedy?

— Porque no final da visita, Laura e eu discutimos e eu nunca mais fui convidada a voltar àquela casa.

James Sinclair jogou a cabeça para a frente e olhou diretamente nos olhos de Imogen.

— Por que discutiram? Você gostava do marido de Laura? Teve um relacionamento com ele?

Imogen nem precisou tentar esconder a repulsa àquela ideia.

— Eu não tinha relacionamento nenhum com ele. Não o achava nem um pouco atraente e, acima de tudo, ele era marido de Laura.

— Ah, mas ele achava **você** atraente? Foi esse o problema? Ele a incomodou. a colocou em uma posição difícil diante de sua amiga e de seu marido?

— Não. *Não,*

Ela odiou a forma como ele a estava questionando, com a grande cabeça agigantando-se pela mesa. Ela queria afastar a cadeira, ficar o mais longe dele possível. Achava que nenhum criminoso teria chance diante de James Sinclair. Então ele recuou um pouco, e ela sentiu uma palpitação de alívio. As perguntas continuaram, mas ele não estava colado na cara dela.

— Diga, Sra. Kennedy, quando viu Lady Fletcher pela última vez antes da morte de seu marido?

Era o momento. Imogen sabia. Se acertasse, ficaria bem. Se errasse... bem, não conseguia nem.

começar a pensar nas conseqüências. Ela suspirou com dramaticidade e para fazer cena, esperando não ter exagerado.

— Certo, não fomos totalmente sinceras a esse respeito. Acho que foi força do hábito. Depois da discussão, não tive contato com ela até o segundo período que passou no hospital. Arrumamos um jeito de nos encontrarmos sempre que eu estivesse na Inglaterra, sem ninguém saber. Hugo nunca teria permitido. Continuamos nos falando quando ela voltou para casa.

James Sinclair balançou a cabeça lentamente, com as sobrancelhas erguidas.

— Isso não responde minha pergunta, Sra. Kennedy. Quando a viu pela última vez antes da morte de Hugo?

Imogen precisava pensar. O que Laura diria se lhe fizessem a mesma pergunta? Elas tinham que ser coerentes. Certamente ele havia notado a pausa, mas era compreensível que ela tivesse que pensar, não era?

— Deve ter sido no verão. Laura estava na Itália, e Hugo nunca ia com ela, então era totalmente seguro, desde que eu não atendesse o telefone nem fizesse nada idiota. Fui até lá para passar alguns dias com ela.

— E depois disso não a viu mais?

— Não.

O que dizem sobre quem está mentindo? Alguma coisa sobre os olhos se voltarem para baixo e para a esquerda? Ela não conseguia se lembrar, então tentou olhar fixamente nos olhos dele sem hesitar.

— Então por que Lady Fletcher ficou tão alarmada quando você apareceu na casa dela? Parecia que ela queria assassinar você, para dizer o mínimo.

— Força do hábito. Ela devia estar em outro mundo, e quando eu apareci ela certamente ficou esperando Hugo se materializar, sair do escritório e acabar com ela. Não sei... foi um pouco exagerado, mas ela já superou isso.

Imogen se obrigou a continuar olhando nos olhos dele. Dava para ver que Sinclair não estava

acreditando nela.

— Mais uma pergunta, Sra. Kennedy, depois faremos um intervalo. Por que Lady Fletcher disse

“você não tem a mínima ideia do que Hugo era capaz de fazer. Esse foi o menor de seus crimes” e

“estou muito feliz por Hugo estar morto”?

Imogen ficou aturdida e em silêncio por alguns segundos. Como eles sabiam disso?

— Não sei como vocês podem saber que ela proferiu exatamente essas palavras, superintendente, mas fora de contexto é um pouco difícil dizer.

Sinclair comprimiu os lábios e balançou a cabeça novamente, fazendo-a se sentir como uma criança pega contando uma mentira boba.

— Pode parar com o papo furado, por favor. Você sabe muito bem o que ela quis dizer, e vai me contar.

— Está bem. Para começar, seria melhor perguntarem a ela, porque eu só posso dizer o que acho. E, o mais importante, eu não gostava de Hugo, então tudo o que eu disser será inevitavelmente influenciado por isso. Na minha visão, ele era um homem difícil, desagradável e manipulador. Laura não estava doente, mas

ele fez com que parecesse que estava. Suspeito que ela esteja feliz por Hugo estar morto devido ao controle que ele exercia sobre sua vida. Mas pode não passar de uma suposição, superintendente. E, sendo assim, não vale nada.

Ela falou de forma enérgica. Não queria parecer agitada, mas como eles sabiam de tudo isso?

Alguém bateu na porta. Quando foi aberta, havia um jovem asiático chamando o superintendente, que pediu licença e saiu da sala de interrogatório.

Imogen suspirou de alívio. Achou que havia se saído bem, mas só o tempo poderia dizer.

*** * * ***

No corredor, James Sinclair viu-se diante de um investigador radiante. Ele parecia empolgado com sua descoberta.

— O que foi, Ajay?

— Acabamos de receber outra ligação da empresa de segurança. Um dos rapazes que trabalhava como guarda-costas de Sir Hugo estava de férias. Ele foi contatado no início para responder algumas perguntas, mas devia estar ocupado se divertindo e não deu muita importância. Aparentemente, retornou a ligação hoje com mais informações. Houve um incidente que ele achou que poderia nos interessar. Estava levando Hugo de Oxford para Londres uma noite, há alguns anos, quando notou que estavam sendo seguidos. Ainda não haviam chegado à estrada, então ele entrou em uma ruazinha deserta no meio do nada. Disse que quem os seguia era bem fraco. Então, com a permissão de Hugo, ele fez um truque. Acelerou bastante, desligou os faróis e fez um cavalo de pau, para se mostrar um pouco, eu acho. Depois, quando o outro carro se aproximou, ele ligou os faróis na frente dele, que desviou para a lateral da estrada.

“O guarda-costas saiu do carro rapidamente e pegou o outro motorista pelo pescoço em segundos. Não perguntei como conseguiram fazê-lo falar, mas conseguiram. Ele disse que havia sido pago para seguir Sir Hugo noite e dia. Perguntaram quem o estava pagando.”

Ajay fez uma pausa, e James sabia que ele estava esperando pela pergunta.

— E ele respondeu?

— Respondeu sim. Foi a esposa. Foi Laura Fletcher.

29.

A“conversa informa!” de Tom e Laura foi interrompida mais de uma vez por boas e más notícias.

A primeira interrupção foi de Kate. Ele normalmente não atenderia uma ligação pessoal, mas era importante demais. Tom havia considerado as sábias palavras de Laura, e por mais que amasse a filha, não podia se ver vivendo com a mãe dela novamente. Na noite anterior, haviam tido uma conversa emotiva sobre o assunto, mas ele se demonstrou inflexível. Kate estava ligando para dizer que voltaria para Manchester no fim de semana “para pensar”. Ele teria que esperar para ver o que aconteceria depois.

Queria poder conversar com Laura sobre isso, mas sabia que já tinha passado dos limites. E

depois James Sinclair telefonou, e ele foi atender a ligação no corredor. Agora tinha certeza de que Laura sabia muito mais do que estava revelando, e ele não podia deixar de sentir certo remorso por ter que lhe fazer perguntas difíceis.

Mas foi a terceira ligação que o deixou empolgado.

*** * * ***

Pela cara de Tom ao voltar para a sala, Laura percebeu que havia boas notícias, e estava começando a se sentir muito desconfortável. Ela se esforçava para permanecer no controle, e cada vez mais desejava não mentir para esse homem. Ele só havia demonstrado compaixão e consideração, e ela percebia que ele não estava feliz. Havia observado seu rosto enquanto ele falava com Kate, e o único pensamento que vinha à sua mente era por que tinha que existir tanto sofrimento no mundo.

Tom se sentou em sua posição de costume, de frente para ela.

— Laura, quer a companhia de alguém enquanto faço mais algumas perguntas?

— Não, estou bem assim. Pergunte tudo o que precisa perguntar — respondeu ela, esperando acabar com aquilo o mais rápido possível.

— Conversamos anteriormente sobre sua doença, e você descreveu o que causou sua primeira internação. Mas fomos levados a acreditar que a segunda estadia foi diferente. Algum tipo de transtorno delirante foi relatado em sua ficha, embora eles pudessem muito bem estar errados.

Também sabemos que um de nossos chefes de polícia, Theo Hodder, participou da sua internação de alguma forma, e estamos tentando rastreá-lo para entender o envolvimento dele. Mas eu preferia saber por você.

Laura temia exatamente isso. Ela sabia que a resposta tinha que ser plausível, mas desde que Tom levantara a questão em sua última visita, ela esteve praticando. Apresentaria os fatos, tentando controlar as emoções. Ainda assim, podia ouvir um leve tremor em sua voz.

— Quando voltei da primeira internação, as coisas estavam um pouco mais estáveis entre mim e Hugo, embora eu pudesse sentir que estavam sutilmente diferentes, imaginei que ele tivesse uma amante, e talvez fosse até compreensível, uma vez que fiquei fora durante dois anos. Então Danika veio falar comigo a respeito de sua amiga desaparecida, Alina, e eu coloquei na cabeça que algo podia estar acontecendo com as meninas. Acreditava que Hugo pudesse estar envolvido. Visualizei toda uma conspiração. Achei que ele estivesse estimulando-as a fugir de casa. Talvez por sexo, ou simplesmente para vendê-las novamente. Nem sei o que estava pensando.

Laura refletiu que, no meio de tudo isso, havia se tornado mestre em dizer meias verdades.

— Bem, conheci o Sr. Hodder em um dos jantares beneficentes c fui até ele com minha teoria.

Ele deve ter achado que eu não estava falando coisa com coisa e que minha imaginação era fértil demais. Percebi que estava me expondo ao ridículo. Ele era uma das pessoas que sabiam que eu havia ficado doente antes, e obviamente enxergou aquilo como algum tipo de recaída. Então ele ligou para Hugo. Eu não conseguia tirar a ideia da cabeça de jeito nenhum, então diagnosticaram o distúrbio delirante, e ele forneceu algumas provas. Foi isso, na verdade.

Laura, como sempre, estava evitando olhar nos olhos de Tom, mas arriscou encará-lo por um instante. Ela viu preocupação, mas também outra coisa. Viu um brilho áe empolgação em seus olhos, e percebeu que não o estava convencendo de maneira satisfatória.

— Olha, Tom, sei que parece completamente ridículo agora, Fiz pape! de idiota. O Sr, Hodder e sua família aparentemente ficaram com uma das garotas da Fundação Allium por um período, Acho que acabou não dando muito certo, mas ele só tinha elogios a Hugo. Estou muito constrangida com isso. Por favor, não podemos simplesmente esquecer?

— Você sabia que Hugo pediu que Jessica destruísse todos os documentos relacionados às garotas desaparecidas?

Laura ficou chocada. Ela não sabia, mas de algum modo fazia muito sentido. Hugo era um cretino, mas um cretino esperto. Tom não deixou a expressão dela passar despercebida.

— Você não sabia, não é? Ele também combinou de pagar 8 mil libras por mês a Jessica como um “pequeno bônus” para fazer algo que ela não quer nos contar. Ele a pagava em dinheiro, e isso explica para onde ia uma boa parte daquelas 20 mil libras que ele retirava por mês. Depois você contratou um detetive particular para seguir Hugo. Ele descobriu e sem dúvida a ameaçou. Daí você foi falar com o chefe de polícia. Como estou indo até agora?

Muito bem, pensou Laura. Bem até demais. Mas ela não disse nada e o fitou calmamente, esperando esconder a surpresa que teve ao saber para onde ia grande parte das 10 mil libras de que ela não tinha conhecimento.

— Bem, aqui vão as boas notícias. Acabei de receber um telefonema de um dos meus colegas que está no escritório da Allium. A agradável, porém um tanto preguiçosa Rosie acabou de admitir que a pilha com os detalhes sobre as garotas parecia muito grande para destruir na fragmentadora de papéis, então ela escondeu as caixas. Meu pessoal está verificando tudo, a começar pelos cinco últimos anos.

Tom parecia animado. Ele achava que isso forneceria todas as respostas, ela podia perceber.

Quase sentiu pena, mas ele ainda não tinha terminado.

— Laura, preciso que me diga. Você ainda acha que foi uma ilusão? Não acha, não é? Nunca achou, Mas o que não entendo ê; se achava que algo estava acontecendo com as garotas, por que não disse algo quando ficou sabendo que Danika estava desaparecida?

Ela não sabia quantas mentiras mais seria capaz de contar a esse homem, Mas ele tinha uma filha. Talvez entendesse.

— Não vi motivos para contar; achei que faria mais mal do que bem. Hugo está **morto,** então seria tarde demais para salvar as meninas que já desapareceram, e ele não pode fazer mais nada, não é? Seria muito melhor se você não investigasse isso. Eu precisava proteger Alexa. Fiquei em silêncio pelo bem dela. Ela tinha que ser minha prioridade. E elas estão a salvo agora, as garotas. **Têm** que estar,

Ela de repente foi assolada pela culpa. Sabia muita coisa, mas não o bastante. Meses atrás, tivera certeza de que a polícia tomaria alguma atitude, mas acabara indo parar de novo em uma instituição psiquiátrica. Devia ter contado todas as suas suspeitas quando soube que Danika havia desaparecido, mas presumiu que seria tarde demais, ou que a menina estaria em segurança agora que Hugo estava morto. Optou por ficar em silêncio para proteger Alexa. Mas Tom era esperto demais para deixar isso passar.

— Espere um pouco, Laura. Você disse que, em suas ilusões, imaginava que algo "devia estar acontecendo" com as garotas e que Hugo "podia" estar envolvido. Mas parece que você tinha

certeza de que algo estava acontecendo. Quando Danika reapareceu, ela nos disse o motivo de ter ficado fora. Outra de suas amigas havia sumido recentemente. Mirela Tinescy. E ela deixou um bilhete, um bilhete no qual ninguém acreditou. Ela ainda está desaparecida, Laura. Se Hugo a levou, o que acha que fez com ela?

Tom a fitava com tanta empatia que Laura teve vontade de chorar. Os olhos dele estavam repletos de aflição, e ela sabia que ele estava imaginando a vida dela com Hugo e os anos passados na casa de saúde. Ele se levantou e foi sentar ao lado dela no sofá, virando o corpo para encará-la.

Ele esticou o braço e pegou nas mãos frias dela. Falou com uma voz extremamente gentil:

— Laura, James Sinclair pediu para Becky pegar o laptop de Imogen no quarto. Ao lado dele havia uma carta. Escrita por você.

Ele gentilmente aqueceu as mãos dela enquanto falava, sem tirar os olhos compassivos de seu rosto nem por um instante.

— E eu sei o que estava escrito.

30.

DEZEMBRO DE 2006

Cara Imogen,

Hoje foi um dia muito peculiar. O clima estava tempestuoso e chovia muito, mas de repente surgiram vislumbres de raios de sol. Mas não estava quente o suficiente para sair no jardim e terminar de arrumar tudo para o inverno. Sei que temos jardineiros, mas se eu não fizer nada, vou enlouquecer de verdade!

Então fiquei o dia todo olhando pela janela, desejando estar de volta à Itália. Pelo menos lá eu posso manter meus demônios afastados. Aqui, eles me confrontam o tempo todo. Então pensei em você, minha querida amiga há tempos perdida.

Já estou de volta a .Ashbury Park há um ano, mas ainda tenho que tomar muito cuidado. Não posso sair da linha. Tenho que parecer intimidada e totalmente controlada por Hugo. Estou aqui por um motivo, apenas por um motivo. E eu ainda não te contei sobre isso. Acho que não suporto vê-lo por escrito, para ser sincera, Eu devia mesmo ter ido para a Itália. Só fiquei essa semana porque achei que Hugo queria que eu ajudasse a preparar as coisas para o Natal e principalmente comprasse presentes para Alexa. No fim das contas, ele parece irritado por eu estar aqui.

Quase não nos vemos mais, o que está bom para mim. Hugo sai regularmente e fica fora com frequência. Às vezes ele parece muito animado com a perspectiva do que vai acontecer à noite, então só consigo imaginar que ele tenha uma amante. Coitada. Depois de me pedir para ficar aqui para organizar as compras, ele telefonou de manhã para dizer que ficaria fora por uns dois dias. E não queria ser contatado. Parecia muito zangado com alguma coisa, mas pelo menos hão preciso atuar em nenhuma performance digna do Oscar hoje à noite.

Então me acomodei perto da lareira com uma taça de vinho e um bom livro. Foi quando tocou o interfone do portão. Fique surpresa por um momento. Ninguém vem aqui sem ser convidado, e os convites são raros. Achei por um instante que pudesse ser você!

Quando atendi, era uma voz desconhecida.

"Olá. Eu gostaria de falar com Sir Hugo Fletcher, por favor. Meu nome é Danika Bojin."

"Sinto muito, mas meu marido não está. E receio que ele não goste de falar de trabalho em casa. Talvez fosse melhor ir até o escritório."

"Já fui lá ante ontem, mas ninguém me ajuda.Você é a esposa dele? Por favor, pode me ajudar?"

Eu não tinha ideia do que se tratava, mas estava frio, úmido e escuro lá fora, e a menina parecia muito perturbada. Tinha uma aparência muito jovem pelo monitor. Senti pena dela e a convidei para entrar.

Acontece que ela tinha ido falar com Hugo sobre uma amiga que estava desaparecida. Ela sumiu, e Danika não acha que ela teria ido embora sem falar nada, então suspeita de que algo tenha acontecido com ela. Dava para ver que a menina estava muito preocupada.

Fiquei impressionada com sua lealdade — ela veio até aqui só para tentar falar com Hugo, e deve ter andado pelo menos 5 quilômetros na chuva. Ela fala nossa língua muito bem. Não fiquei surpresa ao saber que era uma excelente aluna. Que trágico ter sido arrastada para uma vida de prostituição. Minha vida é triste, mas não é nada se comparada com a história dessa menina. Ela estava muito ansiosa.

"Sei que me disseram para não vir aqui, e eu sinto muito, mas não sei o que fazer. Alina não iria embora sem contar para a gente. Ela estava feliz la onde mora. Alguma coisa aconteceu com ela. Sei disso."

"Tem alguma ideia de se ela pensava em ir embora?"

Danika pensou um pouco. Ela parecia muito preocupada. "Eu não sei. Da última vez que nos encontramos, ela parecia feliz demais. Sorriso grande e olhos

brilhantes. Mirela também notou. Então perguntamos o que era, e ela

falou que tinha um segredo, mas não podia contar. Achei que ela tinha se apaixonado pelo homem da família, então perguntei. Ela riu e disse que eu estava enganada. A família era maravilhosa e ela queria que nunca ficassem zangados com ela. Queria ficar com eles até encontrar um homem que cuidasse dela direito, entende? Talvez tenha encontrado, mas não acho que ela iria embora sem dar explicações."

Eu queria muito ajudá-la, mas não sabia como. Só consegui pensar em dar a ela algo parra comer e beber. depois arrumar um carro para levá-la para casa, Mas prometi fazer o possível para descobrir o que poderia ter acontecido com sua amiga. Fiquei muito constrangida com minha falta de connecimento sobre a Fundação Allium.

"Você conheceu meu marido, Sir Hugo?"

"Ah, sim, Todas nos conhecemos. Ele vem falar com a gente quando chegamos à Allium. Ficamos em fila, e ele escolhe algumas para conversar,"

"Ele conversou com você?"

"Não. Fiquei triste com isso. Mas conversou bastante com Alina, e também um pouco com Mirela. Mas comigo não.Talvez eu seja muito feia."

"E claro que você não é feia, Danika.Tèm alguma foto dessas duas amigas?"'

"Não. Mas elas tiraram fotos. Devem estar nos escritórios da Allium."

Desde que Danika foi embora, fiquei pensando muito sobre o que poderia fazer. E resolvi. Aqui está uma oportunidade cie ajudar alguém. De fazer algo útil. Se Jessica não pode se dar ao trabalho de ajudar Danika, eu vou ajudar. Não vou contar a Huqo. porque ele arrumaria algum motivo pura me impedir. Mas não vejo por que ele poderia se importar. Afinal, não tem interesse no desaparecimento dessas garotas.

Deixarei essa carta em aberto, assim poderei contar o que for acontecendo em minha investigação!

*** * * ***

Passaram-se seis dias desde que Danika veio e eu resolvi que, como Hugo estava íom de novo, eu iria até a Allium ver o aue podia descobrir sobre a amiga de Danika, Aline. Não posso ir ao escritório quando Hugo está lá, então é a primeira oportunidade que tenho.

Quando cheguei na Egerton Crescent, fui direto para o apartamento e dei de cara com Rosie. Ela costuma deixar papéis no mesa que Hugo tem lá. Ele os analisa à noite, com os luminárias acesas e um uísque puro malte ao lado.

Eu costumava considerar uma glória sentar ali e só ficar observando-o. Isso foi há muito íempa.

Chamei Rosie cara tomar um café comigo, Ela é uma boa garota, mesmo sendo um pouco obcecada com compras.

Expliquei por que estava lá, e ela me disse que Danika e Mirela naviam estado no escritório uma semana atrás, o que eu já sabia. Disse que muitas meninas desaparecem todos os anos, mas nada é investigado se elas deixam algum bilhete, Hugo diz que não há motivo para se preocupar quando elas obviamente vão embora por vontade própria. A amiga de Danika havia deixado um bilhete — então ficava por isso mesmo.

Perguntei a Rosie se ela sabia a data do desaparecimento de Alina. Ela se lembrava de que Hugo estava fora naquele dia, mas só isso. Como ele fica fora vários dias por semana, a informação não ajudou muito. Então uma ideia lhe ocorreu, e ela puxou a agenda em sua direção. Apontou para uma data. "Foi nesse dia. Eu me lembro porque tínhamos acabado de saber do desaparecimento quando a BBC ligou para perguntar se Sir Hugo aceitaria dar uma entrevista para o Panorama — seria um programa especial sobre tráfico de pessoas — e eu não consegui entrar em contato com ele para perguntar."

Perguntei por que ela não conseguiu entrar em contato para dar um aviso tão importante, e ela apontou para algumas letras na agenda — LMF. Rosie explicou que, quando havia LMF na agenda, ela não podia ligar para ele e não devia marcar nenhum outro compromisso no mesmo dia, sob nenhuma circunstância. Ela achou que eu sabia o que significava, mas eu não fazia ideia. O L podia ser de "Laura", eu acho, mas eu não tenho nome composto, e de qualquer modo seria muito improvável que ele registrasse qualquer coisa relacionada a mim como um dia especial.

Enquanto conversávamos, Jessica gritou da escada. Ela não sabia que eu estava lá e certamente não ficaria feliz em saber que estava fazendo todas essas perguntas.

“Outra garota desapareceu, Rosie. Ela deixou um bilhete, mas eu preciso ir falar com a família.Você vai ter que

descer e cuidar dos telefones. Só Deus sabe o que você está fazendo aí em cima!”

Com isso, a porta da frente bateu. Rosie me olhou como se pedisse desculpas e desceu as escadas. Resolvi dar uma olhada na agenda dele. Sei que está “incomunicável” hoje, e com certeza a agenda estará marcada com LMF. Assim como naquela data, três meses antes, quando Alina desapareceu.

Não sei, não... mas é muita coincidência. Ele está fora quando Alina desapareceu, e hoje, quando está novamente incomunicável, outra garota some. Se eu não conhecesse Hugo tão bem — se ele fosse um homem comum — isso nunca teria passado pela minha cabeça.

Mas ele não é.

Resolvi olhar a agenda desde o início. Era estranho. A cada intervalo de alguns meses havia um LMF escrito a caneta e sublinhado. Havia até uma anotação dessas três meses à frente. Mas depois de olhar tudo, percebi que havia outras entradas a lápis que diziam LMF. Então eu desci com a agenda e perguntei sobre das a Rosie. Ela disse que eram aleatórias, normalmente apareciam um dia ou dois antes, e quando ele anotava a lápis, não se importava de trocar a data caso surgisse outro compromisso. Apenas aquelas marcadas a caneta eram fixas e não podiam ser mudadas de jeito nenhum. Mas em ambos os casos, quando o dia chegava, ele não podia ser contatado.

Então a maldita jessica voltou porque havia esquecido uns documentos, Não podia me perguntar o que eu estava fazendo lá, mas seu rosto disse tudo. Eu disse a ela que queria ver as fichas de todas as meninas que haviam desaparecido. Ela se recusou a me ajudar. Eu disse que Hugo havia pedido que eu fizesse isso, mas deu para ver que ela não acreditou.

Preciso saber se existe alguma ligação entre a fuga dessas meninas e o desaparecimento de Hugo por alguns dias, Se ele estiver transformando essas

garotas em suas amantes, mesmo que temporariamente, eu quero saber. Não me importo, pelo menos não como esposa (embora tenha pena das meninas), mas poderia me ser muito útil como munição descobrir que eíe está fazendo isso,

Tive que desistir de Jessica. Sei que ela vai contar a Hugo, então preciso pensar em alguma desculpa.Vou contar a ele sobre Danika, depois dizer que Rosie me explicou sobre as anotações, e fingir que são estou interessada. Mas quero saber o que aquelas letras significam.

Mas preciso ter cuidado. Se Hugo descobrir, estou morta (muito possivelmente no sentido literal).

*** * * ***

Cometi um erro idiota e agora estou muito assustada. Não é como pesquisar para um programa de TV. E a vida real. A minha vida real. E não é só na minha vida que tenho que pensar, Eu me deixei levar por minha esperteza, e não sei o que vai acontecer.

Depois que fui ao escritório da fundação, decidi que a única coisa sensata a fazer era contratar um detetive particular. Fedi para de seguir Hugo. Sempre acreditei que ele tivesse uma amante. Mas e se for algo pior? Preciso saber, Achei que tivesse feito uma pesquisa profunda sobre detetives particulares.

Achei que tivesse encontrado alguém com boa reputação, mas já devia imaginar. Hugo voltou e, é do.ro, ficou intrigado com a minha visita ao escritório. Jessica não tinha perdido tempo. Acho que disfarcei bem, mas ele me disse com todas as letras que a fundação não era da minha conta, e eles seguem procedimentos que eu desconheço.

E então aconteceu uma coisa terrível. Hugo havia contratado um guarda-costas para acompanhá-lo à noite. Eu devia ter percebido que ele não pretendia fazer nada, uma vez que estava acompanhado de uma potencial testemunha, mas fui burra e pedi para o detetive segui-lo assim mesmo, e ele foi pego! E não foi só isso: ele contou a Hugo, certamente depois de certa persuasão, que eu o havia contratado.

A fúria de Hugo foi tamanha que nem sou capaz de descrevê-la. E não consegui encontrar nenhuma desculpa razoável. Não podia dizer que estava preocupada que ele tivesse uma amante. Ele sabe que eu ficaria muito satisfeita.

Não consegui pensar em nada para dizer. Só fiquei lá sentada e deixei a torrente de abuso verbal desabar sobre mim.

Nunca o vi tão furioso — ainda mais furioso do que na vez em que me trancou naquele quarto.

E agora acho que ele está tentando resolver o que fazer comigo. Preciso agir, e rápido. Não por mim, não me importo mais. No entanto, não é só minha vida que está em jogo.

Preciso contar a alguém. Preciso fazer alguém entender. Não adianta contar a você — o que poderia fazer? E eu não tenho nenhum outro amigo. E se contar a minha mãe ou a Will, não sei o que Hugo faria. Ele daria um jeito de fazer com que eles perdessem toda a credibilidade, possivelmente alguma coisa terrível. Então precisa ser uma pessoa com autoridade. Precisa ser alguém que me proteja, e não só a mim, é claro. Ah, eu sei o que Hugo vai dizer. Ele vai apontar novamente para meu estado depressivo e justificar minha imaginação fértil. Preciso ser convincente — e tudo isso sem nenhuma prova para mostrar.

Já decidi. Vou contar à polícia. Ter casos com prostitutas não é ilegal, sei disso, mas se elas estão desaparecendo, eles terão que investigar. Tem um chefe de polícia que encontrei algumas vezes em jantares beneficentes. Theo Hodder.

Vou contar a ele.Vou contar tudo. E ele vai ter que fazer alguma coisa.

E vou deixar essa carta em um lugar que só você poderia encontrar, Imo, caso alguma coisa aconteça comigo. Tem um lugar em que Hugo nunca pensaria em procurar, mas você sim. Quem imaginaria anos atrás, quando fizemos um buraco naquele exemplar antigo de O jardim secreto para esconder meu diário, que eu precisaria usá-lo novamente?

Na verdade, todas as cartas que escrevi para você estão escondidas lá — então se está lendo isso, o que terá acontecido comigo?

É provável que eu não tenha dito muitas vezes, Imo — mas amo muito você. E sinto muito, muito mesmo. Bjs

31.

EM UMA PEQUEMA VILA EM CRETA

A menos de 3.200 quilômetros, na ilha de Creta. um pequeno grupo de turistas de meia-idade em férias tomava um aperitivo antes do almoço em um pequeno bar na encosta de uma colina, bem longe do movimento. Embora já estivesse mais próximo do fim do ano, o sol estava quente o bastante para se sentarem do lado de fora ao meio-dia, e o clima ainda estava árido, esperando as chuvas de inverno.

— Esse lugar foi um achado. Olha essa vista! — exclamou uma mulher.

— Aposto que a comida também é boa. Veja, alguns habitantes locais estão entrando; normalmente é um bom sinal. Pelo menos é o que dizem.

— Só mais três dias e já temos que voltar para a chuva.

— Diante dessa agradável observação... saúde, pessoal!

Os dois casais continuaram conversando amigavelmente sobre as fé- -rias e sobre algumas das pessoas que conheceram, as esposas fazendo observações maldosas e veladas sobre uma mulher particularmente gla-morosa com quem pegaram seus maridos conversando no bar, O casal de moradores locais nem pediu o cardápio e recebeu um prato de comida que parecia deliciosa. Estavam concentrados apenas neles mesmos, e falando baixo em uma língua que o grupo de ingleses imaginou ser grego. Diferentemente dos britânicos, que falavam alto achando que ninguém entenderia o que estavam dizendo.

— Mas vou dizer uma coisa — comentou um dos homens —, é bom fugir um pouco das notícias. E tão deprimente. Bombardeio no Paquistão, bancos quebrando, políticos repulsivos tentando reconquistar nossos votos enquanto se apunhalam pelas costas. Pelo menos aqui podemos relaxar. Sei que é meio alienante, mas prefiro não saber de nada disso quando estou de férias.

A esposa dele colocou o copo sobre a mesa.

— Mas bem que eu gostaria de saber o que está acontecendo no caso do assassinato de Hugo Fletcher. Perdemos toda a história. Mal pude acreditar quando vimos a notícia no aeroporto. Quem desejaria matar um homem como ele? Aposto que teve algo a ver com mulher. Ele era bonitão, não era?

A outra mulher concordou.

— Ele tem uma filha também. Deve ter uns 11 ou 12 anos, eu acho. Pobrezinha.

Tentando mudar de assunto, o homem mais rechonchudo apelou para um tópico mais agradável.

— Por que não esquecemos as notícias por um tempo e desfrutamos desse lugar maravilhoso?

Certo? Vamos pedir algo para almoçar. Eu quero o mesmo que eles. — Ele apontou rudemente para a única outra mesa ocupada.

O casal de gregos não disse nada. Seus olhos se encontraram, e o homem estendeu a mão e acariciou o braço da mulher sentada à sua frente.

Eles se levantaram em silêncio, o homem deixou uma nota de 20 euros sobre a mesa. Os pratos ainda estavam pela metade.

32.

A equipe da polícia não demorou muito para vasculhar os arquivos sobre as garotas da Fundação Allium, desaparecidas ou não. Havia uma sensação de urgência, como se todos soubessem que algo estava prestes a acontecer, Tom recebeu o importante telefonema quando ainda estava em Oxfordshire. Ele não parecia muito contente com o que sabia! que teria que fazer em seguida.

— Laura, não sei como vai reagir a isso, então, por favor, sente-se. E melhor ter alguém com você. Quer que eu chame sua mãe ou seu irmão?

— Não, obrigada. Prefiro ouvir sozinha, seja o que for.

Ele voltou a se sentar ao lado dela. Queria segurar suas mãos novamente, mas sabia que não seria apropriado. Em vez disso, tentou ao máximo transmitir profunda compaixão em um tom de voz caloroso,

— Sinto muito, Laura. Não é sempre que estar certo é a melhor opção, mas nesse caso acho que é verdade. E parece que você estava certa sobre Hugo. Ainda há uma pequena chance de não passar de coincidência, mas é muito improvável. Em todas as datas, ou próximo a elas, marcadas por Hugo na agenda com EME nos últimos cinco anos, uma garota desapareceu. Todas deixaram bilhetes, então não houve investigação,

Laura abaixou a cabeça, como se sentisse muita vergonha por ser associada a esse homem e ao que ele fez. Não disse nada. Tom continuou:

— Apenas Rosie estava em posição de fazer essa relação, e os intervalos eram bem longos, pelo menos nos primeiros anos, E claro, outras meninas desapareceram entre essas datas, mas acho que podemos presumir que elas não têm nenhuma relação com o caso. Como nem sempre o desaparecimento era comunicado imediatamente, é compreensível que ela não tenha percebido o que eles significavam. E por que ela *imaginaria* que o chefe tivesse algo a ver com isso?

Ele ficou em silêncio por um instante, dando a Laura espaço para pôr em ordem seus próprios pensamentos, se aquilo fosse realmente possível Finalmente, ela levantou a cabeça. Seu rosto não mostrava nenhum sinal de surpresa diante dessas revelações, e estava claro para Tom que ela sempre soube que algo estava acontecendo. Que outro motivo a levaria a denunciar o marido a um chefe de polícia?

E por que Theo Hodder não fez nada? Ele fez essa pergunta a Laura.

Ela deu de ombros.

— Ele se recusou a me ouvir. Disse que Hugo era um santo, e nada que eu dissesse poderia convencê-lo do contrário. Mas eu não tinha me dado conta de como ele e Hugo eram próximos.

Tom ficou um pouco confuso com a observação.

— O que quer dizer com “próximos”? Eu não sabia que eles eram amigos. Você deve saber que Hodder não é um homem muito popular e é até odiado em alguns lugares.

— Acho que ele devia um favor a Hugo. Mas não sei mais do que isso. De maneiras que nunca poderei explicar a você, ele acabou me fazendo algo bom.

Por mais perplexo que tenha ficado com esse comentário, Tom tinha mais a revelar. Estava certo de que, agora que estava tudo às claras, Laura ajudaria.

— Achamos que LMF representa um lugar. As datas sublinhadas correspondem aos dias dos desaparecimentos, então estimamos que as anotações a lápis devem

ser os encontros subsequentes, mas não temos certeza. Pedimos para Brian Smedley fazer uma lista de todas as propriedades pertencentes à empresa para ver se conseguimos alguma relação. E também estamos procurando hotéis com essas iniciais.

Ele ficou decepcionado ao ver Laura menear a cabeça.

— Ele não iria a um hotel. Poderia ser reconhecido.

Impaciente, Tom fez um último apelo.

— Sei que temos que resolver esse mistério para decifrar o assassinato. Se sabe de mais alguma coisa, precisa me contar.

— Eu não sei de nada. Sempre foi suposição da minha parte. O que eu sei é que vocês devem procurar um lugar remoto. Um lugar em que ele não fosse reconhecido. Onde ninguém pudesse vê-

lo entrando' e saindo.

— A questão, Laura, é que se as garotas iam com ele por vontade própria, o que você acha que acontecia quando ele se cansava delas; ou melhor, o que deve ter de fato acontecido, pois ele aparentemente levava uma nova garota a cada três meses? E isso seria motivo para assassinato? Não seria a primeira vez que alguém morre nas mãos de uma mulher desprezada.

33.

Laura tinha a sensação de que um ano havia se passado desde que Imogen fora levada para a delegacia, então quando ela viu um carro da polícia parar na entrada e Imogen, esgotada, sair do banco de trás, seu alívio foi imenso. Ela correu para abrir a porta.

— Imogen! Você está bem? Fiquei tão preocupada. O que eles perguntaram? O que você disse?

Ela deu um abraço bem apertado na amiga. Apesar da cordialidade e da compreensão de Tom, quando ele saiu com Becky para voltar para a Scotland Yard, recusou-se a dizer quando poderia esperar que Imogen voltasse. Pediu simplesmente que tivesse paciência.

Imogen se soltou do abraço e olhou para Laura com tanta preocupação que o pânico quase a envolveu novamente.

—- Estou bem. Mas e as cartas? E as malditas cartas? Minha nossa, me desculpe. Tinha uma na minha cama! Eles viram quando vieram pegar o laptop?

Um pouco mais relaxada, Laura respondeu.

— Becky encontrou. Era aquela sobre Danika. Conversei com Tom sobre isso, depois eu conto.

Imogen soltou um suspiro audível.

— Graças a Deus eu tinha destruído as primeiras! Mas e o resto, as que você escreveu depois?

— Estavam na sua gaveta, e eles não perguntaram se podiam fazer uma busca no quarto. Então eu rasguei todas. Você já sabe quase tudo mesmo. Eram sobre as coisas que contei quando estava internada.

Imogen olhou intensamente para Laura.

— Imaginei que as últimas cartas preencheriam as lacunas, e há algumas. Quando vai me contar o resto? É como se tivesse me dado um quebra-cabeças sem a peça fundamental para dar sentido à imagem.

— Sinceramente, é melhor você não saber de tudo até isso terminar, de um jeito ou de outro.

Laura sentiu que Imogen não se contentaria com isso, então mudou rapidamente de assunto.

— Bem, Imo, e você? Foi mesmo terrível?

“Ah! Dizer que foi uma experiência traumática seria muito pouco.

— No entanto, Imogen não estava muito concentrada na conversa. Olhava à sua volta. Elas ainda não haviam saído do corredor, e Imogen parecia estar tentando olhar por sobre o ombro de Laura. Não foi surpresa alguma quando ela fez a pergunta inevitável.

— Onde está Will?

Ele ainda ocupava o primeiro lugar nos pensamentos de Imogen, e ela estava prestes a se decepcionar com a resposta de Laura.

— Nós todos ficamos muito irritados e agitados, então ele levou minha mãe para comprar comida. Sabe como ela é: uma boa refeição quente e todos os nossos problemas estão resolvidos.

Vou ligar para ele e avisar que você chegou.

Laura se aproximou do telefone, mas Imogen estendeu o braço para impedir que ela ligasse.

—- Deixa para lá, querida, se não se importar. Sabe do que eu preciso? De um gim-tônica bem forte e de um banho bem quente para tirar o fedor da sala de interrogatório. Só posso dizer que muita gente culpada deve ter passado por lá, a julgar pelo cheiro de suor rançoso. — Imogen tentou rir. — Estava impregnado nas paredes. Mas venha conversar comigo, porque preciso desabafar.

Diferente de algumas pessoas por aqui, prefiro compartilhar as coisas.

Ignorando o comentário maldoso, Laura se ofereceu para pegar o gim enquanto Imogen entrava na banheira. Ela gritou enquanto Imogen subia:

— Use o meu banheiro, Imo. Tenho uns produtos ótimos da Jo Ma-lone. Limão, manjericão e

tangerina. Eles vão tirar qualquer odor que tenha ficado. Use o que quiser.

Laura resolveu dar um tempo para Imogen encher a banheira e ficar alguns minutos imersa em paz. Na adolescência e no início da vida adulta, todos os problemas dela pareciam ser resolvidos com banhos de banheira. Aparentemente, nenhuma das duas queria interromper o hábito, e um longo banho parecia curar a maioria das doenças.

Ela fatiou um limão para colocar na bebida da amiga, do jeito que ela gostava, e acrescentou um limão siciliano à sua. Servindo uma medida quádrupla de gim Bombay Sapphire e apenas um toque de água tônica, ela colocou os copos sobre uma bandeja. Estava desesperada para saber o que havia acontecido, mas sabia

que Imogen não se deixaria pressionar.

Batendo de leve, Laura abriu a porta e ficou feliz ao ver que Imogen havia aceitado sua oferta e o quarto estava cheiroso e convidativo. Ela tinha submergido o cabelo na água por medo dos persistentes odores, e seu rosto estava bem limpo. Nada parecido com o visual sutilmente refinado de Imogen. Exposta desse jeito, Laura via nos olhos dela evidências do suplício pelo qual havia passado mais cedo. Ou talvez, refletiu, o que estava testemunhando era simplesmente uma indicação da agonia de Imogen desde a perda de Will. Hugo tinha muito pelo que responder, mas a consciência de Laura estava longe de estar limpa. Não se passava um dia em que ela não se arrependesse do fato de ter optado por não acreditar na amiga.

Forçando-se a dar um sorriso tranquilizador, Laura colocou a bebida em um lugar de fácil alcance na lateral da banheira e se sentou em um banquinho no banheiro.

Imogen rompeu o silêncio.

— Obrigada por me dar um pouco de espaço. Sei que você estava enlouquecendo! Mas está tudo bem. Está mesmo. Houve um problema porque eles descobriram que uma Imogen Dubois pegou o trem de Paris para St. Pancras e depois voltou em um intervalo de poucas horas. A polícia está convencida de que era eu, mas não tem como provar. E mesmo se tiver, só poderá provar que eu estava em Londres. Eu poderia ter sentido uma necessidade urgente de algo da Harrods, por exemplo. Não há nada que me relacione a Hugo. A única coisa que eles esperavam era uma confissão.

Laura bebericou seu drinque em silêncio, esperando Imogen continuar.

— É claro, não pode haver prova alguma no apartamento, e eles nunca encontrarão nenhum rastro de conversa minha com Hugo. Então o que podem fazer? Ah, eles têm gravações de circuito interno de TV da pessoa que “querem interrogar”, e essa pessoa se parece comigo. Mas a imagem não é clara, e não há nada em nenhuma outra câmera; então neguei tudo.

A representação de coragem de Imogen era impressionante, mas Laura a conhecia muito bem.

— Foi muito ruim, Imo? Sinto muito por ter precisado passar por isso. Eu

poderia ter evitado, e **teria,** sem hesitar nem por um instante. Espero que saiba disso.

Imogen esticou a mão coberta de espuma e deu um tapinha no joelho de Laura.

— Não seja boba. Se eu tivesse feito o que tinha que fazer e embarcado naquele avião para o Canadá, tudo estaria bem. Então a culpa é minha mesmo. Eu sei disso, e sinto muito. E não coloquei só a mim mesma em perigo, não é?

Antes que Laura pudesse responder, alguém gritou das escadas.

— Laura? Onde você está? Alguma notícia de Imogen?

Will havia chegado, certamente chateado e preocupado como sempre. Elas ouviram seus pés subindo os degraus. A porta do quarto de Laura se abriu. Como Laura não havia fechado a porta do banheiro, Will pôde ver imediatamente que havia alguém na banheira.

— Ah, desculpe. Eu fico aqui fora e você grita para mim. Só me atualize com o que está acontecendo com Imo.

— Não é a Laura, sou eu, seu tonto. Não reconhece a própria esposa? Pode entrar, tem muita espuma.

— Desculpe. Você parecia a Laura com o cabelo para trás desse jeito.

Will não conseguiu disfarçar a satisfação por Imogen ter voltado em segurança, e o rosto dela foi tomado por um brilho que não tinha nada a ver com a atmosfera quente e úmida do banheiro. Laura sempre se impressionava por Imogen ainda se referir a si mesma como esposa de Will e também por ele não parecer se importar. Ela achou que era um momento apropriado para deixá-los a sós, e cedeu seu lugar no banquinho para Will.

— Por mais que eu saiba que vocês dois se conhecem muito bem, se me dão licença, acho um tanto desconfortável ficar aqui sentada enquanto minha melhor amiga relaxa na banheira conversando com meu irmão. Sem dúvida é outro indício da minha natureza frígida, vejam só.

Laura sorriu para retirar qualquer pungência das palavras, e ao sair do quarto não ficou surpresa ao ouvir o comentário confuso de Will.

— Frígida? Do que ela está falando?

— Você não vai querer saber.

Laura desceu para a cozinha, onde sabia que encontraria Stella preparando algo para tentá-los.

Seus nervos estavam em frangalhos, e ela ficou imaginando qual seria a próxima bomba.

Não precisou esperar muito para descobrir.

Laura mal teve tempo de contar a Stella, aliviada, que Imogen estava de volta quando a frágil paz foi quebrada pelo toque do interfone. Ela atendeu na cozinha e olhou para a tela. Ficou surpresa ao ver uma mulher de meia-idade mal-ajambrada, com cabelos desgrenhados levemente grisalhos.

— Alô, em que posso ajudá-la?

O rosto olhou diretamente para a câmera, obviamente não familiarizado com esse tipo de tecnologia. Estava completamente escuro do lado de fora, e o rosto branco contra o fundo preto parecia assustador, o nariz distorcido com o dobro do tamanho normal ao ser pressionado junto à lente.

— Estou aqui para falar com Lady Fletcher.

A voz certamente tinha um tom de classe alta, que não combinava bem com a imagem na tela.

Laura resolveu ser cautelosa.

— Posso perguntar do que se trata, por favor?

— Não, não pode. Desejo falar com Lady Fletcher e apenas com ela.

Stella, que podia ouvir tudo devido à voz alta que vinha de uma boca que devia estar a menos de um centímetro do microfone, ergueu as sobrancelhas e olhou para Laura.

— Lady Fletcher não está recebendo visitas no momento, sinto informar.

— Não sou visita, sou da família.

Laura olhou para Stella com desconfiança, mas sua mãe apenas deu de ombros. Não era ninguém que reconhecesse de seu lado da família. Mas Laura não queria parecer grosseira.

— Eu poderia informar seu nome a Lady Fletcher, por favor?

— Apenas diga que é imprescindível que eu converse com ela. Diga que é Beatrice.

Perguntando-se se esse dia poderia ficar ainda mais surreal, Laura pressionou o botão para abrir o portão e se virou para a mãe.

— É a irmã de Hugo.

— Eu nem sabia que ele tinha uma irmã. Ela não estava no casamento, estava?

— Não a conheço. Ela fugiu de casa quando tinha uns 15 anos e está desaparecida há quarenta!

Laura foi abrir a porta da frente para receber Beatrice, Ficou surpresa com a pessoa que viu se aproximando da casa. Suas roupas eram casuais e modestas, beirando ac desmazelo. Vestia calças largas pretas e uma malha branca de manga comprida com uma parca vermelha por cima, e ela dava passos firmes com o que parecia um par de tênis velho. Tinha também uma sacola verde pendurada no ombro. Sua entonação podia ter mantido parte do padrão da classe alta britânica, mas as roupas e a aparência em geral destoavam da voz.

— Minha nossa, eu tinha me esquecido de como a Inglaterra é fria, E de como essa casa é sombria. Como aguenta? Posso entrar?

Sem palavras, Laura deu um passo para trás, abrindo bem a porta.

Beatrice entrou no corredor e ficou parada, olhando em volta.

—- Que odioso e deprimente. Nada mudou, exceto pelo arminho repugnante que não está mais aqui, Lugar medonho. — Ela estremeceu visivelmente. — Pensei que não voltaria nem em í milhão de anos. Tem algum gim nesse mausoléu?

Laura ainda não havia dito nada, Não sabia muito bem o que falar; mas tinha alguma coisa nessa mulher estranha que lhe agradava. Talvez fosse a opinião que compartilhavam sobre a casa.

— Tem sim, é claro. Por favor, espere na sala de estar e eu vou servir algo a você. Gostaria de comer alguma coisa?

— Era você naquele interfone, não era? Não a culpo por não querer receber visitas. Eu também não gostaria, Poderia dizer que sinto muito por sua perda, mas você parece uma garota sensata, então não vou gastar saliva. E não, não vou esperar na saia,,, lugar bem funesto e soturno, se bem me lembro. Vou para a cozinha, se você não se incomodar.

— É claro. Mas minha mãe está na cozinha, Espero que não se importe.

— Ela veio consolar você, não é? — Beatrice soltou uma gargalhada.

*** * * ***

Laura realmente não sabia o que pensar disso tudo, e estava até feliz por sua mãe estar lá para ajudar.

Feitas as apresentações, Stella se ocupou de servir as bebidas, e houve um momento de silêncio.

Como se iniciava uma conversa com alguém cujo irmão acabou de morrer, mas que não tinha contato com ele há décadas? Beatrice parecia estar observando tudo: o desconforto de Laura e o cuidado meticuloso de Stella para preparar um simples gim-tônica. Qualquer coisa para evitar uma conversa constrangedora, ao que parecia.

No final, Beatrice quebrou o silêncio tenso.

— Fiquei sabendo hoje de manhã o que aconteceu com Hugo. Fui direto para o aeroporto e peguei o voo à tarde. Achei que seria melhor.

Beatrice olhou para as duas mulheres como se quisesse medir sua reação. Laura franziu o cenho para a mãe, desejando que ela dissesse alguma coisa. Mas antes que Stella tivesse chance de falar, Beatrice continuou:

— Imagino que queiram saber um pouco sobre mim, não é? Hugo contou que eu fugi há muitos anos e nunca mais fui vista? E a mais pura verdade. Eu precisava sair dessa casa terrível e ficar longe daqueles pais horrendos. Suponho que queiram saber o que aconteceu comigo, não é?

Beatrice havia se sentado de qualquer jeito em um banco alto na cozinha, pernas curtas balançando e cabeça virando de um lado para o outro quando ela olhou primeiro para Laura, depois para Stella.

Laura fez que sim com a cabeça. Sabia que não estava sendo educada, mas não tinha ideia do que dizer à visitante. Nem precisava ter se preocupado.

— Fugi para Newquay primeiro. Era verão. Tinha muita gente, foi fácil me misturar. Alguns meses depois, me mudei para Rhodes, para Lindos, mais precisamente. As pessoas acampavam nas praias de lá na década de 1960, e a vida era fácil. Trabalhei em bares e fiz o que podia para sobreviver. Então conheci meu marido, ele é grego, e nos mudamos para Creta. Estamos lá desde então. A maioria das pessoas acha que sou grega, e eu nunca corrijo. Evito britânicos a todo custo.

Beatrice se apoiou na parede que havia atrás dela e cruzou os braços sobre os grandes seios. Seu rosto simples e redondo não levava maquiagem, e os cabelos grisalhos eram bem curtos. Mas apesar de sua falta de estilo e adereços, Laura a achou estranhamente interessante. Ela era o tipo de pessoa que se orgulhava de deixar tudo às claras, e com base na desonestidade e obliquidade que cercava

essa casa e seus habitantes, isso era um alívio.

— Como você ficou sabendo? Sobre Hugo, eu quis dizer — perguntou Laura,

— Sigo a regra de nunca ler os jornais ingleses, e nós não assistimos a canais britânicos, então normalmente não tenho a mínima ideia do que está acontecendo. Mas até em Creta as notícias correm no boca a boca, normalmente passadas pelos detestáveis turistas. Eu já tinha ouvido sobre a fundação de Hugo. Bem como eu esperava, na verdade, dados os gostos e predileções de nosso pai.

Ela fez uma expressão de repulsa, como se estivesse sentindo um cheiro ruim.

— Mas só soube hoje de sua morte. Uns ingleses espalhafatosos estavam fofocando sobre ele.

Fingiram preocupação, mas claramente estavam mais interessados em um possível escândalo!

Laura ficou horrorizada. Ela devia ter tentado descobrir se alguém sabia como entrar em contato com Beatrice. Talvez os advogados soubessem. O mínimo que poderia ter feito era tentar encontrar a última parente de Hugo.

— Sinto muito por ter ficado sabendo dessa forma — desculpou-se ela. — Deve ter sido um choque terrível. Se eu soubesse como entrar em contato com você, teria contado pessoalmente, mas eu não tinha ideia de que estava em contato com Hugo. Ele nunca me contou.

Beatrice soltou outra gargalhada. Ela apontou um dedo atarracado para Laura.

— Você acha que eu voltei para me despedir do irmão que não vejo há tempos? Não tivemos contato desde o dia em que eu fui embora e, francamente, se ele era a pessoa que eu suspeito que era, seria preferível fazer um brinde a seu falecimento. Não. Eu não vim por ele.

Beatrice olhou intensamente para Laura, e sua voz suavizou.

— Só soube hoje que ele tem uma filha. Ouvi dizer que tem 11 ou 12 anos, mais ou menos.

Fiquei preocupada com ela. Preciso saber o que vinha acontecendo e como ela está lidando com tudo. Se Hugo era como o pai...

Laura arregalou os olhos. Ela não sabia o que Beatrice ia dizer, mas com sua mãe ali, não queria correr o risco. Felizmente, Stella não notou seu olhar, mas Beatrice sim. Fazendo um sinal de entendimento com a cabeça, ela continuou:

— Ela é sangue do meu sangue, e só preciso saber o que posso fazer para ajudar a menina.

Beatrice deu um gole barulhento no gim e levantou da banqueta com um sobressalto.

— Laura, eu gostaria de rever esse velho lugar, se for possível. Posso levar a bebida junto?

Dois minutos depois elas saíram da cozinha. Diante da escadaria, Laura parou.

— Gostaria de ver o andar de cima primeiro ou ir aos cômodos do andar de baixo?

— Não seja ridícula. Não tenho o menor interesse na casa, mas ficou bem claro para mim que você não queria que eu falasse do seu marido na frente da sua mãe. Onde está a menina? Ela está bem?

— Ela está bem. Está com a mãe. E uma menina realmente encantadora e você deveria aproveitar que está aqui para conhecê-la. Seja qual for sua preocupação, está tudo sob controle.

Beatrice fez um sinal positivo. Nenhuma das duas sentiu necessidade de explicar mais, e fez-se um breve silêncio.

Quando Beatrice voltou a falar, seu tom de voz era áspero.

— Meu pai e minha mãe eram uns cretinos, sabia? “Estranhos” seria uma palavra educada. Era visível que Hugo estava se transformando em alguém exatamente igual ao meu pai. O que era esquisito, na verdade, porque Hugo o odiava. Eu nunca entendi isso muito bem, uma vez que eram tão parecidos. Estava tão cega pelo ódio que eu sentia por toda a maldita família que não me importei com o que Hugo estava passando. Ele era um menino egoísta que claramente achava que, como preferido da mamãe, tinha algo de especial. Nunca senti falta alguma do canalhi-nha. Mas acho que a culpa não era só dele.

Ela se virou e olhou fixamente para Laura.

— Essa criança sabe a diferença entre certo e errado?

— Não completamente, mas acho que podemos chegar lá. Ela só precisa de um pouco de tempo

agora.

— Entendi. Por que diabos uma garota como você se casou com um porco como Hugo? Não faz o tipo interesseiro. É bem bonita e não parece ser burra, embora eu saiba que as aparências podem enganar.

Laura não conseguiu conter um sorriso. Achou que Beatrice merecia a verdade. Ela tentou explicar como se impressionou com um homem que se dedicava tanto a uma instituição que ajudava mulheres de forma tão evidente. Ela sabia que o havia colocado em um pedestal e não tinha conseguido enxergar seus defeitos, ou havia tentado justificá-los. Hugo era diferente de todos os homens que ela conhecia. Era sofisticado, charmoso e tinha uma vida que alguém como Laura conhecia apenas em sonho. Frequentemente se perguntava o quanto havia sido influenciada por seu dinheiro e poder e odiava a ideia de que qualquer um dos dois tivesse contribuído para a obsessão que teve por ele. E por muito tempo, não reconheceu que a tênue linha que separa consideração e controle havia sido ultrapassada.

Beatrice ouviu com atenção, apoiando o braço no balaústre.

Elas ainda não tinham saído do corredor.

— Eu achei que o amava, Beatrice. Achei mesmo.

— Mas estava errada, não é? — retrucou Beatrice, compassiva.

— É. Eu estava errada. Mas levei muito tempo para perceber. Quando me dei conta, já era tarde demais.

— Como assim, tarde demais? Nunca é tarde demais. Por que não foi embora?

Laura foi impedida de responder a pergunta pelo toque da campainha. Só podia ser a polícia, pois ela sabia que o portão estava fechado. De fato, quando abriu a porta, um ansioso Tom Douglas aguardava ali com Becky Robinson. Tom sorriu para ela como se pedisse desculpas sinceras, mas quando ela olhou nos olhos dele, teve que admitir para si mesma que estava estranhamente satisfeita em vê-lo.

— Sinto muito por incomodá-la tão tarde, Laura. Mas preciso falar com você novamente.

Podemos entrar? — Tom deu um passo no corredor e parou quando viu Beatrice. — Desculpe. Não sabia que estava com visita.

— Tudo bem, Tom. Essa é Beatrice, irmã de Hugo. Beatrice, esse é o inspetor-chefe Tom Douglas.

Tom parecia intrigado.

— Há quanto tempo está no país, Sra....?

— Lekkas. E eu cheguei hoje, então se está se perguntando se eu o matei, a resposta é não, embora a pessoa que fez isso mereça uma salva de palmas!

Laura teve que sorrir ao ver o olhar surpreso de Tom. Era preciso se acostumar aos modos sinceros e diretos de Beatrice, mas Laura estava gostando mais dela a cada minuto. Ele se recuperou rapidamente.

— Talvez você possa ajudar — disse Tom. — Você se importa se sentarmos? Precisamos desesperadamente de algumas informações. — Ele lançou a Laura outro sorriso pesaroso.

— Fico feliz em ajudar no que puder — respondeu Beatrice. — Para onde vamos, Laura? Para a terrível sala de estar?

Sem esperar a resposta, ela saiu andando. Seus calçados faziam aquele chiado peculiar dos tênis baratos. Tom olhou para Laura e ergueu as sobrancelhas com uma expressão interrogativa. Ela deu um sorriso torto, depois se virou e seguiu Beatrice. Ela certamente havia deixado o clima mais leve.

*** * * ***

Quando Tom se sentou na sala, pensou sobre o que a Sra. Lekkas tinha dito sobre matar Hugo.

Parecia impossível que qualquer um o tivesse matado. E todas as pessoas próximas a ele, à exceção de Alexa, demonstravam estar contentes com sua morte. Mas a chegada da irmã de Hugo podia ser o golpe de sorte de que ele necessitava. Percebeu que devia lidar cuidadosamente com essa senhora, no entanto. Ela poderia ficar chocada ao descobrir o que eles estavam averiguando como parte da investigação sobre o assassinato de Hugo.

— Sra. Lekkas, eu...

— Pode me chamar de Beatrice. Perdi todo o senso de formalidade há anos.

— Beatrice. Não quero alarmá-la ou chateá-la sem necessidade, mas temos

algumas suspeitas sobre o comportamento de seu irmão. Contudo, não estamos fazendo muito progresso. Laura, se importaria de colocar Beatrice a par da situação?

Foi Beatrice quem respondeu. Ela podia ter perdido todo o senso de formalidade, mas certamente tinha uma visão firme de sua própria importância.

— Ela não se importa, não é, Laura? Seu nome é Tom? Acho que foi assim que Laura chamou você. — Sem esperar a confirmação, ela continuou. — Eu não ficaria surpresa com nada que me contasse sobre o comportamento do meu irmão. Tal pai, tal filho, se quer saber. Só não sei como ele podia imitar alguém que odiava a olhos vistos. Mas não cabe a nós entender. O que quer saber, inspetor-chefe?

Tom olhou para Laura, que concordou rapidamente.

— Isso mesmo, meu nome é Tom, Mas antes de continuar, Beatrice, posso explorar um pouco aquele comentário que fez? Sobre Hugo odiar o pai? Verificamos as informações sobra a morte de seu pai, e embora a visão geral seja de suicídio5 há muitos indícios que sugerem que tenha sido um crime, daí o veredicto em aberto, Acha que Hugo pode ter sido o responsável?

— Não. Ele não o matou. Ele o odiava, mas não o matou. Próxima pergunta.

“Tem certeza? — insistiu Tom.

—-Absoluta. Se quiser minha cooperação, agradeceria muito se seguíssemos em frente.

Por mais fascinante que pudesse ser. Tom se deu conta de que o passado podia esperar.

— Está bem. Não apenas estamos investigando o assassinato de seu irmão, mas também averiguando a possibilidade de Hugo ter usado algumas das prostitutas resgatadas por sua fundação em benefício próprio. Várias delas estão desaparecidas, e tem que haver uma ligação. Talvez uma mulher desprezada tenha sido a responsável pelo assassinato,

O sorriso de Beatrice não continha humor algum.

— Se eu fosse você, pensaria no pior em tudo que se refere a Hugo, Acho que ele usava as prostitutas de todo jeito que julgasse conveniente, provavelmente desde o início da fundação. Meu pai dirigia uma instituição similar embora em escala muito menor e apenas com garotas locais, mas era totalmente para entretenimento próprio, — Beatrice fez uma pausa. Semicerrou os olhos como se estivesse relembrando acontecimentos desagradáveis do passado. — Ele costumava insistir em estar presente no exame físico de todas as garotas "salvas"— continuou ela. — Já faz muito tempo, e na época, por algum motivo bizarro, era considerado aceitável. 0; mesmo acontecia quando os professores batiam com vara no traseiro de crianças pequenas. Meu pai dizia que ele podia ser considerado um médico, e ninguém precisava se preocupar com sua presença. Na verdade, ele não passava de um pervertido. Então se Hugo estava fazendo algo parecido, eu não me surpreenderia nem um pouco. Só estou surpresa por ele nunca ter sido descoberto.

Ela olhou para Tom, e ele sentiu um traço de vergonha no olhar, como se os pecados dos pais fossem cie responsabilidade dos filhos.

— Se ele fazia delas suas amantes -— disse Tom —, parece que a rotatividade era bem alta, pois uma nova garota era levada a cada intervalo de alguns meses. O que acha que pode ter acontecido com essas jovens quando ele terminava com elas, Beatrice?

Ela pensou por um instante.

— Se está pedindo um palpite, eu diria que ele pagou pelo silêncio delas. Provavelmente as mandou para o mais longe possível também, para que não pudessem se encontrar com nenhuma das antigas amigas. Se ele era mesmo como o pai, faria de tudo para evitar um escândalo.

— Ela balançou a cabeça. Tom achou que devia estar arrependida de ter sido arrastada para isso.

Ele olhou para as duas mulheres sentadas à sua frente. Estava perto, mas ainda faltava a última peça do quebra-cabeça.

— O problema é que estamos tendo muitas dificuldades para provar isso tudo ou rastrear qualquer uma das meninas. Precisamos saber para onde ele as levava e encontrar algum indício que nos coloque na direção certa. Consegue se lembrar de algum lugar de sua infância para onde ele possa ter levado as garotas,

Beatrice? Já exploramos todas as opções.

Tom estava sentado na beirada do assento, impaciente e desesperado por qualquer pista e esperando que seu senso de urgência afetasse todos naquela sala.

Mas Beatrice não parecia ter nada significativo a contribuir.

— Eu só convivi com ele até seus 10 anos, mas se fosse parecido com os pais, imagino que sua fama e reputação eram muito importantes. — Ela olhou para Laura, que confirmou com um aceno de cabeça. — Então não seria em nenhum lugar em que ele pudesse ser descoberto.

Tom recostou na cadeira. Um passo adiante, dois passos para trás, ao que parecia. Era tão frustrante.

— Toda essa teoria sobre as prostitutas desaparecidas estarem envolvidas no assassinado pode ser uma pista totalmente falsa — afirmou ele. — Mas não temos mais nada a seguir no momento.

Ele se virou para Laura. — Becky deve ter dito que interrogamos Jessica, mas verificamos seus registros telefônicos e ela pode provar que estava ao telefone quando Hugo foi morto. Estava falando com a tia, que também já confirmou. Jessica não nos contou porque aparentemente não viu motivos para dar satisfação de seus atos. Veja só que arrogância. E, é claro, não chegamos a lugar algum com sua cunhada. — Ele soube que não era a coisa certa a dizer assim que abriu a boca.

Laura respondeu rapidamente.

— Tom, sei que não acredita nisso, mas tenho cem por cento de certeza de que ela não matou Hugo. Você me disse que o crime teve relação com sexo, e eles se odiavam. Se ela oferecesse sexo a Hugo, ele recusaria. Will é o único homem para ela,

Beatrice interrompeu.

— Com licença, mas quem é sua cunhada e quem é Will?

— Desculpe, Beatrice, Will é meu irmão. A ex-mulher dele foi minha melhor amiga durante muitos anos e está aqui me oferecendo apoio desde que Hugo

morreu. O nome dela é Imogen.

— Obrigada, Laura. — Beatrice fez uma pausa e franziu a testa com uma expressão confusa. —

Imogen. Por que esse nome me lembra alguma coisa? Silêncio, por favor. Preciso pensar, Tom e Laura trocaram outro olhar. Becky estava em silêncio, fazendo anotações durante a conversa, mas até ela levantou os olhos depois desse comentário, olhando rapidamente para 'Tom e depois para Laura com as sobrancelhas erguidas. Dois ou três minutos se passaram, Tom estava começando a ficar agitado. Não havia muito tempo para isso. Quando ele estava prestes a abrir a boca, Beatrice talou novamente.

— Lembrei. Sabia que me lembraria. Quando eu era criança, tinha uma amiga chamada Imogen, Eu tinha me esquecido dela, mas quando estávamos de férias, ela frequentemente me salvava de um destino pior do que a morte.

Beatrice parecia extremamente satisfeita consigo mesma, mas os outros presentes não ficaram nem um pouco impressionados com a revelação, Ela olhou de um para outro.

— Vocês não entendem; é para onde ele levava as garotas. Costumávamos ir a um lugar nas férias, fica a apenas algumas horas daqui, no máximo, e é um local bem privado.

Tom tinha certeza de que seria importante, mas no momento tinha vontade de chacoalhar Beatrice para arrancar a informação dela. Sabia que pareceria exasperado, mas não conseguiu se

conter.

— Onde é, Beatrice? Você ainda não disse onde é!

Ela virou o rosto para Tom, parecendo envergonhada.

— Ah, minha nossa, sinto muito! Fiquei um pouco deslumbrada com minha própria sagacidade.

Depois que minha ria, a irmã da minha mãe, morreu em um acidente de carro junto com o marido, a propriedade deles foi deixada para minha mãe. Nunca

íamos lá quando eles estavam vivos, porque o marido era fazendeiro, considerado de uma classe inferior à nossa.

Tom achou que corria o risco de perder a cabeça com Beatrice a qualquer momento. Contou lentamente até dez. Mas ela ainda não tinha chegado ao clímax da história e parecia determinada a não se apressar.

— Visitamos a fazenda algumas vezes depois que minha mãe a herdou para passarmos nossas supervalorizadas férias de família. Ocasiões terríveis. Foi quando conheci Imogen. Eu sabia que o nome era importante.

Beatrice cruzou os braços com um ar de satisfação. Tom, por outro lado, estava consumido pela impaciência.

— Beatrice, me perdoe por ser grosseiro, mas de que diabos de lugar você está falando? Onde fica a fazenda?

Beatrice mordeu o lábio inferior e fez um gesto com a cabeça, como se estivesse se dando conta de que havia deixado de fora o ponto crucial.

— Ah, sim, imagino que seja útil. Fica perto de Lytchett Minster, em Dorset. Não sei como o lugar se chama de verdade, mas sempre nos referimos à fazenda como Lytchett Minster Farm.

Houve um momento de silêncio. O coração de Tom estava acelerado, e com exceção de Beatrice, ninguém mais deixou passar as iniciais do nome.

O silêncio se rompeu quando Will e Imogen, seguidos por Stella, apareceram na porta —- como se a atmosfera carregada tivesse permeado toda a casa e os atraído como mariposas para a luz. Tom os ignorou grosseiramente e se inclinou para a frente na cadeira, implorando a Beatrice para simplesmente dizer a ele onde, pelo amor de Deus, ele deveria procurar aquela fazenda.

— Beatrice, preciso que me conte o máximo que puder sobre o lugar. Você sabe o endereço? —

perguntou.

— Não. Eu nunca soube.

— Certo. Pode pelo menos descrever, para dar à polícia local algo para começar? Eles têm que localizar a fazenda para nós. Daremos o nome Fletcher para verificarem, mas algo me diz que será uma perda de tempo.

— Ai, Tom, faz tanto tempo. Preciso pensar.

Para a frustração de Tom, ela parou novamente, mas dessa vez foi apenas por alguns segundos.

— Só me lembro que ficava no meio do nada, pelo menos na época, Agora deve estar cercada de casas semigeminadas idênticas.

Embora aquilo não fosse particularmente útil, havia uma onda de empolgação na sala que divergia da seriedade da ocasião. Tom pulou da cadeira.

— Certo. Preciso chegar a Dorsey o mais rápido possível. Becky, entre em contato com a polícia loca! 8 veja se conseguimos identificar a propriedade com a ajuda deles. Beatrice, por mais que eu não quisesse pedir, uma vez que *já* fez uma longa viagem hoje, seria muito útil se viesse comigo.

Pode ficar no carro quando chegarmos, mas se houver alguma dúvida quanto à localização, podemos precisar de sua ajuda. Estaria disposta a fazer isso?

— É claro — respondeu ela. — Sou uma velha raposa durona, sabe. E estou intrigada. Não tenho dúvida de que meu irmão era um cretino nojento, com base em seus pais, mas adoraria estar errada. Pelo bem da filha dele, pelo menos.

Tom olhou para Laura, para ver como as palavras de Beatrice a haviam afetado. Uma coisa era saber que seu marido era um cretino, mas era muito diferente ouvir isso da boca de outra pessoa.

— Não fique tão preocupado, Tom — falou Laura. — Acho que todos nós sabemos o que Hugo era, e existe um fascínio mórbido por isso, não é? Acontece a mesma coisa quando as pessoas passam por um acidente de carro terrível e se sentem compelidas a olhar. Devo ser a única pessoa nessa casa que espera que Mirela apareça em um bar em Brighton e que nada seja encontrado na fazenda além de um refúgio secreto para onde Hugo escapava quando a vida ficava agitada demais.

— Laura fez uma pausa. — Embora eu sinceramente não seja idiota o bastante

para acreditar nisso.

Todos ficaram em silêncio por um instante, cada um reconhecendo uma pontada de culpa pelo frisson de empolgação que estavam sentindo. Tom se virou para Laura.

— Becky a manterá informada, e sei que sua família oferecerá todo o apoio e consolo de que precisa no que deve estar sendo um período-terrível para você. — Tom disse as últimas palavras de maneira um tanto quanto forçada, como se instruísse a família de Laura a cuidar dela e desistir de especular e conjecturar. — Vamos, Beatrice — chamou ele. — Becky, ligue assim que tiver alguma informação.

Ajudando Beatrice a vestir a parca, ele lançou um último olhar compassivo a Laura, fez um sinal com a cabeça para o resto da família reunida e foi para o carro.

34.

— Que merda, Becky. Isso não ajuda muito, não é? É tudo o que eles tinham a dizer? — Tom fez uma pausa, segurando o fone de ouvido junto à cabeça para abafar o ruído do trânsito na movimentada A34. —- Vagabundos. Está bem, deixa comigo e depois volto a ligar.

Tom desligou o telefone e resmungou. Sentiu, mais do que viu, que Beatrice olhara para ele com curiosidade.

— Sinto muito, Beatrice. Fui grosseiro.

— Se está se desculpando pelo linguajar, Tom, não precisa se dar ao trabalho. Também tenho uma gama bem abrangente de expletivos à disposição e não hesito em usá-los, como já deve ter percebido. Qual é o problema?

— Não há nenhum registro de propriedade em nome de Fletcher ou da empresa dele. Nada no nome de solteira de sua mãe, e rastreamos até o nome de seu tio. Absolutamente nada. A única coisa boa é que Lytchett Minster não é grande, então teremos que rodar por lá até vermos algo que você reconheça.

— Pode não ser tão fácil — alertou Beatrice. Ela franziu o cenho. — Sempre chamamos a fazenda de Lytchett Minster Farm porque era o último vilarejo pelo

qual passávamos antes de **chegar.** Ficava a alguns quilômetros de lá, e eu não tenho ideia de em qual direção. Suspeito que haja mais de uma estrada para entrar e sair.

Os dois ficaram perdidos nos próprios pensamentos por alguns instantes. Beatrice rompeu o silêncio.

— Hugo era um homem famoso e facilmente reconhecível, então se ele tivesse uma propriedade perto de outras, teria sido visto. Se tivesse vizinhos, eles teriam aparecido para cumprimentá-lo e convidá-lo para algum coquetel tedioso, Deve partir do princípio de que a fazenda, e certamente era uma fazenda, é isolada, e para todos os efeitos, as pessoas devem achar que se trata de um lugar abandonado ou usado apenas para férias. Costumava ficar depois de uma estrada de terra, que na verdade mais parecia uma trilha. Eu perguntaria aos moradores quais lugares raramente são usados e muito isolados. É provável que saibam.

Tom já tinha começado a ligar para Becky antes que Beatrice terminasse de falar, captando sua linha de pensamento imediatamente.

*** * * ***

Graças apenas à evidente desconsideração de Tom pelos limites de velocidade, eles chegaram à saída para Lytchett Minster em tempo recorde. Ele havia combinado de encontrar a polícia local no estacionamento de um bar para discutir sobre as possíveis propriedades.

— Beatrice, assim que chegarmos à fazenda e você identificá-la, uma policial lhe fará companhia em meu carro, assim não precisará se sujeitar a nada desagradável. E também para sua segurança, embora não haja motivos para suspeitarmos de que haja algum perigo.

— Não seja ridículo. Tom. Eu vou com você. Conheço melhor a casa e posso ser útil. Não se preocupe, não tocarei em nada. Ficarei a uma distância apropriada, e tenho nervos de aço. Acho que precisa de mim.

Tom conseguia identificar um olhar de determinação implacável no rosto de Beatrice. Nenhum dos dois sabia o que encontrariam, mas Tom esperava que fosse Mirela Tinescy, sã e salva. Ele não tinha tempo para discutir com Beatrice, pois o estacionamento estava bem à frente, com duas viaturas e um outro carro aguardando pacientemente sua chegada. Haviam se mobilizado em massa,

então talvez fosse uma noite calma em Poole.

Após rápidas instruções e alguns olhares de estupefação para Beatrice — que tinha declarado ter conhecimento especializado e ser vital à investigação —, os policiais descreveram três propriedades da forma mais concisa possível.

— A primeira fica a uns 50 metros da estrada. Não é habitada há cerca de cinco anos. Está meio malconservada e não tem telhado em algumas partes, mas tem um condomínio do outro lado da estrada, e tivemos relatos de luzes acesas algumas vezes nos últimos seis meses.

— Não é essa.

— Por que não, Beatrice? — Tom queria se apressar, mas não desejava passar por cima de nada e perder ainda mais tempo.

— Por que é improvável que esteja “mal conservada”. Por mais que eu ache a decoração de Ashbury Park deplorável, Hugo gostaria de conforto, E 50 metros de distância da estrada não me parece longe o bastante, A privacidade é insuficiente. Próxima.

Olhando para Tom em busca de aprovação e recebendo um sinal de confirmação, o policial passou à propriedade seguinte.

— Se a cerca servir de parâmetro, essa encontra-se em bom estado ae conservação, mas fica bem longe da estrada, Não parece estar habitada, mas a cerca dá a volta toda no terreno e o portão é elétrico. Não dá para ver a casa da estrada, e nenhum de nós nunca teve motivos para ir até lá, então não sabemos se é utilizada.

— Parece possível. Próxima.

O policial rapidamente forneceu os detalhes da última casa.

— Essa é bem grande. Sabemos que é usada ocasionalmente, porque vimos carros entrando e saindo pelos portões. Fica na outra extremidade do vilarejo, mas no fim de uma viela. As crianças da região costumavam entrar para roubar frutas das árvores, mas quando os donos vão para lá, levam um cachorro. Ele assustou as crianças, então elas não entram mais,

— Não deve ser essa. Hugo não gostaria que crianças pudessem entrar. E ele sempre odiou cachorros. Dizia que eram coisas imundas que comem as próprias fezes. Puxou isso da minha mãe, Ela sempre dizia...

Tom a interrompeu. Não tinha tempo cara escutar histórias infelizes da infância cie Beatrice.

— Então acha que á a propriedade número dois, Beatrice?

— Sim. Bem escondida, cerca, portão elétrico, Das três. é a melhor opção.

—- Certo. Sugiro o seguinte. Diante do nosso número de pessoas, sugiro que você, sargento, junto com sua policial, nos guie até a casa número dois. E você, investigador, venha atrás. — Ele se virou para os policiais que sobraram. — Talvez vocês dois possam ir no outro carro à casa número três, apenas para dar uma olhada por fora. Se não tivermos sorte com a número dois, encontramos vocês lá. Todos concordam?

Ninguém discutiu. Embora Tom estivesse fora de sua jurisdição, sua posição e a importância do caso faziam com que todos estivessem mais do que dispostos a seguir suas ordens.

Dez minutos depois, o carro de Tom estava sacolejando em uma estrada de terra no meio do nada. Não havia nenhuma outra casa à vista, e desde que saíram da estrada principal, não tinham passado por nenhum outro veículo. A viatura que ia na frente finalmente parou diante de um portão elétrico corrediço. Tom parou atrás, na viela. O sargento foi até o carro, e Tom abriu o vidro. A viela estava escura, e com exceção do vento batendo nas árvores altas, soprando as folhas de outono dos galhos, não se ouvia som algum.

— Precisamos abrir o portão, senhor. Não dá para ver a casa daqui, e pode ser útil chegarmos o mais perto possível, para o caso de precisarmos de algum equipamento. Vou pular o portão e abrir por dentro. Só preciso de alguns minutos.

—- Como ele pretende fazer isso? — indagou Beatrice. — É elétrico.

— Ele deve ter uma chave Allen no kit de ferramentas. Muitos portões elétricos desses mais

antigos podem ser abertos com uma dessas, caso haja queda de energia. É preciso ter algum jeito de sair.

— Rá! Então não é tão seguro quanto se pensa. Aposto que Hugo não sabia disso.

Em instantes, o sargento já estava abrindo o portão, depois de desconectar o motor que o mantinha fechado. Tom começou a fazer a curva lentamente pela pista sinuosa, desviando de buracos e galhos salientes. O lugar tinha um ar de abandono. Ervas daninhas cresciam dos dois lados da passagem, e entre as árvores já plantadas havia uma série de mudas, brigando por espaço e luz.

— Alguma coisa lhe parece familiar, Beatrice?

— Ainda não. Tenho a sensação de que já estive aqui, mas pode ser apenas uma esperança. —

Beatrice olhava ansiosamente pelo para-brisa.

— Espere um pouco. Está vendo aquela construção caindo aos pedaços ali? Costumava ser um gazebo. E isso.

Tom sentiu uma onda de adrenalina. Ele pisou no acelerador. Danem-se os buracos.

Deram a volta na entrada e avistaram a casa em frente, assustadoramente silenciosa e escura em contraste com o céu noturno. Quando pararam perto da porta, Tom olhou para a construção. Os três andares pareciam se elevar de forma ameaçadora, e as janelas góticas arqueadas não tinham vida.

A única luz vinha de uma lua fraca, momentaneamente revelada pelas nuvens que deslizavam rapidamente.

Tom se virou para Beatrice.

— Espere no carro, por favor, Beatrice.

— Não.

Ela tentou abrir a porta. Tom olhou para ela com frustração e notou sua

expressão de teimosia.

— Beatrice, pode esperar no carro, por favor?

— Eu ouvi da primeira vez e disse que não. — Beatrice saiu do carrc e bateu a porta decididamente, — Eu conheço a configuração da casa. Não vou atrapalhar.

Tom não tinha tempo para isso. Ele percebeu que, à exceção de algema-la no volante, não tinha como vencer essa batalha. Os outros policiais estavam olhando para a porta da frente. Um deles tocou a campainha. Eles podiam ouvi-la ecoando de maneira preocupante pela casa aparentemente abandonada. Ninguém estava esperando uma resposta. Eles se viraram para olhar para Tom quando ele falou. Sua voz estava repleta de tensão, e ele sentia o temor crescer enquanto dava as instruções.

Se Mirela estivesse ali, não tinha condições de abrir a porta.

— Certo, rapazes. Temos motivos para acreditar que uma jovem foi seqüestrada, e os indícios atuais sugerem que ela está dentro dessa casa. Não há razão para esperarmos um mandado, uma vez que ela pode estar em perigo. Todos concordam? — Todos acenaram positivamente. — Precisamos entrar. Sugestões?

— A porta da frente é de madeira maciça, senhor, trancas de alto a baixo. E as janelas?

O investigador estava tentando olhar dentro dos cômodos do andar de baixo.

—Todas essas da frente parecem ser de vidro muito grosso e têm algum tipo de grade de metal do lado de dentro. Precisaríamos de equipamentos.

Tom podia sentir o sangue fluir. Estava impaciente e apreensivo. O nível de segurança sugeria que não se tratava de uma casa utilizada para lazer, Era uma fortaleza. Tom sentiu um tapinha no ombro.

— Uma velha calha para carvão ajudaria em alguma coisa?

Bendita seja, Beatrice, ele pensou.

— Pode ser. Onde fica ?

— Eu costumava escorregar por ela quando criança. Quando precisava me esconder. Deve estar imunda, mas dá na adega embaixo da cozinha. As escadas levam a uma porta na entrada dos fundos.

Pode estar trancada, mas a menos que tenha sido trocada, era bem frágil. Â calha fica ali naquele canto, eu acho.

Tom sentiu uma pontada de esperança. Hugo provavelmente só estava preocupado em impedir que pessoas saíssem da casa, e escalar uma calha de carvão íngreme e lisa seria impossível. Talvez não tivesse se dado ao trabalho de fechá-la.

A calha estava coberta com uma espécie de tampa de madeira que ia até o chão e estava coberta de musgo, indicando que não era usada há anos. Ela rangeu quando ele a puxou. Tom olhou dentro da abertura, mas mesmo com a ajuda da luz da lanterna, não era possível ver até onde ia ou o quanto era perigosa. E podia haver qualquer coisa esperando lá embaixo. A calha era estreita, de qualquer modo, e estava imunda. Não tinha como Tom passar por ela.

Tom ouviu uma voz baixa atrás dele.

— Eu posso descer, senhor. — A policial era bem esguia, e Tom viu que certamente passaria pela calha. A porta do outro lado, no entanto, seria mais difícil. — Bruce tem um pé de cabra no porta-malas, senhor, e eu sei como usá-lo.

O jovem sargento já estava correndo para o carro, e a policial tirou a jaqueta e o quepe.

Percebendo que sapatos seriam vitais para cair sobre uma montanha de carvão velho, ou o que estivesse no fim da calha, ela ficou com eles. Sentou-se na beirada da calha, segurou a lanterna e o pé de cabra que Bruce, ofegante, havia acabado de lhe entregar, e sem hesitação escorregou pela calha como se fosse um tobogã.

Eles ouviram um barulho quando ela chegou ao fundo, depois um silêncio. Os policiais que estavam do lado de fora ficaram apreensivos, mas não ousaram olhar uns para os outros. Então uma voz com eco surgiu das profundezas. Parecendo um pouco menos confiante agora que estava sozinha na casa, a policial gritou para os outros.

— Estou bem, senhor. Desculpe a demora. Derrubei a lanterna quando caí, então precisei tatear um pouco antes de me movimentar. Já achei. Posso ver as escadas. Vou ver se encontro um jeito de deixá-los entrar. Vou começar pela cozinha.

Seguindo Beatrice, que saíra andando com determinação, os policiais caminharam na direção dos fundos sombrios e silenciosos da casa, pisando no mato que estava crescendo sobre as trilhas de cascalho negligenciadas.

Em instantes, viram a luz da lanterna da policial na escuridão das janelas e ouviram alguns ferrolhos sendo puxados, Uma voz abafada veio do lado de dentro.

— Não consigo encontrar o que está mantendo a porta fechada. Ela não saí do lugar.

Tom iluminou a porta com a própria lanterna e viu que havia barras de metal com cadeado em cima e embaixo. Reconheceu imediatamente o significado de estarem do lado de fora. Bruce cão precisou receber ordens e íogo desaparecei! mais uma vez pela lateral da casa.

-—Aguenta aí. Bruce foi pegar umas ferramentas, estaremos com você em um segundo.

— Tudo bem, senhor. Esse lugar é silencioso como um túmulo.

Tom não gostou nada daquilo.

Em alguns minutos, Bruce trouxe uma marreta para os cadeados e a porta foi aberta.

— Você está bem?

A policial, que era bastante jovem, fez que sim com a cabeça. Mas aquela casa não era aconchegante, e certamente não era um bom lugar para se ficar sozinha no escuro.

Ele tentou o interruptor de luz, mas nada aconteceu. Imaginou que Hugo tivesse desligado a energia na chave geral. Aquilo sugeria que a casa estava vazia, mas ainda não era possível afirmar.

Não sabia mais se queria encontrar Mirela ali. Como Laura, estava começando a esperar que alguém ligasse para avisar que Mirela estava em outro lugar.

— Beatrice, sabe onde fica a caixa de luz?

— Não faço ideia.

— Certo. Podemos perder tempo procurando ou usar lanternas. Todos concordam em usar lanterna? — Com a confirmação de todos, eles se dividiram em dois grupos. Tom e a policial, juntamente com Beatrice, começaram a busca nos cômodos do andar térreo, enquanto Bruce e o

investigador subiram para os quartos do primeiro andar; Eles se movimentavam como ladrões à noite, como se estivessem assustados com os segredos que a casa revelaria. Cada passo parecia ressoar, como se a casa estivesse oca e vazia.

O silêncio era preocupante. Um grande vitraí acima da poria principal lançava sombras sinistras sempre que a lua aparecia atrás de uma nuvem.

A primeira porta que Tom tentou abrir deu para uma sala de jantar. Tom iluminou o cômodo com a lanterna. A mobília era antiga, mas estava em boas condições. Havia uma camada muito fina de poeira, mas não o que Tom esperaria se a casa estivesse deserta. Ele não acreditava que Hugo fizesse a limpeza, então outra pessoa devia estar fazendo. Talvez ele só quisesse as garotas para isso.

Tom deixou esse pensamento de lado. Com as informações que tinha, sabia que não seria nada tão simples.

A princípio, olhou rapidamente cada cômodo em que entrou. Haveria tempo para uma busca adequada mais tarde, quando estabelecessem que estavam definitivamente sozinhos. Embora soubesse que Hugo estava morto e não podia haver ameaça alguma a ninguém na casa, não podia negar que a escuridão e o silêncio provocavam-lhe um arrepio na espinha.

Tom havia acabado de tentar abrir a última porta, que estava trancada, quando ouviu um grito vindo do andar de cima.

— Inspetor-chefe Douglas! Aqui! Precisa vir até aqui. *Agora!*

Tom se virou para a policial e apontou para Beatrice.

— Mantenha-a aqui embaixo, entendeu?

Ele deu meia-volta e subiu as escadas correndo, dois degraus por vez. As sombras criadas pela lua pareciam segui-lo enquanto ele corria, o som de seus passos ecoando de maneira lúgubre pelas paredes desnudas. Ele seguiu as vozes até um quarto na frente da casa.

Ao abrir a porta, viu a luz das lanternas abandonadas pelos policiais iluminando paredes vazias e não soube o que procurar. Havia um cheiro horrível no quarto, mas não era possível ver ninguém.

Ele apontou sua lanterna e capturou os policiais na luz, ajoelhados ao lado de um colchão no chão.

De repente, o quarto foi iluminado por uma luz forte. A policial gritou do andar de baixo, dizendo ter encontrado a caixa de luz. Mas Tom não registrou o que ela estava falando. Só conseguia olhar para o corpo caído sobre o colchão, revelado pelo brilho ofuscante de uma única lâmpada.

35.

Laura teve um mau pressentimento. Não tinha ideia do que eles descobririam, mas sabia que não seria bom. Ela conhecia Hugo como ninguém, e sentiu uma grande pressão no peito, como se alguém o estivesse apertando. No fim das contas, nada a havia preparado para a realidade.

Becky entrou na sala, onde todos esperavam em silêncio. Ela estava muito séria.

— Laura, Tom acabou de ligar. Posso falar com você em particular, por favor?

— Becky, seja o que for, pode dizer na frente de todos. Já aconteceu muita coisa para termos qualquer segredo.

Becky engoliu em seco e perguntou se podia se sentar. Todos ficaram olhando para ela.

— Conte-nos, por favor.

— Tom virá contar mais detalhes, mas parece que quando chegaram à fazenda, encontraram uma garota. Mirela Tinescy.

Laura abaixou a cabeça e perdeu o fôlego. Foi Will quem falou, pegando na mão de Imogen como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— Meu Deus! — exclamou ele. — Ela está bem?

— Está viva. É tudo o que eu sei, na verdade. Ela estava acorrentada no quarto, presa pelo tornozelo. A água havia acabado, não sabemos há quanto tempo.

A palavra *acorrentada* fez Laura estremecer e sentir um arrepio pelo corpo todo. Teve que perguntar:

— Mas só havia essa garota? Não encontraram nenhuma outra?

Becky fez que não com a cabeça.

— Tom vai arrumar um carro para trazer Beatrice de volta, mas ele precisa ficar lá. Não vai conseguir voltar para falar com você até amanhã cedo. Ele me pediu para dizer que sente muito, Laura. Nós dois sabemos como isso deve ser terrível para você.

Os três rostos chocados que estavam voltados para Becky se viraram na direção de Laura, que ergueu a cabeça e se jogou para trás no sofá. Ela ficou olhando para o teto, incapaz de encarar alguém.

Will rompeu o silêncio.

— Minha nossa, Laura. Com o que você se casou?

Imogen olhou feio para o ex-marido, aparentemente interrompendo o momento de aproximação.

— Cala a boca, Will. Não é hora para isso, é? Deixa Laura em paz. Stella, acho que não é hora para chá. Sei onde está o conhaque. Pode ir pegar comigo?

Laura ficou olhando para o nada e de repente se deu conta de que havia lágrimas escorrendo por seu rosto. Apenas Becky e Will continuavam na sala.

A sargento rompeu o silêncio:

— Sinto muito, Laura. Deve estar sendo muito difícil para você. Realmente não sei o que dizer.

Laura tentou sorrir por entre as lágrimas.

— Está tudo bem, Becky. Não estou chorando por mim. Estou chorando por aquelas meninas.

Se ele as tratava tão mal assim, não acredito que tenha corrido o risco de deixá-las irem embora. Ele **não** as deixaria ir. Elas poderiam expor ao mundo o que ele era. Entende?

Ninguém disse nada.

— E eu sabia. Eu *sabia* que ele estava levando as meninas.

O silêncio era de choque.

Will fitava a irmã com surpresa.

— Que diabos está dizendo? Você sabia? E por que não **fez** nada?

Como ela podia explicar?

— Não acha que eu *tentei***,** Will? Você não faz ideia. Não mesmo. Cheguei até a procurar a *polícia* com minhas suspeitas, um chefe de polícia, para ser mais precisa. E veja no que deu. Voltei para a camisa de força. Tem muita coisa que você não entende, e certamente muita coisa que nem eu entendo.

Ela queria explicar a eles. Só queria que alguém, qualquer um, compreendesse a vida aue ela tinha levado e o motivo de lhe ter sobrado apenas uma opção.

— Achei que ele simplesmente estava pagando pelo silêncio delas, realmente achei. Era o que ele dava a entender, Sabia que não devia ser agradável para elas, conhecendo as inclinações de Hugo, mas nunca imaginei que ele as acorrentasse. Achei que ele usasse as garotas em seus joguinhos bizarros e depois as mandasse embora com mais dinheiro do que poderiam sonhar. E quando saí da clínica e voltei para cá, tive que fazer exatamente o que ele mandava. Não podia perturbar

o equilíbrio. Havia muita coisa em jogo.

Laura percebeu que corria o risco de falar demais. Tentou se acalmar antes de continuar a explicar»

— Quando ele morreu, achei que elas estivessem a salvo, não entende? Então não parecia haver motivo algum para revirar a sujeira. Mais do que tudo, eu não queria que Alexa soubesse como seu pai era. Ela já tem que lidar com coisas demais.

Laura se virou para Becky na esperança de que a outra mulher entendesse o motivo de ter guardado aquilo para si. Becky parecia compassiva, mas Laura sentiu certa futilidade. Queria que Tom estivesse ali. Achou que ele entenderia, Ele *já* sabia de uma parte da história e acreditava nela.

Ela tinha certeza.

— Will — continuou Laura — muita coisa não deve fazer sentido para você. Mas no dia seguinte à morte de Hugo, ficamos sabendo que uma garota estava desaparecida. Uma garota chamada Danika. Quando ouvi aquilo, não soube o que fazer. Se tivesse achado que poderia ajudar, teria dito a Tom. Mas eu não fazia ideia de para onde ele as levava, e *juro* que não pensei que ele as machucaria. Pelo menos não fisicamente. Tom só me disse que Mirela estava desaparecida há algumas horas, mas *ainda* assim não havia nada que eu pudesse fazer.

Laura estava chorando. Ela mordia o interior da boca para tentar controlar o ímpeto de revelar tudo — todas as coisas que havia guardado para si mesma por tanto tempo. Coisas que nem mesmo Imogen sabia. Mas tinha noção de que não devia, Ela contou a Will que havia relatado suas suspeitas a Theo Hodder, Não tinha ideia do quanto Becky já sabia — talvez Tom tivesse contado, talvez não, Mas ela não se importava.

—- Mas não deu certo, Will. — Ela chorava, — Eu devia ter tentado com mais afinco até fazer alguém acreditar em mim. A essa altura, já teria conseguido detê-lo. Mas não consegui. Hugo sabia que eu desconfiava dele e tinha todas as cartas na mão, entende? É muito mais complexo do que você imagina.

Laura olhou para Becky e Will e não conseguiu ver nada além de perplexidade no rosto deles.

Não tinham ideia do que ela estava falando no momento.

—Aquelas pobres, pobres meninas, já não haviam sofrido o bastante? Foram trazidas para a Inglaterra cheias de esperanças para depois descobrirem que tinham que servir só Deus sabe quantos homens repugnantes por dia. Depois foram resgatadas e tudo ficou bem por um tempo. A vida começou a parecer boa. Então um lobo em pele de cordeiro sorriu para elas, e elas não o reconheceram, Como é aquela citação de Shakespeare? “Um indivíduo pode sorrir, sorrir, e ser um vilão,” Esse era o meu marido. Esse era Hugo.

36.

Assim que a ambulância saiu com Mirela — fraca, porém viva —, TOEI arrumou um carro para levar Beatrice de volta para Oxfordshire.

— Beatrice, muito obrigado por concordar em vir. A polícia local já chegou e está assumindo o caso, Mas eu vou ficar aqui e trabalhar com eles. Você foi de grande ajuda, e espero que não tinha sido muito traumático.

Ela deu um tapinha no braço dele de maneira quase maternal, o que parecia destoar do modo como se comportara anteriormente. Deve ter ficado tão chocada quanto qualquer um. Afinal, Hugo era seu irmão.

— Já vivi bastante tempo, Tom, e testemunhei muita dor e sofrimento no decorrer dos anos. E

profundamente perturbador que um membro da minha própria família tenha tratado outro ser humano dessa maneira deplorável, mas não acho que é comigo que você deve se preocupar. —

Beatrice parecia genuinamente preocupada enquanto continuava. — Como acha que Laura vai receber isso? Independentemente do que ela suspeitava, não será fácil aceitar.

Tom não queria pensar em como Laura se sentiria. Ela tinha vivido com esse homem, tinha sido sua esposa por vários anos. Além de todas as outras emoções, inevitavelmente haveria uma enorme humilhação — a vergonha de ter vivido com um monstro e a culpa de imaginar se poderia ser, em parte, responsável pelos crimes. Ele tentou pensar em uma forma de aliviar a dor dela.

— Beatrice, talvez você possa ajudar. No momento, Laura será informada apenas dos fatos. Mas você viu como é esse lugar. Um dos moradores da região me disse que a cerca e o portão estão aqui há 12 anos, pelo que se lembram, então o que quer que Hugo fazia, já vinha fazendo há muito tempo. Desde *antes* de conhecer Laura. Ela precisa entender que a culpa **não** é dela. Acho que só você será capaz de convencê-la disso, principalmente depois do que me contou no caminho até aqui.

Poderia fazer isso por mim, por favor?

Beatrice apertou o braço dele.

— Você é um homem gentil e atencioso, Tom Douglas. Eu poderia dizer que seria um prazer, mas é claro que não será. Vou falar com Laura e fazer o possível para ajudá-la entender tudo, porque não quero que aquela inocente sofra mais do que você.

Esforçando-se ao máximo para dar um sorriso de agradecimento. Tom ajudou rapidamente Beatrice a entrar no carro que a aguardava e voltou para a casa.

— Chegou bem na hora, Tom — disse a inspetora-chefe Sarah Charles, oficial superior da polícia de Dorset. — Conseguimos abrir a porta do escritório há uns dez minutos. Ficou claro que Hugo não queria que ninguém entrasse, dadas as trancas elaboradas. Então vamos ver o que ele escondia ali dentro.

Uma voz baixa os interrompeu. Bruce, o jovem e astucioso sargento, havia ficado encarregado de fazer a busca nos andares superiores, e Tom notou que ele continuava um pouco pálido. Mas ele fora o responsável por encontrar Mirela, e não devia ter sido fácil. Até mesmo os policiais mais seguros e experientes nunca se habituavam totalmente a atos de evidente crueldade.

— Senhora, senhor, acho que gostariam de saber que encontrei muitas roupas femininas no andar de cima, no sótão. Algumas em malas baratas, outras em sacos de lixo. Mas estão todas amontoadas... de modo algum foram separadas para uma viagem.

— Você diria que são todas da mesma mulher, Bruce? perguntou Sarah Charles.

— Duvido, senhora. São vários tamanhos diferentes, mas nenhuma de tamanho grande. De 36 a quarenta.

— Certo. Obrigada. Você sabe o que fazer.

— Sim, senhora.

Tom falou pela primeira vez.

— O que acha, Sarah?

Ela balançou a cabeça e deu de ombros.

— Não tenho um bom pressentimento, para ser sincera. Tenho uma cisma formigando aqui dentro. E você?

— Eu também. No corpo todo.

Sem dizer mais urna palavra, eles seguiram na direção do escritório. Alguns peritos forenses estavam ocupados, mas fizeram sinal para que os dois entrassem.

— O que descobriram, rapazes?

— Acabamos de começar, mas não parece haver muita coisa. Só uma pilha de contas e um livro contábil. Tem datas, nomes, números e endereços, mas são todos bem antigos. O mais recente data de pelo menos uns dois anos atrás.

Depois de verificar se a equipe que cuidava da cena do crime havia liberado o livro para sua inspeção, Tom o abriu sobre a mesa e, juntamente com Sarah, debruçou-se sobre ele com avidez.

Levou menos de um minuto para reconhecer o significado.

— Espere aqui, Sarah. Preciso pegar uma coisa no carro — avisou ele, virando-se com pressa e deixando o cômodo praticamente correndo.

Ele abriu a porta do carro e pegou sua pasta no banco de trás. Tinha certeza de que reconhecia aqueles nomes, mas precisava confirmar. E havia um aspecto da lista que ele achava particularmente desconfortável.

Sarah o observou com curiosidade quando ele jogou a pasta sobre a mesa., abriu-a e começou a vasculhar entre os papéis.

— Aqui está. Sabia que tinha trazido uma cópia — falou Tom com uma satisfação amarga. Era a lista das meninas que haviam desaparecido nos últimos cinco anos.

O livro continha registros muito mais antigos, mas ele comparou as datas e nomes com a lista da fundação. Os nomes batiam, mas as datas diferiam em vários meses. E ao lado de cada uma delas havia dois valores, O primeiro sempre era mil libras, mas o segundo variava — de cem a quinhentos.

Tom bateu com a mão sobre a mesa.

— Já entendi — declarou ele. — As datas estão diferentes porque correspondem a quando ele deixou as meninas irem embora, e não a quando as trouxe para cá. Veja, as datas do livro contábil quase sempre correspondem a poucas semanas antes da próxima menina desaparecer. A antiga saía e a nova chegava. Tem alguma ideia em relação aos números, Sarah?

Ela ficou olhando para o papel com o cenho franzido e uma expressão concentrada.

— Ele tem os endereços. Deve ser relevante. Acha que pagou pelo silêncio delas, Tom?

— É possível, mas por que as anotações pararam de ser feitas há alguns anos? Sabemos que ele ainda estava levando as garotas. — Ele voltou a verificar a lista. Havia outros seis nomes, além de Mirela. Não fazia sentido algum.

Tom olhou atentamente para a página do livro. O último registro havia sido riscado com, ao que parecia, uma força considerável. O papel estava quase rasgado. Notou que algumas letras ainda estavam legíveis. Droga. Ele comparou a data com sua lista, sabendo sem nenhuma dúvida o que encontraria. Estava certo. E depois daquele último nome, não havia mais nenhum, nem endereços, nem somas de dinheiro.

Tom ficou gelado. Talvez estivesse vendo coisas demais. Talvez Hugo tivesse outro livro que a polícia ainda não havia encontrado. Mas ele não acreditava nisso.

A porta se abriu e Bruce apareceu.

— Encontramos alguns fragmentos de identidade nas sacolas de roupas. Não é muita coisa. Uma delas tinha uma carta velha, mas está escrita em língua estrangeira, então não faço ideia do que diz.

Mas o nome no envelope pode ser útil. Outra sacola tinha um crachá de faxineira de um hospital. Já

os recolhemos; não sei se terão alguma utilidade. Não há mais nada.

Bruce passou os dois saquinhos para Sarah e voltou à sua busca. Pressionando o plástico transparente junto ao conteúdo, Sarah leu os dois nomes para Tom. Ele nem precisou verificar a lista novamente. Sabia que os dois nomes estariam lá, mas nenhum deles constava do livro.

— Sarah, vou lhe fornecer uma cronologia de acontecimentos e uma série de fatos conhecidos.

Estou muito envolvido no caso, então antes de tirar conclusões erradas, quero ouvir o que pensa.

Ele apontou uma cadeira para Sarah e ela se sentou, observando-o. Mas ele não conseguiu se sentar. Ficou andando de um lado para o outro com as mãos enterradas nos bolsos.

— Sabemos que Hugo estava levando as garotas. Sabemos quando ele as levava e, a julgar pelo livro contábil, quando ele as deixava partir. Parece que ele dava dinheiro a elas. Mas a última menina dessa lista, essa que ele riscou, apareceu várias vezes em nossa investigação. Seu nome é Alina Cozma. Sabemos quando foi levada.

Tom fez uma pausa e olhou para Sarah para verificar que ela estava acompanhando seu raciocínio. Então continuou a andar de um lado para o outro, olhando para o chão enquanto se concentrava.

— Alina Cozma foi ao escritório de Hugo. Isso aconteceu *meses* depois que ele a levou. E

segundo uma funcionária dele, a garota usava roupas elegantes. Isso sugere que ele tinha dado dinheiro a ela ou comprado para ela algumas roupas, mas minha aposta é no dinheiro. Ela teve uma discussão com Hugo e depois foi vista no

carro dele, saindo do escritório. A secretária só escutou a palavra *bule.* Mas e se Alina estava querendo dizer “Poole”? Não é a cidade mais próxima daqui?

Sarah confirmou, seguindo os movimentos de Tom com os olhos. Talvez achasse que ele estava divagando, mas ele sabia que chegaria a algum lugar. Alina devia saber para onde estava sendo levada, e a intuição do inspetor dizia que Hugo não tinha ficado feliz com aquilo.

Tom parou para pensar. Havia mais alguma coisa. Algo a ver com a carta de Laura a Imogen —

aquela sobre Danika Bojin.

— Algumas amigas de Alina estavam procurando por ela. Elas foram até o escritório da fundação em Londres. E dois dias depois, uma delas foi à casa de Hugo em Oxfordshire para tentar falar com ele. Segundo a assistente pessoal de Hugo, também foi dois dias depois da visita das amigas ao escritório em Londres que Alina Cozma apareceu lá e saiu de carro com Hugo. Deve ter sido no mesmo dia. A esposa de Hugo disse que ele estava fora aquela noite, e que foi algo inesperado. Ela também disse que ele estava muito zangado com alguma coisa e que ficou fora por uns dias.

Tom foi até a mesa e pegou sua lista com os nomes e as datas em que as garotas desapareceram.

— A próxima garota apareceu apenas alguns dias depois, então o que aconteceu com Alina? E

por que não tem mais nenhum endereço?

Ele sabia que Sarah estaria confusa com sua cronologia, uma vez que os nomes e toda a história eram novidade para ela, mas estava falando mais consigo mesmo do que com a colega policial. Ficou igualmente claro pela expressão no rosto dela que havia entendido muito bem as implicações do caso. Hugo ainda seqüestrava as garotas, mas por que as roupas delas ainda estavam ali, e por que não havia mais nenhum endereço?

— Tem mais uma coisa, Sarah. Minha sargento andou falando com a esposa de Hugo, Laura. Ela acredita que se ele estava tratando as meninas tão mal, nunca as deixaria ir embora. Imagino que tudo começou a se agravar com Alina.

Dava para ver pela expressão de Sarah que seus pensamentos espelhavam os dele.

Precisavam de uma equipe ali *naquele momento.* Vasculhariam o terreno, os porões e os prédios externos. E precisavam também de equipamento especializado porque, pelo palpite de Tom, deveriam procurar pelos restos mortais de seis corpos.

37.

Tom estava começando a se sentir um pouco inútil em Lytchett Minster Farm. Fazia apenas algumas horas que eles haviam formulado sua teoria pavorosa, mas *os* especialistas já tinham chegado e Sarah Charles estava com tudo sob controle. Era, afinal, sua jurisdição. Ele estava aliviado por ter recebido uma ligação do hospital, no entanto, dizendo que Mirela estava reagindo bem ao tratamento. Havia sido reidratada e estava fraca, mas conseguia falar.

Ele sabia que ninguém na polícia de Dorset tinha tanto conhecimento do caso quanto ele, e havia algumas perguntas que precisavam desesperadamente ser respondidas, então depois de pedir para Sarah deixá-lo a par de tudo por telefone, foi para o hospital Não havia demorado para a imprensa ficar sabendo dos fatos básicos, é claro, então ele teve que abrir caminho pelo meio dos carros e vans de TV estacionados em fila na viela estreita. Só sabiam que uma menina tinha sido encontrada e que estava viva, mas esses caras já estiveram em cenas de crime o bastante para reconhecer a presença dos homens de macacão branco. E se trouxessem cães, Sarah teria que fazer uma declaração — algo que esperava evitar por mais algumas horas até terem evidências mais concretas.

Ele tinha acabado de chegar à estrada principal quando seu telefone tocou.

— Tom Douglas —- respondeu ele.

— Adivinha quem acabou de ligar, chefe? — disse Ajay, orgulhoso,

— A maldita Jessica Armstrong! Ela acabou de ver a notícia na televisão e finalmente se ligou que seu ídolo não era tudo aquilo ela pensava. Ela finalmente soltou a língua.

Tom bateu no volante com satisfação.

— Pelo menos ela desenvolveu alguma consciência» Mas a pergunta é: ajuda em alguma coisa?

— Bem. acho que confirma sua teoria. No dia que Hugo saiu corren do atrás de Alina Cozma, parece que deixou a gaveta não apenas destrancada, mas levemente aberta, e a Sita, Xereta deu uma olhada. Ela encontrou uma pilha de envelopes, cada um endereçado a uma das meninas que haviam desaparecido nos úííimos anos. ela reconheceu os nomes, é claro. E tinha dinheiro dentro deles.

Hugo percebeu que ela tinha visto aquilo e contou uma história qualquer sobre ter selecionado algumas jovens para uma bolsa de estudos especial, mas a informação precisava continuar sendo totalmente confidencial.

— Rá! Boa desculpa! Então para que ele pagava Jessica? — perguntou Tom.

— Ele pediu para Jessica assumir os pagamentos para eis e disse que daria a ela um bônus por isso. Ela percebeu, certamente, que ele na verdade estava pagando por seu silêncio, e acho que nunca acreditou na história das bolsas de estudo. Tinha fortes suspeitas de que ele transformava as meninas em amantes e só estava pagando para não abrirem a boca, mas ela achava que ele estava certo, já que se via preso a um casamento tão infeliz.

Tom estava se esforçando muito para manter a concentração na estrada, seguir as instruções que havia recebido para chegar ao hospital e escutar Ajay ao mesmo tempo.

—- Então ele continuou com os pagamentos? — indagou Tom.

— Nenhum novo nome foi acrescentado à lista, segundo Jessica. Quando ela descobriu os envelopes, havia um endereçado a Alina, mas quando ele os entregou a ela, o de Alina estava faltando. Jessica imaginou que Hugo devia ter lhe dado dinheiro ou algo assim, mas o nome dela nunca entrou na lista depois disso, embora ele continuasse pagando as outras. Ela achou que ele devia ter estabelecido Alina como sua amante permanente, ou decidido que estava jogando um jogo perigoso.

Tom estava muito feliz por Ajay ter falado com Jessica. Ele achava que teria problemas em

manter a calma diante dela, e se algum dia tivesse que voltar a vê-la, sentiria

uma forte vontade de enforcá-la. Mas Ajay ainda não tinha terminado.

— Jessica também disse que isso explicava o que ela descreveu como "empolgação contida" de Hugo, e que ele havia prometido continuar a recompensar sua lealdade pelo tempo que ela continuasse com ele. Ela preferia acreditar que tratava de um ato de altruísmo, em suas próprias palavras. — Ajay bufou, achando graça. Tom simpatizou muito com aquela opinião não verbalizada.

Tudo estava se encaixando perfeitamente, embora nada os deixasse mais próximos de descobrir quem matou Hugo Fletcher. No entanto, ele tinha que admitir que o assassino provavelmente havia salvado uma vida —- a de Mirela Tinescy.

A ligação terminou quando Tom parou o carro no estacionamento do hospital. Em seguida, foi para o quarto de Mirela. Não tinha ideia de se ela seria capaz de lhe contar tudo o que precisava saber, dado o trauma ao qual havia sido submetida.

Ficou satisfeito ao ver que haviam-na colocado em um quarto particular, mas notou como ela estava pálida, com cavidades profundas no rosto. Ele suspeitava de que ela já fosse uma garota bem magra, mas dias sem comida e água haviam feito um estrago inevitável. A forma de seu corpo mal ficava visível sob a roupa de cama. Ele estava com o estômago roncando, mas teria que ignorar isso.

Entrou no quarto e se sentou em silêncio na cadeira de visitantes, esperando para ver se ela percebia sua chegada. Os olhos da menina estavam fechados, e ele odiava ter que perturbá-la.

— Mirela — chamou ele em voz baixa. Os olhos dela não se abriram, mas sua cabeça se virou levemente para ele, para que soubesse que estava escutando. — Meu nome é Tom Douglas. Sou policial e preciso falar com você. Sinto muito ter que fazer isso, mas se puder falar comigo, eu ficaria muito agradecido.

Ela abriu os olhos. Pareciam os de um filhote de cervo, iluminados pelo farol de um carro. Ele devia ter trazido uma mulher. Que erro estúpido.

— Quer que eu peça para uma enfermeira ficar aqui conosco? Você se sentiria mais confortável?

Mirela pareceu pensar por um instante, depois balançou levemente a cabeça.

— Tudo bem. Você tem um rosto bom — afirmou ela, tentando sorrir.

— Acha que pode me dizer o que aconteceu, Mirela? Como foi parar na casa de Sir Hugo sozinha? — Tom não mencionou o fato de que ela estava amarrada; tentaria fazer alusão a isso depois.

Mirela falava baixo, e ele não entendia todas as palavras. Mas era o suficiente. Ela explicou que todas as garotas recebiam visitas de acompanhamento da fundação, para verificar como estavam se adaptando e ver se tinham algum problema.

— Uns seis meses atrás, quem me visita é Sir Hugo. Fico muito surpresa, mas contente. Ele diz que sou especial e quer me ajudar. Ele vai procurar uma vida melhor para mim, mas eu preciso esperar.

— Ele explicou o que queria dizer com uma “vida melhor”? — indagou Tom.

— Não. Ele me dá um celular e diz que toda semana devo mandar SMS quando estou sozinha.

Se ele puder, liga para conversar. Fazemos isso por semanas, mas não aparece nenhuma grande oportunidade. Nada de vida melhor. Tenho que manter segredo, e se contar para alguém ele diz que eu teria que sair da Allium. Então não conto. Depois ele diz que podemos nos encontrar. Mas não sozinhos. Vamos a museus.

Muito esperto, Hugo, pensou Tom. Ninguém acharia estranho ver Sir Hugo Fletcher conversando educadamente com uma jovem.

— Por que foi com ele, Mirela?

— Nós encontramos muitas vezes, e ele conta como estava infeliz com a esposa. Diz que ela está doente. Eu fico com pena. Começo a me importar com ele, porque ele é bom para mim. Me dá dinheiro para mandar para a minha família na Romênia. Então um dia ele diz que tem uma grande ideia. Enquanto esperamos por uma grande chance, talvez eu possa ser sua empregada doméstica.

Mas ninguém pode saber, porque ele não pode ter nenhuma favorita entre as meninas. Devo deixar um bilhete, ele me diz tudo o que escrever. Depois vamos.

Tom pegou um copo d’água do lado da cama e o segurou junto aos lábios de Mirela, assim como teria feito com Lucy. Essa menina era filha de alguém, e se ela estava mandando dinheiro para casa, a família devia estar enlouquecida de preocupação por não ter notícias há semanas.

Ela deu um sorriso fraco de agradecimento e continuou:

— Ele cobre meus olhos. Diz que a casa é segredo e que ninguém pode saber onde fica. Eu não posso sair da casa sem ele. Ele sempre chega à noite com o carrão, mas me leva para fazer compras em um carro menor que fica na fazenda.

Tom sabia disso — tinha visto o carro e se perguntado o que ele fazia na fazenda. Certamente, quando Hugo estava por lá, não queria ser reconhecido. Para um carro tão pequeno, era estranho ter vidros escuros» Agora tudo fazia sentido.

— Eu tinha que usar venda nos olhos até chegarmos à loja. Sempre uma diferente. Não tenho ideia de onde estamos, mas acho que é perto do mar por causa dos pássaros. É só isso que eu sei, mas ele era bom comigo, e eu só limpei a casa para ele.

Mirela parou e fechou os olhos. Tom percebeu que a próxima parte seria difícil para ela, então lhe deu algum tempo. Finalmente, ela voltou a falar.

— Ele começa a me tocar um pouco. Não é tão ruim, mas sei o que vem depois. Então me beija.

Não me importei; é melhor um homem gentil do que vários nada gentis e outros que fedem.

Quando ele quer sexo, decido que tudo bem. Gosto dele. Somos felizes juntos. Mas isso foi no começo, sabe. Depois não gosto do sexo. Ele gosta de ser amarrado. Não é muito bom, mas já passei por coisa pior.

Meu Deus, pensou Tom. Como é triste que uma menina tão nova seja capaz de classificar o sexo por seu grau de perversidade.

— Ele sempre acorrentava você, Mirela? —- perguntou Tom da forma mais cuidadosa que conseguiu.

— Não, não. Isso foi no final. Faz algumas semanas, eu disse que não estava feliz. Queria sair, mesmo para ir até o jardim. Mas ele sempre diz não. Fico dentro de casa o tempo todo. Sem ar para respirar. Começo a gritar com ele e dizer que aquilo não era uma grande chance. Que não gosto de ficar lá. Ele não diz nada. Só me olha como se eu não fosse nada. Depois digo que não gosto do sexo. Achei que ele era normal. Mas ele não é. Digo a ele que aquela não é uma boa forma de fazer sexo e que odeio a peruca que ele me obriga a usar. Os olhos dele ficam escuros. Como um *diavol.*

Não conheço essa palavra na sua língua.

Tom não precisava de tradutor para lhe dizer o que aquilo significava.

— Então ele me agarra pelos cabelos e me arrasta pelas escadas. Me leva para um quarto que eu nunca tinha visto, porque estava sempre fechado. Não tinha nada lá. Só um colchão e um gancho com uma corrente. E um balde para... você sabe para que serve. Ele me joga no colchão, eu tento lutar, mas ele é muito forte.

O rosto de Mirela havia assumido uma expressão de temor, como se estivesse revivendo o momento. Tom lhe ofereceu água novamente.

— Não se apresse Mirela. Posso esperar o tempo que for preciso, não se preocupe.

— Não, quero contar tudo agora. Depois posso esquecer. Posso tentar. Ele coloca a corrente e depois sai do quarto. Quando volta, traz biscoitos e água. Nenhuma outra comida. Depois fala algo horrível. Diz: “Você se lembra de sua amiga Alina?” Respondo que sim, que me lembro. Ele diz;

“Esse quarto é para a memória dela.” Não é bem isso, mas ele usa uma palavra que eu não entendo.

Mas Tom achou que tinha entendido.

— Você acha que ele disse “esse quarto é *dedicado* à memória dela”?

— Acho que sim, mas não conheço essa palavra. Ele diz que ela era uma vadia muito burra.

Pede dinheiro porque sabe de muitos segredos. Então ele faz o quarto para ela. Depois diz que vou

seguir o caminho das outras. Que ninguém se importa com prostitutas. Somos esquecidas para sempre. Ele sai do quarto. Acho que está rindo. Depois não vejo ele mais ele para de rir; Tom de repente se deu conta de que Mirela não devia ter ideia de que Hugo estava morto. Não conseguia chegar à conclusão de se seria melhor contar ou não a ela,, mas vendo seu medo, resolveu que contar seria a decisão cería.

— Mirela. Sir Hugo a tratou muito mal. Não existe nenhuma justificativa para esse tipo de comportamento, e eu estou muito feliz por termos conseguido encontrá-la. Mas o motivo de ele não ter voltado, Mirela. é que ele está morto. Alguém o assassinou.

Ela virou a cabeça para Tom e, pela primeira vez, deu um sorriso de verdade.

— Que bom.

38.

Por mais fria que fosse a sala de jantar, era como um refúgio para Becky. Ela estava sentada em uma cadeira dura, com. a cabeça apoiada nos braços dobrados sobre a mesa. As últimas horas tinham sido as mais desgastantes que já havia passado com uma família. A dor de contar a alguém que seus entes queridos estavam mortos era bem terrível, mas essa era uma experiência completamente diferente para ela. Agora sabia que as notícias que Tom traria para Laura seriam do pior tipo e não conseguia nem chegar perto de imaginar o que Laura estava passando.

Tom havia lhe contado sobre suas conversas com Mirela e a colocado a par do que a polícia de Dorset esperava encontrar na Lytchett Minster Farm. Mas tinha pedido que ela não contasse a Laura

— ele mesmo queria fazer isso. Ela só conseguia pensar que ele devia gostar de sofrer para querer dar essa notícia. Ainda bem que estava dispensada da tarefa.

A sargento já havia impedido que Stella ligasse a televisão, por medo do que poderia ser revelado pela imprensa, e sentiu uma culpa terrível por ter suspeitado de Laura no início da investigação.

Parecia claro que Tom estivera certo o tempo todo ao dizer que as garotas da Fundação Allium eram a chave do caso. E ela não parou de perturbá-lo para ir mais a fundo com Laura. Imogen não estava totalmente descartada, mas se tudo c que Tom havia contado fosse verdade, ela não conseguia deixar de pensar que a pessoa que matou Hugo, independentemente de quem fosse, havia prestado um serviço à humanidade.

Seus pensamentos foram interrompidos pelo toque do celular, e ela viu que era Tom.

— Oi — disse Becky em voz baixa. — Você está bem? — Esse dia deve ter sido um dos piores da carreira dele também.

Tom parecia cansado e resignado ao telefone. Disse que estava a caminho e logo chegaria a Oxfordshire. Perguntou se ela poderia avisar isso a Laura.

— É claro. Mas acho que eles querem que eu saia. Na sua opinião, o que devo fazer? Eles não sabem o que fazer comigo. Ficamos juntos na cozinha, mas acho que não estão confortáveis com a situação, e Laura já me disse pelo menos umas cinco vezes que eu posso ir embora porque ela tem todo o apoio de que precisa. Estou escondida na sala de jantar no momento.

Ela ouviu Tom falar, disse para ele dirigir com cuidado e desligou. Ele parecia exausto, e a euforia anterior com a ideia de encontrar uma das garotas a salvo havia sido obscurecida por tudo o que esperavam descobrir agora.

Becky foi para a cozinha, onde todos tinham decidido se reunir. Não havia ruído algum, mas ela sabia que estavam todos lá. Bateu de leve na porta. Foi Beatrice quem gritou para ela entrar, como se a casa ainda fosse dela. Mas ninguém pareceu se importar.

— Acabei de falar com Tom, Laura. Ele está a caminho e deve chegar aqui em 15 minutos. Não telefonou antes porque não sabia se ficaria preso no trânsito. Ele quer colocá-la a par de tudo pessoalmente. Achou que você entenderia.

Laura ergueu o rosto pálido na direção de Becky e tentou sorrir.

— Obrigada, Becky. Por que não volta para a pousada agora? Ficaremos bem até Tom voltar.

Você deve estar exausta também.

Becky achava que devia ficar, mas Tom tinha dito que se Laura sugerisse novamente que ela fosse embora, ela deveria ir.

— Alguém precisa de alguma coisa antes de eu ir? — perguntou ela.

— Estamos bem. Obrigada por tudo. Foi muito gentil de sua parte ter ficado todo esse tempo

— respondeu Laura.

Becky estava prestes a dizer que aquele era seu trabalho, mas se conteve bem a tempo. Laura

estava sendo muito educada ao dizer aquilo em um momento de tamanha turbulência. Ela estava longe de ser a pessoa que Becky imaginou no início, e a sargento desejou que houvesse uma forma de expressar sua compaixão. Mas simplesmente acenou com a cabeça para todos e saiu, fechando a porta com cuidado.

Ficou surpresa ao ver o próprio rosto molhado de lágrimas ao caminhar até o carro. Becky nunca fora de chorar, mas esse era um dia que ela nunca esqueceria.

*** * * ***

Quando Tom finalmente chegou, a própria Laura abriu a porta para ele» Ficaram olhando um para o outro por um bom tempo, Por motivos que não era capaz de explicar, sentia-se profundamente envergonhada — como se fosse pessoalmente responsável pelas revelações sórdidas que Tom estava prestes a fazer. No entanto, só conseguia ver compaixão e exaustão nos olhos dele.

Sem uma palavra, ela abriu mais a porta para deixá-lo passar.

— Sinto muito por ter demorado. A espera deve ter parecido interminável. As notícias não são boas, sinto dizer. Acho que seria melhor se você se sentasse. — Ele esticou o braço para indicar que ela devia levá-lo para a sala de estar.

Laura se sentou na beirada do sofá, a mão agarrando o tecido, depois fitou os

olhos cansados de Tom e esperou. Antes que ele tivesse a chance de falar, Stella apareceu na porta.

— Tom, você deve estar precisando de um pouco de café, não está? Gostaria de alguma coisa para comer também?

— Uma xícara de café seria ótima. Mas nada de comida no momento, obrigado.

Ele se sentou e encarou Laura, ainda em silêncio.

— Espero que não se importe, Laura. Não como, nem bebo nada há horas, e só preciso recarregar as baterias por mais um tempo.

Laura se obrigou a responder. Ela sentia o corpo tremendo, mas mais do que tudo, queria parecer controlada.

— Não se preocupe. Devia tê-la deixado preparar algo para você comer. Minha mãe é uma solução em busca de um problema. Isso daria a ela algo com que se ocupar.

Houve uma batida de leve na porta e Will apareceu.

— Mamãe disse que a polícia chegar. Laura, acho que á melhor ter alguém do seu lado. Posso ficar?

Laura olhou para Tom, que simplesmente assentiu com a cabeça. Havia um grau de tensão entre os dois por causa do interrogatório de Imogen, mas Laura precisava de apoio moral para o que temia estar prestes a ouvir.

— Por favor, Will. Eu agradeço. Mas dessa vez não precisamos da família toda aqui. Se escutar o que Tom tem a dizer, talvez possa contar a todos depois. Acho que eu não suportaria. Venha se sentar.

Will se sentou ao lado da irmã e segurou a mão dela. Laura ficou grata pela força do irmão quando ele apertou sua mão de leve, porém de maneira reconfortante.

— Becky já contou que encontramos Mirela na fazenda. Fui falar com ela e sei que vai ficar satisfeita em saber que a garota ficará bem.

Stella entrou na sala em silêncio e colocou uma caneca de café na frente de Tom.

Ela ficou olhando para Laura com expectativa, mas Will fez um sina! negativo para a mãe, que entendeu o recado e saiu.

Laura ouviu em silêncio enquanto Tom repetia a conversa que havia tido com Mirela — como Hugo havia conseguido convencê-la de que era especial, e como tinha dado dinheiro para ela mandar para a família enquanto a deixava na expectativa de uma “grande oportunidade”.

Tom tomou um gole de café, e Laura não deixou passar seu olhar atencioso enquanto a observou por um instante por cima da borda da caneca. Sabia no que ele estava pensando. Estava ponderando o quanto devia lhe contar. O corpo dela estava gelado, e Laura sabia que Will era capaz de sentir os tremores por meio de sua mão.

—- Sei que deve estar querendo poupar meus sentimentos, Tom. Mas não faça isso, por favor.

Tudo vai se revelar em algum momento, e eu prefiro ouvir de você do que de outra pessoa.

Laura sabia que ele lhe diria a verdade, mas seria atencioso na escolha das palavras. Ela não podia pedir por nada além disso, por mais terrível que a verdade fosse.

Tom assentiu e abaixou a caneca.

— A regra de Hugo a respeito de não investigar as garotas que deixavam bilhetes faz total sentido agora. Era sua forma de evitar qualquer investigação que pudesse apontar para ele. Mas ele vinha fazendo isso há anos... Beatrice chegou a contar? Deve ter começado antes de vocês se conhecerem.

— Becky disse que ela estava acorrentada. E verdade? Por quê, Tom? Não entendo por que ele faria uma coisa dessas. E cruel.

O olhar de compaixão nos olhos de Tom era quase demais para Laura. Ele se inclinou para a frente, como se quisesse esticar o braço para tocáda.

— Eia estava sendo punida. Só tinha um pouco de água, biscoitos secos e um balde no canto que já estava transbordando. Coitadinha.

Laura havia ficado pálida, mas não era só pelo choque. Era mais pela lembrança de sua vida com Hugo e cor pena dessa jovem.

— Minha nossa. Eu sabia que seria ruim, mas... — A voz de Laura falhou, mas ela tinha que continuar. Precisava saber de tudo. — Por que ele teve que puni-la? Você sabe?

— Ela reclamou de ficar trancada na casa e... — Ele fez uma pausa, como se discutisse consigo mesmo o que dizer.

— E o quê?

— E não gostava do sexo. Ela disse que tinha que amarrá-lo. E sempre tinha que usar uma peruca ruiva de cabelos compridos.

Laura visualizou com detalhes em sua mente o que a pobre garota havia sofrido. E agora sabia por que havia apenas três perucas na casa, embora se desse conta de que estava coibindo essa suspeita em particular desde que encontrara a caixa no sotão.

— Tom, eu preciso saber. Antes de começar a falar de Mirela, você disse **garotas**, no plural, e que ele fazia isso há muito tempo. Não foi só Mirela que foi tratada desse jeito, foi? Quantas garotas estiveram lá e o que aconteceu com elas?

Tom não conseguia encará-la, e isso já lhe dizia muita coisa.

— Encontramos um livro contábil que data de anos atrás. Ficou aparente que ele costumava pagar as garotas. Achamos que ele dava a elas uma boa quantia quando iam embora, e depois continuava pagando mensalmente por seu silêncio. Mas ele definitivamente pagava, e elas iam embora.

— Ele *costumava* pagar as garotas? O que quer dizer? O que mudou? Por que ele parou de pagá-

las? — perguntou Laura, levantando a voz a cada pergunta. Mas no fundo ela sabia o que ele ia dizer. Soube no instante em que tomou conhecimento do que havia acontecido com Mirela. Só precisava escutar as palavras.

Então Tom lhe contou. Falou sobre o nome de Alina no livro. Contou o que

Hugo tinha dito a Mirela e o que eles haviam deduzido disso, E contou sobre a equipe que estava em Dorset naquele momento, pronta para revirar toda a fazenda.

Laura se levantou e saiu correndo da sala.

*** * * ***

Vários minutos se passaram até Laura voltar, e àquela altura Stella havia levado um sanduíche de bacon para Tom. Ele se sentiu ma! ao comer, diante da intensa aflição de Laura. Mas precisava de algo para poder seguir adiante. Não ajudaria em nada se ele começasse a passar mal. Nenhum dos dois homens rompeu o silêncio, cada um perdido em seus próprios pensamentos.

Laura não parecia nada melhor, mas estava um pouco mais refeita.

— Sinto muito — desculpou-se ela. — Eu só precisava sair daqui por alguns minutos. O que estão fazendo para procurar pelas meninas?

— Temos um equipamento especial que estamos usando para examinar o terreno ao redor da casa. É uma área grande, então o trabalho será demorado. É claro, ele pode tê-las colocado no carro e levado para outro lugar.

Laura respirou fundo e estremeceu. Estava pálida como um cadáver, e ele estava pasmo com o modo com que ela se continha.

— Para mim, é difícil dizer, mas pode lhe poupar algum tempo. Acho que ele deve ter estrangulado as meninas, ou sufocado. Pode tê-las drogado primeiro, para que não pudessem reagir.

Era um homem diabólico, sem dúvida, mas não gostava de sujeira. Não teria feito nada que resultasse em derramamento de sangue de nenhum tipo. — Laura estremeceu e procurou a mão de Will novamente. — Ele não teria levado os corpos para fora da propriedade. Disso tenho certeza.

Seria arriscado demais. E se estiver procurando um túmulo, acho que está perdendo seu tempo.

Tom acenou de leve, encorajando-a5 fixando o olhar no rosto de Laura enquanto ela continuava.

— Hugo nunca, jamais, cavaria um buraco ou faria qualquer tipo de trabalho manual. Se matou as garotas, deve tê-las jogado em alguma parte do terreno, e em uma parte que não exigisse nenhum esforço físico.

Tom estava desnorteado, mas Laura parecia ter certeza do que estava falando.

— Entendo seu raciocínio — afirmou ele —, mas não imagino onde ele possa tê-las escondido na propriedade, ou no entorno, sem cavar.

Tom olhou para Will, ainda agarrando a mão de Laura, rosto sério. Eles não pareciam irmãos, mas ambos tinham uma determinação tenaz.

— O que pode me dizer a respeito da fazenda? — perguntou Will. — Era uma fazenda de produção? De que ano é, aproximadamente?

— Por que quer saber? — Laura parecia confusa.

— Bem, se era uma fazenda de produção, deve haver aígum tipo de depósito subterrâneo que pode estar coberto no momento, ou se for antiga, pode ter um poço.

— A casa é vitoriana em estilo gótico — respondeu Tom. — Feia e bem ameaçadora na escuridão, na verdade. Deve ter sido construída *na* segunda metade do século XIX, então é possível que haja um poço. Era uma fazenda de criação de ovelhas. Acho que aquela parte de Dorset é bem famosa por suas ovelhas. A terra era originalmente bem extensa, mas uma parte foi vendida, exceto os quatro hectares que cercam a casa. Não sobrou nenhuma construção externa, apenas um velho celeiro que parece ser usado como garagem e um gazebo decrépito. Vamos encontrar a escritura e ver o que descobrimos.

Will estava na beirada do sofá.

— Você tem um mapa da região? Pode apontar onde fica a fazenda?

Tom percebeu a empolgação na voz de Will.

— Não, mas podemos tentar encontrar no Google Maps. Estou com o meu laptop. Por quê?

Em que está pensando?

— Eu tinha esquecido até você mencionar que a fazenda fica em Dor-set, Você sabe de algum tipo de lago por lá?

Tom parou para pensar. ele havia feito um reconhecimento do terreno com a equipe enviada para procurar os corpos.

— Não no terreno de Hugo, pelo que me lembro. Ele colocou uma cerca de segurança perto da casa, a uns 100 metros. Há portões trancados na cerca que levam ao resto da terra, que se estende em muitas direções. Passando pela cerca, é praticamente campo aberto, sem nada além de um muro de pedras entre o terreno de Hugo e os campos vizinhos. Notamos que havia uma lagoa perto do perímetro, no campo bem ao lado, mas nada substancial. Nem chega a ser um lago, então não deve ter profundidade suficiente para... errr... os propósitos de Hugo. Pensamos em dar uma olhada, mas não antes de cobrir todo o resto. Por quê?

— Já ouviu íalar de argila de bola? — indagou Will, movendo lentamente a cabeça como se algo estivesse fazendo sentido.

Mas não significava nada para Tom, e ele disse que não conhecia.

— É utilizada na manufatura de peças de cerâmica — explicou Will. — Dorset é ramosa por isso, Eu fiz um estágio lá quando estava na faculdade. Existem vários tipos de minas de argila, algumas abertas, outras como as minas de carvão... mas não vou entediá-lo com os detalhes. O que interessa é que muitas minas antigas foram abandonadas, e com o passar do tempo, encheram-se de água. Algumas foram transformadas em reservas naturais, mas as menores simplesmente foram inundadas e abandonadas. Podem não parecer muita coisa na superfície, mas é bem capaz que sejam bastante profundas.

*** * * ***

As horas seguintes foram de tensão e nervosismo. Laura não sabia o que queria que a polícia encontrasse e ficava repassando diversas vezes na cabeça tudo o que havia acontecido. Será que ela poderia ter feito mais do que fez? Se tivesse tentado com um pouco mais de afinco convencer alguém de que estava certa sobre Hugo meses atrás, quantas vidas poderia ter salvado? Mas ela nunca pensou que ele estava matando as garotas. E tinha outras prioridades.

Tom estava fechado na sala de jantar com seu computador e o telefone por um

longo período.

Will estava com ele para ajudar na busca. Todos os sinais de antipatia entre os dois haviam desaparecido diante da missão conjunta.

Finamente, eles voltaram à sala e se sentaram um ao lado do outro.

Beatrice, Imogen e Stella haviam se juntado a Laura para lhe oferecer algum apoio, e ela se sentia grata, mas olhou para os homens e logo soube qual seria a notícia.

—- Parece que Will estava certo — disse Tom. — Da fazenda, é possível passar por um dos portões da cerca, tendo a chave, é claro. E existe um campo que pertence à fazenda delimitado apenas por um muro de pedra. Como não há nenhuma criação de animais no loca! há algum tempo, o muro está quebrado em algumas partes e nunca foi consertado. A lagoa fica logo depois de uma das aberturas. Mas o pessoal da região diz que essa parte do muro parece ter sido derrubada de propósito. Aparentemente, está diferente da parte que simplesmente ruiu.

Will assumiu a história.

— Tom conseguiu confirmar que a lagoa é, de fato, uma antiga mina pequena, porém profunda, que foi inundada. Com a ajuda de um carrinho de mão, não deve ter sido difícil para o maldito Hugo transportar uma jovem, provavelmente desnutrida, até a beirada da mina, amarrar algum peso a ela e descartar o corpo.

Laura perdeu o fôlego e sentiu a cor se esvair de seu rosto. As bordas de sua visão ficaram pretas, como se uma fumaça circundasse seus olhos, e o som das vozes ficou abafado.

Ouviu vagamente Will gritar.

— Rápido, Imo, Coloque a cabeça dela entre os joelhos. Ela vai desmaiar.

Ela sentiu uma mão empurrar com força a parte de trás de sua cabeça e inclinou-se para a frente.

Alguém estava esfregando suas costas, e ela arfava. Manteve a cabeça abaixada por alguns minutos e

conseguiu ouvir as pessoas tentando animá-la. Aos poucos a tontura passou e sua audição e visão voltaram ao normal. Ela levantou a cabeça lentamente.

— Eu estou bem. Sinto muito. E uma maneira ridícula de se comportar. — Ela encostou e apoiou a cabeça no sofá. Virou-se para a mãe, que parecia chocada. Ela sabia melhor do que ninguém que Laura nunca desmaiava. Podia estar morrendo de tensão, mas não desmaiava.

— Acha que posso tomar um uísque, mãe? Está bem ao seu lado, na bandeja.

Stella se levantou.

— Acho melhor todos tomarmos alguma coisa — declarou ela, indo até o armário de bebidas.

— O que acontece agora, Tom?

— Está muito tarde para fazer algo hoje. Logo vai escurecer. Vamos mandar alguns homens para lá amanhã cedo. Becky e eu manteremos vocês informados.

Laura sabia o que eles encontrariam, mas não queria dizer em voz alta. Mais algumas horas de espera. Ela só queria que aquilo acabasse.

O olhar de Tom pousou no rosto de Laura por alguns segundos. Ela podia praticamente sentir a ternura, e estava muito agradecida por ele ter ido contar tudo isso a ela pessoalmente. Tom devia estar morto de cansaço.

Como se tivesse lido sua mente, ele se levantou com dificuldade do sofá.

— Sinto muito que esteja sendo tão traumático para você — disse ele,

— Mas acho melhor eu ir embora. Preciso fazer o relatório para James Sinclair e tentar dormir um pouco. Sei que ficará bem sem mim.

Laura tentou sorrir para ele e fez um movimento para se levantar e acompanhá-lo até a porta.

— Não, não levante. Já passei muito tempo aqui, posso sair sozinho.

Com um último olhar de empatia, ele deixou a sala.

*** * * ***

Como Laura imaginou, Tom estava realmente arrasado. Não só de cansaço, mas pelo horror de tudo o que havia sido revelado. Ele não sabia em que posição aquilo o deixava na investigação de assassinato, mas no momento o importante era descobrir o máximo possível a respeito das atividades de Hugo na Lytchett Minster Farm. A peruca ruiva era uma relação óbvia — mas não aquela que estava no quarto de Mirela. Ela estava lá há meses, senão anos. Tom estava perdido em seus pensamentos enquanto atravessava o corredor. Por mais que odiasse essa casa e o monstro que ela havia abrigado, sentia muito por ter que ir embora, por causa de Laura. Ele abriu a porta da frente, então parou de repente e praguejou para si mesmo.

— Merda, o laptop.

Fechando a porta com mais força do que pretendia, voltou em silêncio para a sala de jantar para pegar o computador que havia esquecido.

39.

Ao ouvir a porta bater, Imogen correu para abraçar Laura. Will estava ocupado servindo bebidas fortes a todos — e não era a primeira dose que tomavam aquela noite. Stella foi para o outro lado da filha e segurou sua mão, acariciando-a com cuidado.

Lauta se sentiu mal por sua outra cunhada. Ela estava recebendo todo o apoio de sua família, mas no fim das contas, Hugo era também irmão de Beatrice. Ela estava prestes a dizer isso quando Will de repente bateu a garrafa que estava segurando na mesa.

— Certo. Laura, Imogen, quero falar com vocês duas. Mãe, Beatrice, eu gostaria que vocês saíssem da sala, por favor.

— Will! — exclamou Imogen. — Não pode falar assim com sua mãe! E Beatrice é visita!

— Imogen, por mais que eu te ame, e sim., sempre amei, a decisão não cabe a você. Tem alguma coisa errada nisso tudo, e eu quero saber *exatamente* o que é. Beatrice, você se importa? Mãe, acho que é melhor para todos se você não escutar isso.

Laura se sentiu como uma espectadora. Todos tinham algo a dizer, ao que parecia. Mas Will só precisava saber o que a irmã tinha a explicar. Ela teve uma sensação de inevitabilidade, e estava apenas esperando aquela cena terminar. Conhecia seu papel e sabia que teria que desempenhá-lo.

Sua mãe, no entanto, não estava seguindo o roteiro e necessitaria de certa persuasão.

Ela observava com olhos distantes a cena se desenrolar.

— William, posso ser sua mãe, mas não sou feita de vidro. Não vou quebrar se escutar algo que não goste. Nada pode me chocar mais do que o que acabei de ouvir hoje, então vou ficar.

Beatrice se levantou.

— Vamos, Stella. Vamos deixá-los com esse assunto. Acho que nunca saberemos o que aconteceu, mas eu já ouvi o suficiente. Hugo era realmente o canalha psicótico que eu sempre imaginei.

Se alguém ficou surpreso com a escolha de palavras de Beatrice, ninguém demonstrou.

Laura sabia que havia chegado seu momento de falar.

— Na verdade, eu gostaria que Imogen saísse também, por favor. Sinto muito, Imo, a decisão não é sua. É minha. Por favor, vá com minha mãe e Beatrice.

Stella e Beatrice saíram da sala, mas Imogen se virou ao chegar à porta e Laura notou o pânico em seus olhos.

— Imo, ele precisa saber. Sinto muito.

— Eu sei, eu sei. Merda. Will, não sei o que dizer, mas quero que saiba que eu te amo. Nunca tive outra pessoa. Por favor, não me odele mais ainda.

Com um suspiro, ela saiu da sala. Nem Will nem Laura notaram que a porta não havia se fechado totalmente.

— Quero algumas respostas, Laura. — O rosto de Will parecia esculpido em

granito. Todas as linhas de expressão estavam mais profundas, e ele parecia ter envelhecido dez anos desde que entrara pela porta apenas algumas longas horas atrás. Ele falava com uma raiva que mal conseguia conter. — Agora todos sabemos que Hugo era um indivíduo totalmente imoral e corrupto —

continuou. — Mas acho que você já sabia disso. Foi por isso que Imogen matou seu marido para você? Deve ter sido ela. A polícia sabe, mas não tem como provar. Que Deus nos ajude. Sei que são amigas e que ela te ama, mas não acha que pediu demais? Minha nossa, Laura!

Laura se sentia fria e estranhamente nada emotiva. Tanta coisa tinha acontecido — tanta coisa tinha machucado tanta gente. E agora essa parecia a parte fácil. Quantas conversas haviam se passado nessa sala nos últimos dias? Quantas vidas haviam sido destroçadas? E agora Will merecia a

verdade.

— Will, cala a boca. Não foi Imogen. Ela não o matou.

— Bem, se não foi Imogen, então quem foi? Porque eu acho que você sabe.

Laura respirou fundo e olhou diretamente nos olhos de Will.

— Você está certo, eu sei.

— E?

— Fui eu, Will. Eu matei Hugo.

*** * * ***

A sala ficou em silêncio. Laura não conseguia nem ouvir o som da respiração dos dois, até notar que ela mesma estava sem fôlego. Havia proferido as palavras, e o encanto se quebrou, o distanciamento se foi. Admitir o que havia feito era uma coisa, mas para explicar suas ações, ela teria que reviver o momento, e isso seria muito mais difícil.

Will olhava fixamente para ela, totalmente perplexo. Ela era incapaz de encará-lo.

— É uma longa história. De certo modo, será um alívio contar. Mas apenas escute, ou não vou conseguir continuar. Não me interrompa. Por favor, Will. — Ela mantinha o corpo rígido, sentindo que, no primeiro momento de fraqueza, desabaria.

Will continuava olhando fixamente para a irmã e assentiu fazendo um movimento quase imperceptível com a cabeça. Laura se levantou do sofá, segurando o grande copo de uísque, e ficou parada na frente da lareira, aquecendo-se diante das chamas. Ela começou a falar, mantendo a voz estável e as emoções sob controle.

— Foi tudo meticulosamente planejado. Todos os mínimos detalhes. A contagem regressiva começou na tarde da quinta-feira anterior à morte de Hugo. Eu estava na casa da Itália, é claro, e me lembro de verificar minhas malas pelo menos umas 12 vezes, confirmando cada item de minha lista.

Verificando e reverificando. Havia tanta coisa em jogo, sabe. Deixei outra lista sobre a mesa da cozinha de lá, junto com um pequeno gravador, meu passaporte, confirmação de voo, chaves do Mercedes e um tíquete do estacionamento do aeroporto de Stansted. No chão, ao lado da mesa, deixei uma mala e uma maleta de mão. Tudo para Imogen.

Ela viu Will se exaltar com a menção a Imogen, mas cumprindo sua palavra, ele não a interrompeu.

— Finalmente, tudo estava pronto. Fui da casa para o carro e fiquei um tempão sentada no banco do motorista. Quase nem consegui colocar a chave na ignição de tanto que minhas mãos tremiam. — Ela apertou o copo de bebida ao ser assolada pelas lembranças daquele momento. —

Imogen foi incrível; uma verdadeira rocha e uma enorme fonte de força. Eu sabia que a estava transformando em uma cúmplice involuntária, mas nunca pensei que haveria qualquer problema para ela, pois estaria de volta ao Canadá antes do corpo de Hugo ser encontrado. Não havia como ela ser relacionada a nada. Seu nome nunca apareceria, porque em teoria *nós* não nos víamos há anos.

Ela estava fora da minha vida, Foi um erro tremendo ela ter vindo para cá, e eu fiquei furiosa quando ela chegou. Ela ainda não estava entendendo.

“Imogen começou a me visitar quando Hugo me internou pela segunda vez,

sempre que ela podia vir à Inglaterra. Nós combinamos tudo. Ela fingia visitar um velhinho triste que não conseguia falar, depois dava um jeito de ir me ver. Hugo *nunca* permitiria que ela se aproximasse de mim."

Laura terminou de tomar a bebida e colocou o copo sobre a lareira, mas, com as mãos desocupadas, ela, de algum modo, se sentia mais vulnerável. Então pegou o copo de volta e o segurou com as duas mãos.

— Ela sabia que, em teoria, eu estaria sofrendo de transtorno delirante e também quais eram as supostas ilusões que eu tinha. Veja só, eu tinha quase certeza de que Hugo estava raptando as

garotas, e disse a ela que a única forma de escapar daquele casamento horrível seria provando ao mundo todo como ele era um homem depravado. Disse que eu tinha um plano. Precisava conseguir provas e vazá-las para a imprensa. Mas era. essencial que nenhuma revelação remetesse a mim, porque eu sabia quais seriam as conseqüências. Então eu precisaria de provas irrefutáveis de que estava na Itália no momento em que a notícia fosse revelada. Por isso tive que pedir a ajuda de Imogen. Na época, ela achava apenas que eu seguiria Hugo e tiraria algumas fotos. Não tinha ideia do que eu realmente pretendia fazer.

Imogen esteve em Cannes — ela dissera a verdade à polícia sobre isso. Laura se lembrava muito pouco do caminho que percorreu dirigindo — apenas que havia ido de Le Marche para Cannes em tempo recorde, pouco mais de sete horas, e sem parar na fronteira dessa vez, é claro. Isso ajudou.

Ela parou no estacionamento da La Croisette, no final de Palm Beach, ciente de que Imogen estaria esperando.

— Quando cheguei em Cannes, ela já tinha preparado tudo. Suas malas estavam no carro alugado, junto com passaporte, passagens de avião, dinheiro; tudo que havíamos combinado anteriormente. Ela percebeu que eu estava nervosa, porque acariciou meu cabelo e me disse que eu estava fazendo a coisa certa. Se ela soubesse, contudo, acho que não teria me ajudado. Ela sabia que estaria infringindo a lei ao viajar com um passaporte falso, mas achou que valia a pena correr o risco se eu pudesse expor Hugo pelo que ele era, ou pelo menos pelo que eu *achava* que era na época."

Will se levantou, e Laura se deu conta de que ambos haviam terminado de beber o uísque. Sem desviar o olhar do rosto dela, ele pegou o copo de Laura. Ela

achou que ele falaria algo, mas ele resistiu. Quando o irmão se virou para encher os copos, ela se sentiu aliviada por não ter os olhos dele queimando os dela, então continuou.

— Imogen havia me dado o cartão de seu quarto no Majestic. Já havia preenchido e assinado o formulário de saída do hotel e deixado lá, e telefonaria para o hotel às onze horas do dia seguinte para avisar que já tinha saído, mas esquecera de entregar o formulário. Ela pensou em tudo. Depois entrou no meu carro como se dirigir à noite fosse a coisa mais fácil do mundo, e seguiu de volta para minha casa na Itália.

“Eu precisava dormir um pouco, mas não conseguia deixar de pensar no acordo que eu tinha feito com Hugo. O acordo que tornaria seu assassinato possível. Já tinha parado de me preocupar com o que aconteceria comigo a essa altura. Mas também não estava fazendo aquilo por mim.

“Deixei o hotel bem cedo para dirigir até Paris. Tive muito tempo para matar, mas era o único jeito de fazermos dar certo. A maior parte do percurso entre a casa na Itália e o sul da França precisou ser feito à noite, para que ninguém sentisse minha falta por lá. Eu precisava ser “vista” na casa, mesmo que na verdade as pessoas estivessem vendo Imogen. Ela colheria algumas azeitonas em horários estratégicos, quando eu sabia que haveria gente passando de carro, a uma distância suficiente para que ninguém visse direito seu rosto, é claro.”

Will segurou o copo cheio e Laura o pegou, mas foi se sentar de frente para ele no sofá. Ficou em silêncio por um tempo, enquanto se lembrava do trajeto para Paris — parando para se reabastecer com café, deixando a mala de Imogen na Gare du Nord, depois deixando o carro na locadora — que já estava fechada, de modo que ninguém a viu por lá. Depois as intermináveis horas de espera, sentada em restaurantes tomando infinitas xícaras de café para evitar o salão da estação, onde alguém poderia se lembrar de seu rosto. Finalmente, quando as opções se esgotaram, foi para a Gare du Nord e se escondeu nos banheiros para não deixar o rosto muito à mostra para o público, A noite havia sido terrível, mas o pior ainda estava por vir.

Ela mexeu o uísque no copo, olhando-o como se estivesse hipnotizada pelo líquido dourado.

— A reserva do trem estava em nome de Imogen Dubois, um nome que nunca

deveria ter sido relacionado a mim, Usei o passaporte canadense dela para embarcar. O mesmo nome estava nas passagens. A foto era de peio menos oito anos atrás, e podia ser qualquer pessoa. Não era uma foto muito boa, as fotos de documentos nunca são, E, sejamos realistas: a foto do meu passaporte foi

tirada antes de eu me casar com Hugo, e eu não me pareço nada com aquela pessoa hoje em dia. Eu também estava com o outro passaporte de Imogen, o britânico. Ele era ainda mais antigo e estava perto da data de vencimento. Ela parecia muito jovem.

O rosto de seu irmão apenas estremeceu. Ela podia ver que ele ainda estava longe de ficar do seu lado.

Enquanto passava pelas infinitas horas de espera pelo trem, Laura repassou tudo várias vezes na cabeça. O motivo de aquela ser a única opção que fazia sentido. O motivo de estar prestes a fazer algo que achava extremamente repugnante.

— Finalmente, consegui embarcar no trem, e foi muito fácil. Depois de olharem rapidamente meu passaporte, e com um pouco mais de cuidado para garantir que ele conferisse com o nome que constava na passagem. me deixaram passar. Eu me encolhi em um canto e fingi que dormia, de modo que ninguém tentasse puxar conversa. Sair do irem também foi fácil. Se eu fosse continuar a usar o passaporte canadense de Imogen, teria que preencher um cartão de imigração. Mas usei o britânico e passei. Sem deixar nenhum rastro em papel.

“Eu sabia que Hugo não estaria no apartamento. Mas estava chegando. Nós havíamos planejado isso, sabe. Ele achou que o último acordo que tinha feito comigo, o que me tirou da casa de saúde pela segunda vez, estava prestes a se tornar realidade. Eu tinha que chegar lá antes dele para me preparar. Entrar na casa seria potencialmente arriscado, no entanto; eu poderia ser reconhecida por um vizinho. Então entrei no banheiro da estação de metrô e coloquei aquela peruca ruiva medonha, mesmo que a associação dela a acontecimentos anteriores me deixasse com náuseas. O resto da minha roupa estava esperando por mim na casa, mas pelo menos com a peruca ninguém faria a conexão.”

Ela estava chegando à parte difícil. Respirou fundo três vezes para se acalmar e continuou.

— Destranquei a porta da frente e desliguei o alarme. Fui direto para o quarto e abri a porta do guarda-roupa. Não deixava muitas roupas lá há um bom tempo,

mas ainda restavam algumas capas de vestidos longos antigos, então, na semana anterior, escondi lá tudo o que eu precisava.

“Já tinha repassado as coisas tantas vezes na cabeça que entrei em modo automático. Era o único jeito. Eu tinha uma lista de todas as etapas, então não podia entrar em pânico nem me esquecer de nada. Tirei as roupas e as coloquei sobre a cama. A primeira coisa que fiz foi colocar as longas luvas de couro macio que sabia serem uma necessidade, mas as escolhi com cuidado. Hugo pensaria que faziam parte da performance.

“Desembalei um macacão branco, levei para o banheiro e o enfiei no fundo do cesto de roupa suja. Fui para a cozinha e peguei uma faca comprida e afiada em uma das gavetas. Eu mesma afiei.

Ela foi para o cesto de roupas também. Tirei tudo o que tinha usado para viajar e coloquei em um saco plástico com a letra “A”. Havia também outros sacos, cada um deles cuidadosamente identificado. No entanto, o último não estava vazio. Nele estavam cinco lenços de seda, todos de um vermelho bem vivo. Coloquei os lenços sobre a cama.”

Will já estava inclinado para a frente, com um olhar de fascinação e certa admiração no rosto.

Laura sabia que ele estava impressionado e levemente horrorizado com o planejamento frio do assassinato**,e** ela não queria olhar para ele ao contar o resto. Levantou-se novamente e foi até a lareira, dessa vez de frente para o fogo, de costas para ele.

— Então tomei um banho bem quente. Eu precisava. Estava frenética de preocupação, mas ainda faltava uma hora, e eu não sabia como passaria por isso. Sabia que ele não chegaria cedo. Isso indicaria que estava ansioso. Bem, depois do banho, sequei os azulejos com a toalha e a joguei na secadora. Ficaria pronta em meia hora e voltaria para a prateleira junto com as toalhas limpas.

“Coloquei novamente as luvas e retornei ao quarto. Depois vesti as roupas que tinha escolhido, roupas que Hugo acreditaria terem o propósito de agradá-lo. Quando tudo estava pronto, peguei os dois últimos itens de uma caixa de sapato no fundo do guarda-roupa. Uma seringa e um frasco de vidro. Entrei no banheiro e enchi a seringa com o líquido. A seringa foi para o cesto, o frasco vazio

voltou para o quarto e foi colocado em um dos sacos marcados.

“Eu estava pronta. Só tinha que preparar o quarto. Tinha que parecer perfeito. Ele não podia fazer ideia de que eu não desejava participar de seus jogos. Peguei uma garrafa de champanhe Cristal na adega climatizada. Sabia que Hugo consideraria aquilo a prova suprema de minha submissão, o mesmo champanhe que ele havia comprado na primeira noite de nossa lua de mel. Preparei um balde de gelo e taças, arrumei os móveis. Só faltava a peruca.

“Tudo o que me restava era esperar.”

*** * * ***

Laura se virou e encarou Will.

— Então agora você sabe. Eu o matei. E Deus me ajude, Will, mas foi a coisa certa a fazer. Você precisa acreditar em mim. Acha mesmo que eu teria feito isso, me submetido àquela tortura, se não fosse a única opção?

Laura arriscou um olhar para o irmão. Ele não a havia interrompido, e ainda a observava atentamente.

— Tem mais? — perguntou ele. — Vai me explicar o motivo desse plano incrivelmente complexo?

Laura não gostou do tom de Will, mas não podia culpá-lo totalmente. Talvez tivesse mais credibilidade se falasse alto e de maneira frenética, mas sabia que no minuto em que deixasse as emoções assumirem o controle, não conseguiria continuar,

— Vou contar o resto, mas não me julgue. Pelo menos não ainda. — Os olhos dele haviam suavizado um pouco ou ela estava sendo influenciada por seus desejos? Laura desviou o olhar e ficou olhando para a parede, sem querer encarar o irmão ao continuar a história.

— A viagem de volta foi praticamente igual. Eu havia preparado os sacos para não entrar em pânico. Alguns continham roupas, para que eu pudesse me trocar em vários pontos a caminho de Paris. Os outros estavam marcados para o descarte, de modo que eu não deixasse mais de uma prova no mesmo lugar. A seringa foi em um, o frasco vazio em outro, e assim por diante. Voltei para Paris

no fim da tarde e peguei o metrô para o Charles de Gaulle para pegar o avião de volta. Imogen pousou em Stansted, pegou meu carro e dirigiu até Heathrow para me encontrar. Vesti minhas roupas desmazeladas de Laura no aeroporto. Depois dirigi até aqui. Imogen entrou no terminal, aparentemente para pegar seu voo para o Canadá. E foi isso.

Will continuou olhando fixamente para ela, quase como se alo a conhecesse. Depois de muitos minutos de um silêncio que Laura não achou que devia interromper, ele falou:

— Como eu disse, seu planejamento foi impecável, a execução do piano foi impecável. Mas se arriscar tanto só porque odiava seu marido? *Agora* sabemos o que ele era, mas você não sabia de tudo isso antes. Então por que simplesmente não se separou? E por que envolver Imogen?

Laura sabia que seria difícil. Ela estava tentando manter o tom de voz estável, mas por dentro suas emoções estavam tumultuadas. Depois de tudo o que havia sido revelado naquele dia, ela só queria se encolher e morrer. Mas precisava terminar. Contar tudo a Will e só depois rastejar para um canto bem escuro, longe do mundo.

— Quando Imogen começou a me visitar, contei o suficiente para que percebesse do que Hugo era capaz. Ele tinha um péssimo caráter. E, em conjunto com íudo o que havia feito a nós duas, isso foi mais do que suficiente para convencê-la a me ajudar a expor a pessoa que ele realmente era. Mas ela sinceramente não fazia ideia de que eu o mataria. Mal pude acreditar quando ela apareceu aqui.

Foi um momento muito, muito inoportuno. Eu ainda não contei tudo a ela. Isso a transformaria em cúmplice. Mas ela sabe, tenho certeza.

O rosto de Will continuou sem expressão. Colocando o copo em uma mesa lateral, ele recostou

no sofá com as mãos atrás da cabeça. Laura o conhecia o bastante para saber que ele estava pesando cada uma de suas palavras.

De repente, sentiu um pânico crescendo dentro do peito. Laura sempre achou que Will entenderia. Havia se apoiado nele como a única pessoa que teria feito o mesmo que ela. Precisava contar como tudo aconteceu.

— Ele tinha que morrer, Will. Se não morresse, ia acabar me matando de qualquer modo. Ele me *disse* isso. Eu teria que colaborar, ou morrer. Ele usaria alguma droga e diria que era overdose.

Diante do aparente estado de minha saúde mental, não seria difícil fazer as pessoas acreditarem. O

problema era que eu não tinha a mínima ideia de como cometer um assassinato.

“Pensei em muitos métodos. Esfaqueá-lo seria o meu preferido, mas acho que eu não conseguiria, ainda que o teria feito se chegasse a esse ponto, A faca era para isso. Queria alguma coisa que parecesse ter sido feita por uma amante, mas ao mesmo tempo teria que ser algo que combinasse com Hugo.

“Sabia que ele tinha outras mulheres, e tinha certeza de que eram as garotas da Fundação Allium.

Ele não arriscaria ter um caso se houvesse qualquer risco de se tornar público. Quando Hugo foi me visitar durante minha segunda passagem pela clínica, as palavras dele foram arrepiantes. Disse que tinha desejos normais e que, no decorrer dos anos, encontrar “parceiras adequadas” havia se tornado caro. Estava lhe custando mais de 10 mil libras por mês. Agora sabemos o que era: ele estava pagando as meninas. Disse que tinha encontrado uma solução alternativa, mas tudo o que havia feito era devido à ‘negligência de minhas obrigações’ e que a culpa era toda minha. Pensei várias vezes naquela conversa, imaginando o que ela poderia significar. Mas agora faz sentido. Deve ter sido depois que ele começou a matá-las, embora eu sinceramente não soubesse de nada.”

Will assobiou.

— Por que ele te disse isso?

— Porque de queria fazer uma ameaça definitiva. Disse que tomaria as providências para eu receber alta, mas ele precisava que eu retomasse minhas obrigações conjugais. Hugo sabia que eu odiava sua ideia de sexo, assim como as meninas que ele raptou, ao que parece. Depois da minha primeira internação, ele tinha concordado em me dispensar. Mas nunca encontrou ninguém que gostasse dele, e com razão. Então ele me queria de volta em sua cama, de acordo com seus termos.

Eu odiava fazer sexo com ele, mas quanto mais eu odiava, mais ele amava. Era uma questão de poder. Ele disse que não duraria muito, porque, como eu já sabia, uma opção preferível estava para chegar.

— O que ele quis dizer com isso?

Laura se aproximou de Will e ajoelhou no chão — não tão perto a ponto de tocá-lo, mas de modo que ele tivesse dificuldade em evitar seu olhar. Era preciso que ele visse seu rosto naquele momento. Ele precisava ver a paixão e o ódio. Precisava compreendê-la.

— Chegarei a isso. Bem, ele me disse que eu era a única pessoa que podia impedir ou protelar o inevitável. Que eu tinha que parar de bancar a donzela virgem e voltar ao papel de sua puta. Eu sabia qual era a outra opção, embora ele nunca tenha voltado a dizer claramente que me mataria. Pedi um tempo a ele. A ideia de fazer sexo com ele me causava uma repulsa maior do que tudo, mas as conseqüências de não ir adiante estavam além do que eu podia contemplar.

“Prometi pensar no assunto. Adiei o máximo que pude. Finalmente, ele me deu um ultimato. Eu faria o que ele mandou, ou eu, e outras pessoas, pagaríamos caro. Ele acabou me ajudando. Se não tivesse dado o ultimato, eu teria que me oferecer a ele e seria muito menos convincente. Eu disse que precisava passar alguns dias na Itália para me preparar, mas que não queria transar com ele aqui em Ashbury Park. Tinha que ser no apartamento, um lugar que não me despertava lembranças tão terríveis.

Will estava inclinado para a frente com as mãos apertadas entre os joelhos. Havia exigido saber a verdade, mas no fim parecia estar sofrendo ao testemunhar a agonia da irmã.

— Levei Hugo a acreditar que eu talvez não fosse. Não podia parecer muito ansiosa, e ele realmente ficava excitado ao pensar que eu estava agindo sob pressão. Tudo o que Imogen tinha que fazer na Itália era servir de álibi para mim, mesmo achando que fosse para uma coisa completamente diferente. No sábado, ela telefonou para Hugo usando uma gravação que eu tinha feito antes. Eu sabia que não haveria ninguém aqui, então ela poderia simplesmente reproduzir a gravação na secretária eletrônica. Obviamente não podíamos ligar para o celular de Hugo, pois ele poderia atender. Ainda estava com o aparelho naquele momento.

Will olhava para ela com uma mistura de admiração e terror.

— Quando Hugo chegou, eu me comportei do jeito que ele gostaria. Ele acreditou sinceramente que havia triunfado. — Laura fez uma pausa. Fixou os olhos nos de Will. — Depois eu o matei.

Will não disse nada. Ele pegou o copo e bebeu um grande gole, mas não disse uma palavra.

Laura se sentiu compelida a continuar.

— Eu havia tomado a precaução de vestir o macacão para não deixar nenhum rastro, e fiquei de luvas o tempo todo. Comprei a seringa na Itália; eles vendem em supermercados. Eu mesma preparei a nicotina líquida.

Finalmente, Will falou:

— Não ficou com medo de não ter preparado direito? Não dava para testar antes!

— Havia outro motivo para o macacão. Se não tivesse funcionado, eu não teria outra escolha.

Levei a faca comigo para o quarto, e se eíe não morresse logo, teria que esfaqueá-lo. Graças a Deus que não chegou a esse ponto. Mas esqueci de guardar a faca de volta na cozinha.

“O celular dele foi para um dos sacos marcados para descarte, o chip para outro. Além de toda a parafernália: macacão, roupas, peruca. Algumas peças foram parar em latas de lixo em Londres, outras em Paris. O telefone tinha que sumir porque eu sabia que ele estava recebendo ligações; imagino que fossem de uma das garotas. Achei que assim que ele estivesse morto, elas estariam a salvo, e eu não queria que tudo viesse à tona por causa de Alexa. Por isso o telefone precisava desaparecer. Ninguém gostaria que o mundo soubesse que seu pai era um monstro.

Laura sabia que agora, é claro, teria que contar a Alexa, e sentiu uma tristeza intensa e pungente ao pensar no sofrimento da criança.

Ela percebeu que Will ainda se esforçava para entendê-la, e soube que logo teria que acrescentar o detalhe final da imagem que havia pintado de Hugo. Aquilo

que daria sentido a todo o resto.

— Não ficou com medo de ser parada porque seu rosto não batia com o do passaporte? Vocês duas não são nem parecidas®

— Ah, Will, somos mulheres! Ontem, quando você entrou no banheiro, não achou que Imogen era eu? Isso porque venho usando os cabelos penteados para trás há anos, na tentativa de ficar o mais simples possível para desviar a atenção de Hugo. Temos a mesma idade, quase o mesmo peso e altura. Quando entramos no país, as pessoas mal olham na sua cara, contanto que o passaporte esteja válido, principalmente se for um passaporte britânico. Simplesmente fizemos algumas coisas para minimizar as diferenças na aparência. Foi a parte mais fácil, sinceramente.

“Ficou um pouco difícil para Imogen no voo quando pediram que Laura Fletcher se apresentasse à tripulação. Mas ela simplesmente ignorou o aviso. Por isso venho pegando voos baratos, sem lugar marcado; tinha que manter um padrão reconhecível, e anonimato era essencial.”

— Então por que Imogen veio para cá? Que coisa mais idiota de se fazer! — exclamou Will, pegando mais uma vez a garrafa de uísque, como se pudesse entorpecer a dor de tudo o que estava ouvindo.

— Pois é, e eu fiquei furiosa. Mas ela sabia que tinha alguma coisa errada. Por que meu nome seria chamado durante o voo? Quando nos encontramos em Heathrow, eu me recusei a falar. Disse que estava muito estressada e explicaria tudo assim que ela chegasse no Canadá. E, de qualquer modo, não dava tempo. Eu sabia que a polícia não estaria muito longe, e precisava chegar aqui antes deles. Daí ela ficou sabendo que Hugo estava morto e não soube o que pensar. Só conseguiu pensar

em mim.

“Ele não devia ser encontrado tão rápido. Eu ia registrar o desaparecimento provavelmente domingo, no fim do dia, ou até mesmo segunda-feira de manhã. Achei que teria algum tempo para me recompor. Mas Beryl voltou para pegar a carteira que havia esquecido menos de uma hora depois que eu saí! Meu Deus, que desastre podia ter sido. E quando a polícia chegou aqui eu estava completamente fora de mim o estresse e o medo quase me engoliram. Só conseguia pensar em como podia ter dado errado. E no horror do que eu havia

feito. E agora a polícia suspeita de Imogen.

Estou tão envergonhada por tê-la envolvido nisso. Mas não consegui pensar em nenhuma outra saída.

Will permaneceu em silêncio. Ficou analisando as próprias mãos entre os joelhos. Depois do que pareceram horas, mas provavelmente não passou de um minuto, ele levantou a cabeça.

— Ainda não consigo acreditar que essa era sua única opção. Eu poderia ter ajudado. Mas *assassinato*? Por que não me falou?

— Eu não podia. Ele não teria me deixado ir embora. Eu já disse, ele foi inflexível ao dizer que me mataria antes. E se eu tivesse envolvido você, ele teria feito alguma coisa para arruinar sua vida.

Vamos encarar os fatos, ele já havia obtido sucesso nessa área.

Will a fitou com uma expressão confusa no rosto. Ainda não entendia.

— Então foi por isso que o matou? Porque achou que ele mataria você, ou porque tinha transformado sua vida em um inferno? Ou porque você achava que ele estava seqüestrando aquelas prostitutas? Qual foi o motivo?

— Não foi nenhum desses, Will. Eu não o matei por nenhum desses motivos.

— Então *por quê*?

— Eu o matei por Alexa.

Will encarou a irmã. E não demorou muito para ele perceber que, em algum lugar da casa, uma porta havia sido fechada com cuidado.

40.

SEIS MESES DEPOIS

Laura estava sozinha na sala de estar, cômodo que não se parecia em nada com aquele lugar desmazelado e sombrio de apenas seis meses atrás. Confortáveis sofás creme contrastavam perfeitamente com o painel de madeira escura, e o

belo tapete Aubusson verde que decorava o corredor anteriormente havia sido transferido para esse cômodo, revelando as recém-limpas pedras do piso em sua melhor forma.

Ela estava esperando a campainha tocar. Obrigou-se a respirar fundo algumas vezes e se inclinar para trás, tentando relaxar seus membros tensos, incapaz de decidir se era medo ou empolgação que estava causando a estranha sensação em seu peito, Ela não o via havia muito tempo, mas sempre pensava nele. Sem. a mínima ideia de como reagiria quando ele chegasse, fez um esforço para se recompor. Usando uma combinação simples, porém elegante, de calças grafite e camisa de seda cinza, suas roupas não eram nem muito formais, nem casuais — pelo menos essa era a intenção. Os cabelos estavam de volta ao castanho natural e soltos na altura do ombro.

Finalmente, ouviu o som familiar da campainha e se levantou rapidamente do sofá, tentando desacelerar os passos enquanto caminhava para abrir a porta. Os cabelos louro-escuros estavam um pouco mais longos, e ela teve certeza de que ele também havia se vestido com cuidado. Não estava usando os ternos executivos de um dia de trabalho, mas uma camisa polo preta e a jaqueta de couro que ela lembrava que ele estava usando da primeira vez que se viram. O ar de tristeza no rosto dele parecia ainda mais definido, no entanto, e havia uma tensão em seu sorriso que não existia antes.

— Olá, Laura. Como tem passado?

— Tom. É bom ver você. Estou bem, obrigada. E você?

— Sinto saudades da Lucy, mas estou aprendendo a lidar com isso. Você fez maravilhas com esse lugar. Não pude acreditar que era a mesma casa quando parei na entrada.

— Desculpe. Deixei você falando aí na porta. Por favor, entre.

Quando Tom pisou no corredor, saindo do sol forte, olhou para Laura novamente, e ela notou a surpresa em seus olhos.

— Laura, você está ótima! — elogiou ele. — Becky disse que eu precisava me preparar, mas você realmente está maravilhosa.

Laura agradeceu com um sorriso, mas não conseguiu pensar em nada para dizer

enquanto o acompanhava até a sala. Ela se sentou e segurou as mãos em uma tentativa de esconder o tremor, esperando que Tom não notasse. Em vez de se sentar no sofá, de frente para ela, ele foi até a janela, abrindo-a para deixar entrar o ar de primavera, e ficou de costas para Laura, aparentemente olhando para os narcisos e as tulipas que floresciam no jardim. Ela nunca havia se sentido desconfortável com ele antes, mesmo quando a interrogava, mas essa tarde era diferente. Tom foi o primeiro a quebrar o silêncio.

— Eu vim para contar que vamos reduzir a equipe que está investigando o assassinato de Hugo.

Não conseguimos fazer nenhum progresso nos últimos seis meses, como você certamente já sabe.

Não estamos encerrando o caso, mas pedi para ser transferido para outras investigações.

— Tom ainda estava de costas para ela.

— Eu entendo, Tom. Imagino que queira algo com um pouco mais de ação. Esse caso deve estar ficando um pouco tedioso para você.

— Ah, certamente é tedioso. Tem sido tedioso nos últimos seis meses, na verdade. É difícil interrogar suspeitos quando se tem certeza que são inocentes. E analisar provas quando se sabe que

não revelarão nada. — Tom se virou para encará-la, parecendo um tanto zangado.

Pela expressão dele, ela percebeu que ele sabia a verdade, e que Will estava certo. Alguém **ouviu** a conversa que tiveram. Mas ela não recuou diante do olhar dele. Estava quase aliviada. De certa forma, isso explicava sua ausência nos últimos meses, o que a havia deixado inexplicavelmente magoada.

— Desculpe Tom. Se você sabia disso tudo, quer dizer que *tinha* outras opções, não tinha?

— Na verdade não. Vamos parar com o papo furado, Laura.

Ela sempre suspeitou que ele tivesse escutado aquela conversa, mas não

conseguia entender por que ele não a havia prendido. Ou pelo menos conversado com ela sobre o assunto. Mas nesse caso, é claro, ele teria que agir. Tudo era muito confuso. Todas as noites, Laura sonhava com o dia em que matou Hugo, e todas as manhãs acordava se sentido mal. Na época do crime, ela ainda não sabia o quanto ele era diabólico, mas já sabia o bastante. Agora tinha certeza, sem sombra de dúvida, de que seria capaz de fazer tudo novamente. Em um instante.

Apenas o som dos pássaros do início da primavera penetrava o silêncio da sala. Um som alegre em uma sala cheia de tensão. Depois de alguns instantes, eles se encararam. O clima estava carregado.

— Preciso perguntar novamente, Tom. Por que você não fez nada a respeito?

Tom suspirou e passou os dedos pelo cabelo. Sua raiva parecia ter sido substituída pela frustração, e ela lamentou profundamente ter causado tanto estresse a esse homem.

— Essa é a pergunta que eu venho me fazendo nos últimos seis meses. Ouvi sua confissão, mas não tinha provas. *Ainda* não tenho nenhuma prova. Você poderia ter negado completamente a conversa, e Will teria confirmado sua versão. Mas eu tinha quase certeza de que se viesse falar com você, contando o que eu ouvi, você teria me dito a verdade. E então eu *teria* que agir. Não sabia se conseguiria lidar com isso, então achei melhor não vê-la.

Laura não sabia o que dizer. Ele estava certo, é claro.

— Devo dizer que Imogen ainda é a suspeita número um, agora que todas as outras garotas da Fundação Allium já se apresentaram; aquelas anteriores a Alina. Rastreamos todas elas com a ajuda um tanto tardia de Jessica.

Todas as vezes que aquelas pobres meninas eram mencionadas, ela sentia uma pontada de culpa.

Culpa por não ter feito mais, por não ter feito algo antes. Mas quando se tratava de Imogen, Laura sabia que era a única responsável pela suspeita que havia recaído sobre a amiga.

— Vocês têm *alguma coisa* contra Imogen? Pretendem acusá-la?

— Não, não temos. A única prova que temos é puramente circunstancial. Seria

impossível provar o golpe que vocês armaram, então parece que ela está a salvo.

Ela ficou aliviada por Imogen. Laura sempre soube que no momento em que a amiga fosse acusada, ela seria obrigada a confessar. Havia momentos em que ela sentia que o fardo da culpa era muito grande para suportar, e uma confissão seria muito libertadora. Mas ela não podia pensar apenas em si mesma.

Tom ainda estava parado perto da janela, como se não quisesse chegar muito perto. Ela ficou imaginando o que ele achava dela agora.

— Como está Imogen, por sinal? E Will? — perguntou Tom, aliviando um pouco o clima por um momento.

— Como era de se esperar, estão juntos de novo. Nenhum dos dois nunca amou outra pessoa, e os dois estavam arrasados por terem ficado todos esses anos separados. Mas não acho que será fácil, porque eles mudaram e precisam reconstruir a confiança. Imo está se esforçando para perdoar Will por não ter acreditado nela, e ele está lutando para tirar da cabeça a imagem da esposa com Sebastian. Eles estão resolvendo isso.

— Laura fez uma pausa breve. — Mas pare de mudar de assunto.

Tom deu um meio sorriso, como se ela o conhecesse muito bem. Ele foi até o sofá e se sentou

diante dela. Recostou, sem olhar muito nos olhos de Laura, como se estivesse fitando alguma coisa logo acima do topo de sua cabeça.

— Não consigo deixar de me sentir meio impotente, esse é o meu problema. Trata-se de um território desconhecido para mim, e durante seis meses eu traí todos os valores que pensei que tivesse.

— Mas então por quê? *Você* não precisava desse sofrimento.

Os olhos deles se encontraram por alguns segundos antes de Tom voltar a falar.

— Eu não podia fazer isso. Não podia fazer isso com *você*. Achei que você foi... notável! O modo como lidou com todos os horrores que foram jogados sobre você, e o fato de estar preparada para arriscar tudo por outra pessoa. Você sofreu tanto. Eu me senti compelido a protegê-la, por mais que pareça inapropriado.

Laura fitou o policial, e lágrimas surgiram em seus olhos. Ela os fechou rapidamente para esconder a emoção do olhar observador de Tom. Ele lhe deu um instante, depois continuou. -

— Quando escutei sua conversa com Will, ouvi você dizer que Hugo afirmou que “uma opção melhor estava para chegar”, ou algo assim. Você também disse que o matou por Alexa. Saí antes que explicasse. Não queria scr pego escutando porque depois não teria como negar o que tinha ouvido.

Mas acho que sei ao que se referia.

Laura ficou em silêncio. Ela sabia que ele merecia conhecer toda a história, mas o horror de dizer as palavras em voz alta era ainda mais insuportável que os pensamentos que a atormentavam diariamente. Mesmo com os olhos fechados, ela podia sentir que Tom a observava, e ele continuou falando, suavizando o tom de voz ao reconhecer a angústia dela.

— Vou contar o que supus na época. Vi uma foto da mãe de Hugo. Você sabe que se parece muito com ela? Deve ser por isso que ele nunca quis que você visse as fotografias. Annabel me contou uma coisa; não sei se você quer ouvir, mas acho que tenho que dizer. Ela disse que viu Hugo transando com a mãe. Ele estava amarrado à cama e ela estava montada nele. Sinto muito, são as palavras dela, não minhas. — Tom fez uma pausa. — Você sabia disso?

O constrangimento de Laura era tanto que ela ainda não conseguia olhar para Tom ao responder.

— Eu imaginei, mas não por muito tempo. Ele me disse que eu o fazia lembrar de alguém, e tinha umas coisas que ele queria que eu vestisse quando fazíamos sexo. Depois que mudei a cor do cabelo, ele até me obrigou a usar uma peruca. Longos cabelos ruivos, é claro. Ele costumava deixá-la sobre a cama para mim.

Ela se lembrou do dia em que encontrou a caixa de perucas no sótão. Foi depois que voltou dá casa de saúde pela primeira vez. Àquela altura, Hugo havia parado de esperar que ela participasse de seus jogos sexuais. Mas, é claro, ela tinha reconhecido as perucas, então perguntou à Sra. Bennett sobre elas. Quando a gentil senhora explicou de quem eram, Laura sentiu uma repulsa tão profunda que quase quis tirar a própria vida. O horror de se dar conta de quem estava substituindo durante todos aqueles anos quase acabou com o que restava de sua coragem. Mas ela já não tinha mais escolha. Estava ali apenas por um motivo, e

era Alexa.

Tom se levantou e andou pela sala. Sentou-se ao lado de Laura no sofá e segurou as mãos dela.

Todos os traços de sua raiva e frustração anterior haviam desaparecido. Enquanto falava, gentilmente massageava as mãos dela com os polegares.

— No caminho para Dorset, Beatrice me contou que a tradição da família é o pai ou a mãe violar a criança com o tempo. Começam dividindo a cama desde muito cedo, e sempre dormem nus.

O toque e a sensação do corpo adulto tornam-se familiares e seguros. Depois vêm as carícias e brincadeiras com toques, conforme a criança vai ficando mais consciente, Quando chegam a uma idade considerada adequada, eles amarram a criança à cama e fazem parecer que se trata de algo divertido. Depois um dos pais começa a ter relações sexuais com o filho logo após a puberdade. —

Tom parou. Laura estava observando seus olhos, procurando por repulsa. Mas não via nada além de

compaixão. — Segundo Beatrice, o relacionamento continua depois da fase adulta, como aparentemente acontecia com Hugo e sua mãe, Eu não entendo, Laura, por que ficou com ele se era tratada como uma substituta de sua sogra? E por que diabos se casou com aquele cretino?

As palavras eram duras, mas o tom que ele usava não. A repulsa estava reservada para Hugo, e ela ficava muito satisfeita com isso. Obrigou-se a olhar diretamente nos olhos de Tom. Ele tinha que saber que ela estava dizendo a verdade, por mais terrível que fosse.

— Acho que já entendeu, ou pelo menos a maior parte. Antes de nos casarmos, Hugo era charmoso e cortês, Nunca havia conhecido um homem como ele. Como posso explicar? —- Laura fez uma pausa. — Uma vez fiz um filme sobre abuso, e alguém me disse que eu não entendia nada do assunto. Agora sei exatamente o que ela quis dizer. Não se traía apenas de atos definíveis de terror, corno crueldade física ou obediência exigida por meio de ameaças abertas. Nesses casos é fácil reconhecer a diferença entre certo e errado, mesmo que muitas vítimas não tomem nenhuma atitude. A quebra silenciosa, mas inexorável, da autoestima é muito mais sinistra; é uma violação da alma. E o que

Hugo tez comigo.

Ela olhou para Tom e percebeu que ele entendia,

— O que aconteceu com Alexa? — incitou ele calmamente. — Posso imaginar, mas prefiro ouvir de você.

Ele merecia saber. Ela lhe devia pelo menos isso, por mais difícil que fosse dizer em voz alta o que havia testemunhado.

— Uma noite, quando pela lógica eu deveria estar dormindo, ouvi barulhos vindos do quarto ao lado, que devia estar vazio. Reconheci a risada de Alexa. Mas aquele era o quarto para o qual Hugo só me convidava quando queria sexo. Então eu *tive* que investigar. Quando entrei, Alexa estava amarrada na cama. Ele estava nu, ela também, e ele estava tendo uma ereção. Alexa estava rindo; ela só tinha uns 7 anos. Achou que era uma brincadeira.

Ele apertou as mãos de Laura para tranquilizá-la.

— Continue.

— Eu precisava tirá-lo daquele quarto antes de dizer o que eu pensava. Precisava proteger Alexa.

Quis sair correndo, Tom, para o mais longe possível. Mas isso significaria deixar Alexa sozinha com ele na casa. Era impossível. Então disse que o achava um pervertido, doente, e um monte de outras coisas. Á resposta de Hugo foi previsível. Disse que meu fracasso como parceira sexual era devido à falta de orientação afetiva. Basicamente, afirmou que toda criança deveria ter a sexualidade desenvolvida pelos pais, e aquele era um dever que ele ficava feliz de desempenhar por Alexa.

Esperava que eles continuassem juntos por muitos anos.

Tom ficou lívido. Ela sabia como ele devia estar se sentindo, tendo uma filha pequena. Tinha certeza absoluta de que ele teria desejado matar Hugo tanto quanto ela desejou. Mas precisava contar o resto.

— Perguntei se ele já havia feito sexo com Alexa e ele respondeu: “Claro que não, e não vou fazer até ela chegar à puberdade. Ainda é uma criança.” Fiquei

completamente desesperada. Eu ia denunciá-lo, e ele sabia disso. Foi quando ele injetou algo em mim e me trancou em um quarto vazio. Fui encontrada lá, nua e imunda. Foi como ele conseguiu me internar.

“Mas eu precisava detê-lo. Sabia que ninguém acreditaria em mim, e Alexa não achava que havia algo errado. Para ela, era normal; não passava de um dos segredos que tinha com o pai. Tinha orgulho do fato de compartilharem de ‘momentos especiais’, e nada era novidade, de modo que não a surpreendiam ou chocavam. Ele nunca a havia penetrado, então não existia prova física. Alexa ainda era nova, contudo, e eu achei que teria tempo. Precisava voltar para cá, onde podia protegê-la, então concordei com as condições de Hugo. Não havia ninguém além de mim para mantê-la em segurança. Mas eu também estabeleci minhas condições. e uma delas era que eíe não encostasse um dedo em Alexa ou em mim novamente. Apesar de suas promessas, tenho quase certeza de que ele ainda a acariciava. Mas eu não tinha como provar.”

Ela se soltou das mãos de Tom. Não achava que realmente merecia o consolo e a força reconfortante. Dessa vez, foi ela quem se afastou e foi olhar pela janela, incapaz de suportar por mais tempo a gentileza dele.

— Achei que se fosse falar com o chefe de polícia sobre as garotas dá fundação e ele descobrisse que Hugo era tão culpado quanto eu suspeitava, o problema seria resolvido. Tinha certeza de que o Sr. Hodder ajudaria, mas Hugo teve muita satisfação em me dizer que, como sempre, meu julgamento era péssimo. Aparentemente, seu colega havia estuprado sua própria garota da Allium, mas Hugo havia conseguido abafar o caso. Então ele ficou devendo o favor.

Laura tinha sido informada algumas semanas atrás de que Theo Hodder havia sido afastado, mas isso não lhe servia de consolo. Ele tinha o dever de ajudá-la. Ela não conseguia deixar de pensar em quantas outras meninas podiam ter sido salvas se ele tivesse tomado alguma providência. Ela agora se dava conta que, para Hugo, as prostitutas eram bem convenientes. Ela não correspondia aos seus desejos, e Alexa não estava pronta. Então Hugo havia tirado o que precisava da fonte mais próxima, assim como seu pai fazia. Ele as considerava inúteis e descartáveis.

— Hugo me fez um favor quando me internou pela segunda vez. Tom. Ele me deu tempo para preparar um plano. Eu precisava salvar Alexa, e sabia que havia apenas uma forma.

Ela se esforçou muito para resistir ao ímpeto de recorrer a Tom para obter conforto, tentando desesperadamente ser o mais direta possível ao contar a história. Ela sempre soube que um dia poderia ter que pagar um preço alto, e talvez esse momento tivesse chegado.

— Como está Alexa? Como ela está lidando com tudo isso? — perguntou Tom.

— Ela está bem, obrigada. Annabel encontrou um magnata rico em Portugal e raramente volta ao país, o que significa que Alexa pode passar todos os fins de semana e as férias comigo. Ficou conveniente para todos. Tenho procurado ajuda para saber como lidar com o fato de que- o pai dela tinha ideias estranhas a respeito de intimidade, e estamos trabalhando isso.

Laura se virou para Tom. Ela ainda não sabia o que ele pretendia fazer, mas estava feliz por ter sido sincera.

— Então já sabe de tudo. E agora?

Ele balançou a cabeça. Parecia exausto, como se os acontecimentos dos últimos seis meses tivessem cobrado um preço alto.

— Você sabe que, como policial, eu fiz um juramento? Mas nos últimos seis meses tomei conhecimento não só de uma, mas de duas assassinas. E não fiz nada a respeito de nenhuma delas.

No que isso me transforma?

— *Duas?* Só eu estava envolvida; por favor, não arraste Imogen para isso. Sei que ela foi cúmplice, mas não é culpada de assassinato.

Tom meneou a cabeça novamente.

— Você nunca desconfiou de Beatrice? Tenho quase certeza, pelo que me disse a caminho de Dorseí, de que eia foi responsável pela morte do pai, Mas não há como provar. E eie provavelmente merecia também. Que ótimo policial eu sou, não?

— Você sabe que eu o considero um excelente policial. Sinto muito por tê-lo colocado nessa posição. Não teria feito isso se não estivesse preparada para assumir as conseqüências, Surpreendentemente, Tom parecia estar prestes a

chorar, e Laura só queria abraçá-lo e acabar com a dor que lhe havia causado. Mas não se aproximou dele. Ninguém disse nada por alguns instantes. Finalmente, Tom se levantou do sofá e caminhou na direção dela. Ficou mais ou menos a um metro de distância e a encarou.

— Sei que você não me culparia se eu a prendesse. Mas não farei isso. embora não saiba ainda como conviverei com isso. Mas se prendesse você, teria que prender Imogen. Ela é cúmplice, você gostando ou não. Isso destruiria a vida dela, a vida de Will e provavelmente a de sua mãe também. E

sem você, o que será de Alexa? Eia já sofreu demais. Apenas os inocentes sofreriam, e vários deles já sofreram. Você fez um favor ao mundo matando Hugo, e já passou por dez anos de tormento. Não

posso concordar em fazer pelo menos cinco pessoas sofrerem infinitamente só porque um homem diabólico tinha que morrer.

Laura não disse nada. Ela sabia que ele ainda não tinha terminado. Tom estendeu as mãos na direção dela, que as segurou com carinho, embora nenhum dos dois tivesse se aproximado.

— Acontece, Laura, que se eu fizer isso, nunca mais poderei vê-la. Você entende isso, não é? Eu a admiro por sua força, seu comprometimento e sua integridade, o que parece uma coisa estranha de se dizer sob essas circunstâncias. Não suporto a ideia de vê-la sofrendo, e queria ter a oportunidade de ajudá-la a se recuperar dos danos causados por aquele canalha. Mas sou um policial. Eu vou embora, Laura, mas independentemente dos meus sentimentos, nunca serei capaz de perdoar um assassinato, mesmo que possa ser justificado.

Laura não disse nada, mas entendeu. Sentiu que ele era um homem que ela poderia ter amado se a vida tivesse sido mais gentil. Mas a barreira entre eles seria grande demais. E ela sabia que nunca mais seria capaz de amar outro homem — porque, para ela, amor significava sinceridade, e essa era uma história que nunca mais deveria ser contada.

Tom largou os braços ao lado do corpo e se aproximou dela. Estendeu a mão e, com o dorso do indicador, acariciou levemente o rosto de Laura.

E então foi embora.

Agradecimentos

Tenho uma dívida de gratidão com muitas pessoas que me ajudaram enquanto eu escrevia este livro — mas em particular com John Wrintmore, pelas informações sobre o trabalho da polícia. Sei que nem sempre dei ouvidos a seus excelentes conselhos, mas foi apenas para os fins da narrativa.

Agradeço igualmente a Alan Carpenter pelo projeto da capa original de *Apenas* os *inocentes.* Não tenho dúvidas de que contribuiu imensamente para o sucesso inicial do livro.

Um agradecimento especial àqueles que leram (e releram) voluntariamente este romance —

especialmente Becky, Nic, Rachel, Kathryn, Judith e Tom, As sugestões que deram foram inestimáveis.

Meu apreço particular vai para minha agente, Lizzy Kremer, que me orientou com muita paciência e tolerância, e para o resto do pessoal da David Higham Associates, pelo constante estímulo e entusiasmo.

Embora existam oceanos entre nós, Terry Goodman e a equipe da Thomas & Mercer me fizeram sentir muito acolhida (principalmente durante aquele almoço em Roma!). Sua contribuição fez muita diferença.'

E, finalmente, terei uma dívida eterna com minha equipe pessoal: John — pela paciência e tolerância acima de qualquer obrigação; e Giulia — pelas inúmeras xícaras de café e muito mais.

Document Outline

- Prólogo
- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.
- 6.
- 7.
- 8.
- 9.
- 10.
- 11.
- 12.
- 13.
- 14.
- 15.
- 16.
- 17.
- 18.
- 19.
- 20.
- 21.
- 22.
- 23.
- 24.
- 25.
- 26.
- 27.
- 28.
- 29.
- 30.
- 31.
- 32.
- 33.

- 34.
- 35.
- 36.
- 37.
- 38.
- 39.
- 40.
- Agradecimentos

Table of Contents

Prólogo
1.
2.
3.
4.
5.
6.
7.
8.
9.
10.
11.
12.
13.
14.
15.
16.
17.
18.
19.
20.
21.
22.
23.
24.
25.
26.
27.
28.
29.
30.
31.
32.
33.
34.

35.
36.
37.
38.
39.
40.
Agradecimentos